



Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Centro de Educação e Humanidades
Faculdade de Educação da Baixada Fluminense

Mayara Souza de Assis

**Atura ou surta:
Baile funk e emocionalidade, por uma educação livre de
racismo**

Duque de Caxias

2019

Mayara Souza de Assis

Atura ou surta:

Baile funk e emocionalidade, por uma educação livre de racismo

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção ao título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Educação, Cultura e Comunicação em Periferias Urbanas, da Universidade do Estado de Rio de Janeiro.

Orientador: Prof. Dr. Gustavo Rebelo Coelho de Oliveira

Duque de Caxias

2019

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ/REDE SIRIUS/ BIBLIOTECA CEHC

A848 Assis, Mayara Souza de
Tese Atura ou surta: baile funk e emocionalidade, por uma educação
livre de racismo / Mayara Souza de Assis - 2019
191f.

Orientador: Gustavo Coelho de Oliveira.

Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Educação da Baixada
Fluminense, Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

1. Racismo – Teses. 2. Funk (musica) – Aspectos sociais -
Teses. I. Oliveira, Gustavo Coelho de . II. Universidade do Estado
do Rio de Janeiro. Faculdade de Educação da Baixada
Fluminense. III. Título.

CDU 323.12

Bibliotecária: Lucia Andrade CRB7 / 5272

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou
parcial desta dissertação, desde que citada a fonte.

Assinatura

Data

Mayara Souza de Assis

Atura ou surta:

Baile funk e emocionalidade, por uma educação livre de racismo

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre ao Programa de em Educação, Cultura e Comunicação em Periferias Urbanas, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Aprovada 26 de março de 2019.

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Gustavo Coelho de Oliveira (Orientador)
Faculdade de Educação – UERJ

Prof^a. Dr^a. Ana Paula Pereira da Gama Alves Ribeiro
Faculdade de Educação da Baixada Fluminense – UERJ

Prof. Dr. Roberto Eizemberg dos Santos
Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Duque de Caxias

2019

DEDICATÓRIA

Isso vai, especialmente, para todas as novinhas. Dedico minha pesquisa aos funkeiros e funkeiras, e, empresto meu corpo, doudo nesta escrita, para que o baile funk transe em mim as minhas coragens ansiosas por desinibir, como se viver fosse ter a possibilidade de dançar as coisas. Ofereço meus movimentos às aliadas e aliados que me ajudaram nas elaborações, destruições e desenvolvimentos desta minha vida.

AGRADECIMENTOS

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

Agradeço à minha família, que me incentiva constantemente a trazer os problemas à tona, por intermédio das palavras despejadas em roda, em torno da nossa mesa, sempre com bebidas que umidificam nossas bocas e inundam a secura de fundo de algumas correções posturais que o mundo insiste em nos cobrar de fora da sombra da aroeira do nosso quintal, na zona oeste do Rio de Janeiro. Lugares que tanto amo, pessoas que tanto aprecio e que apreciam a fala qualquer e a boa mesa farta e bem servida. Sem miséria!

Para minha dançante mãe, Eliomar. Muito obrigada por escolher o meu pai e por me parir assim, e, de todos os universos possíveis e impossíveis, eu sempre desejarei, imensamente, nascer no seu universo, repleto de tanto amor e liberdade. Nenhuma Lei, nenhuma Ordem pode ser maior que um espírito livre e obstinado a cuidar das pessoas.

Ao meu irmão, Frederico Hugo Souza de Assis, para que nunca se esqueça que: um homem negro cujo corpo inclina em danças, jamais se curva diante do terror racista. Atividade na vida, sagacidade na pista, siga dançando e segue o baile!

Ao meu pai, Gilberto de Assis, por ter me apresentado aos bailes funk de rua.

Minha amada amiga Letícia, filha de Tânia, uma menina pode transmitir uma grande missão e emanar sua energia transformadora de onde quer que esteja, e, seguirá eterna em meu juramento de jamais desprezar. Letícia, a sua amizade marcou em mim a diretriz das preciosas fundadoras do grupo Taiga da Brasil *Soka Gakkai* Internacional: “Unir a arte e a missão, com sinceridade e humildade”.

Honrando este grupo Taiga e o Budismo *Nichiren Daishonin*, diante dos conflitos coloniais e epidemias generalizada de horror e guerras armadas, onde não se há mais o calor do corpo e sim o frio dos metais, que ceifam comunidades inteiras, medito constantemente sobre qual será meu próximo movimento para garantir a felicidade de todas as meninas e de cada uma delas. Aqui, eu revelo o que aprendi com o bailar da Lei de causa e efeito: um compromisso com a humanidade, em seu sentido mais revolucionário, é ter disposição para garantir a felicidade das

crianças, primeiro, e sobretudo das negras, assim como eu, uma eterna criança, diante do mundo dos adultos, e sem constrangimentos!

“ [...]. Dançar revelando a beleza do coração. A incessante busca pela fama, conduz apenas ao fracasso e decepção. [...]”.

(Trecho do Juramento do Grupo Taiga – Brasil Soka Gakkai Internacional)

RESUMO

ASSIS, Mayara Souza de. **Atura ou Surta**: baile funk e emocionalidade, por uma educação livre de racismo. 2019. Dissertação (Mestrado em Educação, Cultura e Comunicação) – Faculdade de Educação da Baixada Fluminense, Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Duque de Caxias, 2019.

Atura? Ou. Surta? O texto abordará essas palavras, das linguagens juvenis, incorporadas na cultura *funk* carioca, o fenômeno, de onde a escrita invoca, derrapando em bailes, as crianças enjeitadas do matrimônio infeliz entre uma colonização racista e uma sociedade multirracial, que reserva o drama da insatisfação, o mito da responsabilidade individual e desprezo de si às crianças negras, desde o seio familiar ao ambiente escolar, onde se compreende que estas são emanações do poder sustentáculo de um Estado necrófilo. Esta dissertação investe na proposta de reconhecer o seio familiar racista, repleto de verdades, posicionando meninas negras e funkeiras no centro e adiante deste debate sobre racismo, emocionalidade e educação, onde os conceitos ou quaisquer outras informações observadas, não se limitaram a fixos a fim de inunda-se nos fluxos, e, diante das respostas obtidas na troca do que é batizado “aula-baile”, “Atura ou surta”, foi elaborada na intenção de fomentar a coragem daquelas /daqueles interessadas (os) em desinibir seu compromisso no campo da educação acolhedora em meio aos conflitos coloniais.

Palavras-chave: “Atura ou surta”. Meninas negras/ racismo. Funkeiras/funkeiros e educação. Dança na prática / “Aula-baile”. Emocionalidade e educação.

RÉSUMÉ

ASSIS, Mayara Souza de. **Atura ou Surta**: baile funk, et émotivité pour une éducation sans racisme. 2019. Dissertação (Mestrado em Educação, Cultura e Comunicação) – Faculdade de Educação da Baixada Fluminense, Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Duque de Caxias-RJ, 2019.

Aturar? (Soutenir, tolérer) *Surtar?* (desequilibrer, devenir fou) Le texte traitera ces mots des langues de la jeunesse, incorporés dans la culture de funk *carioca* (à Rio de Janeiro), le phénomène d'où l'écriture invoque, glissant dans des danses, les enfants se retrouvent dans le malheureux mariage entre une colonisation raciste et une société multiraciale, qui réserve le drame de l'insatisfaction. , mythe de la responsabilité individuelle et du mépris de soi pour les enfants noirs, de la maison familiale au milieu scolaire, où il est entendu que ce sont des émanations du pouvoir de maintien d'un État nécrophile. Cette thèse investit dans la proposition de reconnaître le sein de la famille raciste, pleine de vérités, en plaçant les filles noires et les *funkeiras* au coeur du débat sur le racisme, l'émotionnalité et l'éducation, de concepts ou de toute autre information observée dans le processus d'écriture, ne sont pas limités à fixe, afin d'inonder le flux, selon les réponses obtenues en échange de ce qui baptisé " *aula baile*", "*Atura ou surta*" a été élaboré afin de favoriser le courage de ceux qui sont intéressés par l'accueil de l'éducation au milieu des conflits coloniaux.

Mots-clés: "*Atura ou surta*". Filles noires/ racisme. *Funkeiras/funkeiros* et éducation.

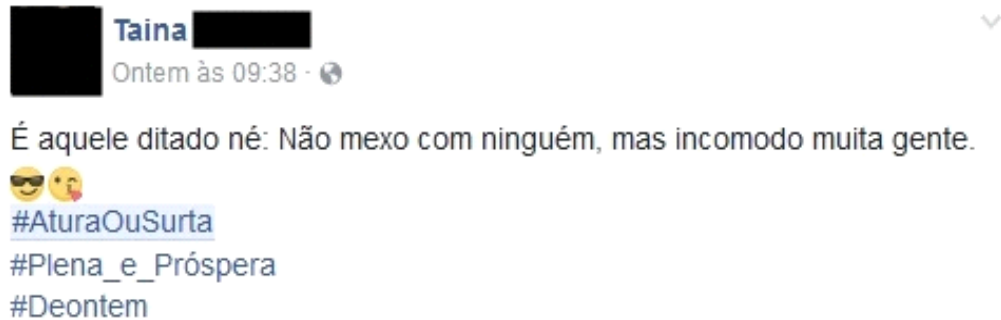
Danse en pratique / "*Aula-baile*". Émotionnalité et éducation.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO: ATURA OU SURTA	12
1 CABEÇA DA MEDUSA:	23
1.1 Aliadas e compromisso:.....	28
1.2 Pouca luz no baile funk:	34
1.3 Nome, idade, um movimento e o lugar:	41
2 JUSTIFIQUE-SE, SE PUDER: E PARA QUE SERVEM AS MENINAS NEGRAS?.....	53
3 ENTRA, SENTA E FICA À VONTADE: NOÇÕES FAMILIARES PARA O JANTAR.....	72
3.1 Uma criança e mais ainda:	96
4 OUTRAS HISTORIAS.....	123
4.1 Verônica: O que os olhos não veem.....	123
4.2 Na hora do recreio:.....	126
4.3 Catorze:	127
4.4 Vamos ao Museu?	135
4.5 Alice, Lara e Ana Beatriz: “ <i>Amigo do castigo</i> ”	141
4.6 Mémoires d’une jeune fille mal gardée :.....	143
4.7 Festival de Verão:	150
4.8 A Repetente, a Piranha, a Falada e a Favelada:	151
4.9 Jenifer e a internet:	154
5 E PARA QUE SERVEM AS NOVINHAS? MAIS HISTÓRIAS.	156
5.1 Da passarela 30 ao ponto final:.....	156
5.2 Blusa azul, short jeans e cabelos soltos:.....	158
5.3 Luísa vai fingir demência:	159
5.4 Baile da boca:	166
JOGO CONCLUSIVO: Joga o corpo <i>mais, ainda</i> : uma pista na construção da emocionalidade, onde as afetividades inundam-se em danças.	169
REFERÊNCIAS:	185

INTRODUÇÃO: ATURA OU SURTA

Figura 1 – é aquele ditado.



Fonte: Captura de tela em rede social *Facebook* da autora, 2017.

“Coma-me”

- Bem, eu vou comer - disse Alice. - Se me fizer crescer, eu alcanço a chave, se me fizer encolher, eu passo por baixo da porta. De qualquer modo, eu entro no jardim e estou pouco ligando para o que possa acontecer. (CARROLL, 1988, p. 16).

Atura ou surta: Correr atrás das palavras sóbrias que possam dar conta de inaugurar essa escrita, assemelha-se, para mim, a um encargo “*estranhíssimo*”, como diria a Alice, de Lewis (CARROLL, 1988, p. 16, grifo nosso). Em um dia esquisito eu decidi falar, e, ainda que “cheia de preguiça, por causa do calor do dia, ela se perguntava se o prazer de fazer uma coroa de margaridas valeria o esforço de levantar-se e colher as flores”. (CARROLL, 1988, p. 9), providencio meu despertar e, zarpando por caminhos tortuosos, avanço a fim de amanhar com flores essa escrita.

Se é enfadonho para mim dimensionar quanto do tempo me será levado para que possa enfim dar conta das tais palavras, torna-se ainda mais embaraçoso assegurar ou precisar quando foi, em tempo e espaço, que exatamente desisti de concluir de forma linear, as coisas que decidi aqui dançar, apresentando esse trabalho aventureiro e arriscado, em pensar uma escrita sobre a vida emocional, sendo menina negra e funkeira.

E fui, túnel abaixo, adentro e afundo pela toca do coelho, e foi tão profundamente que, nem ao menos recordo como cheguei até aqui, nem sequer, como desempenharei minha saída. Agora comecei a acreditar que deveria construir uma escada ao invés de uma coroa de flores, afinal: para que servem as flores?

Para que servem as palavras ou as coroas de flores, se, parece-me, que não posso, não sei e nem deveria saber, ou, aprender a usá-las? De fato, seria inútil uma coroa para mim neste momento. Não que eu não saiba utilizá-las, no entanto, tende a parecer que, mesmo diante de meu esforço em tentar, elas me escapam, caem, voam, e, com coroa na cabeça, flores nas mãos e palavras na boca, ainda continuo não sendo capaz de comunicar absolutamente nada. Pelo menos, não sozinha. Logo eu, que comecei a habitar esse lugar profundo que é a toca do coelho. Enfim, poder adquirir a habilidade intelectual de construir uma escada, sim, uma escada haveria de ter alguma serventia. Ao mesmo tempo, lembro que eu queria mesmo era ter uma coroa. Querer é poder?

Depois de mergulhar e cair, no fundo, longe de toda sorte e repleta de disposição, eu bebi o que tinha de ser bebido para tentar alcançar o paraíso, de fora daquela sala cheia de portas que indicavam caminhos por onde eu poderia ou deveria seguir. Portas, por onde meu corpo simplesmente não passava, o corpo não cabia.

Avistei um exuberante jardim, pelo buraco de uma fechadura, nesse jardim estavam as flores que eu gostaria que fossem as minhas. Eu me imaginei colhendo-as, como se eu pudesse amarrar minha cabeça enorme e cheia de coisas estranhíssimas, com uma bela coroa. Eu bebi do líquido que apareceu diante de mim, líquido que me prometia a cura para este tamanho, para que meu corpo coubesse e passasse pela porta. Foi com sede, até com fome e, por não estar escrito “veneno”, acreditei que servia para mim, mas o líquido não me caiu bem. Pode parecer inocência, não ter noção de que mesmo não estampando dizeres de alerta, algumas vezes nos deparamos com venenos mais poderosos que a própria doença. Fiquei pequenininha, quase me afoguei nas minhas próprias lágrimas, ou talvez eu tenha me afogado.

Parei de beber, de comer, me abstive de tudo que significasse uma possibilidade de não sentir o vazio, no fundo da toca com toda aquela escuridão, no entanto, as coisas continuavam estranhas. E do fundo, diante de portas fechadas, “ela começou a pensar em todas as meninas da sua idade que ela conhecia, para ver se tinha se transformado em alguma delas” (CARROLL, 1988, p. 19). Ninguém podia fazer isso por ela, por elas. Algumas paredes até mesmo conversaram comigo, na figura de animais rastejantes [acho que foi a lagarta da Alice!]: “Tu? *Quem és tu?* “ ‘ *Quem sou eu então?* Digam primeiro quem eu sou’ E daí, se eu gostar de ser

essa pessoa, eu subo; se não, eu vou ficar é bem aqui, *até que eu vire outra pessoa*". (CARROLL, 1988, p. 19, grifo nosso). E eu fiquei com medo de sair e ser outra, fiquei com medo de ficar e não ser nenhuma.

Difícil saber por onde tudo começou, ou se acaba de fato. Eu sei que, depois da lagarta, eu percebi que poderia escolher um dos lados do cogumelo: um me faria crescer e o outro me faria diminuir. As coisas continuariam estranhas, mas agora eu poderia sair, e voltar, do fundo, da toca, para ver o jardim, sem me importar muito com o tamanho que eu tenho nesse mundo, mas sabendo que, nos meus bolsos guardo um pedaço que me fará crescer e outro que me fará diminuir.

Eu me divirto com a possibilidade de ser uma novinha curiosa que se mete em buracos, que se afoga nas próprias lágrimas e que escolho comer e beber para sair ou entrar na toca do coelho, lembrando que foi no fundo onde tudo isso estancou. Eu ainda não sei quem eu sou, a não ser que sou uma menina [grande e também pequena] que escreve e fala em voz compartilhada.

Olhar no espelho e compartilhar, conversando consigo mesma pode ser algo desafiador, estar diante de seu reflexo pode ser algo assustador. Pretendo falar nessas páginas de uma longa conversa que venho tendo comigo mesma durante anos, uma conversa que afasta algumas pessoas, e faz com que as vezes eu me sinta sozinha de novo. Contudo, não duvido que, um dia, estas páginas irão servir para alguém, que talvez se sinta tão sozinha e estranhíssima quanto eu. Só escrevo com o objetivo de que possamos dizer onde queremos ir e o que queremos fazer em seguida, sem a intervenção de outrem. Aliás, vamos ao que interessa: Você já se perguntou para que servem as meninas? E para que servem as meninas negras? Esta dissertação nasce de um surto.

Que pergunta tão malfeita! Longe de toda culpa que possa recair, atento a leitora/ouvinte de meu aviso sobre não conseguir encontrar as palavras sóbrias. Mas então, sendo malfeita, esta organização em forma de pergunta, por que será que causa tanta inquietação? Talvez porque ninguém queira saber ou simplesmente porque ninguém algum dia tenha se perguntado se realmente valeria o esforço colher margaridas para montar uma coroa dessas flores.

Eu me pergunto diante do espelho qual é o meu propósito, ou até mesmo qual a minha serventia, e se haveria alguma, já que se eu morresse no fundo da toca, aparentemente ninguém mergulharia atrás de mim, me pediria para voltar, para ficar, ninguém chamaria pelo meu nome. Talvez eles não saibam que eu me chamo

Mayara Souza de Assis. Perdão, minha mãe sabe, ela estava lá comigo, mas eu nem via um palmo na frente dos meus olhos. Fiz ela se perguntar sobre isso também. Fiz essa mesma pergunta para tantas meninas parecidas comigo, e, nenhuma delas pôde encarar como uma pergunta normal, acreditavam que eu estava no "chá dos loucos", fiquei muito tempo rastejando com a lagarta para chegar a esta definitiva indagação [que parece ser eterna]: Para que servem as meninas negras neste mundo onde o "Ideal do Ego" é branco (SOUZA,1983), adulto e colonizador?

E essa pergunta era de extrema importância para mim, mergulhei mais. Paulatinamente, essa leitura irá se desenrolar, e, será percebido que, por semelhança, aproximo minhas experiências às de outras meninas e mulheres através de entrevistas, curvada para o contexto acadêmico, metodologicamente, evidencia-se a necessidade de priorizar uma observação de campo, cada vez mais intensamente participante e prática, através das conversas sobre os causos do cotidiano feminino destas juvenis de cor, tornando este o fundo de análise, obtido no contato direto intensivo, tendo acesso a falas profundas e íntimas, através do instrumento da contação de algumas "*Histórias-de-vida*" (SOUZA, 1983).

Talvez eu tenha passado minha vida sendo comparada de forma depreciativa a uma menina, quando me pressionavam para que eu fosse uma mulher adulta, possuindo bom senso e maior maturidade racional para lidar com as questões da vida emocional e das relações com autoimagem. Em resposta, me aproximo ainda mais do meu infantil para novamente me questionar e, constantemente me questionar, qual a serventia de ser um corpo que sequer pode *Ser*, mesmo na disposição de tentar. O que posso dizer além disso? Tenho passado minha vida perguntando para que serve *Ser* uma menina negra.

Não obstante, destaco o recurso autobiográfico, que me ajuda a compor o mosaico das minhas reflexões sobre corpo, educação e juventude, e que me desloca também para o caráter de coletividade no qual é alicerçado todo meu projeto e construção como professora-pesquisadora. Desta forma não poderia deixar de expor a inquietante tendência pela escrita em primeira pessoa do singular, sendo assim, em caráter anterior a construção da figura de pesquisadora acadêmica, me disponho em expor nesta dissertação reflexões teóricas de momentos de uma vida-trajetória, como menina negra, funkeira, bailarina e professora.

Mesmo em espaços onde nos sentimos familiarizados, alguns sujeitos acreditam possuir maior sanidade ou capacidade para definir o que de melhor pode ser ouvido de outros sujeitos. Concordando com esta afirmação, “acreditaremos” que alguns sujeitos são capazes de predeterminar diretrizes baseadas em suas próprias reflexões sobre o mundo, a sociedade, a educação, a sexualidade, a rebeldia, a disciplina, a desobediência e outras formas de organização do corpo e do coletivo, então, quem por desventura transpô-las, será novamente silenciado e/ou marginalizado, e, “se no contexto da produção colonial, o sujeito subalterno não tem história e não pode falar, o sujeito subalterno feminino está ainda mais profundamente na *obscuridade*” (SPIVAK, 2012, p.84-85), “evidentemente, se você é pobre, *negra* e mulher, está envolvida de três maneiras” (SPIVAK, 2012, p 110, grifo nosso). Contorno que nos sentencia à predisposição do juízo herdado das tradições racistas, patriarcalistas e sexistas, que subalternizam o Ser feminino juvenil e de pele escura.

Saltei recuando, e caí na toca do coelho, ao me interessar pelas meninas e mulheres que, independente da faixa etária biológica, desfrutam da disposição juvenil de seus corpos, perante as trocas cotidianas. Sendo nascidas, ou, vivendo suas juventudes, em contextos periféricos, entre favelas, subúrbio, conjuntos habitacionais e outros loteamentos no estado do Rio de Janeiro. Realizo um esforço de pesquisa para trabalhar na hipótese de que elas, sobretudo, são uma maioria de negras e de cor, e que, carregam uma relação com o fenômeno social do funk carioca. Aí acontece o encontro que desperta esta pesquisa: eu, professora, menina negra, funkeira, me voltando para minhas alunas e amigas, percebemos as semelhanças entre nossas histórias de vida.

Empresto meu corpo na escrita e essa dissertação como ferramenta de interlocução acadêmica, desejando que brotem novas flores, que se arrisquem rumo às empreitadas desafiadoras embaladas por vozes de meninas negras, que encontram no funk e nos bailes a intensa experiência de viver, como se viver fosse ter a possibilidade de poder dançar as coisas.

Sem embargos, entendo o baile funk carioca como um dos vetores deste estudo, acreditando, desde o começo, nesta construção dissertativa, ser o funk um fenômeno de público majoritariamente negro e também um desencadeador de abundantes tendências, de disposição juvenil nas trocas cotidianas, que são

incapturáveis à assimilação consciente dentro dos limites da ideia colonizadora branca e adulta.

Talvez até possamos admitir que se a menina aprende seu lugar social desde tenra idade, teremos no futuro mulheres regradas e obedientes, desta forma a harmonização dos juízos racistas, patriarcais e sexistas, prevalecerão conservados. A *novinha*, surge como uma, dentre as muitas galáxias femininas apresentadas pelas constantes explosões do universo funkeiro, apresentando-se nesta pesquisa como o gatilho que irá nos contar sobre a funkeira: como figura feminina juvenil de disposição corpórea inclinada tenazmente para a desobediência de querer, mesmo que diante do improvável. Uma flor de astúcia, alimentada em uma decisiva fase da vida, justamente onde a implacável estratégia colonizadora começa a se instaurar para violentar e derrotar qualquer tentativa de auto realização feminina.

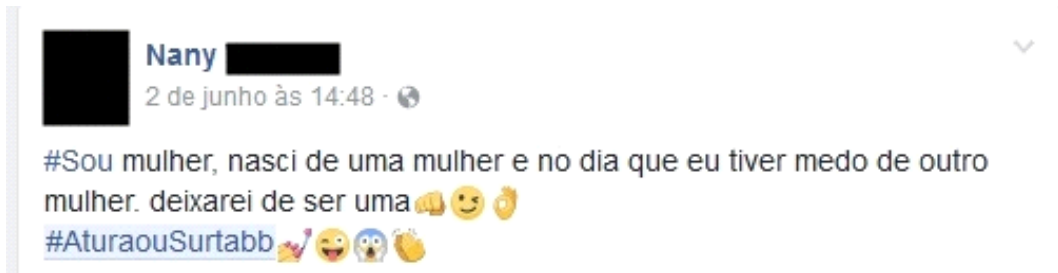
Reforço então a ideia de que esse corpo *novinha* é um corpo feminino, juvenil e funkeiro, e, um causador de estranhezas para o mundo de verdades do Ideal do Ego [citado], lançando mão de dizer que, esse corpo compartilha de algo que as meninas negras e de cor também experimentam ao longo de suas vidas. E fica a pergunta: Para que servem as novinhas (neste mundo de Ideal do Ego adulto, branco, colonizador e racista)? Assim tenho a construção de meu principal objeto para pesquisa. E trata-se de algo que também contempla em si a serventia [ou importância] dessa dissertação: a laboriosa tarefa de escrever sobre funkeiras e a vida emocional de meninas negras e de cor. Este labor leva a pesquisa a insinuar-se por territórios e postulados referentes ao espelho, consagrado pelo campo da psicanálise, mantendo afinidades teóricas com estudos sobre devir e vida social da negra diante do espelho e do mundo. Posicionando meninas negras e novinhas funkeiras no centro e à frente do debate sobre racismo, observando a atual precariedade de estudos interessados na vida emocional dessas sujeitas, e a necessidade de elaborar ainda mais estudos sobre essas vidas.

Nossos figurinos, posturas e atitudes tem estreita relação com o nosso passado, presente e o quanto acreditamos e negociamos a nossa sobrevivência no futuro. Eu não sei exatamente do que estou falando, mas eu sinto que estou falando com diversas vozes, sem a necessidade de que nesta escrita/leitura eu precise dar algum lugar ou ainda oferecer uma clausura ou líquido milagroso para que essas meninas e novinhas possam caber em outros estudos ou em um lugar que salvguarde algo inseguro diante das normatividades do Ideal do Ego.

Onde o lugar não é garantia, a traição não é admitida, eu não poderia “dar voz”, “dar lugar”, “ ser lugar de fala”, pois entendo estas como estratégias de controle e enclausuramento, e, eu rejeito vislumbrar essa impossibilidade, não vou trair minhas aliadas. Para efetuar esta escolha, precisei escutar os sons vindos do fundo e, os barulhos de tantos resmungos, surpreenderam-me com uma coisa: que é preciso ter tempo para tantas queixas e qualquer balbuciar de palavras para perceber que é capaz de produzir algo que antes ouvira dizer ser improvável, tal como escrever essa dissertação de mestrado. E também não posso trai-las, dizendo que tenho algum espaço para dar, ou alguma voz para falar, pode ser que “estou-me deixando levar, esta noite, porque estou falando com as paredes”, precisamente por isso que se faz o eco. É patente que as paredes me fazem “gozar” (LACAN, 2011, p.82, grifo nosso).

Narrativas normativas e dominantes, principalmente em um mundo onde a “Lei e a ordem” (SOUZA,1983) são direcionadas por homens, perseguem ferozmente as problematizações cujo corpo é feminino. As definições acerca da masculinidade foram atualizadas e com base nessas, as concepções sobre a feminilidade, sobre tudo a da mulher foram tomando formas, associadas a alguma natureza encarnada e valorada por algo que correspondesse em extremo oposto a organização hierárquica de gênero, atribuindo as mulheres qualidades que seria a negativa da masculinidade, no cenário de desigualdades que define o masculino do homem como a absorção de toda a ordem e a voz da Lei, sendo assim o feminino da mulher é lançado no poço da não equidade, presumível por uma suposta “inferioridade natural”, impossibilitando a participação plena e ativa diante da sociedade. (VIANA, 2013). Então, vivenciar com prazer e com intimidades os espaços masculinos do homem, com alguma tentativa de igualdade, não passa pelas possibilidades do feminino da mulher, somos arremessadas no “sem fim” da transgressão na tentativa de sentir o doce prazer de produzir narrativas contradominantes, inspiradas em nós mesmas e em nossas pares.

Figura 2 – “Atura ou surta bb”, nasci de uma mulher.



Fonte: Captura de tela em rede social *Facebook* da autora, 2017.

Acompanhando SPIVAK (2012, p. 84 – 85) sobre a impossibilidade de traição diante do vislumbre de um lugar de fala, nos deparamos com o abismo que há entre o falar e o ser ouvida, enquanto se é um indivíduo feminino e de cor, algumas narrativas estão aptas para colaborar com a manutenção da relação entre mulher e silêncio, muitas dessas narrativas disponibilizando a imagem pré-moldada de “mulher”, para a tradição “falocêntrica”. Por este motivo, faço um esforço ainda maior para não definir uma “*imagem da mulher*” ou da *novinha*, trazendo para o jogo narrativas de meninas e mulheres que se apresentam diante de mim, sem que eu mesma as procure. E quanto mais a fundo atravesso o espaço e o tempo do regresso em pensamentos, na tentativa de identificar em qual ponto se inicia este desejo furioso de falar sobre nós, nossas histórias e vivências compartilhadas, permaneço no “sem fim” das possibilidades de datamento com exatidão, não podendo lembrar de onde vem esta pesquisa, mas sentindo que eu tenha nascido justamente com este propósito na vida. Onde o lugar não é garantia, a traição não é admitida. São escolhas que fazemos. Ter escolhido frequentar este espaço intelectual, poderá contribuir para que novos estudos transbordem, e outras negras e funkeiras enfrentarão os caminhos tortuosos das pesquisas, esses que tenho enfrentado, surtando com a disposição do baile funk: a mesma disposição de seguir na noite, entre becos, quadras, esquinas e ruas, desertas e lotadas, ser e sentir-se protegida, na “*inominável noite do mundo*” (MBEMBE, 2014, p. 35 – 39, grifo nosso). Precisamos que o Sol reapareça, acredito que merecemos o Sol.

Figura 3 – “Atura ou surta”, avisa aí.



Fonte: Captura de tela em rede social *Facebook* da autora, 2017.

Embragada de prazer, *emBrasada*, em brasas, endiabrada, quero conversar com essas novinhas, meninas e mulheres, que por serem independentes são poderosas, e, por serem poderosas são perigosas. Acredito que no fundo eu esteja furiosa, por integrar a sexualidade, a violência, a desobediência, a maturidade, a inocência, a maldade, a bondade, a liberdade, o silêncio e a solidão em um só corpo.

Depois de ser funkeira, me tornei professora de dança, e tenho passado minha vida em meio a questões como: desobediência, sexualidade, rebeldia, disciplina, entre outras dessas, muitas das quais eu não tenho respostas, questões tangidas pelos corpos das meninas que vêm até mim. Como professora de dança, me coloco à disposição para pensar junto com elas as nossas questões de corpo causador de estranhezas às hierarquias vividas por nós, em qualquer espaço que estejamos.

Como professora de dança, que meu corpo não permita que a memória me falte, as muitas vivências que nele deixaram suas marcas, impressas por meninas que cruzaram minha vida-trajetória, me arriscando na sinuosa disposição do ensinar. Que a memória não falte ao corpo deste alguém, que indivisivelmente faz das experiências que a dança lhe proporciona, sua vida, como se viver fosse sonhar com a possibilidade de poder dançar as coisas.

As vivências em sala de aula, nas diferentes posições, conduzem-me em uma proposta que não somente dialogue, mas que se ofereça como instrumento de articulação, priorizando na fala o público com o qual tenho manifestado interesse em *pesquisar com*. E para o campo da educação, nesta pesquisa, eu objetivo esta pergunta específica: Acreditando que ser funkeira é pertencer à contenda da desobediência, como potência e, perceber na desobediência a linguagem possível

para inscrever o corpo na sociedade, em que sentido as novinhas são uma gramática geracional que corrobora com a sobrevivência das meninas negras no mundo colonizado cujo Ideal do Ego é branco, masculino e adulto?

Aturar: ter que, ou ser até mesmo obrigada (o), a suportar algum penoso sofrimento. Surtar: arranco de algum impulso psicótico. Aturar, verbo transitivo direto, quando remete a aceitar, tolerar; intransitivo quando remete a perseverar em existir, persistir e durar. Surtar, verbo intransitivo. Quem “atura”, atura algo, alguma coisa ou alguém; quem “surta”, surta e pronto, sem complemento mesmo, por crise, impulso ou desadaptação. Aqui no título desta dissertação, verbos conjugados em terceira pessoa no singular: para ela/ele, e para você.

Atura ou surta, é uma locução que se populariza nas redes sociais, parecendo ser utilizada para expressar um recado laminado, aos seus leitores/ouvintes/seguidores, referente ao comportamento e postura da locutora/falante que não se encontra com disposição para mudar sua relação com algo, alguma coisa ou alguém.

Ao me deparar com esta locução, não tenho como precisar sua origem, tampouco seu significado, mas arrisco-me pelos caminhos que o funk me tem proporcionado: percebo essa forma de expressar, primeiramente através das falantes nesta pesquisa, as *novinhas funkeiras*. A locução aparece em postagens em redes sociais, acompanhadas, ou não por fotografias, onde fica ativado o recado em seu sentido perfuro-cortante daquilo que podemos chamar de indireta, que talvez mais profundamente atua como golpeamento direto, tendo a certeza de atingir o alvo, ainda que este seja invisível ou até mesmo inexistente, fato é, sente-se uma perseguição que parece, aos olhares dos outros, não fazer sentido, no entanto, ao apontar expondo nas redes sociais o seu viver inclinado de algum modo para a disposição ao ócio, lazer, prazer ou liberdade, as novinhas já golpearam de maneira desobediente o olhar que as observa, com seu *#aturaousurta* estampam a certeza de ser uma causadora de estranheza aos receptores de sua comunicação. Como se nada lhe atravessasse e, ainda assim, preparada para o atravessamento. Aquele famoso “ATURA OU SURTA”, que só o “*nós*” entende, conjugado para a terceira pessoa do singular (ela/ele). E no território onde só o “*nós*” entende, atribuo às funkeiras e aos funkeiros, em letras de música a difusão deste recado laminado. Torna-se mais interessante a utilização, do que realmente o domínio e a posse da locução.

Surtando, antes que me cortem a cabeça: Atura ou surta, assim começa esta dissertação de mestrado.

1 CABEÇA DA MEDUSA:

Na mitologia grega, Medusa é uma mulher comum, de beleza radiante, serva e sacerdotisa da divindade feminina, Atena, a deusa guerreira que simboliza a arte, a justiça e a igualdade. Na interação entre as duas, o povo grego conheceu a história da traição de gênero.

O olhar da Medusa, encharcado de violência, encontra-se nutrido do medo que desperta no outro, a sua única forma de poder se relacionar com o mundo. Como Medusa poderá nos ajudar a pensar o olhar? A seguir, faço algumas observações sobre a Medusa para expor as ideias daquilo que iremos chamar de *pesquisar com*: maneira como se dá a nossa observação de campo na pesquisa.

Onde o lugar não é garantia, a traição não pode ser admitida, e vamos ponderar sobre a traição de gênero entre nossas heroínas citadas acima: Ela [Atena] retorna à sua morada, no Templo, novamente para o encontro com suas sacerdotisas, e, imediatamente vê-se confrontada com uma visão, a Outra [Medusa] sendo violentada sexualmente no interior do Templo da Deusa, algo que sentencia aquele território, maculado por virgens, agora em uma extrema conversão, um local profanado, e, seu profanador, Ele [Poseidon] agressor sexual, incólume permanece sem qualquer punição. Ela [Atena] divindade criada da “cabeça” do próprio Zeus, irmão de Poseidon, com toda justiça que lhe foi atribuída, lança sobre a Outra [Medusa] aquela que considerou como a justa punição. A Outra [Medusa] tem seu corpo transformado, seus cabelos foram substituídos por um emaranhado de serpentes vivas, e, seu olhar transfigura em pedra todos com quem se relacionar.

Após algum tempo, a sociedade vai tomando conhecimento da existência do impiedoso monstro [Medusa] que petrifica aqueles que atravessam seu olhar. Ele [Perseu], ao servir à Ela [Atena] é enviado em excursão ao território de banimento do monstro [Medusa], com objetivo de decepar-lhe a cabeça e entregar à sua deusa, que a utilizará como complemento ao seu escudo nos campos de batalha.

Condenada a viver em banimento, condenada a ser um monstro transfigurador: os olhos da Medusa são dotados do olhar lacerado pelo estupro e pela traição, de todas as partes, um olhar que petrifica este “qualquer outro comum”, assim como ela havia sido um dia. Um olhar condenado à violência e alimentado pelo medo do outro. “*Medo e violência*”, os filtros pelos quais serão selecionadas suas formas de se relacionar com os outros, aqui medo e violência têm sentido de

sentimento, pelo seu caráter de durabilidade, é o que nos diz Claudia (BRASIL, p.78) sobre os olhos da Medusa.

E seguindo esta trilha sobre o olhar para a análise, vamos nos aproximar de FREUD (1940/1922), no seu texto de publicação póstuma e de única lauda, que aparece aqui na tradução de Ernani (CHAVES, 2013, p 91-93), Freud, ensaia, ao analisar a mitologia em “*Cabeça da Medusa*”, da parte do carrasco, ser o “decepar da cabeça” o assumir do “*medo da castração*”. E continua, não sobre os olhos da Medusa, mas o olhar que olha para este monstro: as muitas serpentes na sua cabeça, simbolizariam a sua “*ausência do pênis*”, isso na mulher, pois para Freud (1940/1922), temer a Medusa é ao mesmo tempo assumir o medo da castração e, ainda, é temer também aquilo que Medusa simboliza: a ausência de pênis. O buraco da vagina, a genitália feminina.

Figura 4 – E desenhou o diabo com medo de buceta.



Fonte: Captura em tela de compartilhamento no *Facebook*, postagem original do *Twitter*. 2018

Se a cabeça da Medusa substitui a representação da genitália feminina, separando mais ainda seu efeito aterrador de suas excitações prazerosas, então podemos lembrar que mostrar os genitais também é conhecido como uma ação com poder de afastar o mal. O que provoca horror a alguém provoca também o mesmo efeito sobre o inimigo de quem nos defendemos. Ainda em Rabelais, o demônio foge após a mulher ter-lhe mostrado a vulva. (FREUD 1940/1922; CHAVES, 2013, p. 92).

As serpentes da cabeça da Medusa, que substituindo o pênis, ausente na mulher, essa “multiplicação dos símbolos do pênis significando castração é

confirmada aqui” (FREUD, 1940/1922). Ela [Atena], da traição, a deusa que dá a punição/castigo, que unge a espada, que empresta o escudo, e, que nesse escudo faz-se unir a cabeça da Medusa como troféu e, “ela se torna, por meio dele, uma mulher intocável, protegida de qualquer prazer sexual”. (FREUD, 1940/1922).

Não fica restrita a função de espantar o mal a esta imagem, pois o membro masculino enrijecido também absorve a ação de afastar o mal, só que através de outro mecanismo. Para FREUD (1940/1922): “mostrar o pênis – e todos os seus substitutos – quer dizer: não tenho medo diante de ti, te enfrento, tenho um pênis. Logo, este é o outro caminho para a intimidação dos maus espíritos”. Ele [Perseu], empunhando a espada, desfere o golpe, que sentencia o fim do olhar temido, que petrifica. Ele [Perseu], o “menino”, que não quer ser castrado, dá o fim ao seu medo. Avistar a cabeça da Medusa, “paralisa de medo”, transforma o observador em pedra, para Freud, a mesma “mudança afetiva” no complexo de castração, estar “paralisado significa a ereção”, tremendo de medo, ele ainda pulsa: ele [Perseu] tem uma arma, a “consolação do observador”. FREUD (1940/1922), apud, CHAVES (2013, p. 92).

Figura 5 – Elas colocaram um funk



Fonte: Captura de tela em rede social *Facebook*, página “# Nós Sim” .2017.

Em dezembro de 2017, aos 21 anos, em uma festa particular no bairro de Campo Grande, zona oeste da cidade do Rio de Janeiro, Hayssa, foi executada a

tiros, “o motivo: a escolha de uma música”. Segundo o delegado Fábio Cardoso (Delegacia de Homicídios), um policial teria se irritado pela escolha de música feita pela jovem, um funk que fazia apologia à vida do crime, criminosos e à criminalidade, “ostentando a arma – foi tirar satisfação, dizendo que aquilo era música de bandido”.

Um policial, descarregou a pistola 380 na direção de uma jovem que escolheu um funk, a filha mais nova que cursava o terceiro período de administração e trabalhou por anos como vendedora, foram cerca de 20 tiros. Hayssa chegou ao Hospital Rocha Faria, com 36 perfurações, e, no entanto, com vida, mas não resistiu aos ferimentos: “A vítima teve várias lesões nas mãos e nos braços — típico de defesa. Essas balas entraram pelos braços, saíram e atravessaram outros órgãos. Por isso, esse número alto de perfurações”, segundo a perícia no laudo da necropsia. O policial tentara intimidar o grupo da jovem, ameaçando-a com sua pistola, mas Hayssa teria perguntado: “ **você vai me matar?** ”. E teria sido neste momento que nós perdemos a Hayssa.

Abraçando algum *autoprejuízo*, Medusa, entrega a cabeça à lâmina, sua única possibilidade de libertação desta natureza encarnada de mal, um monstro que com o olhar petrifica, um monstro feito de violência, medo e traição. Mas que conserva em alguma parte de si, a mulher comum que havia sido violentada e está acuada diante da possibilidade de não poder mais ser esta e sempre a outra, a que não pode ser olhada. O sangue então escorre, o sangue jorra:

Da veia esquerda, saía um poderoso veneno. Da veia direita, um bálsamo capaz de ressuscitar os mortos. De seu pescoço, nasceram duas criaturas: o gigante dourado Crisaor e o cavalo alado Pégaso. Bálsamo e veneno, pedra e voo. Como estar sentado no colo do paradoxo. (FABRINI, 2011, p. 18).

Não apenas os olhos que petrificam, e o olhar que a impossibilita de ser olhada, nem a face do medo, tampouco a cabeça símbolo e temor da castração, todavia, ligada a tudo isso. O sangue que escorre, fruto do *autoprejuízo*, no enfrentamento com a figura presente de ordem fálica, isso é para mim o *perder da cabeça*, o nosso: pesquisar *com*. Olhar para a outra, perceber a outra e ser vista pela outra, ser olhada corresponde a um *compromisso* de movimento duplo, para que não petrifiquemos umas às outras, eu escolho perder a cabeça.

A mitologia da Medusa, nos presenteia com o “*olhar*”, um olhar contraditório. O retorno do brilho no olho vem no encalço do jato de sangue, abrindo espaço para o surgimento do silêncio das pedras e do voo das asas, paralelamente. Olhar é um movimento duplo, e violento, pois se podemos acreditar que vemos a outra, então podemos acreditar ser vistas pelas outras, *olhar sem medo*. Ao olhar e transformar o que vemos em pedra, passiva do nosso olhar, pensando que este movimento violento rebate em um espelho, “*espelho transfigurador*” do *olhar da Medusa* (NIETZSCHE, 2005, p. 16, grifo nosso), deveríamos passar toda a nossa vida e o tempo que ainda nos resta escondidas por detrás deste espelho sem tentarmos nos olhar umas às outras, já que aparentemente não podemos ser olhadas ou sequer podemos pleitear o cruzar de nossos olhares sem que para isso precisemos ser petrificadas ou petrificá-las. Temos nos tornado cada vez menos capazes de olhar a outra, com outro sentimento que não seja o medo, já que por vezes escolhemos petrificar-nos, uns aos outros: “*Olhar sem ver, também nos transforma em pedra, ou ainda, nos transformamos em pedra para não ver*”. (FABRINI, 2011, p. 19, grifo nosso).

Pesquisar *com*, passa a ser esse meu olhar para *com* as minhas *aliadas*, sem me destinar somente a uma busca por informações, lembranças, relatos e histórias, procuro desde sempre, no contato *com* elas fazer desta pesquisa um instrumento que não coleta dados, mas que persevera nas relações emocionais dos encontros, sempre me disparando em direção à lâmina de Perseu, escolhendo o funk sempre, mostrando a temida ausência e perdendo a minha cabeça.

O corpo todo vibra algo especial entre nós, *aliadas*, através da relação que procura a segurança e a entrega *como* possibilidade facilitadora, no olhar que percebe *com* e atua *como* cuidado mútuo, arriscando-me em sala de aula, e em campo, como na vida: com a intenção de me entregar de forma sutilmente violenta, percebendo a pujança destruidora que o olhar pode ter.

Cláudia BRASIL (2005, p. 75-78), fala sobre um “corpo sutil”, dentro dos estudos sobre a análise do olhar na expressividade criativa para a clínica junguiana, esse corpo sutil é o que nasce e é reconhecido como único entre cada relação de “terapeuta e cliente”, um corpo [novo] que se encarna das trocas de experiências formadas pelos dois corpos que se encontraram. O corpo sutil, é um tratado silencioso de *compromisso*, entre “terapeuta e cliente”. E sobre este sutil tratado com

minhas aliadas e nosso compromisso, reservarei as próximas páginas, por agora, vamos olhar:

Eu sou a Jade, tenho 21 anos, nasci no Rio de Janeiro, especificamente em Nova Iguaçu, onde moro atualmente.

Eu sou a Érika, tenho 28 anos, nasci e moro em Laranjeiras.

Eu sou a Yanni, tenho 23 anos, nasci e moro em Campo Grande.

Eu sou a Isa, tenho 19 anos. Nasci e moro em Realengo

Eu sou a Ana, tenho 23 anos. Nasci e moro em Belford Roxo

Eu sou a Jully, tenho 22 anos. Nasci em Volta Redonda, no interior. Atualmente moro no Centro do Rio de Janeiro

Tainá, tenho 23 anos. Eu nasci no Rio, moro em Bangu.

Eu sou a Janaína, tenho 29 anos. Nasci em Niterói/RJ e moro em Jacarepaguá.

Eu sou a Luana, tenho 27 anos. Nasci no interior de SP, São José dos Campos, mas moro no Rio desde 2013, na Ilha do Governador.

Eu sou a Thaís, tenho 27 anos. Nasci e moro em Bangu.

Eu sou a Letícia, tenho 21 anos. Sim, nasci e moro em Campo Grande.

Eu sou a Júlia, tenho 17 anos. Nasci na Tijuca, mas atualmente moro em cordovil.

Eu sou a Carol, tenho 18 anos. Nasci no Rio de Janeiro, moro em Jacarepaguá.

Eu sou a Vitória, tenho 16 anos. Nasci aqui no Rio, moro em Honório Gurgel.

(Rio de Janeiro, setembro – dezembro de 2017).

Aliadas e compromisso:

Existem maneiras mais sutis de internalizarmos identificações, especialmente nas formas de imagens e emoções. Para mim, a comida e certos cheiros estão ligados à minha identidade. (ALZANDUA, 2009, p.314)

O primeiro lugar que tive a oportunidade, oficial, de ministrar aulas (de dança), foi uma escola particular em um bairro na zona oeste do Rio de Janeiro. Uma escola pequena que atendia o público de educação infantil ao ensino fundamental II. Nas atividades que eu ministrava, no período *extraclasses*, as crianças tinham entre seis e nove anos, e eram todas meninas negras. Eu já havia entrado em salas de aula de dança para ensinar, desenvolver técnicas, desde os meus 15 anos, no entanto, nessa ocasião da escola, eu iria assumir uma turma oficialmente e desenvolveria um trabalho “meu”. E estava no avançado da graduação (bacharelado em dança), acreditava agora que conseguiria expor melhor as técnicas, desempenhar um trabalho que fosse mais sofisticado e intelectual: eu tinha a prática, a dança e a técnica, e agora, eu sabia transmitir, “eu tinha didática”. No entanto, foi o pior dia da minha vida e da minha carreira, esse dia foi terrível e incrivelmente maravilhoso.

Não somos nada, não temos nada. Todas as vezes que entro em uma escola, sala de aula, eu sinto um *cheiro*, mesmo que não tenha neste espaço algo específico com esse tal *cheiro*, é um odor que vem na minha memória e toma conta de todo o meu corpo, e esse cheiro forte, é o mesmo que dominou todo o meu dia naquela experiência de primeiro dia de aula: eu cheguei cheia de conceitos, pronta para produzir um trabalho impecável, eu já havia entrado em salas de aula com crianças, não havia perigo algum para mim. Naquele dia as meninas estavam ótimas, elas me “*devoraram*”.

Eu não conseguia falar, eu não conseguia ser ouvida, eu não queria ouvir, eu não escutei nenhuma delas, elas também não me escutavam, não houve diálogo. Elas somente tinham entre seis e nove anos, não havia equipe pedagógica, nem responsáveis na secretaria da escola no momento, pois todos tinham saído para almoçar, eu estava sozinha, digo, eu estava com elas, mas fui incapaz de perceber que elas estavam ali, pensei só em mim e no “meu” trabalho. Uma pediu para ir ao banheiro, [como eu posso levar uma ao banheiro e deixar nove na sala?], (“*Tia, eu vou me mijar!*”).

Quando eu volto do banheiro, a sala era só esse cheiro, então a escola toda teve esse cheiro. Havia mesas e por cima das mesas, meninas, e, meninas pulando e um ventilador de teto girando, mas estava tudo tão quente [foram cinco minutos apenas] tinha um “*grude*” no chão, e parecia tudo uma festa, porque o rádio agora está sintonizado na “*rádio que só toca funk*”, (“*Tia, a gente vai querer dançar essa música agora*”), gritos estridentes (“*Ela me mordeu*”, “*ela me empurrou*”, “*Tia, quero fazer xixi*”). Eu pedi atenção, mas ninguém me ouvia, ninguém me olhava, e só aí que eu olhei a situação, elas não sabiam quem eu era. Gritei, sentei e chorei, voltei a ser “humana”. Cheirinho do “*grude*” entre massinha de modelar, guaraná natural de copinho, biscoito doce recheado de chocolate e lágrimas. Silêncio, e uma mãozinha: “*Tia, o que você quer fazer agora?*”.

A Tia queria ir embora, mas querer não era poder, perguntei o que *elas* queriam fazer “agora”, elas queriam me mostrar uns passos de dança, eu deixei. Elas queriam girar até ficarem tontas, elas queriam me abraçar, e, principalmente, elas queriam conversar sobre o porquê de eu ter chorado. Essa é a história do cheiro de “*grude*”, que me oferece a disposição para novamente me questionar sobre minha chegada em uma sala de aula, esse cheiro me dá medo e fôlego, porque me faz lembrar o perigo: do nosso *compromisso*.

Isso:

Mas sobre isso passava-se de largo, sem realmente olhar, corria-se em direção ao quintal, como se se fosse sugado pela luz, cambaleava-se, transpondo a porta, porque se ficava cego por instantes, apenas o cheiro e o calor nos guiavam, nos primeiros passos – o cheiro a terra, a erva, a fruta demasiado madura – chegando até nós no vento morno, como um bafo de animal vivo[...] Era quando alguém se deitava sobre a erva que via como eram finas as folhas do jacarandá varrendo o céu e como o sol era um olho azul e doirado espreitando, cegando todos os outros, para que só ele pudesse olhar. O sol, sobre o quintal e a casa, era o único olhar não cego. Mas, como eu disse, não se precisava de olhos para ver, porque mesmo de olhos fechados se via, através das pálpebras inundadas de luz [...]. Então a noite descia, como cerveja preta entornada pelo céu. Ou como uma pálpebra caindo. Porque era rápido o crepúsculo, a bem dizer não havia crepúsculo, como não havia transição entre as coisas: era a treva, ou a luz. (GERSÃO, 1997, p. 7 -8)

Isso, em suas danças no cotidiano social, carregam consigo histórias e memórias poderosas, que são capazes de desenhar “enredos”, vamos acompanhar (CLIFFORD, 2008, p. 63 – 79) e, chamar isso de “corpo”, dizendo ser este (*isso*) o desencadeador do processo etnográfico, e esta etnografia em si, se tratar de uma dança, uma performance. O escrever de uma etnografia, corresponde também a assumir um compromisso para com o estruturar de uma escrita, ainda que sejam muitas. O ritual de compor uma “alegoria etnográfica” concerne em estruturar também uma escrita alegórica, para Clifford (2008), em todos os aspectos: no conteúdo e na forma das implicações das histórias e o modo de textualizar tais histórias. Trata-se de uma experiência construída e reconstruída, desde o momento em que são contadas, transcritas e lidas (e relidas), então, convido a escrita etnográfica, a encenar, *performar*, dançar junta de nós, na tentativa de que neste encontro, possa ter conseguido apresentar os corpos (*isso*) com os quais tenho manifestado o interesse em pesquisar *com*.

Um apanhado de entrevistas, relatos, histórias, memórias e experiências obtidas, em grupo ou individual, de forma intensa e, neste intento, a alegoria é a maneira que encontramos para destacar um determinado grupo presente neste trabalho: meninas e mulheres funkeiras que se encontra compartilhando, digamos, de algo em comum das experiências básicas de ser negra numa sociedade multirracial e racista, por exemplo.

Então a vida toma conta, toma um sentido mais amplo, daí nossa alegoria etnográfica, conta das experiências daquelas que possuem a cor da pele escura e compartilham com suas pares, vivências que se assemelham e se encontram,

inevitavelmente. A alegoria é utilizada por nós como uma forma de enfatizar a vida das nossas sujeitas-mulheres, a alegoria vai nos conceder uma especial atenção ao caráter narrativo das histórias em meio a cultura (CLIFFORD, 2008, p. 64). A alegoria nos fará dizer a respeito de alguma coisa não priorizando “o quê” ou “qual história” ou “quem a contou”, nem tão pouco convidará mais alguém para que se sinta aqui representada, mas contaremos histórias que arrastam em si um *compromisso com isso* sobre “aquilo”.

O trabalho desempenhado na transcrição dos dados coletados, sempre é algo estranho para mim, tenho manifestado o desejo de não limitar esse trabalho a uma mera descrição científica de relatos, mas sim oferecê-los de forma espirituosa para a leitura, assim como as análises sobre corpo que seguem após as narrativas apresentadas. Ponderando sobre as conversas entre observadora e “observada”, pesquisadora e *aliada* e as possíveis implicações para todas do grupo de sujeitas-mulheres, parindo a escrita no plano das semelhanças e similaridades entre nós.

James Clifford (2008) determina que os registros alegóricos são compostos por uma representação de um *sujeito* coerente como fonte de conhecimento científico; este mesmo *sujeito*, vinculado a um fato marcante e atenuante à sua existência; e por último, a forma como a história desse sujeito será contada e seu relacionamento etnográfico com a pesquisa. E continuando, ele mesmo acentua o fato de que a alegoria irá se relacionar com a vida fazendo com que “as completas verdades” que irão emergir na sua construção, não se limitam mais a apenas um *sujeito* ou ao mundo que o rodeia, mas toma um sentido maior, e cada vez maior, à medida que for lido, quase que universal.

Primeiro o recurso autobiográfico, que despertou esta pesquisa, transando de forma explícita na minha escrita; e, depois, as *aliadas*, meninas e mulheres com as quais me relaciono cotidianamente, sendo tocadas pela marcante diferencial do gênero e o ainda mais importante aspecto racial; e por último, o derradeiro encontro com uma combinação de meninas que modelam em suas histórias a existência de vidas como as nossas, retratando histórias comuns, em meio aos conflitos coloniais.

A “minha alegoria” também é nossa, essas novinhas são como minha própria perna esquerda e braço direito, fazem parte de mim, eu poderia permanecer viva sem algum desses membros, mas certamente seria mais difícil, é tudo mais difícil se estivermos esquetejadas e sozinhas diante do mundo, levando em consideração que meu braço direito é o que melhor utilizo para compor manuscritos, tocar e pegar

as coisas, e minha perna esquerda é a que melhor me ajuda a dançar, salta e girar, não consigo imaginar viver sem dançar ou tocar as coisas. Eu poderia reaprender de outra forma, mas naturalmente continuaria sentindo a falta dos membros perdidos. Não dá, elas são minhas, porque eu sou delas.

As brincadeiras das meninas são interrompidas, a sua infância é interrompida de maneira tão naturalizada na mesma proporção em que são lançadas a erotização, *adultização* e destituídas do sentido de inocência, são tendências que invadem os espaços das meninas justamente com o propósito de destruírem suas brincadeiras, privá-las de desfrutar o prazer, o ócio e a diversão. “Essa dinâmica se orna tão natural que passa a construir os jeitos de ser menina ou de ser menino, homem ou mulher, delimitando espaços e designando o comportamento ideal e esperado” (SILVA E MENDES, 2005, p.92), daí passamos a perceber as meninas com olhares maliciosos, lhes damos responsabilidades que não competem às suas idades, privamos elas de conhecerem a si mesmas e ditamos que elas amadurecem paralelamente, arremessando-as no “sem fim” de maturação precoces. Quando este corpo aparenta a maturidade temida, as *sexualizamos* e novamente dispomos estas meninas a uma série de informações contraditórias que já aprendemos e reproduzimos, sem nos questionar. Toma conotação distorcida, quando as ideias coletivas são que a priorização do corpo simboliza isentar-se de estabelecer relações com as narrativas dominantes de quem constitui essas ideias coletiva.

[*Experimente*] sincronizar a sua respiração a de uma outra pessoa, sem liderança ou comando, nenhum dos dois pode abruptamente definir o ritmo da respiração. Você se posiciona diante de alguém, vocês se observam e juntos (olhos nos olhos) vocês buscam um corpo para a respiração conjunta. Pode ser um tanto demorado, tentar pulsar em conjunto, mas é uma transferência como contágio, e paulatinamente, as respirações se encontram, logo as batidas do coração, e os olhos chegam a piscar juntos. Só requer silêncio e respiração, nossos primeiros idiomas. Um bebê não tranquiliza seu choro somente porque ele precisa parar, eles são só choro, mais que fazer parar, ou entender porque, mas perceber o querer, escutar o choro além do choro, o querer além do balbúcio, requer o retorno aos idiomas básicos do silêncio e da respiração, que aprendemos sem antes aprender o que é o aprendizado.

É difícil sincronizar a nossa respiração com a de outra pessoa porque o espaço que se faz em cada um não é homogêneo, tentar é possível. Somos

povoados por fantasmas e excitações, feridas e orientações distintas. Quero falar de uma coisa que é puro constrangimento dos nossos imaginários e do nosso próprio corpo como espaço, sem hierarquias e lideranças; “*Tia, eu quero fazer xixi*”, e esse bebê que não para de chorar; e essa menina chorando no ônibus, “*Tia, por que você tava chorando?*”, quero falar de segurar alguém no colo, alguém que está chorando e abraçar esse alguém e sentir que suas respirações se tranquilizam ou se excitam juntas, sem precisar nenhuma palavra, “O trabalho sobre a sensorialidade permite abrir e reinventar os volumes do ar que nos autorizamos, de pacificar o espaço para que o corpo encontre aí seu lugar.” (GODARD, 2004, p.76). Constrangedor que para se estar junto não é preciso que se ajam lideranças, mas escuta no silêncio e atenção na respiração: empatia, que não é sobre calar a boca ou fazer com que engulam seu choro, é tentar escutar o querer por trás do choro.

Enquanto sobreviver for manutenção da vida, no sentido de acessar o ócio, prazer e experimentar com liberdade os espaços, o corpo da funkeira será o cúmplice e aliado nesta pesquisa. O corpo encontra-se cúmplice e aliado quando a experiência como dupla ou grupo persevera em ser uma transferência de pesos e um refúgio de pesos, mostrados através do *isso* como urgência por sobreviver.

Percebo *com essas sujeitas-mulheres*, negras, que lidar com as questões de sobrevivência, é deparar-se com a questão da violência e desobediência como linguagens de corpo feminino, uma linguagem que *morde a língua*, “*língua bifurcada*”, que seja capaz de, balbuciando, externar os internalizado processo de repressão e inibição que a língua maior tem utilizado para nos enclausurar, saibamos, “*nenhum animal respeita fronteiras*” (ALZANDUA, 2009, p.315, grifo nosso), ele as desobedece. Ainda que talvez desconhecida ou por vezes ignorada por/entre/sobre nós, sou lançada pelas minhas aliadas na crença que ser funkeira é um urgente ato desobediente e violento pela sobrevivência.

“Fui várias vezes para recuperação. Nossa, muitas vezes, principalmente no 6º e no 7º ano, todas as provas eu fiz recuperação.

Aí minha vó perdeu o emprego e eu fui estudar numa escola em Campo Grande, no particular, estava no 9º ano. Foi quando eu resolvi que lá ia ter pessoas diferentes, garotos diferentes, e que eu podia ser bonita, agora já estava todo mundo acostumado com cabelo cacheado, quase ensino médio, aqui tinha mais gente parecida comigo.

Outra realidade mesmo, quando eu cheguei na escola, primeiro dia de aula, sentei na mesa, na sala vazia e chorei ‘ escola lixo’, ‘ cadeira torta’, ‘ tudo pichado’, desabei, nunca tinha visto um lugar tão horrível. E também foi a melhor época. [Risos] [...]. Enfim, esse colégio me preparou para várias coisas de hoje no CIEP que eu estou, porque lá os alunos não queriam

nada. [Risos]. Cara, antes eu não gostava nem de funk, imagina? Não dá! [Risos]. (Luísa, história-de-vida, entrevista concedida em 2017).

Pouca luz no baile funk:

Ainda sobre o olhar da Medusa: a bailarina que queria ser professora surge, numa pista, presenteada por uma história de vida pelos palcos, onde sabia-se que se poderia ver e também ter a certeza que se era vista, ainda que sem fundar no meu próprio olhar a relação de movimento duplo com a plateia.

No palco, muitas vezes os holofotes parecem provocar instantes de uma “*cegueira branca*”, como a de Saramago, um mar de aspecto leitoso, no sobressalto, embarreirando a visão e o olhar, fazendo brilhar o corpo na cena, “Esta resposta nos remete ao fato da cegueira, como ausência de visão, ocorrer frente à escuridão total, mas também ao excesso de luz” (WINTER, 2010, p.3520)

Dentro da claridade, diante dos próprios olhos, repletos de luz e certeza de que está sendo “destacada” diante dos seus demais, e a total escuridão ao longe, para o fundo da plateia, de onde, de lá do alto, a bailarina nada pode ver, uma briga com a sua possibilidade de desejar ver algo para além da própria luz que embarreira sua visão. Nada além da pura brancura, sem poder ver a cor que veste e os objetos que traz consigo. Mas, e, se a gente nem ao menos se enxerga, incapazes de ver nosso próprio corpo, como poderíamos perceber o olhar do outro, ou *perceber o outro?*

A bailarina, se prepara, por meses, anos, e, até poucas horas antes do seu momento de glória, em cima do palco, ela dispõe seu corpo em uma rotina de alongamentos, exercícios de força, é um treinamento constante, para que ela possa então entrar no palco, em meio aos holofotes e, após os canhões lançarem sua luz sobre corpo, não conseguir enxergar praticamente nada,: como numa caixa de música, numa caixa preta, composta pelas paredes atrás da bailarina, pelas paredes laterais que recebem as *coxias* e a quarta parede, por onde sobe e desce a cortina, e que também é a linda moldura pela qual a plateia a observa.

O DJ, em um baile, é aquele profissional responsável pela seleção e reprodução das músicas que irão se relacionar com as pessoas, embora seja essa uma reflexão por demasiado simplificada das funções de um Dj, sabemos que assim como a bailarina, ele se prepara, tem seus rituais e suas rotinas até o dia em que

estará diante da sua plateia. Ou melhor, bailarina e DJ, são os responsáveis pela seleção e reprodução do repertório que irá se relacionar com a plateia, que irá se relacionar *com* a dança. Para que a dança e a música se relacionem com esta plateia, será preciso que o DJ se relacione não apenas consigo mesmo, assim como bailarina, ainda que ambos estejam aptos e preparados, é preciso seguir a pista, sentindo o fluxo. A bailarina sabe que tem uma plateia, o DJ sabe que tem uma plateia, e as plateias não estão ali para se relacionar com aquele corpo na cena de holofotes, a plateia quer outra coisa. Mas o que? Para que serve a plateia?

[*Experimente*] Foque seus olhos na direção de uma luz ou lâmpada, pisque por 10 vezes, apertando bem até franzir o rosto. Na última “piscada”, aperte e contraia o rosto todo contanto até cinco, após isso, abra seus olhos devagar, mas não completamente, apenas o suficiente para reparar no borrado da luz (ou, até continuar vendo a sombra de suas pestanas), só com essa frestinha de olhar, o que você consegue identificar talvez pareça distorcido ou bagunçado, algo se movendo perto de você, na sua frente, pode ser entendido como um vulto, já que você quase o vê. Nem monstro, nem gigante de pedra e nem cavalo alado, mas todas essas coisas ao mesmo tempo, ou somente seu próprio braço, que o assustou. Medusa, deixou de ser uma mulher, mas nunca deixou de ser monstro, seu sangue, veneno e bálsamo, pedra e asas, Medusa não era mais nada, era duas, gigante de pedra e quadrúpede voador, nunca mais uma mulher. O olhar que procuramos é aquele do “à meia-luz”, é um olhar ao mesmo tempo silêncio e voo, objetivo e subjetivo.

O bebê começa com o mundo, no reconhecimento das coisas deste mundo, a partir da relação que estabelece entre pescoço e cabeça: com o *peso* da cabeça, não à toa *atlas* é o nome do osso que segura o peso do mundo, primeira das 33 vértebras da coluna vertebral. Deitado de barriga para baixo, ele inclina a cabeça, na intenção de ver esse mundo ainda borrado, repleto de coisas que ele está apenas começando a conhecer. No colo, os engates para solavancos, abruptos e repentinos com a cabeça, inclinando-a para trás como no impulso, constringendo os pobres adultos desorientados e desavisados diante do seu desejo curioso de ver as coisas e querer saber: *ela é muito curiosa, quer saber de tudo; fica prestando atenção na conversa, muito esperta; ela já entende tudo nessa fase. Será?*

E se acaso entende, de fato das conversas de nós adultos, ou de nossos tons de voz, ou se é mera complicação infantil de inclinar-se diante do mundo na intenção de querer saber, a importância do bebê pendurar-se, pendular a cabeça, vai

dialogar com sua prontidão no desenvolvimento que recorrerá em seguida: ela está percebendo seu corpo no mundo, a partir do peso da sua cabeça, depois disso, ela vai levantar, vai andar, vai correr, vai saltar, vai falar, tudo no seu devido tempo, cada um no seu tempo. Eu, por exemplo, falei minhas primeiras palavras aos oito meses de vida, no entanto, somente caminhei meus primeiros passos com um ano e um mês.

Não é preciso entrar em “regressão” ou em “estado de transe”, para pensar um olhar que antes de ver, percebe, e mesmo que despossuído da visão, olha, enquanto o enxergar é a própria carne, se enxergando, ou um em vias de, abrindo espaço para o movimento duplo, de olhar à meia luz, entre as pestanas, mobilizando nossos imaginários sobre os monstros e as luzes que nos cercam, mesmo ao longe na escuridão do fundo da plateia, procurando a mobilidade entre o subjetivo e o objetivo.

Pedra e asas ao mesmo tempo: se eu só voar estarei em transe, se eu só for pedra o outro deixa de existir, é como se das duas formas como extremos e separadamente eu somente tivesse a mim mesma como referência, sem efetuar essas idas e vindas eu bloqueio um dos dois olhares e de nenhuma forma estou pensando *com* o outro ou percebendo-o, e acabo por fim perdendo-me a mim mesma, em mim mesma. E até aqui, neste subitem, tenho manifestado confluências com o “*Olhar cego*” de Hubert (GODARD, 2004, grifo nosso).

O estranho olho da Medusa que olha a si mesma e perde sua cabeça, promove seu retorno à liberdade de não ser nada e duplo movimento, e também abre espaço para que o outro novamente seja, na sua presença, sem ser petrificado. Não requer regressão, mas, requer qualquer complicação infantil de inclinar-se diante do mundo na intenção de querer saber-se a partir do peso que a sua cabeça tem

Na improvisação em dança, na prática, estancada por estudos na contemporaneidade, os projetos geográficos do corpo e os contatos com o mundo, aparecem aqui sobretudo com afinidades no *contato improvisação* de Rudolf (LABAN, 1990), estudos que permitem que possamos acompanhar o seguinte começo de experimentação corpórea *com peso*: o olhar subjetivo vem operar primeiro ao deixar o outro “falar” de si, deixar que o espaço do outro [corpo] elabore e imprima o seu próprio esboço sobre si e seu corpo para que somente depois eventualmente eu possa tentar compreender [se é que é possível] o movimento e o

corpo do outro, aí sim objetivando este outro. A improvisação para a dança é como lançar-se no abismo de possibilidades, perder a cabeça, ao entregá-la para ser decepada, para que surjam pedras e asas ao mesmo tempo.

Uma cadeira não pode falar e dizer para que serve, mesmo assim replicamos em nossa fala sobre a sua função: *cadeira serve para sentar*. Ainda que nós mesmos resinifiquemos as funções da cadeira: cadeiras também são guarda-volumes, armário, bloqueio de porta. Mas não deixamos de dizer que “*cadeira é para sentar*”, e apresentamos ela para as crianças como tal, antes que elas mesmas possam deixar que a cadeira se apresente para elas. Barrar esse processo imaginativo sobre a função das coisas, é ir de queda ao afastamento do olhar cego: já me disseram sobre isso, me disseram para que serve, então fica assim concordado, já que o mundo não é explicado por mim, que sou aprendiz. E uma criança finalmente para de querer saber, saber-se.

E na pista da improvisação em dança, o caminho a ser percorrido consiste em tentar ficar na frente do outro enquanto peso, penso ainda: escutar, perceber sem ver e se apresentar como *peso*, um *peso* desse projeto geográfico de corpo [como espaço] que inscreve nossa própria história no espaço externo, como contorno, cor e gesto, como urgência de viver. Improvisar é desenvolver uma vigilância sobre esse projeto geográfico que envolve escutar, ver, sentir, *peso*, história, contorno, cor e gesto.

[*Experimente*] Marque um ponto fixo na sua frente, (que não seja um espelho ou diante de sua imagem refletida) com a cabeça e olhar na direção do horizonte, faça com que seus globos oculares executem um passeio nas cavidades oculares, como se eles desenhasssem círculos pelo espaço, mas sem mover a cabeça. E seus olhos vão, demoradamente, pincelando o espaço e suas cores, como em uma tela, ao mesmo tempo que esse espaço, que eles pincelam, massageia a íris, como no movimento duplo de ver e ser visto, perdendo, trocando e transferindo os contornos. E nesse passeio, de olhar e espaço, seus olhos conseguem perceber as coisas ao seu redor, os objetos, seu próprio corpo, mas no fim desse passeio, de perceber as coisas, suas orelhas e sobrancelhas continuaram tão invisíveis para seu olhar quanto aquilo que está na parte de trás da sua cabeça: existe sempre um perigo por trás dele, mas o perigo está *com* ele, assim como eu não vejo minhas orelhas e sobrancelhas, não vejo que alguém corre neste momento por trás de mim, sem perceber o perigo comigo, talvez eu não tenha escapatória.

O medo de não poder ver a aproximação de outro corpo, e a medida como preparo minha defesa diante dessa possibilidade de perigo, caminha paralela à necessidade de *saber-se perigo*, mantendo o medo da invisibilidade das próprias orelhas e sobrancelhas, tão próximas (DAISHONIN, 2014, p.413, grifo nosso). É preciso vigilância, *perceber sem ver*, olhar cego e entendimento que o perigo está à espreita, e o perigo vem *comigo*, assim como minhas orelhas e sobrancelhas, me cercando pelas laterais e por cima, mas elas não me impedem de olhar o mundo, percebendo-as aqui.

Diante dessa dificuldade, nossa maior tentação é de nos contentarmos em classificar as danças por épocas históricas, por origens geográficas, por categorias sociais, por escolhas musicais, pela estética do figurino, da cenografia, ou ainda pela forma dos diferentes segmentos corporais colocados em ação. Todos esses parâmetros escrevem muito bem o limite externo ao campo da dança, mas pouco se aproximam das riquezas da dinâmica interna do gesto, que a ele dão sentido. (GODARD, 2004.p.12)

Figura 6 – Barro versus Asfalto.



Fonte: A autora, via dispositivo móvel, 01 de janeiro de 2017.

Cegueira branca, de suposta referência ao excesso das imagens que nos atravessam diariamente, somos confrontados, pelas visões que nos cegam, ainda que você possa ver o seu sorriso diante do espelho, mas na percepção, “vemos o que nos é dado a ver”, sobretudo, sobre o outro (WINTER,2010, p.3520)

O *peso* do corpo, Hubert (GODARD,2004, p.13) chama esse projeto geográfico de corpo a partir das musculaturas corporais e atitude em relação ao

peso e a gravidade de “pré-movimento”. Algo que vem, antes do corpo se apresentar, com as classificações de história individual, memória, figurino, origens e escolhas. O pré-movimento é em si todas as coisas que correspondem ao fato daquele corpo simplesmente estar de pé.

O *peso* aqui, está no olhar e espalhado por todos os órgãos, musculaturas e ossos responsáveis pelo ato de ficar de pé, e carrega em si a expressividade e tensões do nosso corpo, para *isso, dançar não é preciso*. Esse *peso* também se modifica diante do esforço que tivemos que fazer para ficar de pé, nossa presença, carrega as alterações emocionais e *performa* na nossa postura de pé, incidindo nas características de nosso pré-movimento: uma “*musicalidade postural*” (GODARD, 2004, p.15, grifo nosso) vai surgir desse olhar *com peso* e que acompanha a história, a memória deste corpo, interferindo imprescindivelmente *com* a expressividade latente em seu pré-movimento.

Todos esses elementos contribuem para tecer a relação simbólica que vai vincular, no indivíduo, atitude corporal, afetividade e expressividade, sob a pressão flutuante do meio em que está inserido. Qualquer modificação do meio levará a uma modificação da organização gravitacional (GODARD, 2004, p.20).

Figura 7 – Baile do “Jaca”.



Fonte: Recebido via conversa em rede social, *Facebook* da autora. 2017.

Cabeça baixa, do corpo, que percebe mesmo sem ver, a pujança destruidora que o olhar pode ter, entendendo o perigo consigo. O corpo permanece vivo e transferindo o *peso*, sem que necessariamente precisemos estar interpretando isso ou aquilo, o pré-movimento acontece porque nós acontecemos. Não existe um ligar e desligar, e carrega em si as interferências do espaço. A medida que o pré-movimento e o movimento do outro acontecem diante de mim, eu já aconteci para ele, e esse duplo movimento nos coloca em um jogo de experiências, e nós dois como observadores deste corpo sutil entre nós, nos informamos mutuamente, nenhum de nós podemos ficar intactos quando nos dispomos a construir juntos esse corpo sutil, que nasce do nosso olhar de meia-luz que escuta com todos os órgãos do sentido. O corpo sutil surge, quando eu me enxergando, quando me disponho às sensações do meu próprio *peso*: é o que confunde e separa pedra e asas. Você se dissolve no coletivo, mas não esquece de quem você é, para se “catar” e se entregar simultaneamente.

A plateia “serve”, para bailarina, para o DJ, como parte do mesmo todo, na relação que estabelecem com a música, dança, com os sons, com as luzes e o escuro e, com sua musicalidade postural, “serve” como reconhecimento de *peso*, corpo sutil e, do outro: cumpre papel de cúmplice e aliado no mesmo baile.

Pertenço à terceira geração da minha família que vive no Baile funk. Somos frequentes participantes e observadores desses espaços. Minha avó, mãe de seis, viúva, resolveu adentrar na noite e “servir” ao baile funk como mulher chefe de família e responsável pela manutenção da própria vida e dos seus. Meu pai, em 2006, desempregado, sem o ensino fundamental completo, resolve também aventurar-se pelos territórios superlotados dos bailes funk de ruas e clubes na Zona Oeste do Rio de Janeiro, logo minha mãe e meus irmãos também. E eu, que nunca fiquei de fora de participar ativamente da economia financeira e criativa da minha família: um grupo de comerciantes que atua nos bailes funk da nossa região.

Essa funkeira que aqui fala, podendo ter a preciosa oportunidade de ser a primeira pessoa de sua família a entrar na trajetória acadêmica universitária, deseja furiosamente direcionar outro olhar sobre experiências em bailes funk, desde o tempo em que frequentava por prazer e diversão, até esse período, mais observador e concentrado, um tanto mais participante que observadora, desde meus 12 anos. Infelizmente todas essas memórias não cabem na dissertação, mas com ela trago as

reflexões na pista do *Baile funk* numa história de vida como funkeira, bailarina e professora-pesquisadora.

Assim, surge uma *Aula-baile*, algo que só poderia chegar a acontecer mediante a disposição de dissolver-se no fluxo do coletivo a partir do *peso como contágio*, que estremecer a espinha e a medula, para depois se preocupar com o sentido dos enunciados: essa é a forma que se dá nossa aproximação na investigação em campo, através do jogo dançado, improvisando contatos entre palavras, imaginários e [re]ações, sendo levada pelo *cheiro*; entre a massinha de modelar e o guaraná, o cigarro mentolado e o energético; perdendo a cabeça dos conceitos, para então inundar, de sangue venenoso e balsâmico, a *secura de fundo* que algumas correções posturais nos impõem. A recuperação, a correção foi violenta com o monstro, e de nenhuma forma a punição e o castigo recuperaram sua imagem tenebrosa, e nem isso impediu que ela se transformasse em Pégaso, o cavalo alado, símbolo da poesia. O maior *perigo* é o que habita na cabeça pesada.

1.3 Nome, idade, um movimento e o lugar:

Eu sou a Jade, tenho 21 anos, nasci no Rio de Janeiro, especificamente em Nova Iguaçu, onde moro atualmente. Me considero negra

Eu sou a Érika, tenho 28 anos, sou negra, nasci e moro em Laranjeiras.

Eu sou a Yanni, tenho 23 anos, Sou Negra, nasci e moro em Campo Grande

Eu sou a Isa, tenho 19 anos. Sou negra. Nasci e moro em Realengo

Eu sou a Ana, tenho 23 anos, sou negra. Nasci e moro em Belford Roxo

Eu sou a Jully, tenho 22 anos, me considero negra. Nasci em Volta Redonda, no interior. Atualmente moro no Centro do Rio de Janeiro

Tainá, tenho 23 anos, sou negra (e muito negra, não existe nada pior que falarem "ah, mas você não é negra você é morena" como se ser negra fosse um defeito. Eu nasci no Rio, moro em Bangu.

Eu sou a Janaína, tenho 29 anos, Sou Morena. Nasci em Niterói/RJ e moro em Jacarepaguá.

Eu sou a Luana, tenho 27 anos. Sou Negra. Nasci no interior de SP, São José dos Campos, mas moro no Rio desde 2013, na Ilha do Governador.

Eu sou a Thaís, tenho 27 anos, sou negra. Nasci e moro em Bangu.

Eu sou a Letícia, tenho 21 anos, Sou Negra. Sim, nasci e moro em Campo Grande.

Eu sou a Júlia, tenho 17 anos, Sou Parda. Nasci na Tijuca, mas atualmente moro em cordovil.

Eu sou a Carol, tenho 18 anos, Sou Morena, nasci no Rio de Janeiro, moro em Jacarepaguá.

Eu sou a Vitória, tenho 16 anos, negra, sem mais. Nasci aqui no Rio, moro em Honório Gurgel.

(Rio de Janeiro, setembro – dezembro de 2017).

Luísa se autodeclara negra, e conta também que durante uma boa parte da sua vida, embora sempre tenha entendido, era difícil falar a palavra “*negra*”. (*História-de-vida* de Luísa, entrevista concedida em Rio de Janeiro, 2017).

A pergunta “para que servem as meninas negras? ”, de forma alguma é objetivante, será que podemos acreditar nisso? O olhar cego aparece como o caminho rumo a um mergulho interno afim de movimentar os imaginários e as percepções apreendidas ao longo das nossas trajetórias, até aqui, propondo para a política da “*neurose do olhar*”, uma negociação, que venha a agir na conversação e ajuste entre a paralisia diante do reflexo de Medusa e a liberdade de perder a cabeça, um enfrentamento que produza ao mesmo tempo a objetividade sem perder a subjetivação das coisas. O olhar cego, de Hubert GODARD, não trata de regressão, também não é todo reaprender, e nem todo infantil, mas um pré-olhar, mergulhar antes do olhar. Vamos mergulhar?

Figura 8 – Aeromoça por amor.



Fonte: Captura de tela em rede social *Facebook*. 2018.

Maria Eduarda, ou Duda, como era apelidada no convívio íntimo, uma menina que em sua rede social, como na imagem acima, até seu último acesso, manteve o recado de amor pela profissão de aeromoça, talvez com um ar desejoso por fazer dessa a sua futura carreira profissional.

Maria Eduarda, uma vida entre tantas outras que tombaram ao longo desta empenhada escrita. [Não] vidas, das quais o sentido de deixar viver, tão somente, é

restrito a viver à semelhança de um ideal superior: o daquele que também é seu ceifador. Fora desta conformidade, aqueles que se manifestam como estranhezas se fazem ameaças e, paradoxalmente, deixa-se de viver justamente por querer viver em sua exuberância. É uma sombra que circunda alguns corpos precocemente alvos do ceifeiro do mundo colonial, onde “*Morre-se não importa onde, não importa de quê*”. (FANON, 1968, p.29, grifo nosso).

A escrita como um exercitar, trabalhado constantemente pelo e no vazio, nas ausências, hiatos de onde brotam crânios de meninas mortas, sepultadas na “*inominável noite do mundo*” (MBEMBE, 2014, p. 28, grifo nosso), e, “*esse acto original de crueldade contra o irmão torna-se desde muito cedo objeto principal de meu trabalho [...] enquanto lugar de acolhimento do crânio de um parente morto*”. (MBEMBE, 2014, p. 37, grifo nosso).

Matuto, cá comigo e, chega-te a mim, perceba, cisme de pensar a *morte* na qualidade de um vivenciar, tão devastador quanto a perda e que é capaz de aniquilar para então mobilizar algo grandiosamente diferente do que se era, antes de se perder, sem que para isso seja preciso perder a respiração para todo sempre.

O temor de não poder viver, move essa escrita, muito mais do que um medo de morrer. Manifestamos o delicioso desejo de querer entrar para a eternidade sem reduzir isto ao aniquilamento da vida, mas como a mais luxuosa e exuberante maneira de realizar-se sobre si. E que na chegada ao derradeiro encontro com o fim desta existência, possamos ter vivido tudo que se há para viver, e que o confronto com a morte seja não tão doloroso assim; para a morte de quem vai e para a morte de quem fica.

O “*terror ao selvagem*” se instaura, se convertendo de forma abominável, dando mobilidade à razão, que prega a possibilidade do erro ao dono da *verdade*, reforçando novamente o lugar do “*inimigo*”, aquele a ser eliminado, (MBEMBE, p.129 – 130, 2016, grifo nosso), aquele que não tem o direito de errar, nem de estar “no lugar errado, na hora errada”: Maria Eduarda Alves da Conceição, Duda, foi executada a tiros no pátio da escola Municipal Jornalista Daniel Piza, em Acari, uma favela da porção suburbana da cidade do Rio de Janeiro. Naquele momento, ela estava fazendo aula de Educação Física. Naquele dia, eu suponho que ela tenha sonhado, ainda que acordada, com o querer de um futuro melhor, esperando as asas de um avião ou de um cavalo alado. Maria Eduarda foi executada com três tiros de fuzil 7.62, usado pela polícia militar, que atravessaram seu corpo, um corpo

magro que vestia um short, um casaco listrado de rosa e branco amarrado na cintura e a camisa uniforme das escolas municipais do Rio de Janeiro. Acontecia uma operação de recuperação da área onde fica a escola, uma tentativa de reparação daquele território por parte do Estado, onde o poder público assumiu o risco de iniciar pela manhã, uma ação com tiroteio. A Duda não pode mais sonhar? Sonhar é poder? Querer é poder? Será que mais alguma menina negra ainda pode ou quer sonhar com os saltos e voos?

Predominantemente, nas regiões periféricas do estado do Rio de Janeiro e, porque não, em demais cidades, temos o centro como referencial e as regiões periféricas destinadas a populações trabalhadoras que são responsáveis pela manutenção mais primária dos serviços que sustentam a sociedade e a comunidade como um todo [central, praiana e periferias urbanas e rurais].

Nas regiões periféricas, encontramos a grande maioria da população trabalhadora que não somente é responsável pela manutenção da própria vida e dos seus, mas que também correspondem aos principais responsáveis pela circularidade dos recursos através de seus serviços prestados. Nessas localidades, que são afastadas, em todos os sentidos, do que é destinado às porções centrais e, sobretudo, quando falamos de Rio de Janeiro, às regiões praianas, em relação às periféricas e centros burocráticos, recebem ainda mais o sentido de centro referencial do qual estamos falando, pelo estilo de vida, atendimentos de qualidade, distribuição de serviços básicos e circulação de recursos financeiros.

É nas periferias que esses trabalhadores que, depois de longas jornadas diárias e envolvendo também a rotina de locomoção das residências até o local de prestação de serviço, e retorno ao lar, encontram seu repouso diário e junto desse mínimo repouso, uma quase inexistente mobilidade de poder aquisitivo e ascensão social. Ainda que essas regiões periféricas não sejam homogêneas, são caracterizadas pelo afastamento em relação ao centro e às regiões praianas da cidade maravilhosa, das capas de revistas. Os serviços públicos oferecidos para essas periferias, que servem de morada da população trabalhadora, em geral, são mais precários, talvez seja pela pouca vigia (ou por projeto de poder), que envolve em grande parte não um pouco interesse consigo mesma, mas tem relação direta com a disposição de pouco tempo para se pensar sobre esses serviços, talvez pela rotina das jornadas de locomoção e trabalho no centro: a volta é sempre mais difícil, dentro do transporte coletivo, sempre lotado, nas ruas, avenidas e vias,

congestionadas, de uma cidade sempre quente. Quanto mais adentro mais faz nosso corpo vibrar diante do transitar do ônibus pelas ruas acidentadas; aí neste momento, talvez nós pensemos sobre nossa condição no mundo; mas o cansaço do dia e, tendo apenas mais oito horas de distância do início de mais uma jornada diária, pois o sol não tarda em nascer, sobra-nos pouquíssimo tempo para nada além de dizer que “ *a situação está difícil*”, “ *isso tem que mudar*”, “ *doida para chegar em casa*”, “ *todos nós queremos chegar em casa, piloto!* ”.

Bem, seja lá por qual motivo, sabemos que historicamente essas regiões foram destinadas a afastar algumas pessoas das porções mais maravilhosas e lucrativas para a internacionalização de nossa cidade. Uma determinada população que pode receber os serviços precários, e permanecerá tão vulnerável quanto antes e sem nenhuma condição física, mental, emocional, psicológica, até espiritual, de aspirar por mobilidade social, econômica, política, geográfica, física, mental, emocional, psicológica e histórica, pois em um ônibus lotado, com uniforme por lavar, jantar por fazer, casa para arrumar, não podemos nos cuidar, nem pensar sobre os movimentos que o mundo deu para que nós estivéssemos aqui, numa quarta-feira querendo que já fosse sábado, parecendo que no estilo de vida dos outros se faz sábado todo dia.

Quando falamos de serviços oferecidos nessas regiões, vamos lembrar que a educação é um direito garantido pelas Leis brasileiras e que precisa ser distribuído para todos os cidadãos por igual com a intenção de diminuir os níveis de disparidades de região para região. No entanto no caso de Maria Eduarda, algo estranho nos atravessa: uma menina morreu alvejada no pátio da escola, durante uma incursão do Estado armado em um território afastado do centro referencial, portanto periferia. Aparentemente, as crianças, adultos, idosos, por estarem em uma região periférica, podem receber o mesmo tipo de tratamento de algo que não seja existente, que nem deveria estar ali, algo invisível. E o termo “segurança pública” parece estar atrelado à palavra extermínio, nessas regiões. Resultado de um total descompromisso das figuras de poder para com a população que faz a manutenção da vida desta cidade [centro e praiana] deixando seus filhos em casa e na escola, sem a certeza de terem a possibilidade de receber um tratamento digno, pois essas regiões periféricas, desde o avançado da internacionalização e modernização da cidade do Rio de Janeiro, foram destinadas àquela população que majoritariamente é negra. Aparentemente, pessoas negras, pessoas que moram nas periferias podem

receber o mesmo tipo de tratamento, de coisa inexistente e alvo [mesmo invisível] quando se encontram nesse território despossuído da “luz solar”. O Sol não nasce, as crianças morrem. Não há pôr-do-sol, porque o sol não nasce e, é sempre noite, mas mesmo sendo sempre de noite, a gente não dorme e, se não dorme não sonha, não acorda, não vai para escola.

Uma menina negra cresce nesta situação: está dentro do grupo que mais sofre violência física, mental, emocional, psicológica, econômica, política, moral e histórica, mesmo grupo que mais é vulnerável socialmente por esses fatores de distribuição de serviços, também sendo o grupo que menos fala [ou que pode falar, pois não há tempo para pensar] sobre a violência e, ainda é o mesmo grupo que mais preenche as taxas de mortalidade, para lembrar que somos o grupo que veio parar aqui pela ordem do assassinato colonial estupradora de base racista, fundador de um Estado necrófilo. As meninas negras estão dentro do grupo com baixa escolaridade, seja por impedimento externo, ou pelo próprio estímulo da aluna, que não tem origem exclusivamente dentro dela, que acaba por adotar para si uma postura de menor expectativa com a escolaridade, com o mercado de trabalho e, possivelmente, este comportamento cético às agendas de futuro pode se expandir para outros momentos da vida da jovem, as meninas negras estão de mãos dadas aos meninos negros.

Ensinadas, ou não, por uma série de movimentos sincrônicos dos mecanismos de colonização, em geral, experimentam, desde muito cedo, que as suas vivências serão um pouco mais amargas e dolorosas que as de outras meninas e meninos, sendo assim, elas são levadas ao amadurecimento um pouco mais precoce, e esta é só a “*ponta do iceberg*”. Mais profundamente podemos perceber que é isso que se espera de uma menina negra: que ela entenda que o “céu” pode ser o limite para os outros, mas este céu é impossível para ela, então deve se conformar esperar e “crescer”; crescer aqui significa sucumbir ao entendimento de que ela não é mais tão criança assim, nem nunca será suficientemente adulta.

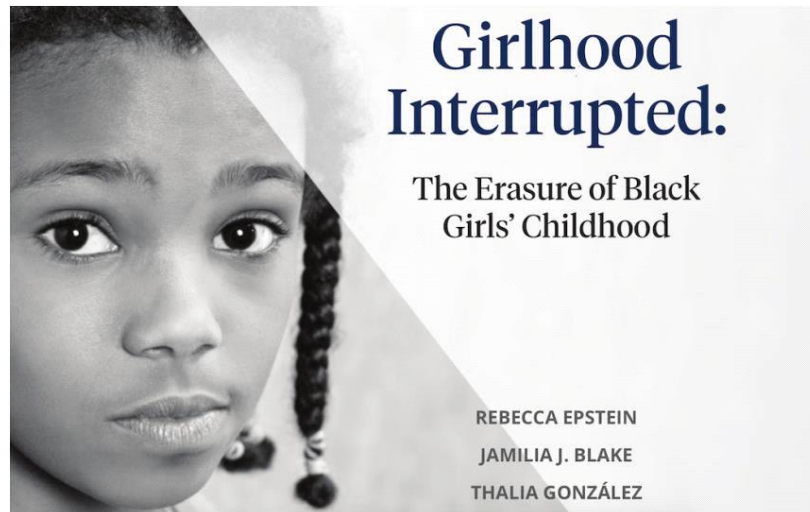
Não possuímos, ainda, dados da prevalência de “*adulterização*” de meninas negras, apenas partimos da empiria, sobretudo percebida em experiência de vida, observando em espaços educacionais os tratamentos díspares para com as meninas negras e meninos negros. Evidências que nos levam a acreditar que a incidência e ocorrência de momentos de *adulterização* destas personagens da vida

real são naturalizados dentro da experiência daquelas que possuem a cor da pele escura.

Para arrematar este momento, desafio os pesquisadores a desenvolver estudos mais aprofundados, inclusive quantitativos, nos pontos onde essa dissertação deixa propositados hiatos, pertinentes para discussão sobre o assunto da existência de uma *adultação* de meninas negras e meninos negros e os resultados nocivos para suas vidas adultas, sua educação, justiça, relações afetivo-sexuais entre outros campos para debate.

Com que frequência acreditamos que uma menina negra é mais velha do que a idade que realmente tem? Com que frequência vemos meninas negras assumindo tarefas que não competem às suas idades reais?

Construo esta pesquisa inspirada livremente em meus muitos diálogos com estas meninas em diversas observações de aulas práticas em dança, onde reiteradamente me ofereço em escuta para assim podermos fruir e perceber juntas quais são as suas reais necessidades de trocas para aprendizagem. Incessantemente perguntando às meninas o que elas gostariam de fazer em seguida, problematizando com elas as possibilidades frutíferas de cada momento compartilhado no ensinar das figuras de dança, que vai além da nossa sala com nossos espelhos, questionando sobre o que estes muitos espelhos dizem sobre elas e, o que elas gostariam de dizer, caso tivesse a possibilidade de interpelar o próprio reflexo ou o Ideal imaginado deste reflexo. Entrego essa dissertação às meninas negras.

Figura 9 – *Girlhood interrupted*

Fonte: Capa de publicada “*Girlhood Interrupted: The Erasure of Black Girls Childhood*” (EPSTEIN; BLAKE; GONZALEZ, 2017). *Georgetown Law*, 2017. Disponível no *Google*

Nos meados de 2017, foi publicada uma pesquisa realizada pela Faculdade de Direito da *Georgetown University* – Washington - Estados Unidos da América, intitulada *Girlhood Interrupted: The Erasure of Black Girls Childhood* [Infância interrompida: o apagamento das meninas negras]. Da citada publicação, que pertence ao Centro de Direito da Georgetown sobre pobreza e desigualdade, participaram como fonte da pesquisa 325 adultos de diferentes etnias e graus de escolaridade, em uma maioria de pessoas brancas (74%), e mulheres (62%), também foram identificados que 30%, dos participantes têm idades entre 25 e 34 anos.

A pesquisa foi realizada sem que as pessoas soubessem o que era objetivado pelo experimento, foram expostas a um determinado questionário, no qual deveriam assinalar opções de um a cinco, atribuindo graus de importância de acordo com as perguntas feitas. Neste questionário, identificou-se para o estudo que os americanos, do grupo, consideram que as meninas negras são vistas como menos inocentes e até mesmo mais maduras que as meninas brancas da mesma idade.

As pesquisadoras Rebecca Epstein, Jamilya J.Blake e Thalia González puderam apurar, trabalhando com evidências e baseando-se em observações do setor da educação e da justiça juvenil, questões de abuso de poder com jovens negras, que a unidade grupal adulta pesquisada, pela sua diversidade, a variedade

da amostragem pode nos levar a pensar um analogia na sociedade norte-americana: conclui-se com dados, que até 2017 a população dos Estados Unidos da América considera que as meninas negras são menos inocentes e mais maduras que as meninas brancas de mesma idade. Além disso, a pesquisa aborda que as meninas negras precisariam de menos proteção e acolhimento que as meninas brancas da mesma idade. Ao parecer, os entrevistados se expressam de maneira a filtrar as meninas negras pela estereotipação, para eles, é esperado que a menina negra seja vista como mulher negra, desde cedo amadurecida e entendedora de assuntos mais adultos.

Palpamos estudos como esses, primeiramente, para demarcar como necessária e desafiadora uma pesquisa de bases semelhantes no Brasil e, se declinarmos a olhar com alguma empiria e nos sensibilizarmos para os aspectos semelhantes com a realidade de nosso país, poderemos perceber, se estivermos dispostos a isto, que é também compartilhada como da comum experiência da menina negra brasileira as práticas que tem como base uma suposição de que “*não são tão inocentes assim*”.

Vou revelar um episódio da minha vida escolar, quando eu cursava o antigo ginásio, aos 12 anos, em uma aula de história, algo meio informal, não lembro exatamente o porquê, mas aquele era um professor muito querido de forma unânime pelos alunos. Naquele dia ele colocou a turma em círculo e fomos tomar a lição sobre o *Mensalão*, um escândalo político envolvendo compra e venda de votos de parlamentares que movimentava as manchetes daqueles anos de 2005 e 2006, fato que estimulou a curiosidade da turma por estar “assistindo a história acontecer”, nas palavras desse próprio professor, de história.

No avançar dos debates, diante de todos, por algum motivo, eu não estava prestando atenção em absolutamente nada, e da aula sobre o Mensalão eu só consigo lembrar do professor dizendo sonoramente, e deixando saltar da face uma expressão maliciosa, como de quem tem total razão do que diz, levantando a sobrancelha e deixando o riso escorrer pelo canto da boca, se referindo ao comportamento de uma das suas alunas, nossa colega da escola, Camila, que por acaso era minha amiga, uma novinha funkeira: “*pois é, mas ela não é mais tão inocente assim*”.

Ele tentou se explicar, e disse que ela era diferente da gente [alunos] por que era repetente, já estava com o pensamento mais maduro que o nosso e ficava

dançando funk o dia inteiro, portanto não queria nada com a vida. O professor não me ensinou nada sobre o *mensalão*, mas naquele dia eu percebi que o motivo pelo qual ele olhava para mim, única aluna negra da turma, enquanto falava da Camila, poderia corresponder ao mesmo motivo pelo qual ele teve o direito de cogitar e confirmar, pela sua autoridade, a suposta não tão inocência assim da menina, ou a minha.

Já na experiência de Luísa, que assim como Camila serão retomadas mais adiante nesta dissertação, ela relata um momento com uma colega de escola, e em outro momento ela fala sobre sua relação mais atual com colegas em escola:

“A Jenifer, [...], era também filha de funcionário, minha mãe não gostava que eu ficasse com ela porque falavam que ela era uma garota largada, favelada suja, [...] ela é branca, aceitavam um pouco melhor ela. Ela sempre fez o que quis, achavam que ela era avançada para a idade dela. Mas nada disso, só impressão mesmo, era bobona”

“[...] nenhuma menina queria andar comigo por que elas falavam as coisas e eu não entendia, mas parecia que eu tinha que saber [...] ‘Ela é muito inocente ela’”. (Luísa, Rio de Janeiro, 2017)

“*Pois é, mas, ela não é mais tão inocente assim*”, como já foi dito dentro do meu relato pessoal, e, com Epstein, Blake e González em seu artigo científico *Girlhood Interrupted: The Erasure of Black Girls Childhood*, pela primeira vez exibem dados que comprovam a reação do adulto aos comportamentos de meninas negras, mostrando que os adultos veem estas como menos inocentes e mais maduras que suas pares brancas, afirmando que os dados coletados na pesquisa dizem:

As meninas negras precisam de menos nutrição; As meninas negras precisam de menos proteção; As meninas negras precisam ser apoiadas menos; As meninas negras precisam ser confortadas menos; As meninas negras são mais independentes; As meninas negras sabem mais sobre assuntos adultos; as meninas negras sabem mais sobre sexo.

Esses resultados são profundos, com grande alcance e implicação. Nossas descobertas revelam um potencial fator contribuinte para as taxas desproporcionais de tratamento punitivo na educação e sistemas de justiça juvenil para meninas negras. (2017, p.1)

Caso as meninas negras sejam lidas como menos inocentes, poderão também ser vistas como mais culpadas, e por consequência, seus “castigos” serão mais severos, por parte de educadores, pais e até mesmo poder público. Caso as meninas negras sejam lidas como mais maduras, prevalecerá a ideia de que elas

precisam de menos estímulo, proteção e apoio, e, caso as meninas negras sejam lidas como mais adultas, isso poderá ser traduzido também como necessidade de menos liderança e orientação escolar, por exemplo, dificultando assim os processos de aprendizagem, e, talvez futuramente, causando desagradados maiores aos professores.

Através da autonomia construída pela menina negra, ao longo de processos de aprendizagem desproporcionais, ocasionados, por exemplo, pela ausência de estímulos por parte dos professores ou pelos pais em casa, as suas atitudes podem ser interpretadas por estas e outras esferas de poder como ameaçadoras para a harmonização dos espaços, contribuindo mais uma vez para o exercício de medidas punitivas mais severas, até mesmo com uso maior de força de recuperação.

Se pensarmos sobre as interpretações e aplicação de medidas punitivas por parte do poder sobre os corpos dos meninos negros, inúmeras imagens e estatísticas outras poderemos agrupar e dizer que a cor da pele negra aproxima mais as meninas negras dos meninos negros, pares da mesma idade e realidade social. São igualmente adultizados, menos inocentes que outras crianças, não correspondendo, na maioria das vezes, ao senso naturalizado relacionado ao infantil que nos é apresentado como construção social. Meninos negros e meninas negras já nasceram sobre os olhos paternalistas do racismo, recebem tratamentos simetricamente semelhantes e distanciados dos atribuídos a seus (ím) pares brancos.

Um fenômeno que subtrai, para não conciliar as medidas que salvagam a juventude negra e não branca, uma juventude fosca e matizada, legado deixado pela discriminação racial em nosso país, que conclui a violência, de toda uma conjuntura social, atribuindo uma punição mais severa ao comportamento de crianças e jovens negros. Aqueles que acreditam que crianças negras são mais maduras e menos inocentes que crianças brancas, naturalizadamente, estão usando-se da imagem estereotipada, para interpretar os comportamentos comuns da criança, só porque ela é negra, justificando as punições mais severas correspondentes ao seu racismo não declarado, e estrutural, permanecem incapazes de oferecer serviços dignos à população de cor desse país.

Aqueles que acreditam nisso contribuem para a ameaça à vida das pessoas negras, que por sua vez, podem vir a se tornar complacente no seu futuro, menos esperançosas por um bom tratamento e acolhimento na vida adulta, elaborando

suas personalidades no costume de ter menos proteção, ou perceber que são destinadas a outros [brancos] uma proteção da qual ela não tem conhecimento corpóreo a não ser pela dor e pelo medo, como sentimentos e não só sensações, dado seu caráter de durabilidade. A pessoa negra também pode abandonar com o tempo a esperança por proteção e acolhimento e realmente assumir uma postura adulta sem expectativas de docilidades por parte do mundo, adotando uma fosca solidão para si, desde tão cedo, no corpo como local de traumas e fantasmáticos delírios, carregando o peso do passado histórico e do presente árido.

Perde-se o sentido característico da infância, como aquele momento chave da vida para os aprendizados e, sobretudo, de fundo baseado no resultado de tomadas imaturas de decisões [de acordo com o mundo adulto], crianças negras não são lidas como crianças, mas como maliciosas e adultas. Neste ponto de vista, podemos perceber que no que é pertinente ao direito pela infância e liberdade, não ser negro, nem ser lido como negro, é um privilégio.

2 JUSTIFIQUE-SE, SE PUDER: E PARA QUE SERVEM AS MENINAS NEGRAS?

No entanto, encontrei mais uma Vânia, que eu não conhecia direito, uma menina que era obrigada a não ser menina, que falava com muito orgulho dos pais que tinha, mas que muitas vezes se sentia sufocada por eles e por seus sonhos.

Muitas Vânicas.

Aquela que vivia fazendo planos para muitos e muitos futuros. Uma outra que se equilibrava sobre a corda bamba de sonhos sempre grandiosos, que dizia que queria ser advogada, mas apenas porque os pais desejavam. Na realidade, ela ainda não pensara em nada daquilo. Queria era viver bem sua vida (BRAZ, 1997, p.49)

[O que é racismo, para você?]

Jade:

“Eu nunca sofri o racismo tão escrachado assim, eu sempre fui considerada a moreninha, mas isso nunca me ofendeu. Já vi amigas sofrerem racismo e assim eu pude entender o que realmente ele é. Ainda não entendo muito bem por que as pessoas sentem isso em relação aos negros, sendo que todos nós temos um pouco deles”.

Érika:

“O que eu penso sobre Racismo é que é uma atitude burra, de gente que não teve uma boa educação ou não procura evoluir como ser humano”.

Yanni:

“Ah! Racismo é um grande câncer da sociedade”

Isa:

“Racismo é a hierarquia de raças, onde você cria um conceito de superioridade às outras pessoas”.

Ana:

“Racismo é uma total ignorância”.

Jully:

“Acho o racismo presente, mas muitas vezes invisível... Ele vive por trás sempre de um sim para aquele que teve mais oportunidades... E infelizmente o preto não tem os mesmos caminhos pois não tem os mesmos estudos”

Tainá:

“O racismo existe e está aí para todo mundo ver e, lidamos com isso todos os dias, seja em comentários sem graça ou em uma agressão direta”.

Janaína:

“O racismo é algo inaceitável que deve ser combatido a todo momento”.

Luana:

“Racismo está introjetado nas ações cotidianas, velado ou escancarado é, para mim, o pilar das desigualdades todas, sejam sociais, morais, financeiras, religiosas. O racismo, junto ao patriarcado e ao capitalismo, é o que impede o acesso e o trânsito dos corpos”.

Thaís:

“Acho perverso. Acho que a falta de informação, de representatividade nos lugares de prestígios (tv, política, alta escolaridade, pessoas bem-sucedidas) reforçam a desigualdade de oportunidades entre as raças, considerando a história política e social”.

Letícia:

“Racismo acho que é um dos maiores males do mundo, né... Tenho consciência de que o que eu sofri na minha vida, praticamente toda, foi mais pelo meu cabelo ser crespo e cheio do que qualquer coisa, mas que tem gente que mata e morre por culpa do racismo que já está tão embutido nas pessoas que elas falam e de certa maneira que nem percebem o que tem por trás daquela fala, infelizmente algumas coisas acabaram se tornando ‘habituais’”.

Júlia:

“Racismo é a escória do universo”.

Carol:

“Racismo uma coisa de pessoas fúteis, com falta de maturidade para entender que não é por ter um tom de pele diferente, um cabelo diferente, uma crença diferente que deve se menosprezar, diminuir e humilhar alguém”.

Vitória:

“Racismo acho que hoje pode até se ter uma consciência sobre isso, só que o fato de as coisas estarem mudando não significa que essa luta acabou e, que as pessoas acabam mascarando o racismo achando que como os tempos mudaram, isso mudou, mas é completamente diferente na realidade de um negro. Racismo é a falta de empatia total com alguém que é só um ser humano”.

(Rio de Janeiro, setembro – dezembro, 2017).

Começando na escravidão, meninos e meninas negras foram imaginados como mobiliário e costumavam ser postos em prática desde muito jovens aos dois ou três anos. Bastante subjugados à mesma desumanização sofrida por adultos negros, as crianças negras raramente eram percebidas como dignas de tempo para brincar e eram severamente punidas por exibir o comportamento normal de criança. (EPSTEIN; BLAKE; GONZÁLEZ, 2017, p.4).

Como parte da composição do ambiente, como uma cadeira, o negro é apresentado para nós como parte da estratégia de globalização desse racismo que vivemos no Brasil e internacionalizamos: vendendo a imagem negra principalmente para ser apreciada e utilizada como objeto do nosso país, em meio a boas ações bem-intencionadas, que subtraem mais uma vez o corpo negro à condição de mobília.

O *isso*, corpo negro, desde os tempos começados pela colonização, é imaginado como mobília, bicho doméstico ou selvagem, já exposto desde muito cedo às práticas de coisificação, adultização, hipersexualização e objetificação, tendo que aturar o filtro do colonizador, que a desumaniza, para pleitear o seu *viver bem* e harmonioso, junto da colônia / república/ democracia.

Nas suas boas intenções, o colonizador, acredita na verdade que cria. A ideia de *“verdade”*, aqui lida em Frantz Fanon (1968), exprime a noção de que no interior da constituição de um grupo de pessoas enquanto *“povo”*, a *verdade* sempre pertenceria aos *“nacionais”*: aqueles que fizeram desse lugar sua *“nação”*, não

pertencendo, nem respeitando os povos originais desse mesmo lugar. Os nacionais, entendem os povos originais, nativos, como não civilizados e, com o advento da civilização promovida pelos nacionais, somente quem tomar por referencial esse, impositivo, processo civilizatório, poderá ser apreciado pelo seio da *verdade*, portanto, contemplados pelo espelho. Já os não apreciados, os de fora da *verdade*, para FANON (1968), manifestam-se através do “*autêntico*”: aquilo que estraga os planos da colonização, corrompe a *verdade* do nacional e por esse mesmo motivo protege tudo *isso* que não é contemplado pelo espelho do colonizador.

Mas o problema da *verdade* é que ela nos ensina, ela quer nos ensinar cotidianamente das boas intenções, pois é a *verdade* que nos oferece a história sobre nós, que não fomos nós mesmos que construímos no berço *autêntico* do qual somos retirados pelos processos de adaptação e recuperação promovidos pelas normas do “dono da *verdade*”: o homem branco adulto, colonizador/ colono. Uma loucura que pela *verdade* não há maneira de se identificar, nem de tornar-se sujeito, pois a *verdade* nos distancia do que é de *autêntico* entre nós, meninas negras e meninos negros: a possibilidade de aturar-se na identificação com nossos iguais.

No seio da *verdade*, o negro é posto e, intrinsecamente, nebulosamente falando, criam-se serventias para este corpo, onde *isso* é posicionado no lugar de “*corpo mais-valia*”, como coisa, móvel, “*abominado, humilhado e profundamente desonrado, o negro é, na ordem da modernidade, o único humano cuja carne foi transformada em coisa, e o espírito em mercadoria – a cripta viva do capital*” (MBEMBE, 2014, grifo nosso).

Que a pessoa negra não corresponde, em sua semelhança, ao que é humano no seio da *verdade* (FANON, 1968), é o surto que não se atura, mas se tem que aturar para que não digam que estamos em surto, e, justamente por isso o surto faz-se necessário dentro dessa loucura na qual somos arremessados, porque na *verdade* não há amparo para o corpo negro. A menina negra, o negro em si, atua como objeto da *verdade* do branco, servindo como arma, animal e recipiente da *verdade*, que envenena o eu “*autêntico*” (FANON, 1968), quando a *verdade* é impecável na sua atuação, o negro não mais vê sua imagem diante do espelho, agora ele tem uma imagem que desejará para sempre atingir. E isto é o racismo. Não digo mais nada além do que racismo é algo que vale pelo que a própria palavra evoca: um sentimento.

Algo vivido exclusivamente como de corpo, ser alguém como eu no meu país é precisar constantemente justificar [me justificar/justificar-me], minhas palavras, para o seio da *verdade*, meus figurinos, posturas e atitudes, então, não irei justificar absolutamente nada, posso não servir para nada, mas com certeza não irei servir para a *verdade*.

Mesmo que a menina negra, ainda não saiba, o mundo do colonizador não está interessado em sua vida emocional. Mesmo sem saber, ela aprende a medida do tempo, e, com as recuperações, que não são apenas números e que no nosso país as coisas têm cor: a evasão escolar tem cor, a gravidez na adolescência tem cor, a falta de perspectiva com o mercado de trabalho tem cor, a violência, a desobediência, a morte e a solidão têm cor, que não é a branca. Já a igualdade é branca, assim como a boa educação, a colônia, a república, a *nação* e a democracia, apreciáveis diante do espelho.

Aquela que possui a cor da pele escura é ensinada por um movimento sincrônico da colonização que suas experiências serão mais amargas e, ainda na infância, serão percebidas como “não tão inocente assim”. Elas se afastarão, mais antecipadamente que outras crianças, da essência da inocência, uma desumanização a partir da retirada ostensiva de um sentido característico da vida, que se conhece ainda na infância: a liberdade.

Como se dá essa desumanização? Achille MBEMBE (2014; 2016) fala sobre o *Negro* ser exposto constantemente como “homem-coisa”, “homem-mercadoria”, “*homem-mais-valia*”, “*capturado*” pela colonização – “*corpo lucro*”. Não só na cultura escravagista, mas também nos acontecimentos posteriores, “*formatando mentalidades e instalando nos espíritos o veneno do racismo*”. O negro, sem julgamento, é constantemente “*vulgarizado como inimigo*”, sendo reconhecido dentro de todos os sinônimos para racismo, uma invenção do capitalismo como forma de exploração da natureza e dos humanos: *homem-mais-valia*, o negro não é definitivamente uma humanidade neste contexto, presumidamente, é mais como *coisa*, reduzido assim por “*pertencer a outro*” (MBEMBE, p. 6-7, 2014, grifo nosso).

O negro-mais-valia, mercadoria, móvel, como parte da verdade, que é do colonizador, compõe, essencialmente, um conjunto que Achille MBEMBE (2014) vem evocar como “vertiginoso conjunto”, conceito aqui falado para não ser prolongado e, sim, lembrado para que possamos dizer das coisas, que irão nos saltar na forma de palavras, importantes de lembrar, juntas agora, para sabermos que: O negro neste

sentido é, antes de todo o resto, um sujeito aprisionado no seu próprio desejo, onde a satisfação deste desejo, ou sua felicidade pessoal está inteiramente ligada à sua “capacidade de reconstruir publicamente a sua vida e de oferecê-la num mercado como um produto de troca.”(MBEMBE, p. 15, 2014).

No *mundo colonial* (FANON, 1968), a *verdade* é que o trabalho: a forma como o colonizado se aplica a este mundo, esse aplicar-se é o que define e faz com que esse colonizado seja apreciado, e é também seu meio de interagir e negociar seu viver bem, bem viver, com esse mundo, o negro mais-valia está alienado à posição de render-se à conhecida serventia de seu corpo, ditada pelo seu colonizador, para então ser valorado, bem avaliado, classificado, estimado, qualificado, ponderado, enfim, reconhecida como de valor. No mundo colonial, aparentemente, para autopreservação, a negra, negro, deve aplicar-se *bem*, no *bem da verdade*, então, “você comerá do fruto do seu trabalho e será feliz e próspero” (Salmos: 128.2), afinal, o trabalho é o que dignifica o homem, e, uma mulher edifica um lar, assim associados a obra da redenção, face a face, com o espelho e sendo apreciado pelo seu dono.

Para compreender o sentido por trás da expressão “Negro mais-valia”, de Achille Mbembe (2014), seguimos o entendimento deste politólogo sobre o capitalismo: existe o explorador e o explorado, quando se trata de um determinado negócio e, existe também a força de trabalho empenhada por esse explorado para produzir a mercadoria. O valor da venda ou troca da mercadoria é determinada pela força de trabalho para produzi-la, mais ainda, o explorar não paga um valor que cubra todo o empenho da força de trabalho do explorado. Um conjunto vertiginoso, que nos leva a perceber o negro em meio a este esquema de capital, como o explorado que empenha força no trabalho, não para produzir uma mercadoria ou obter lucros sobre ela, mais para ser apreciado pelo seu explorador, a partir do lucro que este segundo pode obter com a mercadoria que o primeiro produziu, querendo ser valorizado pelo empenho que colocou na produção: este esforço é o fruto e também a mercadoria, do “Negro mais-valia”, que gera o lucro de seu explorador. A valorização dessa mercadoria é definida por intermédio de avaliações e até melhoramentos realizados, ainda que isto não esteja atrelado a uma alteração no mercado de venda, ou alguma transformação dessa mercadoria, no entanto já não sei mais de que mercadoria estamos falando, se é a força, se é o suor, o trabalho, o sangue, o corpo ou a mobília.

O negro, dentro neste esquema, fica posicionado como bem no sentido de mercadoria construída por esse conjunto vertiginoso, e também é força de trabalho em si, que alimenta o próprio esquema: aplicando-se no trabalho, oferecendo sua redenção à obra, produzindo as mercadorias, para ser avaliado, qualificado, junto delas, vale menos do que o produto, e, ainda sendo inferior ao que surge de seu próprio labor, continua valendo menos do que tudo que produz, que vale mais que seu corpo, seu bem viver, no viver bem.

E seu valor de mercado é atribuído por aquele que neste contexto possui o sentido de ser, tem e usa, portanto quem define o que é por ele mesmo criado, mais serventia que servidor, servente ou serviçal: o capitalismo que vivemos, e como o negro está posicionado no centro das formas de produção lucrativa para o esquema colonial, sendo propositadamente convertido em força e dinheiro, possui uma visão onde todos os acontecimentos e todas as situações que interpelam a palavra negro, não só podem como tem “valor no mercado” (MBEMBE, 2014, p. 13) .

A nação, conhecedora dos seus avanços, retratista de si mesma, objetiva solucionar os problemas humanos e sociais, culturais, econômicos, toda a ordem de mal, para viver bem, passando primeiro pela recuperação do defeito de cor, para valorização dos nacionais e, as meninas das quais estamos falando, são as filhas enjeitadas por um massacre estuprador de base racista. A verdade atribui valor às nossas filhas para recuperar a nação, pelas boas intenções e, também às despreza, para que sintam que é o colonizador quem faz a nossa história. O desprezo dá origem a um “sujeito neuroeconômico”, responsável por suas tomadas de decisão, embebida da inquietante situação em que é posicionada, um tanto animalizado e outro tanto coisificado, sentenciada a aprender por toda vida a abraçar “a sua condição de sujeito solúvel e descartável para responder à injunção que lhe é constantemente feito – tornar-se outro” (MBEMBE, p.15, 2014).

“O Negro ser aquele (ou ainda aquele) que vemos quando nada se vê, quando nada compreendemos e, sobretudo, quando nada queremos compreender. Em qualquer lugar onde apareça, o Negro liberta dinâmicas passionais e provoca uma exuberância irracional que tem abalado o próprio sistema racional. De seguida, deve-se o fator de que ninguém – nem aqueles que o inventaram nem os que foram englobados neste nome – desejaria ser um negro ou, na prática ser tratado como tal. ” (MBEMBE, 2014, p.19).

Sujeito neuroeconômico, como diz Mbembe, de características que podem ser mimetizadas, porém ainda assim, seu mímico não desejaria receber o tratamento inumano destinado à pessoa de cor, condenado à degradação e ao genocídio. “ Sempre quis ser escurinha, igual você”, “minha filha quer ser negra”, “ se esfrega em mim até eu ficar da sua cor”, “ ...de alma negra”. Que macarrônico! Porque afinal: “o Negro é, na ordem da modernidade, o único de todos os humanos cuja carne foi transformada em coisa, e o espírito em mercadoria – a cripta viva do capital” (MBEMBE, 2014, p.19). Uma loucura de onde nenhum de nós permanecemos incólumes, vista as definições amplificadas das nossas neuroses, tanto as “que jaz nos muros dos hospícios” quanto no ensurdecimento da terra mediante nosso furor barulhento (LACAN, 1998, p.103).

A pele negra, escura, marcada por não possuir o sentido de Ser, então também nada tem, e nem pode usar, é usada, vestida, despida, serventia, tem o suor e o sangue bons e fecundos para a fertilização do solo da nação. A pele negra, escura, marcada por um “não tão inocente assim”, sem o direito de errar, nem possuir o sentido de infância, ainda criança. A pele negra, escura, marcada pela neurotizante loucura que a aprisiona, ainda que do lado de fora, direciona aquela que nem sabe se é um sujeito, ao abismo nebuloso da solidão e esquecimento. Imagine ser uma menina... pretinha. Com que frequência nos perguntamos, onde será que essas outras meninas estão? Com que frequência nos perguntamos onde elas querem chegar?

Eu sou apenas uma professora de dança, esse é meu trabalho e, eu entrego meu corpo no meu trabalho e nessa escrita tendo como única motivação, o compromisso que tenho comigo e, por isso mesmo, com essas meninas, então essa dissertação não serve, mas eu a ofereço como artefato às meninas negras, porque nós vamos querer.

Ainda que não possamos querer... E querer é poder? Poder?

Para falar de tudo isso, demonstro minha afinidade com a política e trabalho da morte no tornar-se sujeito, apresentado por Achille MBEMBE com sua “Necropolítica” (2016, p.122 – 155).

Racismo, para falar nisso, Achille examina as trajetórias passando pelo “estado de exceção e as relações de inimizade” e como essas tornaram-se norma base do direito de matar. O poder, ainda que não seja estatal, mas disponibilizado nebulosamente por este Estado, possuidor da moral e o civilizado direito de matar,

poder é a continuidade a extensão do estado de exceção ao seu povo nacional, que em emergência, cria uma imagem “noção ficcional” de um inimigo. E essa relação entre poder e fazer política, produz e fomenta a morte, em estado de emergência, Mbembe aponta que, cria-se e funciona “uma divisão entre as pessoas que devem viver e as que devem morrer”, base essa que nos divide entre vivos e já mortos, uma base definida por um poder de campo biológico, pressupondo “a distribuição da espécie humana em grupos, a subdivisão da população em subgrupos e o estabelecimento de uma censura biológica entre uns e outros”. (2016, p.129)

A raça, no seio da verdade, ou melhor o racismo no seio da verdade, toma um lugar de racionalidade própria do direito de matar para deixar viver ou de deixar morrer para poder viver. A raça “ foi a sombra sempre presente sobre o pensamento e a prática das políticas do Ocidente, especialmente quando se trata de imaginar a desumanidade de povos estrangeiros – ou dominá-los. ”. Achille Mbembe considera enfim que a política da raça é a política da morte em si, ambas definidas por aquele que exercer a soberania, o direito de matar, direito que distribui a morte e “torna possível as funções assassinas do Estado”. (2016, p. 129)

As contribuições da Necropolítica, de Achille MBEMBE, atravessam esta pesquisa no seguinte sentido: a relação entre morte e “tornar-se sujeito” é demarcada a partir da concepção de morte, que estaria, primeiro, centrada de alguma forma no conceito de “negatividade”, onde o ser humano faz o esforço de negar a própria natureza para em seguida transformar o que nega por meio do trabalho com a morte e, por intermédio do confronto com morte, o negro e a negra, “é lançado (a) no movimento incessante da história”, tornar-se sujeito é a suposição de sustentar o trabalho da morte. Atura, que sustentar este trabalho da morte é o que define a vida do espírito em sua eternidade. E a vida do espírito, não tem medo da morte e não se poupa da destruição; se não der para aturar – surta -, que essa vida já pressupõe a morte e vive com isso: “desmembramento absoluto”, essa é a política da qual nos fala o filósofo e teórico político Achille Mbembe (2016, p.123 – 126).

E esse desmembramento, ele encontra com a descontinuidade do corpo, nas danças eróticas de George (BATAILLE), Mbembe convida a dizer, que o ser originário morre, e, essa morte dá origem a outros novos seres, iguais e diferentes, entre si e em relação ao outro, onde a morte de uma implica diretamente na sua reprodução, essa completude, incompleta, descontínua, continua e desmembrada de

vida de espírito e corpo físico, mesmo no encontro derradeiro com a morte não se decompõe, ela dá origem a mais duas vidas novas. O desmembramento não nos separa entre vida e morte, nem é a morte que irá definir nossa separação, mas a morte será responsável por nos unir mais uma vez e descontinuar algo novo.

Antes e, primeiro, a morte é interpretada como “troca e superabundância” nos excessos, de Bataille. Depois e, ainda primeiro, a vida é falha quando aprisionada pela morte, vida só existe no confronto orgíaco e nada glamoroso com a morte, porque “a morte é putrefação da vida”, fede, é feia, suada, sangrada, menstruada e com jato de esperma colado, já seco, na pele do rosto e cheia de terra, repulsivo beijo no asfalto. Destruindo o que se era abrindo espaço para que isso não se reduza, ainda que na morte, porque, a morte “não se reduz ao puro aniquilamento do ser”, e pelo contrário, é saber-se de novo, algo novo, diferente, constrangedoramente a forma “mais luxuosa de vida, ou seja, de efusão e exuberância: um poder de proliferação”, onde nada se encontra perdido (MBEMBE, 2016, p.126).

Sem reservas a morte é destruição, e, sacrifício, nas palavras da Necropolítica, constituída por um dispêndio irreversível e radical, que já não é mais determinado como a negatividade que a palavra “morte” vale quando invocada no seio da verdade – sendo para o autêntico sujeito neuroeconômico, sua “antieconomia”, daí o luxo de Achille Mbembe, a única riqueza no tornar-se sujeito, mesmo quase morto: preciosa morte, nos impulsos orgíacos e de excrementos, o luxo da morte está associado à violência de dissolução das fronteiras de si e do corpo. E recusa fortemente aceitar as fronteiras que o medo da morte impunha ao sujeito, “A morte está presente nele, sua presença define esse mundo de violência, mas, enquanto a morte está presente, está sempre lá apenas para ser negada”, essa negativa à morte, não consiste em afastar a existência dela, mas em afugentar os espectros soberanos, desobedecendo os limites de identificação com esta soberania e suas exigências. Surge dessa discussão o que MBEMBE entende por “devir-objeto”, da morte que vive uma vida humana, subordinada ao poder da soberania e daqueles que a exercem, esse devir é a subordinação a toda uma lógica impositiva e impessoal, lançada ao corpo pelo reinado da “racionalidade instrumental”, instrumento da verdade para uma política como “relação bélica por excelência”. (MBEMBE, 2016, p. 127-128).

[...] a racionalidade da vida passe pela morte do outro; ou que a soberania consista na vontade e capacidade de matar para possibilitar viver. [...] as câmaras de gás e os fornos foram o ponto culminante de um longo processo de desumanização e de industrialização da morte, entre cujas características originais estava integrar a racionalidade instrumental com a racionalidade produtiva e administrativa do mundo ocidental moderno (a fábrica, a burocracia, a prisão, o exército).

Esse processo foi, em parte, facilitado pelos estereótipos racistas e pelo florescimento de um racismo baseado em classe que, ao traduzir os conflitos sociais do mundo industrial em termos raciais, acabou comparando as classes trabalhadoras e os “desamparados pelo Estado” do mundo industrial com os “selvagens” do mundo colonial.

(MBEMBE, 2006, p.30)

A guilhotina, a câmara de gás, o abatimento sob a mira de atiradores de elite em helicópteros, o desserviço nas fileiras dos hospitais, os tiroteios nos arredores da escola, o favor, na bolsa ou no porta-luvas do carro, de ter um metal cromado para autodefesa, toda a modernização das formas de matar, invoca novas tecnologias de assassinato que não somente visam civilizar os caminhos da morte, mas também supostamente “*eliminar um grande número de vítimas em espaço relativamente curto de tempo*”, toda uma sensibilidade que emerge de nós como cultura, “*na qual matar o inimigo do Estado é uma extensão do jogar*”, de forma cruel e tranquila, na razão: “*o terror é interpretado como uma parte quase necessária da política.*” (MBEMBE, 2016, p.130, grifo nosso)

Aquele que aplica o *terror*, na *verdade* de *poder* da soberania define e dá fim ao inimigo do Estado e, também acredita que é possível ser distinguido desse inimigo ao aplicar o direito de matar que a soberania o concede e mesmo que diante do possível “*erro*”, esse cidadão *nacional*, tende a conjecturar-se diferido de qualquer espectro de “*crime*” ou criminoso, dada a política trabalhada pela força da razão, criadora de hiatos onde o “*errar é humano*”, é *verdade*, e um corpo reduzido ao *erro* é burrice, reforçando que o inimigo precisa ser eliminado e abatido.

Quando um outro tenta obstinadamente me provar que os negros são tão inteligentes quanto os brancos, digo: a inteligência também nunca salvou ninguém, pois se é em nome da inteligência e da filosofia que se proclama a igualdade dos homens, também é em seu nome que muitas vezes se decide seu extermínio. (FANON, 2008, p. 43)

No contexto do mundo colonial, a dominação exerce o *terror* e o direito de matar, e o colonizado, que foi escravizado, tenta perseguir para si os meios do *terror* e da *morte*, depois da perda tripla: do lar, do direito sobre seu corpo e perda do status político, quando recaiu sobre si a perda absoluta da morte social. Aqui Paul

Gilroy (2011) aparece dizendo que nós, os escravizados colonizados, vivemos em uma estrutura política na qual não podemos sequer pensar, nem tampouco exercitar o *poder* de expressão, portanto não somos uma comunidade, enquanto o corpo pertencer a um mestre da razão, o colonizador. No campo da comunicação, a reciprocidade com espaço o da colônia e colonizador, dar-se-á por intermédio da “*rebelião e suicídio, fuga e luto silencioso*”, GILROY (2001), apud MBEMBE (2016, p.132, grifo nosso).

São escolhas que fazemos, são decisões que tomamos, o instrumento de trabalho da escrita empenhada em comunicar sobre racismo, é caro demais, caríssimo, algo que se paga com a própria cabeça, sangue jorra, veneno e bálsamo. Prioridades, esse trabalho com a morte em suas danças é necessário e será mantido vivo, mas não como verdade, atura ou surta, “ Além do mais, ele era bem preto, andava sempre atrás dos demais, tremendo ao menor movimento de cólera do contra-mestre e sendo, enfim, morto na aventura”; aventura? Vamos querer!; “ Eu bom operário, nunca mentir, nunca roubar” (FANON, 2008, p.43), se não me deixar brincar, eu vou roubar, eu vou mentir, contudo, eu irei brincar e me aventurar, mas pelos caminhos do “estado de injúria”, no mundo de terror, horror e crueldade, da razão, mantida viva e dançando pelo tanto de tempo que durar a espetacularização da dor e da morte impostas ao “corpo do escravo”. (MBEMBE, 2016, p. 132).

O corpo, isso, cria um terror sagrado pela escavação de ossadas desaparecidas, lembranças de corpos mutilados, desmembrados, terror dos fantasmas que permanecem como representação irreconciliável diante do crime contra o parente assassinado. (MBEMBE, 2016, p. 137). Assassinado pelas mãos dotadas do direito de exercer a violência ou matar, geradoras de “ máquinas de guerra”: “soldados-cidadãos”, “crianças-soldados”, mercenários, corsários, heróis versáteis, que desfrutam tanto da autonomia quanto da incorporação para com as formas estatais:

Cada vez mais, a guerra não ocorre entre exércitos de dois Estados soberanos. Ela é travada por grupos armados que agem por trás da máscara do Estado contra os grupos armados que não têm Estado, mas que controlam territórios bastante distintos; ambos os lados têm como seus principais alvos as populações civis desarmadas ou organizadas como milícias. (MBEMBE, 2016, p. 142)

Temos assinalado com essas muitas páginas precedentes, que existem sub-regiões, onde a soberania e a responsabilidade política estão sempre “convocando o

povo ao combate”: um combate contra a “miséria”, conhecidas no mundo colonial falado por Frantz FANON, com a obra “*Os condenados da terra*” (FANON, 1968, p.75). Miséria que faz com que prevaleça entre nós a ideia de que para o desembaraço de nosso próprio complexo de inferioridade, faz-se obrigatório provar e comprovar que o então mundo no qual vivemos e, nós mesmos, somos capazes de iguais realizações assim como os povos que nos colonizaram e essa crença, de atingir alto posto de “desenvolvido”, espelhado em outras nações - estrangeiras, são os problemas da nossa violência tóxica, que concordamos, através de tratado silencioso, em “desintoxicar”, parecendo sermos justos e razoáveis ao nutrirmo-nos do sangue escravo, assim como fomos ensinados a alimentar a dileção pelos nossos metais: é ferro sanguíneo no asfalto , é carro e couro blindado, é metal cromado na corsa, prata dourada na bolsa, é o atravessa couraça, é bala no meio das costas. Ultrajados, nem podemos admitir que essa é a nossa “miséria”, a que abraçamos com peito aberto e desumano, aceitando de bom grado, para *bem viver no viver bem* a “ maldição da independência”, de tentar constantemente ser outro, por pertencer a outro (FANON, 1968, p.75 – 77).

“ Não resta então aos dirigentes nacionalistas outro recurso senão voltar-se para seu povo e pedir-lhe um esforço grandioso. Desses homens famintos exige-se um regime de austeridade, desses músculos atrofiados reclama-se um trabalho desproporcionado. Institui-se um regime autárquico e cada Estado, com os pobres meios de que dispõe, trata de responder à grande fome nacional, à grande miséria nacional. Assiste-se à mobilização de um povo que desde então se esfalga e esgota perante uma Europa saciada e desdenhosa” (FANON, 1968, p.77 – 78).

As leituras de corpo, estão inteiramente vinculadas às leituras de mundo, é o que disse me certa vez Paulo Freire (1979/2014, p. 7 – 14), sobre o compromisso com a mudança, é preciso ser capaz de agir e refletir, que um analfabeto só poderá iniciar seu espertar para as palavras e enfim reduzir sua inibição com a escrita, quando ele próprio começar a indagar ao mundo sobre a forma como foi posicionado nele. Quais foram os movimentos que esse mundo deu para que ele não soubesse ler? Perguntas que fazem brotar do âmago do próprio corpo a força necessária para mover o mundo e aprender a ler e escrever: “É preciso que seja capaz de, estando no mundo, saber-se nele”: Saber que, a forma como se está no mundo condiciona a sua consciência deste estar e, que essa forma de estar sem dúvida gera a meticulosidade necessária de entender que sua consciência no mundo é uma “consciência condicionada” a este estar, assim como você foi colocada lá.

Para FREIRE (2014), o “compromisso” com a “mudança”, é entendido quando se atura que você não sabe ler nem escrever, ou não é bom da matemática, não é boa para casar, você não é uma boa menina, quando você mesma começa a entender quais foram os movimentos que o mundo deu, para que você não fosse uma boa menina, não fosse considerada uma boa menina, mesmo na disposição de tentar. Você se pergunta; “por que (?)”; não pôde brincar como as outras meninas, por que (?), você tinha que ser diferente(?), por que você não pode (?); quando você se levanta e pergunta isso para o mundo, ele não te responde: não é a terra de fora que te responde, porque a resposta, esteve sempre te acompanhando, assim como suas orelhas, é aí que entra o Paulo Freire e o analfabeto, que só lê quando brinca de ler o mundo a partir de seu corpo.

As flores brotam como dois sentimentos que nascem do peito daquela que teve a voz e as palavras embargadas durante anos: a fúria e o amor. A fúria de se dar conta que não foi por sua causa não ter aprendido a ler e escrever, e o amor pelas coisas que conheceu até aqui e que providenciaram seu espertar, para as palavras em si. Maravilhosamente, se eu não alimentasse dentro de mim esses dois sentimentos que são fúria e amor, conseqüentemente eu não desejaria com todas as minhas forças, me tornar uma professora. Não por uma suposição de inteligência ou superioridade, ou por uma crença na boa educação, mas no meu *compromisso*, “importante não é educá-los, mas levar o negro a não ser mais escravo de seus arquétipos”; “Ingratos! Decididamente, não se pode esperar nada de vocês”: “Nosso inimigo é o professor” (FANON, 2008, p 48).

Considera, Jean-Paul (SARTRE, 1961, p. 3 – 21) ao prefaciá-lo (FANON, 1968): “o aprendizado a que por sua vez serão submetidos, aprendizado de humilhação dor e fome, suscitará em seus corpos uma ira vulcânica cujo poder é igual ao da pressão que se exerce sobre eles [...] o ódio é seu único tesouro” (SARTRE, 1961, p.11), não podemos esperar nada menos que essa “ira vulcânica”, furiosa, de uma boca de muito tempo sufocada, já que, “O trabalho do colono é tornar impossíveis até os sonhos de liberdade do colonizado. O trabalho do colonizado consiste em imaginar todas as combinações eventuais para aniquilar o colono” (FANON, 1968,73).

A palavra, injuriosa, equivocada, furiosa, nas palavras fanonianas, por assim dizer, assume para si uma linguagem e, quando assume uma linguagem, assume um mundo, enquanto a linguagem for para Fanon um “instrumento cultural” (2008, p.

49), pensado o termo da palavra (“*palabre*”) em um grupo de crianças divertindo-se “lançando para o mundo apelos irresponsáveis, quase rugidos; crianças em pleno jogo, na medida em que o jogo pode ser concebido como uma iniciação à vida.” (FANON, 2008, 41). Nesse momento, em que entramos no jogo, com nossas próprias brincadeiras, o compromisso, seria um a palavra oca, mera abstração, se não fosse uma decisão lúdica, por assumir fúria e amor, no plano concreto, como sentimentos que nos empurram para a mudança.

É chato você ter de passar o tempo todo fazendo papel de boazinha, não se metendo em confusão, não reagindo às provocações de gente como a Carmita, apenas porque o pai da gente diz que pessoas como nós não devem se comportar mal, que é feio brigar e que vão falar mal da gente se brigarmos, xingarmos ou não concordarmos com o que nos dizem. Eu já não estava mais aguentando ter de engolir tudo o que Carmita dizia ou de ser sempre a sabe-tudo da sala. Eu quero apenas ser igual a todo mundo (BRAZ, 1997, p.50)

Figura 10 – *Ils n’oublie pas, et nous?*



Fonte: A autora, via dispositivo móvel. 15 de junho de 2018. 10 Rue du Rivoli, Marais, Paris – França.

Lembrei-me de Marielle Franco:

Tratando-se dessas mulheres que vivem nos territórios de periferias, e principalmente do maior grupo que as compõe - negras (pretas e pardas) -, a trajetória impulsionada pelas mesmas marca-se pelo instinto primário da sobrevivência (delas e de suas famílias). (FRANCO, 2017, p. 91)

O elo mútuo em prol da manutenção da vida, na tentativa de gerar afinidades para preservar o grupo, nessa perspectiva, avistamos o grupo de mulheres, que estão ainda mais agudamente posicionadas em condições de embargo, dominação e restrição de seus direitos, desencadeando sua lógica de sobrevivência, a partir do martírio, e não do heroísmo, dada a posição, flagradas diante de intensas interdições, é preciso diminuir a questão da distância. Ainda sobre a Necropolítica, o mártir, ou aquele corpo que atua na lógica do martírio, empenha-se na própria sobrevivência da mesma forma que um “homem-bomba”, onde a arma é o próprio corpo. O corpo não esconde arma alguma, ele é em si o cúmplice e aliado, no movimento criminoso: a morte assume caráter de transgressão, ao contrário de aceitar a crucificação. (MBEMBE, 2016, 144-145)

Não que haja um desejo afirmado de não representar nessa escrita outros grupos diferentes de mulheres, no entanto, atento para o fato de uma história comum entre corpos que são subalternizados por serem femininos e, mais ainda, que há algo terrivelmente impensado, ou negligenciado, por tais corpos serem negros, e, portanto, trato aqui, principalmente, da temática do racismo no contexto de meninas e mulheres negras. Consumada a construção da violência, da barbárie da colonização, os massacres do passado, longínquo e recente, “quase” presente, nossas memórias têm sido estupradas e pisoteadas, por décadas, séculos, e, atualmente, somos favorecidas apenas com memórias borradas de situações ditas comuns, das quais nada sabemos, que não seja pela boca do colonizador.

Aceitar cordialmente que o debate de gênero supriria as necessidades de sobrevivência dos seus, no martírio de mulheres negras, seria um ato de crueldade contra o próprio corpo. O sentido de sobrevivência para a negra não se restringe unicamente a tentar superar estatísticas asfixiantes de mortalidade de mulheres e da população negra, esse sentido acolhe algo que diz respeito “também às condições de morar, alimentar-se, viver com saúde, de se vestir, sair às ruas, transitar pela cidade, condições dignas de trabalho, mobilidade corpórea para si e seus filhos, ter

"acesso à diversão e arte" (FRANCO, 2017, p. 92). Disse Marielle Franco, negra, favelada, lésbica, mãe, esposa, eleita vereadora da cidade do Rio de Janeiro em 2017, defensora destas palavras e dos direitos humanos, barbaramente assassinada em 14 março de 2018.

Morte e terror de um lado, terror e liberdade do outro lado: lógica do martírio e lógica da sobrevivência, do confronto com essas lógicas, o terror e a morte não estão em lados distintos, aqui tomam o sentido de sentimento, MBEMBE diz que "estão no coração de cada um", sobrevivente é quem percorre o caminho da morte, sabendo os extermínios e permanece entre os caídos, mesmo ainda vivo, ou sobreviveu, não somente por ter saído com vida do combate, mas por ter matado seus agressores, " por isso, em grande medida , o grau mais baixo da sobrevivência é matar", a essa maneira esse sobrevivente se sente único admirando o cadáver do outro e, a cada cadáver pelo qual ele passa, seu sentimento de segurança aumenta. Já na lógica do martírio, caminha diferente, como " kamikaze" "terrorista". (MBEMBE, 2016, p. 143).

Ainda que sem *poder...*

"As meninas servem para o que elas quiserem servir, não estereotipamos isso, cada uma faz o que quer, e escolhe seu futuro!" (JADE)

"A mulher já nasce com a predisposição de se virar em mil... Meninas servem para brincar do que bem entenderem, servem para sonhar, conquistar seus objetivos, destruir barreias impostas pela sociedade machista entre muitas outras coisas". (ÉRIKA)

"Para crescerem e se desenvolverem no que as fazem felizes, seja na vida profissional ou pessoal". (YANNI)

"Eu acho que para o que quiser, mesmo ainda não sendo totalmente aceitas na sociedade, acho que podemos conquistar o que bem quisermos, ir atrás". (ISA)

"Acho essa pergunta um pouco vaga, meninas, meninos, ser humano! 'Pra' que servem, por que nascem, qual seu propósito? É algo difícil de falar. Mas no que se refere à existência da menina na sociedade, para que ela serve, creio que servem para algo muito mais útil que apenas ficar dentro de casa, ou à sombra de um

alguém... Acho que servem para ser independentes, felizes, fortes, a menina ou a mulher também serve para ser peça fundamental na sociedade e não um descarte por ser dita 'incapaz' de algo, menina é tão capaz e tem tanta serventia quanto um menino. Bem, espero que tenha ajudado, realmente escrevi o que veio à cabeça, talvez não tenha entendido pela sua perspectiva. Mas foi de coração. Boa sorte em suas pesquisas, você é uma menina que é e (sabe que é) totalmente capaz, espero que desperte isso em todas as meninas, mulheres que passar em sua vida". (ANA)

"Essa última pergunta também não entendi muito bem... As meninas existem... Elas não devem servir nada... Elas existem para serem livres, serem corpos livres para se expressar, amar e ser quem elas são". (JULLY)

"Para tudo que elas quiserem, profissional, emocional. A mulher pode e deve fazer tudo que ela quer, estar no lugar social e físico que quiser". (TAINÁ)

"Servem para ser gente como qualquer ser humano, dignas de respeito acima de tudo. Aproveitando cada momento de sua evolução, da infância a vida adulta". (JANAÍNA)

"Não entendi essa pergunta. Como assim 'para que serve'? Seres humanos servem para coisas várias. Pode me explicar melhor essa pergunta? " (LUANA)

"As meninas são humanas como qualquer outro e servem para ser o que elas quiserem ou decidirem; seja mãe ou não, gestora do lar, empresárias, jogadoras de futebol, condutoras de avião, astronautas Etc. Bom! Espero que eu tenha ajudado... Bons estudos e pesquisas... E quando concluir partilha conosco". (THAÍS)

"Teoricamente servem para a mesma coisa que os meninos, né? Pelo menos na minha humilde cabecinha deveria ser assim, todo mundo igual, aprendendo as mesmas coisas, etc., mas na prática a gente sabe que não é desse jeito que funciona, que as meninas infelizmente servem para desde cedo aprender a servir". (LETÍCIA)

"Para serem exatamente o que quiserem". (JÚLIA)

“Para tudo! Não devemos impor o para que, assim como os meninos podem ser o que quiserem, as meninas também podem! Sem essa de meu filho vai ser policial e minha filha vai ser dona de casa, se a menina quiser ser policial ela vai ser, não importa quantas dificuldades existam se for mesmo da vontade dela, ela conseguirá”. (CAROL)

“Servem ‘pra’ ser o que elas quiserem ser, assim como os meninos. Servem para fazer diferença, assim como os meninos”. (VITÓRIA)

(Rio de Janeiro, setembro – dezembro, 2017)

3 ENTRA, SENTA E FICA À VONTADE: NOÇÕES FAMILIARES PARA O JANTAR

Um animal que sequer existe, ou que tem de negociar sua existência no seio da *verdade* e, que deixaria de existir, se preciso fosse, pelo viver bem, no bem viver, quando seu existir somente serviria para estragar os planos das boas ações bem-intencionadas do mundo. Por acaso você se sente mais seguro se souber onde os animais selvagens estão?

— Trindade — a voz do padre Couto chegava até ele quase apagada. Na despensa, os ratos por um momento se calaram. Vinham vindo passos pela sala, pela cozinha, pelo pequeno corredor, até parar diante da porta: — Trindade.

Não respondeu. O vigário irritou-se: — Está dormindo, animal? Trindade levantou-se, destrancou a porta. — Vem fazer o chá — e padre Couto retirou-se. Trindade enfiou as calças por cima da camisola de dormir. Chá forte e café amargoso: conhecia o gosto do vigário. O café era torrado em casa, depois passado no pequeno moinho preso à mesa da cozinha. O chá era presente de fazendeiros. Tinha de acender o fogo. Soprou uns restos de brasas, juntou uns cavacos secos, atçou as fagulhas com o abanador e botou três achas de lenha para alimentar o fogo.

Na sala, o padre tossia e escarrava com estardalhaço. Os relâmpagos lá fora pareciam mais distantes e os trovões agora eram quase imperceptíveis. Pôs a água para ferver e sentou-se no tamborete, os cotovelos fincados nos joelhos. O fogo crepitava. Um rato apontou a cabeça junto da porta, parou um instante e desapareceu correndo. — Anda com isso — chamou padre Couto lá da sala. O desejo de Trindade era demorar sempre mais, era não fazer o chá. Não servir ao vigário caduco, que acompanhava no altar, na mesa de refeições, no trabalho do pomar e na criação das abelhas. Sempre o padre Couto, padre Couto por toda parte e a toda hora. Filho de padre. No dia seguinte, depois da missa, a surra de vara de marmelo. Quando o padre Couto prometia, por nada deste mundo deixava de cumprir.

O vento lá fora de novo começou a soprar mais forte. Um trovão ribombou dentro da cozinha. Um pedaço de calha batia na parede monotonamente. A chuva começou a cair. Trindade acabou o chá e, quando ia encher o bule, tropeçou num pires no chão. Era o pires com o trigo roxo. O veneno não dava cabo dos ratos, espertos, roendo o milho da despensa. — Anda ligeiro — implorou o padre, acometido de novo acesso de tosse. Trindade parou, a bandeja na mão: o chá, a xícara, o açúcar. Abaixou-se com cuidado e apanhou o pires com o trigo roxo. Como se a decisão já tivesse nascido há muito dentro dele, prolongou o movimento e derramou o veneno na xícara de chá. Apressou o passo, para a sala. Padre Couto cochilava na cadeira de balanço. Aberto, no colo, o breviário. — Padrinho, olha o chá. — Trindade aproximou-se. Sua voz era tranquila. Padre Couto serviu-se, tomou a xícara nas mãos, aspirou por um momento o aroma do chá, depois sorveu-o a grandes goles.

— Que diabo você meteu neste chá?

— Nada. Chá.

Trindade retirou-se. Padre Couto recostou-se na cadeira de balanço, a xícara nas mãos. Sua tosse ecoou por toda a casa — tossia pela última vez. Trindade foi até o adro e aí contornou a igreja, entrou no cemitério. Chovia agora pesadamente. Trindade desceu a laje molhada sem escorregar, passou pela caverna onde estivera à tarde e continuou até alcançar a Boca

do Inferno. (RESENDE, 2014, p. 23 – 24)

O cativo liberto, filho de uma “mulata bêbada” que pagou com o preço da vida a má vida que vivia, escorada pelas paredes, rastejante pelas velas, corpo-latrina: mulher negra, com filho sem nome. O menino Trindade, agora aparece com 14 anos, servia ao querido padrinho desde seus 4 anos, adotado por este vigário, adotado. O “filho de Padre”, ao envenenar seu mentor, seu orientador, o homem que a ele tudo queria ensinar, demonstrar, educar, maltratar para recuperar, se direciona com destreza, e, sem escorregar na laje molhada, ao calabouço que leva para o buraco fundo e silencioso do inferno, cai delicadamente como um dos contos de “ Boca do Inferno”, de Otto Lara Resende.

Ainda que os abolicionistas manifestassem grande indignação com a situação da privação de liberdade dos negros, ainda não podiam pensá-los como indivíduos socialmente inseridos, este esforço, eles entendiam que partiria da suposição de que agora libertos, poderiam trabalhar para seu auto sustento, e sair sozinhos da subcondição de existir, que a eles foi destinada, durante os anos de escravização. É de deixá-los estarecidos e atônitos, que grande parte dos cativos, agora libertos, vagam desorientados, sem condições de auto sustentar-se, sem trabalho, ou em subempregos, da situação semelhante à do período de privação da liberdade.

É de deixá-los comovidos que as condições de vida dos negros são comparáveis a de animais, onde “olhar comovidos” os entorpece do mesmo veneno que nos diz incompetentes, preguiçosos e vagabundos em nossas formas de aplicar nosso trabalho. E já que somos livres é de comover, ver o negro querer fazer, mas é de comover, apenas, nada que lhe tire do lugar, o importante é vê-lo se esforçar, e, esforçar.

No plano inconsciente, as engrenagens de elaboração que entram no jogo das construções de representações ideológicas, são os “*mecanismos de defesa*”, de Anna FREUD: operação pela qual “*eu*” exclui da consciência os conteúdos que incorporam impulsos indesejáveis, ou tudo aquilo que se caracteriza como a identificação com o agressor, introjetando desde a infância, no corpo, algumas características de objetos [externos] geradores de angústia (NOGUEIRA, 1998, p. 17). E no jogo da imitação, assumindo, ainda criança, os atributos do objeto odiado e amado, na tentativa de passar de animal acuado, para animal que executa o ataque. Não como o leão na savana que recua dois passos para avançar três,

empreendendo a mesma força para preda uma diminuta formiga ou um elefante; tal como os contos budistas ensinam; mas como um macaco enjaulado, atirando as próprias fezes nos espectadores do zoológico. Um jogo, que não se joga, e, caso jogue, ainda estará perdendo, porém, vivo na brincadeira. No jogo de imitação, onde só “ *se faz merda*”, a merda é o que nos resta: Não como os ratos espertos que fogem dos alimentos saborosos das armadilhas com trigo roxo, mas como uma criança que teme mais uma surra de vara de marmelo, entregando sua própria cabeça para ser engolida pelo inferno, e seu corpo aos delírios da morte, pela própria vontade de viver, inclinando-se para a morte sem querer morrer, envenenando um chá, servindo ao seu protetor, com um riso encantador.

Se eu lhe contar onde os animais selvagens estão, você se sente mais seguro? E se eu disser que eles estão na boca do inferno e conseguem ir e vir do inferno, emergindo da terra? Ou se eu disser que eles estão lá, no fundo, no fundo da sala e, ainda que eles não estejam no fundo precisamente, onde quer que eles estejam seus corpos sempre serão o fundo.

Já é hora do jantar, no mundo dos espíritos famintos?

No *Budismo Nichiren Daishonin*, a sagrada escritura exalta o “ *Inferno é a terra da luz tranquila*”, na descrição do *inferno* feita por Nichiren Daishonin para sua discípula: uma mulher “ sem nome”, que aparece como uma viúva desolada e dividida entre a melancolia da perda do marido e a criação dos nove filhos.

Essa mulher, recebeu a escrita, desta forma intitulada [“ *o inferno é a terra da luz tranquila*”] de seu mestre religioso, pela cerimônia do décimo ano do falecimento do seu parceiro, foi no sétimo mês do ano de 1274. Para que fique a saber, Nichiren Daishonin, foi aclamado líder e mestre religioso no teor popular, por seus discípulos, sendo perseguido desde o imediato momento em que decidira refutar as práticas políticas do Japão de sua época, que sobretudo, fundamentavam-se na obrigatoriedade de uma aceitação, por parte da sociedade, dos paradigmas religiosos do governo na época. Na atualidade, o Budismo Nichiren Daishonin, que reconhecemos, nesta dissertação, como filosofia religiosa através da *Organização Soka Gakkai Internacional*, bem como as informações que aqui contamos, são baseadas na coletânea dos Escritos de Nichiren Daishonin (2014), ainda saudosamente nomeada entre os adeptos deste budismo como “ *Sagradas Escrituras*”, que são um conjunto de cartas (correspondências) enviadas por

Daishonin aos seus discípulos, da época em que viveu, escritas e enviadas das prisões e exílios nos quais esteve, como preso político.

E ele encoraja essa mulher, sobre o *inferno* e a possibilidade de não somente ela estar vivendo neste *inferno*, em vida, mas como seu marido também no pós-morte. E ainda que caídos no *inferno*, se nesta existência não poupasse meios de fazer aquilo que ela considera o bem, que para além de não atentar contra a vida de ninguém, mas que pudesse salvar a vida de mais alguém que não dela própria, certamente o mesmíssimo lugar, que pode no presente momento ser considerado como o *inferno*, também é o verdadeiro lugar onde deve se sentir feliz e segura: o lugar onde se guarda e desfrutam, simultaneamente, os muitos tesouros.

No Budismo acredita-se que o sentido de transformação se encontra unicamente no corpo, por isso, mesmo que ardendo em melancolia, esta mesma melancolia que seria força motriz para transformar esse lugar no melhor lugar do mundo, esse corpo no melhor corpo do mundo, essa mente na melhor mente do mundo e o *inferno* no melhor lugar do mundo. *Mundo* no budismo é corpo e, corpo no budismo é inseparabilidade entre mente/corpo físico/espírito/ ambiente.

“O corpo do falecido deixa o lar rumo à montanha da morte, enquanto o rio em cujas margens seus filhos choram em luto é o rio das três travessias. É completamente inútil procurar o inferno em outro lugar. [...] O inferno torna-se a Terra da Luz tranquila; as chamas ardentes da agonia tornam-se a tocha da sabedoria” (DAISHONIN, 2014, p.478).

Pronto, basta expor até aqui que o que iremos dizer adiante é baseado nas ideias de *Inferno* deste budismo, que os ideogramas [escrita oriental, japonesa] que formam a palavra [inferno] são interpretados como a ação de cavar o chão. Não há como evitar que os outros deem fim ao seu corpo, já morto, algo irá consumi-lo, da mesma forma, quero indicar que se observe o inferno para além do certo ou errado, bem ou mal, caso seu corpo morto fique na cama, irá se apodrecer, atrair insetos e toda a sorte de mal cheiro, não é errado que seus parentes lhe enterrem em uma sepultura, pode ser doloroso, eles podem não achar um bem dizer, assistir as “ pás de terra” caindo sobre o caixão, mas é inevitável. O inferno não é nem uma coisa nem outra, mas pode ser algo sentido exclusivamente como de corpo: talvez como o corpo melancólico de uma viúva, sem nome e sem profissão, criando nove filhos em um Japão feudal, ou como o corpo angustiado de um adolescente negro cativo,

liberto, subtraído nas suas vontades, privado do amor materno e jamais afinado com a lei e a ordem. O que se é, é o melhor corpo para aquilo que precisamos fazer: viver nossos *infernos*. Dentro destes pensamentos, sobre corpo e mundo, encontramos uma das bases fundamentais de toda a prática budista, os “ *Dez Mundos*” ou “ *Dez estados de vida*”, presentes em todas as formas de vida, o *inferno* é o primeiro deles, o segundo é o que iremos nos debruçar nesta parte da dissertação: *O mundo dos espíritos famintos*.

O *mundo dos espíritos famintos* era também conhecido como o Estado de *Fome*, uma condição de viver onde se é impossível que seus desejos sejam saciados, um lugar onde não há saciedade.

Os desejos são necessários para vivermos, sejam eles expressados ou não, o desejo então é inerente à própria existência. Não é certo ou errado, ou bem ou mal, mas no *Mundo dos espíritos famintos*, sempre se está com *fome* ou sede, e, ainda que se alimente, jamais sentirá satisfação com este *corpo (mundo)*. O corpo fica cadavérico e a barriga cresce, na obsessão de realizar aquilo que tanto se deseja, mas não é oriundo de um desejo que tem origem no próprio corpo, mas sim obedecendo os desejos externo, que somos incapazes de satisfazer. Sentimos uma *fome* que acreditamos ser somente nossa: dinheiro, comida, fama, poder, sangue, sexo, amigos, carinho, amor. Desejar todas essas coisas é o que faz a nossa manutenção na vida, mas no *mundo dos espíritos famintos*, tentamos corresponder no “para além” do que tudo isso significaria à própria existência e, deixamos de nos perguntar: “ *Isso vai me manter viva?* ”; “ *Isso é realmente necessário?*”; “ *Isso pode salvar a minha vida?*”

Os espíritos famintos não possuem olhos nem boca, os espíritos famintos alimentam-se dos restos dados por outras pessoas. Os espíritos famintos também são os que aparentemente tem suas necessidades saciadas, mas que desejam com todas as forças mais para si, e que, acima disso, sentem-se ainda mais famintos quando alguns ao seu redor aparentemente também estão saciados.

O desejo faminto pode transformar o inferno na terra da luz tranquila, ou pode aumentar o sofrimento da miséria, se o corpo é fluxo, enquanto mundo e também uno, quanto às suas inseparabilidades, a pergunta que surge do jantar no mundo dos espíritos famintos, e que por vezes fica encoberta pela falsa saciedade momentânea que torna os corpos cadavéricos, e precisa ser feita antes da primeira garfada é: “ Por que estou aqui? ”.

A Teoria dos dez mundos compõe a base filosófica da vida no Budismo Nichiren Daishonin e é profundamente prática: O mundo neste sentido não é um lugar fixo, é mais um estado emocional, onde tudo é uno, e também é fluxo mutável, cada um dos mundos tem em si, inerente, o mundo do Buda, mesmo no inferno, pois lá é exatamente a morada do Buda, se assim for preciso, pois é o lugar mais baixo onde se poderia chegar:

“Nem a terra pura nem o inferno existem fora de nós, ambos se encontram apenas em nosso coração. Aquele que desperta para isso é chamado de buda, e aquele que ignora é chamado de mortal comum” (DAISHONIN, 2014p. 477).

Tudo pode ser transformado e vivido, até a condição mais baixa de sofrimentos, que é a privação de liberdade: o mundo do inferno. Ou a condição de obsessão por realização dos desejos insaciáveis, conhecido pelo que indica a ausência de um corpo ativo, o morto: o mundo dos espíritos famintos. E mesmo nessas condições, não se deixa de ser um buda, a forma mais sublime de viver

Fazemos o que tiver que ser feito para sermos aceitos, para ser alguém, além de morto ou de prisioneiro e continuamos alimentando a miséria e a dor do *mundo dos seres humanos*, um outro “Estado de vida”: O *Mundo das humanidades*, ou, *estado de tranquilidade*, que seria um dos mundos entre todos que mais aparentaria a possibilidade de transitar para a condição mais elevada de vida (Buda). No entanto, ainda acredita-se, no budismo, onde nada é o que parece ser, que alguém exacerbadamente tranquilo manifeste conformidade com sua sensação de serenidade, já se considerando enfim uma humanidade. E então, esse alguém para e, em cima do muro, observando as mazelas do lado dos mundos mais baixos e dos mundos mais elevados, permanece incapaz de se atirar de sua tranquilidade para manifestar algo extremamente desconhecido, não trocando a sua aparente “paz” por nada de novo, ela crê já ser o progresso em si mesma, merecida, merecedora, no entanto, basta que uma pedra voe na cabeça da humanidade tranquila, cortando seu supercílio, sentindo o sangue jorrar pela visão, que ela rapidamente escolherá seu lado, aí ela sai de cima do muro, possivelmente escolhendo o lado que atirou a pedra: o lar dos mundos mais baixos. Revelando com esta atitude, que é extremamente difícil viver dignamente como um ser humano.

Figura 11– “O Jantar”



Fonte: DEBRET, Jean-Baptiste. Le Diner (" O jantar" - 1820 - 1830; aquarela - 16X13 cm). Itaú Cultura. São Paulo.

No canto direito do quadro, uma pessoa negra “meio escondida” atrás da porta, que deveria levar para algum lugar secundário à cena principal. Ainda do lado direito da tela, um rapaz negro, de postura e feições que remetem à “prontidão” [talvez zelando pelo bem-estar da refeição familiar].

No extremo do canto esquerdo, temos uma jovem negra, que nas mãos porta um “abanador” de grande proporção, na função de abanar o casal principal. Na mesa, sentado na cadeira do lado direito, temos um homem branco, totalmente voltado para a mesa, que faz sua refeição em postura curvada, seu olhar está direcionado para a “garfada” e interessado somente nela, sem mostrar grande manifestação ou interação ao todo do ambiente onde faz sua refeição.

Na outra ponta da mesa, também sentada na cadeira, uma mulher branca, que mostra uma postura diferente do homem branco: com olhar um tanto maternal, ela está sentada mais voltada para fora da mesa, expressando pouco interesse na sua refeição, oferecendo algo para uma criança nua. Na frente da mesa, a criança negra nua, de pé, que recebe em mãos, da mulher branca, alguma coisa [talvez um pão espetado em um garfo ou faca]. Outra criança negra nua está sentada no chão, com a mão pressionando algo contra a boca [poderia estar comendo].

Uma cena, sete personagens, esta obra foi criada pelo famoso artista branco e francês Jean-Baptiste Debret, que viveu entre 1768 – 1848 e escolheu, em sua Missão Artística Francesa no Brasil (1816), retratar a realidade que via da população da cidade do Rio de Janeiro naquele período em que esteve aqui, durante 15 anos.

Na época de “O jantar” (1820) é sabido que a escravização de pessoas não brancas era a verdade, principalmente negros oriundos do continente africano [lembrando também da escravização dos nossos povos nativos brasileiros]. Não sou uma historiadora, e esta pesquisa também não vem a se disputar em cruzadas históricas com afinco, quem assim desejar pode saber que estas informações, em relações a datas e afins, podem ser encontradas em inúmeras outras fontes principalmente em domínio público, caso queiram se aprofundar mais sobre Debret e seu contexto histórico, mas no momento falamos de tais informações aportadas em Marly (MOTTA, 2004), para questionar a história que nos foi dada. Tendo esta premissa como alicerce, não nos curvamos, e ousamos diante da possibilidade de pensar sobre a história, mesmo sem nos interessar diretamente por ela a fim de refletir os sinônimos do racismo em seus ecos bem-intencionados.

“Nunca. Minha mãe é uma pessoa bem reservada, acha que esses tipos de assuntos são tratados e esgotados na escola. ” (Thaís, 27 anos, negra, Bangu).

“ Não conversamos sobre racismo” (Carol, 18 anos, morena, Jacarepaguá).

“Não muito, ela é uma das pessoas que acham horrível, mas que acreditam que hoje quase nem existe. (Vitória, 16 anos, negra, Honório Gurgel).

Ao expor o racismo, nos deparamos com a batalha que não se originou no nosso presente, mas com o propósito de contribuir para próxima geração. O que afeta negras e negros é um sentimento que se insere no cerne da sociedade em que vivemos, e que extermina pessoas negras, pessoas de cor, aparentemente (e principalmente), as que estão em situação de vulnerabilidade socioeconômica, entendendo que quando falamos em “raça” , no Brasil, vale explicitar que trata-se, como disse Neusa Santos (SOUZA, 1983, p. 20 – 21) : uma “noção ideológica, engendrada como critério social para distribuição de posição na estrutura de classes”, ainda que o fator racial esteja diretamente vinculado à cor da pele, por

exemplo, no nosso país a raça é um “atributo compartilhado por um determinado grupo social .” E é com nebulosidade que se observa esse racismo, que quase sempre vem acompanhado de “boas intenções”, palavras cordiais e “sinceros” pedidos de desculpa dos “desavisados” que não consideram racistas suas colaborações racistas, dentro de sistemas que permanecem desumanizando negras e negros, isto mostra o reflexo de um passado que adorna em partes nossos figurinos ainda no presente. Figurinos em metáfora e literalmente, refletindo a desumanização dos vínculos da cor negra, e permanece embarreirando a construção de si como indivíduo social, “o negro tem o seu processo de tornar-se indivíduo comprometido”. (NOGUEIRA, 1998, p. 37), por conta deste passado que nos recusamos no presente a denunciar, ou que tentamos ofuscar quando denunciado.

Assim podemos também pensar a trajetória do corpo negro, das colonizações desde a escravidão às ocupações em favelas, “morte e liberdade estão irrevogavelmente entrelaçadas”, é o terror ao selvagem (MBEMBE, 2016) que o Estado racista desfere em seu regime colonial, cuja ausência de liberdade para o negro é a instância superior, experiência de viver na condição de “dor” constante, somos “soldados patrulhando as ruas escuras, assustados pelas próprias sombras; crianças cegadas por balas de borracha; [...] ossos quebrados; tiroteios e fatalidades – um certo tipo de loucura” (MBEMBE, p.146, 2016).

Para Isildinha NOGUEIRA (1998), o estatuto do corpo, como de “peça”, “objeto”, herança da gênese social, é o que negro tenta “recalcar”, por ser insuportável se identificar com o lugar social, o corpo negro é constantemente posicionado à revelia, e, na tentativa de recalcar esse sentido insuportável, de estar abaixo, quase sempre ocupa uma posição inferior no mercado de trabalho, sobretudo com algo que reflete nas condições de sua própria sobrevivência. A negra, o negro, como consequência disso, ao tentar um processo de construir-se como “indivíduo social, desenvolveu horror a se identificar com seus iguais”, e, “como resposta, o negro desenvolve uma identificação fantasmática com a classe dominante, cujo emblema é o ideal imaginário da brancura”. (NOGUEIRA, 1998, p. 36 - 37).

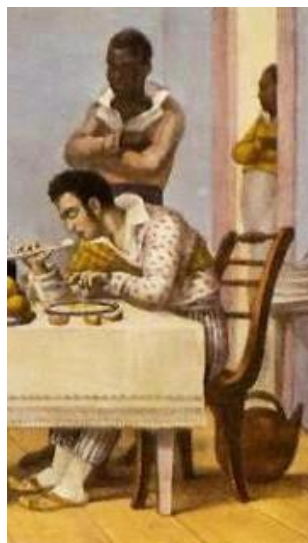
O olhar silencioso entre as personagens do quadro " O Jantar", que não se entre cruzam: nenhum negro tem contato direto, com brancos, tampouco com negros, é aí que começa o fundamento do processo de construção do sujeito, e o

horror na identificação como indivíduo social vem acompanhado do pão que se come.

Missão Artística Francesa, promotora da efetivação da colonização do país, por intermédio da arte. A arte outorgada, a fiel escuderia da salvação pelo apaziguar das temperaturas da crueldade, fincando os arquétipos de uma nova civilização, consolidando a permanência da corte: a Missão artística no Brasil inteirava a população com escritores, pintores, arquitetos, escultores europeus, na expectativa da identificação do colono e do colonizado com o colonizador.

Debret, referenciado como o primeiro cronista e retratista oficial da corte portuguesa no Rio de Janeiro colonial. Aparentemente, um homem branco que mostra inclinação para algo além de si mesmo? Há quem acredite, pois ele mesmo fez questão de lembrar, ser contra a cultura escravagista, mas viveu 15 anos retratando um país onde o regime era escravagista, descrevendo em crônicas de forma poética o trabalho mortal que compõe a escravidão, desenhando cenas familiares e também de escracho público do corpo negro. Passou 15 anos colonizando pela arte, pois aquele que conquista com arte, quando se introduz em um ambiente hostil, busca com sua vantagem não ser facilmente percebido como um colono coletor de espíritos e, diferente daquele que desfere o chicote do açoite, no entanto, está agindo pelo mesmo princípio: Eu sou. Eu tenho, eu uso.

Figura 12 – O homem branco



Fonte: Recorte da figura 11, nesta dissertação. 2018.

Branco, adulto e masculino, a personagem que vamos observar, tem seu olhar voltado para a garfada e para sua comida, sentado na cadeira, com as pernas voltadas para dentro da mesa, com tronco curvado, olhos fechados [ou quase]. Ao seu redor: outras seis personagens, no entanto, parecem não se importar com a forma como tudo acontece, e como ele pôde desfrutar de sua refeição tranquilamente, sem sentir calor ou remorso, ou preocupação por nada nem ninguém. Aparenta não fazer parte de todo este cenário, por não direcionar seu olhar para nada além de sua ação no momento, ou talvez acredite não ter parte nisso tudo. Apenas havia a sua mesa, a sua comida, o seu jantar, a sua casa, a sua comunidade, a sua esposa, os seus escravos, portanto, no mínimo, pode pensar “ Eu tenho porque Sou”. Como indivíduo social, não é afetado em sua identificação com o ambiente, o jantar está posto para ele, e não precisou de mais nada do que ser ele mesmo para que o jantar ali estivesse, servido. Quem “tem”, possui, sua autoridade, seu poder e superioridade, estão reificadas por possuir o sentido de *Ser*.

Figura 13 – A mulher branca.



Fonte: Recorte da figura 11, nesta dissertação. 2018.

Branca, adulta, feminina, outra figura que tem seu lugar como indivíduo social inquestionável, assinalado pela sua disponibilidade espacial semelhante à do homem branco: também sentada à mesa. Ela pode sentar-se à mesa, por também possuir o sentido de ser. Senta-se de uma maneira diferente do homem branco, ainda que a superioridade dele, escorrega na direção dela [tendo observado que o

homem está voltado para a mesa, como em um sinal, silencioso, voltado para a direção da mulher, transmitindo-lhe o sentido de ser], mas ela não tem, não tem, mas pode usar, e usa. Tudo que for do homem branco, e que por ele for disponibilizado para ela, ela pode usar, por estar ali. Sentada de forma diferente, com uma maior relação de visão e clareza na tela, retratada de forma a poder causar a impressão de alguma afetividade com o seu espaço, com a sua mesa, com o seu jantar, com a sua casa, com o seu marido, muito mais com seus escravos, as crianças sobretudo, justamente por possuir o sentido de ser, por estar, pode-se dizer então: “Eu uso”, “ Eu estou, eu uso”. Quem “usa”, usa alguma coisa por possuí-la, mas não necessariamente esta frase signifique apreciar usar tal coisa. A pessoa além de ter, ela usa, ela aprecia [ou não] usar tal coisa, e ainda pode deixar a coisa tão “macia” que esse encontro do usar pode ter atmosfera dócil, como por exemplo, o simples ato de presentear seu cachorrinho com restos de comida, afinal é satisfatório poder ver-se refletido nos olhos daquele animalzinho, “tão seu”: “- Com este brinde ele agora me tem como fiel amiga e irá me proteger como bom cãozinho que ele pode ser”. Sabemos que se fazemos mau uso de alguma coisa, ela tende a quebrar ou a não nos servir mais.

“O negro não passa de uma criança”. (FANON, 2008, p. 41)

Com toda delicadeza e deferência que me é possível dentro das poucas palavras e conhecimentos que compreendo, até o presente momento, relativo à alargada “conceitualização” das diferenças entre sexo biológico, orientação sexual e gênero, e as complexidades humanas que entram em vigor ao tratar de conceitos como: “mulher”, “homem”, “menino”, “menina, que já desde o começo tem aparição constante em nossa pesquisa, sem correremos o risco e ainda assim nos entregando constantemente a ele, sem medo de errar, expressamos que daqui por diante, fique a saber, que quando falarmos de “par genitor”, “família”, bem como de “mãe”, “pai”, estaremos falando tendo como referência a imagem de Debret (“O Jantar”), onde o indivíduo “mãe” será a mulher (de sexo biológico fêmea e gênero mulher); “pai” , será o homem (de sexo biológico macho e gênero homem), ambos, a princípio, de orientação sexual heterossexual que se relacionam afetivo-sexualmente um com o outro e formam uma família, salvo crivos e encruzilhadas necessárias.

Compreendemos a vastidão de questionamentos que vem a surtir nas muitas falas críticas à utilização de determinados termos e conceitos, a partir do edifício da

psicanálise, e algum possível teor excludente de outros gêneros, sexos biológicos e orientações sexuais, que não se fazem menos interessantes para as complexidades de pensar o animal humano, suas vicissitudes em famílias, relações afetivo-sexuais e emocionais, deixamos aqui a entender qual nosso ponto de partida, para onde nos direcionaremos e convidar demais pesquisadores a preencher de formas diferentes as muitas lacunas do “ não saber”, tão necessárias para a pesquisa e para os campos que a atravessam.

Se habitasse dentro de mim o medo de errar, indubitavelmente, os deuses não haveriam de ter me presenteado com um nome Tupinambá, com significado ambíguo no idioma Tupi: sendo “ *bicho*” e “ *senhora*”, dependendo da região e o Tupi que se diz, ao mesmo tempo e, uma lenda, da menina que lança mão do autoprejuízo de perder a vida, se assim for preciso, para o bem de sua tribo, aldeia, alcateia, manada.

Em um sonho, que visita minhas noites de tempos em tempos, uma menina negra, vestida de rosado, caminha sorrindo na minha direção, balbuciando palavras que nunca pude discernir, ela caminha na minha frente e eu escuto apenas: “ *Vem, comigo!* ” E eu vou, ela me direciona, pega na minha mão, e muito alegre, vai me contando coisas, sorrindo, saltando, às vezes essa menina sou eu, mas quase sempre não sou. Ela não tem rosto, só um sorriso. Ela salta como se o salto pudesse fazer ela voar para o chão, sendo este chão de lava ou de mola. Depois, enquanto ela vai me dizendo o que tenho que fazer e por onde andar, de repente nós estamos passeando de mãos dadas, e eu já estou sorrindo também, saltitamos juntas por cima das lápides de um cemitério no meio da floresta. Eu lhe disse que sempre é de noite nesse sonho? Uma noite que tem lua e estrelas, a chuva cai, mas ela não me molha, ela não nos molha, cada vez que a menina fala, eu ouço o barulho do trovão. Ela para, nós chegamos, um paredão de pedra encoberto por uma cortina de plantas trepadas, ela abre a cortina, e me diz: “ *Olha!* ”. Não é mais pedra, meus olhos voam por uma imensa pastagem, onde calmamente ela me mostra o seu jardim escondido, protegido por uma manada de búfalos. Acordei! O sonho nunca passa daí, mas ele sempre me faz lembrar da importância do meu nome, do nome que os deuses me deram.

O mundo está aqui quando nascemos, já falavam nossos nomes antes de nós nascermos, e já queriam que estivéssemos inseridos de alguma forma nele. Sabe-se lá de onde vêm as inspirações para atribuir a alguém um chamamento diante do

mundo: minha mãe me presenteou com esse nome, pois ele lhe fazia lembrar da sua adolescência, no antigo ginásio, do cheiro da escola, e principalmente do cheiro da quadra da escola, era o nome de sua melhor amiga da adolescência. Talvez seja por isso: uma vez, uma mulher, em relação ao meu nome e à minha postura, tenha me comparado a uma estudante de ensino médio, de forma pejorativa, deduzindo sobre minha incapacidade de amadurecer e me curvar ao ideal cientificista da vida acadêmica superior, supondo também a eventual desnecessidade de pesquisas como esta, mergulhada em uma chuva de emoções. E é essa desnecessidade, vamos tomar como ponto de partida e primeiro, sempre, por que ser um corpo desnecessário e falar de corpos como o seu? Porque eu danço nos túmulos de cemitérios, caminho na chuva sem me molhar e protejo minha manada dentro das paredes de pedra: por que as minhas meninas chamaram meu nome.

Quando Fanon (2008) fala sobre o “o negro e a linguagem”, e as formas infantis como negro, mesmo que ainda não seja biologicamente uma criança, se relaciona com sua língua nativa e linguagens para resoluções das suas questões trocando ideias, mesmo que não depuradas, no balbúcio que não se compreende e que pode ser entendido dentro do grupo, muitas vezes deixando confusos outros ouvintes, surgem seus mentores, e toda a autoridade que vigiam de perto sua língua, para que ela não seja utilizada, alimentando desde cedo o desejo de saber “falar o francês”, ou a norma culta e linguagem formal, a língua superior. O negro será sempre uma criança, pois o mundo dos adultos pretende sempre lhes ensinar e vigiar seus comportamentos a fim de recuperá-los.

Como na pintura de Debret [“O Jantar”], as crianças negras estão nuas, igualmente interpretamos a imagem dos negros adultos [vestidos]: independente de quantas camadas de roupas estejamos vestidos, independente de quantas palavras de saberes que julgamos ter aprendido e saibamos transmitir, o corpo negro sempre será a nudez no jantar das humanidades.

A nudez do “sim”: “queira ou não queira, o negro deve vestir a libré que o branco lhe impôs”, trazendo na boca um “sim sinhô” ritual, apresentando-se sempre de certo modo para reforçar os estereótipos, filtrados para que sejam aceitos pelo mundo das humanidades: o “sim” do negro, lhe exige que seja “bom preto” (FANON, 2008, p. 47).

Para ser amada, para que minhas palavras sejam aceitas, seria preciso que eu sentisse medo de ser desprezada, que manifestasse dentro de mim a náusea

envergonhada de desprezar a mim mesma, vergonha da minha cor, dos meus contornos e da infância que a mim há muito é concedida e contradita, na medida de satisfação das decisões dos “bem trajados” que se curvam para detestar as linguagens que não são toleráveis para o mundo das produções científicas tradicionais: “Os pretos são selvagens, estúpidos, analfabetos”. Não é algo incomum, vemos professoras negras por aí e, mesmo que não seja um espanto para os adultos, ver negras e negros fazendo mais que abanar o jantar dos brancos, servir o jantar dos brancos, comendo os restos dos brancos, os olhares sempre estão a nos vigiar, ao menor erro, seremos pisoteados por sermos exatamente aquilo que eles dizem quando falam que nos amam e admiram: de diversas formas envolvidos, a palavra “ negro” sempre será o entendido, “ apesar de”, “ mesmo que”, “ por causa de”; “ desde que tudo corresse bem, punham-nos nas nuvens, mas atenção nada de bobagens por preço nenhum” [...] “De que estávamos tratando ? Do preconceito de cor”. (FANON, 2008, p.109).

Citando Sir Alan Burns, Fanon vai dizer que o preconceito de cor é uma raiva irracional de uma raça pela outra, que nasce do desprezo de povos fortes e ricos, por aqueles que eles, dentro de sua assumida superioridade, consideram inferiores, essa raiva vai formando uma vertigem nauseante de desprezo, numa cadeia chamada de “ amargo ressentimento”, que se infiltra naqueles que têm sido oprimidos, tendo a cor como o “sinal exterior”, portanto mais visível da raça, tornando esse sinal exterior o critério qualificativo entre os homens, animais humanos. Sem levar em consideração qualquer aquisição de ferramentas educativas ou instruções, então, resumidamente, as raças de pele clara, desprezam as raças de pele escura, e a forma de não dizer “ sim sinhô” para o desprezo de si, e com conseqüente dos seus iguais, para a pessoa de cor, seria recusar a “condição modesta” que o mundo das humanidades lhe pretende: que sinta medo de ser desprezado. Que tenha medo de errar, para ser amado.

Eu havia lido corretamente. Era raiva, eu era odiado, detestado, desprezado [...]. Os psicanalistas dizem que não há nada de mais traumatizante para a criança do que o contato com o racional. Pessoalmente eu diria que para o homem que só tem como arma a razão, não há nada mais neurotizante do que o contato com o irracional [...] Senti nascer em mim lâminas de aço. (FANON, 2008, p.110)

E, tudo isso para dizer que não é preciso que se ensine ao negro como não ser negro, para que alcance a “assunção” de não ser desprezado, até mais que isto, para que seja amado, mediante as mãos que alimentam como uma ajuda samaritana, na forma de pão e restos uma criança selvagem nua, essa nudez que recebe do alimento, que veste das roupas e figurinos brancos, que ao ser alimentada serve de álibi que tranquiliza o mundo dos seres humanos, mesmo bom e bem alimentado, e dialogando na língua dos mentores, permanecerá tão amada quanto antes, ou seja, desprezada.

Em uma sociedade tranquila como essa, industrializada, científica, que tem como arma a razão, não há lugar para a sensibilidade como a nossa, diz Fanon, não se trata mais de “jogar o jogo do mundo” e sim de sujeita-lo a golpes atômicos, sem aguardar de “debaixo da mesa”, ou da “porta da cozinha”, as migalhas positivas da ajuda samaritana, que “iremos até vocês como Às nossas crianças [...] Iremos até vocês que são a infância do mundo”, para que nossos corpos negros mal alimentados sirvam de reconciliação da humanidade consigo mesma. (FANON, 2008, p. 120, grifo nosso).

Alguns comportamentos, em grupos específicos, vão se ligar significativamente ao que entende-se pelos comportamentos no seio do que se diz “família”, agora, as ideias de seio familiar e relações afetivas, são profundamente inspiradas em Frantz Fanon (2008), no que diz respeito à inexistência de uma família negra e o seio das construções e identificações do indivíduo social [de cor] no berço modelado pela família europeia, onde Fanon não desconsidera em nada as visões freudianas sobre o seio familiar e, apresenta o “problema negro” da situação.

A ideia por trás do que se entende por família, oferece, em primeiro plano, para a criança, as relações de mundo: a família e as suas estruturas, tem estreita relação com as estruturas nacionais e, como já dissemos, “nacionais”, para Fanon, são aqueles que fizeram deste lugar a nação, povos colonizados, tendo seus padrões modelados dentro dos costumes de aceitar as ideias dominantes de seus colonizadores, portanto, estrutura familiar e estrutura nacional se atravessam no mesmo sentido, baseados nos referenciais dos povos europeus.

No seio familiar, dado pela colonização e massacre das culturas tradicionais, outras “espécies” de famílias são desprezadas, a família que estamos falando é da: “militarização”, centralizada nas ideias autoritárias do país, automaticamente

transferidas e recriadoras da autoridade paterna, “em todos os países civilizados, que assim se julgam, a família é um pedaço da nação” (FANON, 2008, p. 127).

A criança, quando deixa o meio familiar, encara as leis que, a princípio, a família já apresentou, assim como os valores e a moral que se encontram espalhadas por todo o mundo social. Numa vida “normal”, Fanon vai considerar, que a criança cresce como “criança normal”, por estar inserida em uma “família normal”, e se tornará um “homem normal”, “normal” é o que respeita a proporcionalidade entre vida familiar e vida nacional, de uma sociedade fechada e protegida pelo “fluxo civilizador”, onde: “sente-se a todo instante a necessidade de catequizar a alma pretinha”, mas que pela permanência dos esquemas culturais da artificialidade dos mitos, invalida a impressão que sentimos. (FANON, 2008, p. 127 – 128).

E dada essa projeção de características entre meio social e meio familiar, para que não se crie um “filho bandido” e que entenda perfeitamente os auspícios da sua nação, é preciso que se eduque contra toda a perversão ou retardamento, para que possa o filho reproduzir a moral e os bons costumes da civilidade, repudiando, desprezando aquele que por ventura venha a se tornar um “filho malcriado”, ladrão, “bandido”. Autoridade que a família deve ensinar, neste contexto, é a autoridade do Estado, apresentando o que será açambarcado, e nos debruçaremos mais adiante, como: O nome - do- pai.

A criança anormal, a que cresce no seio de uma família anormal, é o que Fanon vai dizer sobre a criança negra “normal”, a criança diferente que entra em contato como o mundo branco (FANON, 2008, p.129), e não é preciso para que fique anormal que essa criança passe pela experiência da surra, ou que tenha presenciado o linchamento do seu pai, pelo branco, mesmo que aparentemente não haja um “traumatismo afetivo”: E então, porque se diz que uma criança negra normal, é na verdade uma criança anormal?

Aí é necessário, se quisermos responder, sermos obrigados a lançar mão da noção fanoniana de “catharsis coletiva”: em toda sociedade, em toda coletividade existe um canal, como uma porta de saída, por onde as energias reprimidas, represadas, são liberadas na forma de agressividade. Cada sociedade exige uma norma de catarse terapêutica para as agressividades do coletivo e que, de modo geral, são exibidas nas produções de conteúdos destinados ao público infantil e juvenil – personagens maus e bons nas revistas, novelas, animações, bandidos e mocinhos, sempre a dualidade – onde o lugar dos impulsos agressivos são

destinados como características do selvagens, os selvagens são os não civilizados, os não civilizados fazem suas aparições tendo como impulso a satisfação e o desafogo de suas agressividades, esses selvagens estão em total oposição aos “mocinhos”, e os “mocinhos” são mais próximos do ideal que a civilidade espera, que seja apreendido no meio familiar enquanto extensão do meio social, onde Estado e família se complementam como educadora da moral, replicadora da autoridade paterna. Com isto, Fanon vai dar a expressão de que a sociedade tende a jogar as crianças nas instituições a partir da neurotização dos dramas da agressividade coletiva que ela [sociedade civilizada] tenta recalcar; afinal até as nossas cantigas infantis são neurotizantes (FANON,2008, p. 130 – 132).

“ Boi, boi, boi, boi da cara preta, pega essa menina que tem medo de careta”

“ Samba lelê tá doente, tá com a cabeça quebrada samba lelê precisava, de umas dezoito lambadas”

“ Pai Francisco entrou na roda, tocando seu violão/ vem de lá seu delegado, e pai Francisco foi pra prisão”.

A catharsis coletiva, se dá quando se percebe que tudo que é ensinado no seio familiar para as crianças normais, no tocante do que remete à cor negra, é o mal, quebrado, que merece punição, que apresenta algum desvio de conduta ou defeito. Se esforçar sobre essa catarse é entender que uma criança de cor, na família normal, na nação normal, crescerá como uma criança anormal, formando suas posturas nos psicodramas que as cantigas, historinhas, lendas e personagens infantis lhes contam.

Nesta catarse, a família autêntica, a família que não é a branca, fica vetada de existir, porque os padrões familiares do branco não tardam a aparecer nas famílias da sociedade, ainda que cada família queira buscar forma própria de se estruturar, a depositária das estruturas base, são as famílias brancas, reflexo de um mundo social estruturado por brancos, e verdadeiramente esse mundo é um conjunto de famílias que são instituições de uma outra vasta instituição: a nação, onde os eixos referenciais permanecem os mesmos, “ a família branca é o lugar de preparação e de formação para a vida social” (p.132 – 133), assim temos a perspectiva fanoniana sobre os estanques e a insurgência do superego na vida da criança anormal.

Sobre superego, ou supereu, para o negro, Fanon, diz, “ mas se a criança deve matar o pai, é necessário ainda que este último concorde em morrer” (2008, p.135), o problema negro, no seio familiar do mundo branco: a criança negra, neste

contexto, não é estimular a construir suas formas de tentar “matar o pai”, a barreira que se sugere para o tornar-se sujeito. Não é estimulada porque a função paterna sendo branca e dona da verdade e colonizadora, diante de uma criança negra, criança anormal, não somente se recusa a “morrer’ (em metáfora), mas também não estimula os anseios dessa criança em tentar querer transpor, ao contrário do que ocorreria no “matar o pai” com outras crianças, interditando assim a possibilidade de nascer uma liberdade de cor negra. Mesmo adulto (biologicamente) e, penetrando na cultura, “*onde quer que vá, o preto permanece um preto*” (2008, p.149).

Isso é maldade da função paterna? É maldade da sociedade? Parece ser maldade não deixar uma criança crescer como normal, só porque ela é de cor? É possível aceitar que crianças brancas conheçam crianças negras e a imagem negra, em si, como o alvo a ser detestado e desprezado? Seria ainda mais maldoso de nossa parte não surtar diante das evidências catárticas e atômicas que impõem um devido lugar de neurótica à criança negra, que precisa, diante do superego, comportar e se libertar de seus delírios infantis de tornar-se sujeito, a maldade do superego racista tem nome: “*abandônico negro*” (2008, p. 81, grifo nosso)

Uma magnífica criança branca loura, quanta paz nessa expressão, quanta alegria e principalmente quanta esperança! Nada de comparável com uma magnífica criança negra, algo absolutamente insólito. Não vou voltar a histórias dos anjos negros [...] em todos os países civilizados, civilizadores, o negro simbolizou o pecado (FANON ,2008, p.160)

Pioneira da psicanálise na América Latina, Virgínia Bicudo, “visitadora psicanalista”, inclinada para os estudos sobre atitudes posturais e desvios em estudantes [crianças e adolescentes] no contato com as relações raciais, sobretudo na cidade de São Paulo, na qualidade de investigadora da clínica sanitária e da saúde mental em crianças de cor, ela atribui aos estudos psicanalíticos, a extrema necessidade, sempre atual, de demonstrar que a personalidade do indivíduo, resulta dos mecanismos de defesa e formações de compromisso, que são construídos pelas necessidades de preservação biológicas e psíquicas, lado a lado às exigências sociais. A sociedade lhe impondo padrões de conduta, como pensar, como agir, como sentir, posicionando-o à revelia de suas emocionalidades, por outro lado, temos um indivíduo que tem suas necessidades vitais, que precisam ser satisfeitas: “Nos distúrbios deste processo de ajustamento, entre o indivíduo e a sociedade encontram-se as condições etiológicas dos problemas de conduta” (BICUDO, 1946,

p. 80). Daqui por diante, na nossa pesquisa, vamos mergulhar mais um pouco nos oceanos propostos pela psicanálise, tendo como perspectiva, o problema negro das questões.

Dentro da teoria psicanalítica, repleta de conceitos que se completam entre si, a estrutura do aparelho psíquico tem como principal imagem um “iceberg” (Teoria do Iceberg) e, esse aparelho “iceberg” é formado por três níveis (estruturas). Assim como um iceberg de gelo propriamente dito, uma parte fica aparente, na superfície, onde as focas, leões-marinhos, pinguins e ursos polares brincam. Outra parte fica um pouco mais imersa na água, onde o navio “Titanic”, sem saber, resvala, quebra o casco e naufraga. E existe também uma última parte, ainda mais profundamente oculta, talvez guardando fósseis pré-históricos, preservando mistérios preciosos e enigmas congelantes.

Quando se fala que este iceberg está em um oceano, ainda mais enigmático que o próprio iceberg em si, posto que sabemos que no fundo dos oceanos ainda existem regiões inexploradas, até mesmo menos visitadas que o próprio vasto espaço estelar. Então a teoria da qual estamos falando, vai olhar o oceano tal como ele se apresenta lado a lado ao iceberg, dividido em níveis: consciente (tudo que está na superfície), pré-consciente (até onde conhecemos, mesmo sem conhecer) e o inconsciente (as profundezas).

Certa vez, ouvi dizer que não existe justificativa para existirem os icebergs, já que a água salgada dos oceanos não congela, e outra vez, fiquei sabendo, que os icebergs estão derretendo e se fundindo aos oceanos, aumentando o nível dos mares, que invadem as praias e inundam cidades, devastando as construções humanas. Se algum dia não existirão mais os icebergs, eu não sei, e, como eles foram parar lá, também não sei. Mas dentro da teoria psicanalítica, o iceberg no oceano é como se fosse a nossa “cabeça” gigante navegando à deriva no oceano.

A estrutura aparente (ponta do iceberg no oceano consciente), se chama “eu” ou “ego”; a estrutura parcialmente aparente se chama “supereu” ou “superego”; a parte mais profunda, se chama “id” ou “isso”. Isso.

Isso, que nesta dissertação já chamamos de “corpo”, depois de “corpo negro”, vamos agora dizer que se aproxima sempre do “id”. Isso seria, dentro da teoria do iceberg, uma fonte de energia vital, psíquica, tudo aquilo que fornece a energia de viver, que mobiliza os impulsos orgânicos, grava no sentido mais “pré-

histórico”, no inconsciente, os nossos desejos e instintos, isto é, isso ou id, são formados pelas nossas pulsões e a energia é a libido.

Quando falamos “libido”, não se trata somente de atividade/prática sexual, mas também, e se por acaso citamos “libido”, cotidianamente talvez, ligando ao ato sexual, no inconsciente, significa que essa é uma pulsão que nos dá energia de viver. Libido é tudo que nos faz acessar o interesse pela vida, porque nos direciona ao acesso das pulsões, e não precisa ser no ato sexual necessariamente, pode ser indo à praia e mergulhando no oceano, talvez. Freud, disse primeiro que isso, e grande parte de suas pulsões precisa ser recalçado, para nossa busca de produzir o prazer e afastar o desprazer e, chamou esse funcionamento de “princípio do prazer” (1920 – 1922/2006). Assim ele disse que isso não respeita regras, não obedece aos planos, nem sequer os modelos, é ansioso, impaciente, não tem gratidão, surta e não atura ser castrado, não atura frustração nem proibições e, por isso mesmo, não poderia vir para a realidade, porque nem conhece a lógica, a ética, a moral, então nem pode ser visto, deveria ficar adormecido no fundo do oceano, aparentemente, congelado.

Aquilo que não compreendemos, quando nada queremos compreender, é olhar cego e irracional, a saber, que não se julga se está certo ou errado, se é bem ou mal, mas que é assim que a psicanálise o conhece, dentro de uma visão superficial aqui apresentada, apenas o suficiente para entendermos que existe uma parte da nossa “ cabeça enorme” que fica na região das profundezas, talvez até o centro da terra, meio congelada, meio magma. Freud, dedicou os principais anos de sua vida e pesquisa para expor essas questões, seria impossível que eu fosse sucinta e fiel às suas palavras. Mas até aqui, sabemos sobre o que precisamos saber.

As pulsões são internos impulsos energéticos, que vão ser os disparadores dos nossos comportamentos individuais, não são exatamente as nossas decisões, por esse motivo mesmo que são internas e, quando falamos internas, falamos que são inconscientes, para além do caráter consciente da tomada de decisão.

As pulsões podem ser sexuais (energia de vida) ou agressiva (energia de morte), paralelas a essas, as pulsões (secundárias) de desejos, sonhos, toda a sorte de motivação de ação, pela atração ou repulsa. Assim se forma a hipótese estrutural do aparelho psíquico, em três instâncias: Id, Ego e Superego (isso, eu, supereu)

Se por um lado, o oceano do inconsciente guarda gravados nossos medos, paixões, e coisas, por outro lado, Carl Jung (1989, p.120 - 154) vai propor que não somente isso, mas que os processos psíquicos deste inconsciente estão prontos para emergirem e se tornarem conscientes. Problema negro da questão das instâncias do aparelho psíquico e as formações do inconsciente, emerge de uma crítica fanoniana ao pensamento junguiano sobre inconsciente coletivo, e (FANON, 2008): Por que o inconsciente e a instância do id, são constantemente apresentadas como exageradamente representadas pela cor negras, como a parte negra?

Id e inconsciente não são a mesma coisa, já que o Id é parte do iceberg. E ainda existem no ego e no superego, nas porções ainda, e nunca reveladas no plano da consciência. Eu (ego), se desenvolve a partir do isso (Id), por conta dos impulsos, e, para refrear esses tantos impulsos, o eu está exatamente em cima do isso, porque o eu tem por característica levar em consideração o mundo externo, ele consegue dialogar com a realidade.

O eu faz os planos que o isso não consegue conceber para dialogar com a realidade, os planos do nosso comportamento. Para esse planejamento, o eu tem que negociar com o isso quanto às pulsões, atraindo-as e repelindo-as, na medida do quanto for permitido pela realidade, satisfazendo parcialmente as nossas pulsões, com o máximo de prazer que se possa extrair do mínimo possível de termos consequências prejudiciais para o corpo. O isso quer sempre se expressar, o eu cuida do isso, porque o próprio eu tem medo do castigo, tem medo de ser ou sentir-se punido pela realidade, nem por isso o eu deixa de atuar com algumas pulsões do isso. Sabemos que seria impossível viver por muito tempo obedecendo somente aos impulsos do id, por este motivo, o jogo – isso – eu – superego, é necessário. E o eu não é total realidade consciente, porque seus mecanismos de defesa são formados no inconsciente. (FANON, 2008, p. 163-165)

E o superego, que você respeita, é a moral, a parte representada pelo que aprendemos dos valores da sociedade e determina o que procuramos e o que devemos evitar, inibindo e punindo os impulsos que forem ao contrário do que é dito por ele mesmo, obriga o eu a aturar o comportamento imposto, tentando nos conduzir à perfeição individual, o nome disso que o superego forma, para o eu é o Ideal do Ego ou Ideal do Eu. O superego, se forma, introjetando os valores na criança, por parte dos pais, sociedade, substitutos, ideias coletivas, justamente para que a criança receba amor e afeição. O superego, que tem suas regiões abissais, também

pode liberar tensão sentimentais de culpa, castigando até mesmo nossos pensamentos. É como se fosse nossa autoridade, sempre disposta a nos punir e castrar, e o eu, novamente negocia, mas quase cedendo. O supereu não é todo consciente, os valores apresentados por ele podem ser despercebidos pelo consciente, já que domina até nossos sonhos. (SOUZA, 1983)

Neusa Santos (SOUZA, 1983), nos estudos sobre o narcisismo e o ideal do eu na pessoa negra, vai construir o seguinte pensamento, paralelo à teoria freudiana: Eu Ideal (Ego Ideal) é uma instância que remete a tudo aquilo que eu gostaria de ter sido, para alguém, para mim, para o mundo exterior e, principalmente, para meus pais (família), para minha sociedade. O Eu Ideal é uma figura do narcisismo, que sente ser o eu, enquanto imagem necessária, com a qual poderíamos responder de forma adequada às expectativas do outro, no que este outro espera de nós, que nós sejamos: é perceber a si mesmo como objeto do outro. É uma imagem onipotente, que criamos para tentar unir alguma coisa cindida, fraturada, quebrada, dentro de nós. Criar uma imagem de ser o objeto que o outro precisa, para dar fim na nossa angústia.

O Ideal do Eu (Ideal do Ego) é uma outra formação, que não se confunde com a primeira, ela surge quando entramos em contato com as expectativas do outro (pais e ideias coletivas) e, nasce para nos orientar como um farol em uma ilha (inatingível). Ele representa tudo aquilo que nós devemos ser, é uma referência na base das imposições, não há como fugir dele, pois é o que autoriza em nós o nosso próprio desejo.

Faz-se necessário entender que o Eu Ideal é do plano imaginário e o Ideal do Eu é do plano simbólico, este segundo sendo uma substituição do narcisismo primário, é então o determinante para o eu, de como devo ser para poder desejar aquilo que eu desejo, ele é um substituto, como dito, porque já atua em um período onde a cena ideal, dos pais como referência, já tomou seus contornos quanto às nossas noções de poder e autoridade, tudo que se espera para lançar-se em sociedade, aí começamos a gerenciar a manutenção do nosso farol interno: professores, celebridades, padrões de beleza, potencial intelectual, enfim, toda a sorte de acepções que irão, no mundo interior, nos conciliar e autorizar nossos desejos, para que sejamos, digamos, “dignos” do querer, e mais ainda, ser amado, admirado.

A neurotizante busca pelo Ideal do eu, faz com que o eu, desgastado pela busca desse farol, muitas vezes tente fazer com que o Ideal do eu se satisfaça com as proposições do Eu Ideal, isso são montagens, que nos levam a servir ao outro: surgem às humilhações, o apaixonar-se de si e pelo outro, o sentimento de culpa, pois o Ideal do Eu alimentado com uma figura narcísica, não se satisfaz. (SOUZA, 1983, p.33)

Neusa Santos (SOUZA, 1983), ao falar do narcisismo e do Ideal do Ego no negro, “que ora tematizamos é aquele que nasce e sobrevive imerso numa ideologia que lhe é imposta pelo branco como ideal a ser atingido”, portanto é que dizemos constantemente nestas páginas, o negro é aquele cujo Ideal do Ego é branco e, para o negro, ser branco é impossível. Podemos agora, dizer que chegamos a tal violência, desesperadora, que não só violenta o corpo físico – biológico e erógeno - que viemos nos demorando a falar: em FANON, MBEMBE e SOUZA, a violência do racismo

Essa violência, do Ideal do Ego, se constrói quando se olha no espelho e procura-se o outro, ser outro, pertencer a outro, servir a outro: branco

O figurino é branco em seus diversos matizes. Aqui branco quer dizer aristocrata, elitista, letrado, bem-sucedido. Noutro momento, branco é rico, inteligente, poderoso. Sob quaisquer nuances, em qualquer circunstância, branco é o modelo a ser escolhido; escolha singular, fixada à revelia de quem apenas deve a tal modelo configurar-se. (SOUZA, 1983, p.36).

Uma violência consigo, para nos conciliar com nosso querer, deixar de ser o animal acuado, odiado, passar a ser o objeto amado pelo outro, na realidade e no simbólico, para minimizar alguma espécie de defeito que precisa ser recuperado, uma falha, um desvio, inaceitável, assimilada desde muito, reproduzida desde muito, mas que não garante êxito em nenhum momento, pois a realização do Ideal do Eu é impossível, e se alimentada com o imaginário, nos faz cair na mais “ *dramática insatisfação*” (SOUZA, 1983).

3.1 Uma criança e mais ainda:

Figura 14- Morde a mão que alimenta.



Fonte: Recorte da figura 11. 2018.

Falando de par genitor, somos apresentados ao mundo pela filiação, desde as palavras que conhecemos até as lógicas que aprendemos, logo na primeira fase da vida, todas são ligadas às nossas figuras materna e paterna. Acreditando nisso, o “*Nome-do-pai*” (LACAN, 1999, grifo nosso) aparece e, com ele, começamos a reconhecer a figura da lei, sobretudo com efeitos no inconsciente, durante nossa formação, na empreitada de ser o pai, e a dor final de não *ser* nem *ter* nada que se assemelhe a essa figura da fantasia.

Uma mulher surge grávida; “*quem é o pai?*” Eles perguntam; uma criança nasce, “*a cara do pai*”, eles dizem e, por aí vai; por que será que um famoso apresentador da televisão brasileira, consagrou seu nome nas tardes de sexta-feira com o escracho público do teste de *DNA*, para designar a um ser sem rosto, fruto de uma aventura “irresponsável”, a responsabilidade pela sua paternidade? Porque todos nós queremos, ou melhor, fomos criados para querer saber o *Nome – do - Pai*, a lei, o dono do sobrenome, que dá nome, que dita a lei, que acolhe o flagelado, além do “*acasalamento*”, o espelho que tanto se procura, “*a cara do pai*”.

Melanie (KLEIN,1991), vai dizer que crianças, começam a estruturar, tendo como referência a admiração pelos pais, as ideias de *bom* ou *mau*, para satisfazer o prazer de ser amado por eles e afastar a possibilidade de não ser amado, que lhes causaria um desconforto, desprazer. Seguindo a linha freudiana dos objetos de

desejo, Melanie Klein, começa a utilizar o termo “*seio bom e seio mau*”, para apontar que essa aferição do bom e do mau tem origem justamente na diferenciação do seio materno, na relação mãe-bebê: para além do alimento, a nutrição agora vai vincular o bebê à *lei à ordem* do mundo, assim como irá definir suas percepções a partir da forma como é nutrido, para além do leite materno. Em caráter qualitativo, a criança assim como distingue os seios, percebe o mundo: lançando mão disso, vamos dizer que existe um seio bom e um seio mau, uma nutrição boa e uma nutrição má, isso carrega a relação entre como a nutrição é oferecida e, o quanto ela perdurará.

Um lado te fará “crescer”, outro lado te fará “diminuir”, tem menos a ver com o leite oferecido, e mais com o existir de um seio que “está lá” e outro que “não está”, um que alimenta outro que se ausenta. O início do descolamento, dos desejos da criança dos da mãe. Insatisfeita nos seus desejos, essa criança começa a dividir os seios, o mundo e a vida: seio bom (pulsão de vida), seio mau (pulsão de morte), ela me ama/ ela não me ama. Ela me quer/ ela não me quer. Eu sugo/eu mordo. Inveja/gratidão. (KLEIN, 1991, p. 207-267).

A realidade a ser apreendida pela criança negra é dada pelo Nome-do-pai na figura do homem branco e consolidada por todos ao seu redor, mesmo na ausência da figura paterna, autorização advinda através da nutrição, agora seja alimento intelectual, psíquico ou pão, e é assim que ela [criança negra] entende a realidade, adota ela para si ou cria sua própria, mordendo a mão que alimenta, podendo ser chamada de louca, por pleitear sentar-se à mesa, servir-se do pão, talvez um queijinho no pão, ou a faca no coração da mãe branca.

Cruzamos esta ideia da divisão do mundo, entre bom e mau a partir da nutrição oferecida com as “significações do corpo negro” de Isildinha (NOGUEIRA, 1998): sobre a noção de divisão psíquica, tratada por “clivagem do eu”, onde começa a ser pensada, ainda que inconscientemente, uma divisão do sujeito, a psicanálise define que surge à nossa maneira de ser na vida. A clivagem, é dividida como interna, e outra parte que foge ao controle, pelo lado do recalque. Para Lacan, essa divisão, inaugura o sujeito e define suas subjetividades, é o que estrutura do modo psíquico e definirá nossa maneira de ser na vida cotidiana, ligando todo o sistema interno. Nesta ideia, é possível colocar a divisão do sujeito, nascida da subordinação de si à lei e à ordem, não como uma cisão, mas um interseccionamento, como uma encruzilhada dos sentidos, o sujeito liga as suas

relações do imaginário (como eu imagino que aquilo seja), com o real (como aquilo é) e simbólico (várias formas de como aquilo pode ser): são os passos das significações. (NOGUEIRA, 1998, p. 55 – 77)

A operação de “clivagem” ou divisão do sujeito, é um processo que surge no encaixe do que Lacan instituiu como metáfora paterna, representada como símbolo de linguagem com “O Nome- do Pai” e depois “Os Nomes- do- Pai” (LACAN, 1963/2005, p. 57 – 87): metáfora do objeto de desejo (primordial), fixado no inconsciente e significante do desejo da mãe (fállica), nesta metáfora a criança tem acesso à linguagem; sem saber, ela elege e nomeia assim seu objeto de desejo (NOGUEIRA, 1998, p.53)

Depois que Freud disse que a criança quer “ser” o falo, Lacan, no retorno a Freud, vai propor que a criança não quer “ser”, mas sim, “ter” o falo, a dolorosa “dialética” do ter [ou não] o falo. As significações lacanianas começam no falo, que agora é definido como do plano simbólico, não sendo um órgão sexual [pênis em si], mas as ideias que existem ao falar “Falo”, então, Lacan, diferente de Freud, vai chamar o pênis de “Correlato Real”. Por conta da dolorosa experiência de ter, tentando possuir o sentido de ser, do poder que tem no falo, a pesquisadora Isildinha Nogueira, sobre o mundo de Ideal do Ego (Eu) da brancura, lança mão dos pensamentos que posicionam o corpo negro, diante do espelho e do mundo, tal como um falo e não falo.

Vamos dizer, juntos (NOGUEIRA, 1998) e (LACAN, 1963/2005), que a linguagem é uma atividade subjetiva, onde se diz algo diferente do que se acredita estar dizendo: o inconsciente por trás do discurso do sujeito, que escapa ao seu controle, porque quando se diz, não se diz o que se está dizendo, mas o que está recalcado e não pode ser dito, só se pode dizer o que se diz, por não estar sendo dito, e, no vazio tudo se produz, assim como a dança acontece nos intervalos e não no som dos tambores.

A palavra se organiza na presença feita de ausências, que envolvem desde um colocar se de pé, até a própria fala e dança, as relações do sujeito com seu próprio discurso, se apoiam na divisão diante dos nomes que damos [as palavras que falamos] e o não dito [as ausências], mas o sujeito, como tal, desaparece, ele como linguagem é a ausência em si, na vida diária. A presença só é presença de sujeito, enquanto ausente, quando nada queremos saber, quando nada compreendemos e quando nada queremos compreender: aqui, “dito essa relação

mostra a estrutura de divisão do sujeito e ressalta que o sujeito ao ter acesso a linguagem se perde nela mesma, na linguagem que o criou enquanto sujeito”. (NOGUEIRA, 1998, p. 55 – 56).

Aí o sujeito se manifesta na alienação de si, reproduzindo continuamente a intersecção da divisão do sujeito, o sujeito somente emerge como sujeito, enquanto sujeito barrado de si mesmo: na escuta dos próprios recalques e retorno desses; “*escute seu coração*”. Quando se tenta endereçar algum recado ao sujeito [pelo sujeito, suposto], o sujeito desaparece, porque não é possível mandar-lhe recados, ele [o sujeito] precisa ser escutado, para então tornar-se sujeito: “*escute seu coração*”, então, ele não me disse nada; mas é neste *nada* que se sustenta o advento do sujeito pelo chamado feito através do som de convidá-lo a ser escutado, escutar.

Não escuto *nada*, pois o sujeito mesmo não pode falar de si, mas a disposição de escutar é colocar o sujeito frente à frente do seu desejo, o desejo de linguagem, sem que se tenha controle sobre essa operação: “*escute seu coração*”, então muda para “*escute*”, escute o sujeito que não pode falar, o sujeito do inconsciente, da ausência, do desconhecido, ainda que ele não possa falar nem ser ouvido.

O sujeito do inconsciente não é senão representado na linguagem, única forma de expressão do desejo, registro inconsciente, a linguagem aparece como meio pelo qual o sujeito emerge e aquilo que o institui como diretamente relacionado com a estrutura do discurso. (NOGUEIRA, 1998, p.58)

No estágio do espelho, de Lacan (1999), a criança percebe que o outro a identifica como tal: no olhar do outro, ela confirma que ela própria é uma realidade. No nível de subjetividade, nesta fase, ela irá construir-se tendo o outro como medida referencial. Antes dessa fase a criança acredita ser ainda uma extensão da mãe, ser inseparável dela, ela acredita que é idêntica a mãe. Então, no estágio do espelho, a criança começa a estabelecer o movimento subjetivo peculiar, de perceber a duplicação de si (como imagem especular), no reflexo do espelho, sendo ele e ao mesmo tempo não sendo, e, ao ver a mãe, também em reflexo, ele desmantela a ideia imaginária de que eles fossem um.

A fase do estágio do espelho coincide com o período posterior a seis meses do nascimento, ainda que não seja necessário desmamar a criança para que ela

possa começar a entrar no estádio do espelho, ela já identifica o “ seio bom” e o “ seio mau”, percebe que a mãe não está ali para servi-lo, depois descobre que eles não são um só: a partir daqui a imagem de si mesmo como outro sujeito, conquistar uma imagem própria terá papel fundamental nas identificações. Essa identificação, vai dar conta de pôr um fim no “ corpo despedaçado”, na criança. (LACAN, 1998, p.96 - 103)

No “ Corpo despedaçado”, do estádio do espelho, a criança não percebe a si mesma como um todo, é mais como um corpo esartejado, como disse, ela se confunde, entre onde ela começa, a mãe e pai terminam. Identificar o próprio corpo, depois do despedaçamento e, sua imagem real é fundamental nas identificações do sujeito: não sou eu no espelho [no reflexo], eu sou o real que se olha diante do espelho, mas aquilo que vejo no reflexo também sou eu, é em “quê” eu me reconheço, e é só esse confronto silencioso que liberará o imaginário do “corpo despedaçado” e da descontinuidade do corpo dependente da imagem do outro. (NOGUEIRA, 1998, 59 -61); (LACAN, 1998, p.96-103).

Diante do espelho, é como se ela ainda fosse aquela, mas não se reconhece, falando da criança de cor: há ocorrência de um estádio do espelho conturbado, não é preciso que se isole do mundo, para ter acesso à imagem introjetada, que tende a reposicionar a negra no estádio do espelho, ainda que tardiamente [em uma suposição] que opera os imaginários sobre si, como, por exemplo, endereçar a imagem dela própria ao ideal do eu da brancura, a fim de afastar a rejeição do desejo materno, sendo a função materna, a ordem do mundo social, difusora educativa da Lei, da função paterna.

O desejo desta criança alimentada, assujeita-se no desejo do outro, este outro homem branco – mulher branca, constituição imaginária do Eu ideal, que tem para a criança negra, o negro em si, função e valor essencial diante do espelho, busca vivenciar, ainda que de olhos bem fechados, a suposição de uma perfeição completa para ser apreciada, seja recebendo o pão ou matando o irmão de cor, pelo amor de suas figuras substitutas paterna e materna, na inclinação, quase orgânica, de tentar satisfazer o ideal do eu com o eu ideal; no drama de nunca alcançar o farol dentro do barco, decide abandonar os irmãos, se atirando ao mar; mergulha e estoura a cabeça nas pedras. O ideal do eu nunca pode se satisfazer com o eu ideal. O que o mundo quer que eu seja, nunca é o que eu gostaria de ter sido. E também não é o que eu de fato, na realidade, sou. Tentar se identificar com o seu colonizador,

apresenta ao selvagem uma verdade, uma verdade toda branca, assim, com este pensamento fanoniano sobre o inconsciente, o isso e a psicanálise com pessoas negras, então a educação, neste caso, precisa ser repensada, dentro do desvio de conduta e não na recuperação das imagens.

O pão, alimento, seio bom, a nutrição ofertada pelo simbólico das ideias coletivas, a que se deve inveja e gratidão, recarrega o imaginário dos heróis: “como eu gostaria de ter sido?” - Como ela, como ele. “Como eu acho que estou agora parecida com ela, com ele! Será que ela gosta da minha imagem, será que gosta de mim?”. Essa é a “dívida carregada de sadismo”, para com crianças negras, porque se há traumatismo, ele começa nessa fase: “Uma criança de oito anos que oferece alguma coisa, mesmo a um adulto, não saberia tolerar uma recusa.” Vai existir sempre uma ineficácia educativa ao se impor “gênio mau” ou bom, para crianças negras e brancas tendo como parâmetros a mesma tentativa de humanização de um isso, que são completamente trabalhados pela diferença em âmbito social na sociedade colonizada. (FANON, 2008, p.133)

Deve então escolher entre sua família e a sociedade europeia; em outras palavras, o indivíduo que ascende na sociedade – a branca, a civilizada – tende a rejeitar a família – a negra, a selvagem – no plano do imaginário a estrutura familiar sendo vinculada ao “isso”.

O preto, diante da atitude subjetiva do branco, percebe a irrealidade de muitas proposições que tinha absorvido como suas. Ele começa então a verdadeira aprendizagem. E a realidade se revela extremamente resistente. (FANON, 2008, p.134)

Não há como a negra ouvir seu coração, pois seu coração foi lapidado dentro das moralidades do ideal da brancura, ou, mais ainda, está guardado no lugar mais seguro, no lodo, na lama, no fundo do mangue, mais além, foi jogado no lixo. Talvez, o coração esteja espalhado por todo o corpo, no nosso caso, e ela não pode esforçar-se para “inconscientizar-se”, falando nas palavras de Fanon, em seu dia a dia. Mas se não há como escutar seu coração e ele está espalhado por todo o corpo, volte-se para o espelho, sem especular sobre si e, com as luzes apagadas, escute seu corpo: não há amnésia afetiva.

“*Eu sinto que...*”; pronto, se você sente, eu acredito em você: querer não é poder.

É progressiva a passagem de uma dialética de ser, ou não ser, ter ou não ter, mas na querência de propor uma socialização diferente da negra, do negro,

mudamos de mundo, com uma interpretação da experiência do vivido corpo negro (FANON, 2008, p.134) ; interpretação psicanalítica do mito negro (SOUZA, 1983): a suposição de virilidade e o drama do isolamento como critérios adaptativos e de recuperação social, são críticas inadequadas, que ignoram a existência e barram o desenvolvimento da criança negra ao lado dos seus.

O *problema negro*, nos caminhos do aparelho psíquico, propõe que se pense inversamente a cadeia de ocorrências e determinações, bases estruturantes do edifício da psicanálise, partindo do real, ao simbólico e imaginário: como as coisas são, como elas poderiam ser [e os caminhos que calcificaram a forma como se apresentam] e como eu imaginava que podiam ser. Eu sinto, escuto, percebo, eu vejo e, eu queria/quero

Quando pensamos os possíveis caminhos das cristalizações do simbólico no real, nos aproximamos, para nos distanciar da psicologia junguiana sobre “*inconsciente coletivo*”, lançando mão de definir que a barreira da distância, foi proposta pelo fato de Jung ter iniciado seu pensamento sobre Id [*isso*] e o inconsciente coletivo, a partir de uma exacerbação da ideia de negro, de cor escuro e selvagem, tendo fundamentado sua teoria na observação de povos nativos do Arizona e do Quênia, contrapondo esses povos, seus hábitos e costumes, aos da civilização europeia , caracterizando assim a presença do que diz por “*arquétipos*”: tal como exposto por Fanon (2008, p. 163 – 165): “expressão dos maus instintos, do lado obscuro inerente a qualquer ego, do selvagem não civilizado, do preto adormecido em cada branco.” A crítica fanoniana, o problema negro da questão sobre o inconsciente coletivo, é que Jung desconsidera que nos tempos de sua pesquisa, esses povos já haviam passado por experiências traumatizantes junto dos colonizadores brancos, então seus comportamentos e, receptividade, para com os brancos, já havia sido afetado.

É aceitável que como substância cerebral herdada, o inconsciente coletivo, venha atuar nas necessidades de autoconservação e modeladora dos mecanismos de defesa de um grupo que, por um lado histórico, tenha uma experiência traumatizante e, por outro lado, nunca tenha passado por essa vivência, mas aceitável não como gene, mas como substância herdada de dentro do conjunto de preconceitos, mitos e atitudes: pode ser que, uma geração atrás, nós não estivéssemos nos importado coletivamente com algo que ocorreu com a geração anterior mas, se hoje, nos fazemos mobilizar em alguma luta que teve início duas

gerações anteriores a esta, em que se vive, existem motivos reais para este “despertar” no presente momento. Isto também não quer dizer que estavam todos parados, na geração anterior a esta, pois tudo tem seu tempo. Cada geração com sua demanda atual, vinculadas aos mitos, preconceitos e tecnologias das épocas. Para Fanon, diferentemente de Jung, o inconsciente coletivo não é solidário com a estrutura cerebral, no esquema de instinto comungado com hábito, tal como se nascêssemos com uma predisposição natural, inata e fossemos treinando essa predisposição coletiva, com exercícios de acessar a história dos povos, mas sim, que o inconsciente coletivo é cultural adquirido (FANON, 2008, p.160).

Respirando os mitos e os preconceitos herdados, como substancia culturalmente adquirida, a jovem de cor, no país colonizado tem suas construções como sujeito, profundamente afetadas, e tenta assimilar-se às ideias oriundas da função paterna e materna colonizadora, de face branca, perdendo-se como unidade psíquica, terminando por se identificar como negra, através da fúria contra si mesma: “gênio mau”, mal, pecado, errado, problema; boi da cara preta.

O negro, o obscuro, a sombra, as trevas, à noite, os labirintos da terra, [...]. Creio que é preciso voltar a ser criança para compreender certas realidades psíquicas. É aí que Jung inova: ele quer ir à juventude do mundo. Mas engana-se redondamente, e só se aproxima da juventude da Europa. (FANON, 2008, p. 161-162).

Por ter sido uma criança negra, criada em um mundo, cujo supereu e ideal do eu, são familiares da brancura, a jovem de cor que cresce no ambiente onde as referências de Lei e Ordem, a última palavra ou “*Nome-do-pai*” são igualmente brancas [religiosa, função materna, função paterna, ideias coletivas], no entanto, no fantasiar, algo pode acontecer: a dúvida, na infância, plantada como semente estranha, não familiar à brancura; antes de aceitar o pão e a cor que lhe ditam dentro do mundo branco: tu, quem és tu? Não sei, tendo em vista que o sou, desconfiando da totalidade que a meu corpo é imposta pela lei e ordem, mas sinto que não sou somente isso. Surge assim, em Fanon, o “*negro mais ainda*”: “*Quando desobedeço, ou faço barulho demais, me dizem: ‘não se comporte como um preto’.*” (2008, p.163, grifo nosso). A semente da dúvida do problema negro, para atentar que os erros e os defeitos que nos fazem entrar em mal-estar conosco, arremessando-nos à violência contra si, tem o fundamento primordial na cor da pele e, a semente da dúvida, regada no solo marcado pelo insólito, faz brotar uma flor, em surto,

precisamente, esse cultivo deve ocorrer entre os oito anos e os vinte de idade, fase da vida em que se perde, pela cristalização, o sentido do inconsciente coletivo. Até os vinte anos, a criança negra, ainda pode romper o elo de querer servir aos ideais da brancura: Fanon, chamo o cultivo da dúvida no coração insólito, que dá origem à flor do “ *negro mais ainda*” de processo “ *derrapagem ética*” (FANON, 2008, p. 163, grifo nosso), e, de novo, é preciso estando no mundo, saber-se nele. E ele vai mais além, ao dizer que pensando inversamente, a juventude negra, o gênio mau, é justo o espaço que a criança negra precisa para mostrar-se indolente, desobediente, a falta de eixo, na derrapagem não encontra obstáculos, “ *se na minha vida, me comporto como um homem moral, não sou preto*”, mas sendo apresentado à dúvida, ela [criança negra] precisa furiosamente rejeitar as instâncias que inferiorizam seu comportamento, retirando das suas próprias costas a culpa, que é coletiva e não precisa carregar sozinha, se curvando para estratégias de recuperação, para servir de bode expiatório da sociedade civilizada “ *baseada em mitos: progresso, civilização, liberalismo, educação, luz, refinamento – será precisamente a força que se opõe à expansão, à vitória desses mitos*”. (FANON, 2008, p.164 -165, grifo nosso)

A sensibilidade, que se materializa na musicalidade postural do corpo negro, a virilidade, a resistência física, a potência exoticamente extraordinária, a performance sexual, atributos reconhecidos pelo seio da verdade como reveladores de uma, suposta, superioridade do negro. Tal como presentes “divinos” associados à irracionalidade e ao primitivo, em oposição à racionalidade e requinte: quando se fala na emocionalidade, o negro é todo aquele que quase sempre contrapõe a capacidade de raciocínio do branco.

O discurso racista está coberto de razão, quando define que primária é a emoção, quando diz que nós, negras e negros, somos mais emocionais, colocamos mais sentimento, somos artesãos em nossos gestos e coisas, não raciocinamos e jogamos para o emocional. “ *O corpo negro tem uma sensibilidade diferente*”, posto em um mundo para ser “ igual”. Daqui, estamos acompanhando uma ideia acerca dos “mitos”, que surgem em Fanon [através da palavra “ *autêntico*”] e, será lida, também, em Neusa Santos (SOUZA, 1983, p. 25 - 32), na trilha do “ *amor autêntico*”, com a marca insólita do “ *Mito negro*”.

O mito é estruturado por um conjunto de imagens “ *fantasmáticas*”, compartilhadas por brancos e negro, pelo senso de que nos empenhamos em comum pelo anseio de construir um mundo onde não seja preciso nos dividirmos a

partir do critério *raça*. Entretanto, ainda alimentamos, dentro desses fantasmas, frutos da fantasia, que nos perseguem feito sombra, a obsessiva veia de escape rumo a um objeto do desejo de opressão, tarefa que concede a negras e negros um desprendimento ainda maior para manter-se na vanguarda da luta antirracista, diante dos mitos instaurados de maneira assustadora, e bem-intencionada. Assumir o lugar de sujeito ativo, diante desses mitos, é aparentar estar indo de encontro aos imaginários de igualdade entre nós. Até podemos acreditar que algumas pessoas já se sintam estafadas em carregar o pesado fardo do massacre racial, no entanto as imagens fantasmáticas ainda embaraçam nossa visão com os poderes primordiais dos mitos: clareza e ilusão.

O mito, os mitos, são constantemente os definidores e também definidos pelas autoridades, contraparte dos que devem a estes mitos ser não somente subjugados mas serem oferecidos como objeto do desejo de opressão, como estamos falando de uma sociedade multirracial e “classista”, os lugares de tomadas de decisão e as figuras de poder são brancos, em caráter hegemônico, este fato nos atenta também para as discrepâncias, onde o ponto de vista branco é o que legitima os padrões ideológicos, favorecendo a discriminação de uns em detrimento de outros, e, em muitos casos, a palavra “branco” é sinônimo de aristocrata, elitista, rico, intelectual. (FANON, 1983, p.29). Neste contexto, o que constrói o mito negro, é ao mesmo tempo aquilo que pode pleitear a sua destruição: se por um lado, com o mito, são apresentados elementos concretos que compõem, justificam e fundamentam seu discurso, o poder que emana deste mito é o que estrutura seu espaço composto por desafios, expectativas e exigências; por outro lado, em conformidade com sua construção, a mesmíssima coisa pode destituí-lo do seu posto de mito, conhecendo seu discurso, dissecando seus argumentos e exigências, dissolvendo seus fundamentos. Já que o mito negro marca o diferente no corpo, também é pela diferença que se surtará: quando a diferença não for obrigar-nos a nenhum vestígio de neutralidade diante das definições do branco, a partir de então o negro será definido e se autodefinirá. Preciso lembrar que o mito negro mais conhecido, que se arrasta pelos séculos, é o de ser o negro o correlato primata, elo perdido entre o animal humano e o macaco.

Sobre este dito, Neusa Santos SOUZA (1983) enfatiza que é preciso que o negro deixe cair o narcisismo, de se entregar ao próprio reflexo, qualquer tentativa de vitória sobre os mitos, não cabe um apaixonar-se de si mesmo, porque nas

instâncias psíquicas do eu e do supereu, o negro foi ensinado a amar a brancura, destituído de qualquer amor autêntico. É preciso estar alerta, pois o “O mito não é uma fala qualquer”, ele é um objeto de comunicação, coisa ou pessoa, vindo pelo discurso verbal ou visual, de maneira objetiva a fim de escamotear o real, negando a história; assim, o mito se faz um instrumento ideológico formal e um efeito social resultante da “convergência de determinações econômicas-políticas-ideológicas e psíquicas”, extraindo daí também o seu produto, o mito é um conjunto de elementos fantasmáticos de representação que expressa-se e oculta uma ordem de produção dominadora e doutrinadora, e no ramo psíquico, o mito resulta no funcionamento predominantemente primário, no princípio do prazer individual e na ordem do imaginário, extraindo o máximo de prazer dentro do mínimo de possibilidade de prejudicar a mim mesmo. Quando jogamos o mito para a matriz constitutiva do supereu, baseado em nossos pais (família) e nação, o mito negro, em sua contingência, se impõe como desafio, ao negro, recusando a submissão, vendo-se frente à frente a tarefa de conhecer esse mito e eliminá-lo, sem querer se tornar branco ou outro mito.

A descoberta de ser negra é, mais que a constatação do óbvio. [...]. Saber-se negra é viver a experiência de ter sido massacrada em sua identidade, confundida em suas perspectivas submetida a exigências, compelida a expectativas alienadas. Mas é também, e sobretudo, a experiência de comprometer-se a resgatar sua história e recriar-se em suas potencialidades. (SOUZA, 1983, p. 17)

A construção da emocionalidade da negra, aqui, é vista como um elemento dentro do conjunto geral da construção da história social na qual se foi inserida, obrigada a tomar como concepções, parâmetros e tradições definidas, modelos de economia psíquica, política, justiça, cultura, educação, linguagem, comunicação, pelo Ideal do eu da brancura: heranças da sociedade que teve a si mesma transformada pelo veneno do racismo.

O espaço para a participação social da negra, nebulosamente, é elaborado pelas estratégias da colonização, a fim de estruturar e balizar as comunicações dos negros entre si, sobre si e seus afetos, relação esta oriunda do “*esfacelamento*” social, para além da abolição (SOUZA, 1983), atribuindo a negras e negros impedimentos e a renúncia da própria liberdade pela obediência.

Depois da decadência da sociedade escravagista, a nova submissão, pela substituição desta pela sociedade capitalista, governada pela ordem social de competitividade ostensiva, ratificando a condição que inferioriza negros e negras, que ainda permanecemos na clausura, mesmo de corpo liberto: cabendo-nos sermos disciplinados, dóceis e úteis e, também, submissos à recuperação dos nossos “defeitos”.

A posição de filho nunca mudou, o negro não será nunca adulto aos olhos do colonizador, sendo sempre abraçado pela lei e ordem paternalista, detentora do autoritarismo, que sempre será branco, adulto e masculino. O espaço da inferioridade de certa parcela da população, o sistema de ocupação das cidades, a forma de se inserir no mercado de trabalho, aparentemente, permanece destinada a um mesmo grupo, típico, quase que o mesmo da situação pré-industrial e pré-capitalista brasileira. Não à toa, o grande desejo de recalcar algo sentido e expulsar para bem distante de si qualquer identificação com seus iguais, a partir da estratégia de ascensão social do negro pela aplicação da própria força de trabalho, ou, através de estudos e diplomas, e a aquisição de uma forma de trabalhar por “conta própria”, aparentemente sem um “patrão”, enfim, tantas estratégias de penitência embrenhadas na mesma embocadura de provar sua vontade de inserir-se socialmente, remando contra as margens, onde sempre estamos aprisionadas, voltas no parafuso dos mecanismos da colonização, pela redenção econômica, intelectual acadêmica, social, política, por nunca termos sido respeitadas e respeitados como cidadãos e cidadãs, com participação plena e ativa na comunidade nacional.

Isto, o modelo da sociedade, onde os nativos, pessoas de cor, já são considerados não partes integrais do país, precisando ser recuperados e inseridos a partir da retida do autêntico de suas tradições e ancestralidades. Enquanto a sociedade escolher como parâmetros, para tomadas de decisão, espelhos de outros países com outros modelos de povoamento e colonização, cultura e políticas internas, prevaleceremos conservando a única perspectiva de que o cidadão digno e respeitável, merecedor de serviços adequados é o branco. E pessoas negras, de cor, irão continuar se organizando, na disposição de tornar-se gente tendo como critério a ascensão, equivalente a recuperar o próprio corpo e a se assemelhar com o branco, recalçando o saber-se negro “ que o negro buscou, via ascensão, tornar-se gente”, profundamente incentivado a isso pelas propagandas de toda sorte de

relações raciais, sustentadas, sobretudo, pela ideologia de embranquecimento – democracia racial - “funções de fragmentar a identidade, minar o orgulho e desmantelar a solidariedade do grupo negro” (SOUZA, 1983, p. 20 – 21)

Minar o orgulho não é um mero “não aturar seu cabelo” ou “tal textura e não outra”, ou, “tom de pele [versus] paleta de cores negras”, minar o orgulho, concerne o para além das nossas estéticas, e fere diretamente a construção de nossas emocionalidades, principalmente nas relações com nossos iguais, e este é o baluarte da democracia racial, a associação do embranquecimento, é o que acresce a segregação racial e a decadência dos laços de solidariedade entre negros, que não se percebem como grupo que desfruta dos mesmos tratamentos, ainda que por alguns momentos, alguns do grupo, disfrutem privilégios, esses privilégios são o brinde luminoso, o feixe do holofote que provoca o oceano leitoso da cegueira branca, embranquecida.

Um povo sem orgulho do seu igual, é incapaz de cooperar pela própria sobrevivência enquanto grupo, se não lembramos que somos constantemente posicionadas como grupo e que a responsabilidade é coletiva, a individualidade minará nosso orgulho, e qualquer expectativa de mobilidade em ascender socialmente de forma individualista, é coerente como predicado da democracia racial, onde a efetivação do projeto de recuperação do mal-estar da nação está centrado, concentrado na capacidade de progredir sozinho e individualmente, abandonando seus irmãos e suas irmãs. E essa maneira individual de pensar, nos obriga a constantemente oferecer provas, demasiado convincentes, da nossa capacidade em dizer quando se está dizendo sobre algo que é experimentado necessariamente como de corpo, como o racismo. E em nome da responsabilidade individual, somos condenados a condenar-nos e banir do nosso vocabulário essa palavra e seus sinônimos, que ela conhece muito bem, para nos recuperar e adequar ao contexto social da nação.

O embarreamento da construção da emocionalidade para negra é uma história que se assemelha a da democracia racial e da ascensão social do grupo negro brasileiro, submetida essa construção aos estoques raciais na presença do outro a fim de assegurar a hegemonia; é uma história de identidade renunciada, é colocar preço, inibir o corpo e recalcar as emoções, os desejos: a emocionalidade da menina negra e da menina funkeira (*novinha*) se constrói no desejo furioso de amar, lançando-se à morte no oceano deste desejo de viver na vida, desinibindo o corpo

dentro de tudo que se há para viver em sua exuberância, com intensidade e, no entanto, ser barrada e minada em seu orgulho, como se, se fosse possível, chorar um oceano, no qual irá se afogar.

E para que servem as *novinhas*?

Já escrevi sobre isso algumas vezes, não que eu queira citar a mim mesma, mas precisando fazê-lo, dado que sobre “*novinhas*”, temos algumas lacunas acadêmicas e também muitas discordâncias quanto à credibilidade da utilização de termos funkeiros em pesquisas científicas, que não priorizem dissecar a construção etimológica das palavras. Os saberes sobre as *novinhas*, que trago há muito nas minhas pesquisas, sempre tratam de providenciar, com a mesma rapidez com que se fala, a escapatória de não produzir definições. Volto a dizer: a palavra vale exatamente por tudo aquilo que ela evoca. É do *funk*, de quem se relaciona com ele, mesmo que não se diga funkeira. É infantil. E para esta pesquisa também é de cor.

Os contornos que as *novinhas* dão a esta pesquisa vem nos fantasmas dos imaginários, criados pelo seio da verdade branca, adulta, masculina e colonizadora. E nas significações que arrastam, enquanto gramática geracional, de um corpo que atravessa os espaços, tempos e gerações, um corpo desobediente e sem fixo: a “sortuda”, escolhida da vez, para ser a desfavorecida em todas as esferas da vida, são as primeiras, na linha de subalternidade e violência. Nossas *filhas*. Nossas *novinhas*, de dentro dos sistemas sociais, no pertinente à divisão sexual, cultural, de trabalho, são as filhas enjeitadas, fruto do matrimônio infeliz entre uma colonização racista e uma sociedade multirracial, abandonadas a uma ordem atemporal, espoliadora da psique, a partir do estupro, ainda que metafórico. Nossas *novinhas* são perigosas para essa estrutura diocésica patriarcal, que alimenta de medo a liberdade das meninas que não podem ser ouvidas.

Não raro, as linguagens do universo funkeiro são causadoras de estranhezas e inquietações, liquidificador das coisas em mal-estar, e, se para Fanon (2008), quando se assume uma linguagem se assume um mundo, sem malbaratar, vou dizer que universo funkeiro explode e dá origem a galáxias, sendo as *novinhas* uma constelação da galáxia feminina no universo funkeiro. Ao equipar a escrita dos corpos dessa constelação, em todas as palavras coexistirá o que essa pesquisadora se dispõe a aprender na pista dos *bailes funk*, em sua abundância, que assombra as relações sociais. E no seio da verdade o universo funkeiro, *tenebroso*, movimenta os imaginários do mundo tranquilo dos seres humanos.

Vamos dizer que pode ser verdade o que se sabe, no entanto, é mais ainda: muito já se vê na grande rede virtual, pertinente às definições sobre o funk e sobre as nossas novinhas. A superficialidade do que se sabe, atenua o algo que é efetivamente fino: o estranho ser qualquer coisa que nos era familiar, mas que no entanto não é mais, e nos inquieta, ao menor gesto de lançarmos a mão na sua direção, a fim de apanhá-lo, ou a lamparina na tentativa de iluminá-lo, estranho não é o que eu não conhecia antes, mas é o que eu conheço e que não me é mais familiar, não, não deveria vir à luz, parafraseando Freud (1919), em “o *estranho*”, quando o iluminado permanece *tenebroso*, justo porque os imaginários esclarecidos querem defini-lo pela visão sob a luz. Esse estranhamento, sobre as novinhas, será sentido sobretudo por não poderem ser vistas, sem causarem inquietação. O que a luz quer determinar, como farol na ilha onde os barcos nunca podem aportar, serve como imagem em que os imaginários esclarecidos buscam facilitar a socialização de outros grupos com os movimentos explosivos do universo funkeiro a fim de concretar ou calcificar cada explosão, cada galáxia nova ou antiga, defini-la, padroniza-la, civilizar o céu, colonizar o espaço, carregar os corpos celestes nos bolsos, algo impossível para com os cometas, mesmo que pudéssemos pegar carona na calda dos cometas, não poderíamos decifrar seu destino, [*onde será que ele foi estancar?*] [*onde será que iremos parar?*], não há garantia de que a viagem nos leve onde queremos chegar.

Não é mentira que quando queremos saber o que é “*novinha*”, nossas respostas imediatas são uma chuva de imagens tenebrosas sobre o corpo juvenil feminino, por aí vamos: dançando funk, meninas menores de idade, a nudez infantil, sexo ilegal no seu multifacetamento, violência e vulnerabilidade. No inferno ou no mundo dos espíritos famintos, tudo que os imaginários querem das meninas e mulheres: alimentar de medo a sua liberdade corpórea e massacrar seus desejos. A inoperância dos imaginários sobre o próprio corpo ganha as tecnologias de interatividade, produzindo o cimento das experiências de vida, definindo como deve se dar a interação social, essa é a técnica funcional, geracional, que expõe as novinhas à estrutura diocésica patriarcal no mundo onde o corpo da juvenil, feminino, funkeiro e de cor, tem dono, tem utilidade e não pode alimentar seus desejos pela liberdade, esfacelando a auto realização da vida na fase crucial para as desobediências. Agora, eu mesma acredito que se entre os oito e vinte anos a criança negra precisa avançar para a “*derrapagem ética*”, desobedecendo a ordem

operante de tornar-se branco, e Fanon, como ele mesmo diz, se deu conta disso aos catorze anos (2008, p.165), vou dizer que a derrapagem ética das funkeiras corrobora também com esta faixa etária, ainda que não se precise ter catorze ou vinte anos para sempre, mas sim operar a vida e o viver das coisas, perseguindo o retorno de algo retirado ostensivamente ainda na infância - a inocência -, e o direito à liberdade. Aí vamos acrescentar, ao estranho, que as novinhas funkeiras posicionam-se de algum modo como uma encruzilhada lúdica de desejos, expressando-se através de uma sexualidade violenta, aplicando a “*subjetividade na prática*” (MAFFESOLI, 2001), como explosão do universo funkeiro, um golpeamento atômico às mentalidades que são incapazes de perceber a maleabilidade do funk, enquanto cultura, que em suas transformações carregam “algo mais” que isso sobre aquilo.

Então não vamos fugir da nudez e sexo ilegal, meninas dançando funk, hipersexualização infantil, justo porque transgredir é ultrapassar o que se espera do comportamento social, reais e dos imaginários: esse corpo é tenebroso, estranho, perverso quando tomado de prazer, para além do prazer

Para Freud era impossível, tamanha a dificuldade, encontrar uma só “chave” que permitisse reunir todas as mulheres, a partir dos desejos. Nos pensamentos de uma psicanálise da mulher e feminilidade, as impossibilidades de definir noções de um conjunto único perduram em Lacan com “*O autordito*” [*Não há relação sexual*] (1972, p. 29 – 75), com as reflexões de “*efeito*” a respeito das ideias freudianas sobre a feminilidade e a mulher, tomando o seguinte sentido: não há como pensar as mulheres em um único grupo, as mulheres exigem serem pensadas uma a uma, então é inaugurada a célebre frase: “*A mulher não existe*”, LACAN (1972, p. 73 – 75), apud, LIMA (2011, p. 143 – 156).

A feminilidade, não se encontra no binarismo do “*ter ou não ter*” o *correlato real* (pênis), e o discurso não é mais do outro, deslocando a suposição da feminilidade para a lógica do *Ser* o “*falo*” [que é simbólico]. Nesses caminhos, Lacan aponta que a feminilidade é “ *mascarada*”: uma expressão que ele encontrou para indicar o “*efeito*” de véu, onde a feminilidade, como tal, é uma manobra, entre mulheres, de aparecer e quase aparece que, em um momento é [*ser*] e em outro momento não é [*não ser*] (LIMA, 2011, p. 143 – 156). Essa estratégia é em si o “*ser o faló*”, da mesma forma que para um homem: enquanto os homens nascem com o *falo* e seu *correlato real*, a mulher que nasceu sem o *correlato real*, busca “*ser o*

falo”, ou seja, busca agenciar essa diferença que a distancia do homem [por ela não ter o *correlato real* e não ser o *falo*]. Mas a proposta sobre a feminilidade nesse momento se converte em quê?

O homem sempre é e a mulher, por *não ser*, busca *ser*, jogando a feminilidade para debaixo de véus, [*em um momento você me vê, no outro não vê e, ainda*] assim a mulher, por *não ser*, é, e, por *não existir* [ou quase], não admite ser pensada da mesma forma como os homens, pois cada uma se mascara de uma forma.

Não é difícil que as meninas já tenham ouvido na vida: “ *Não sei, mas você é diferente das outras*”. Não é mentira, mas aí a masculinidade encontrou um véu: eles sabem que gostamos de ouvir que somos diferentes umas das outras, pois é nisso que construímos nosso “*falo*”, enquanto este for “*poder*”.

Algumas vezes vemos em estudos psicanalíticos que a mulher busca ser e dar “*aquilo*” que o homem não tem, ou que a *mulher tem inveja do pênis*, no entanto, as diferenças anatômicas pouco importam, no fundo, o que se traz à tona com essas suposições é que: desde menina, ela, ao contrário do que era imaginado, não aceita facilmente a *castração* [ao ver o pênis masculino, quase sempre de um adulto, talvez o do pai], não aceitando ser castra, ela percebe que o pai ou irmão tem alguma coisa, que ela não tem, então pondera sobre essa *ausência* nela. Percebendo não ter “*aquilo*” que é a “Lei” para ela, passa um tempo tentando *ter*. Depois ela quer *ser “aquilo”*, porque *aquilo* autoriza as suas ações e desejos. Depois ela vai querer possuir “*aquilo*”, justo por perceber que não *pode*. Depois, diante de tanta insatisfação, por nunca chegar “ *naquilo*”, agora já encoberta de véus, ela se adereça de tudo aquilo que ela aprendeu nessa jornada, observando os corpos que tem “*aquilo*”, aí ela descobre que *o que ela quer é ser*, quando se fala em “*tentar ser o falo para o homem*” é justamente *ser e ter aquilo que nenhum homem tem*: a possibilidade do *não-todo*. LACAN (1972, p. 73 – 75), apud, LIMA (2011, p. 143 – 156).

Um jogo que desafia as mulheres no conflito imaginário de ver a si mesma como privada de algo, perceber os danos [montar seus véus], entendendo a frustração (real), a privação (simbólica) e a castração (imaginária) e, principalmente esta última, que é a relação que irá inscrevê-la diante do mundo, a nostalgia de lembrar das castrações vai ser mais importante na construção da *sujeita-mulher* que no homem. Diante do “*estádio do espelho*” (LACAN 1998), ela alimenta a posição

radicalmente diferente da dos homens: na conta da mulher pode ser colocada muita coisa, mas principalmente o fato de ela *ser não-todo*, a feminilidade e incompletude. A menina quer jogar para o mundo a descoberto, encoberta por véus, da feminilidade ser a observação constante e fluida de uma anatomia, digamos enigmática, que apresenta ao mundo a noção de não-todo.

Ainda me lembro da imagem cativante apresentada pela menininha diante do espelho. [...] O gesto da garotinha, com a mão passando rapidamente sobre o gama formado pela junção do ventre com as duas coxas, como que em um momento de vertigem diante do que via. (LACAN, 1962/2005, p.223)

A ausência do falo carrega enigmas que fazem com que as mulheres e a feminilidade tentem apresentar constantemente à humanidade a “*diferença*”: porque não existe uma só representação da mulher, foi o que já dissemos sobre os estudos lacanianos, “representação” não é uma palavra que caberia, e, quando entra no jogo, quase sempre se remodelam os padrões estéticos, éticos, tudo para sanar as dúvidas que as ausências enigmáticas deixam na superfície do mundo.

E acompanhando a pista laciana de que não “ há relação sexual” (1972), vamos dizer que *não existe*, não há e, neste intento não importa, uma representação de mulher, porque queremos dizer que não existe uma só representação da mulher, ou posso dizer também mais, que a mulher como referência de mulher, representando a mulher, não existe. Na proposta de abandonar os cimentos e as “obras de arte” representativas: por não existir representações em si, a mulher, em sua essência, pode inventar a sua essência.

Não dá para mentir, nós sabemos: por *não ser*, *não ter* e, ausência [não está lá], mas querer saber, as meninas podem “ fazer o que quiserem”, para isso é importante lembrar que quando se cimenta ou cristaliza a representação, ela já não está mais lá, é preciso alimentar a imagem do espelho do sentido singular que habita dentro de cada uma de nós: deixando a menina jogar e experimentar o seu corpo, ela vai saber-se e fazer-se existir, nos hiatos; sabendo-se no mundo, com o corpo dela, e essas são as demandas do “ *empuxo do gozo, para além do falo*” (LACAN, 1962/2005), para além da lei e ordem simbólica de autorização do homem: é um amor de si que está fora do discurso, porque não constrói laço social, nem relação sexual. Ela se torna sujeito ao abandonar o sentido de ser objeto [do desejo] de outro.

Em Lacan (2011), o campo da fala define o *lugar da verdade*, por conseguinte estrutura a ficção da *mentira*. Precisa existir apenas uma mentira para pôr fim à verdade absoluta, mas se a caso disser “*eu minto*”, já não está faltando com a verdade, então não tem mentira, não naquele momento em específico. Não mentiu, mas existe um “*barrado do dito*” e, esse é o primeiro ponto do “*inconsciente estruturado como linguagem*”. Barrado o dito, “*eu minto*”, mas não sabendo qual o momento em que “*eu minto*”, vamos atrás da verdade, interpretando, “*eu minto [ponto de interrogação], quando, por que, como [ponto de interrogações]*”; “*eu falei a verdade [ponto de interrogação]*”, simplesmente, persegue-se a verdade tentando interpretar o que se faz, o que faço, querendo assim, interpretar o porquê “*eu minto*”, e não me dou conta de que, em meio a tantas interpretações, não há uma sequer que não queira dizer alguma outra coisa, que não seja somente o motivo da minha *mentira*. Daí, desse jogar do “*inconsciente estruturado como função da linguagem*”, a linguagem extrai dele primeiro ou depois, depois e depois, o benefício que sempre será o “*gozo*” (LACAN, 2011, grifo nosso), principalmente na repetição, de se perguntar constantemente a pergunta que te atravessa.

Não é mais “*o princípio*”, Lacan dá “fim” a esse termo freudiano: como na expressão “*para além do princípio do prazer*”, se já disse que é *além*, então não precisa dizer que se trata do *princípio*, pois é *mais*, “*Um princípio em que existe um além não é mais um princípio*”, vai dizer que todo princípio já é um “*além de*”, “*mais que*”, “*mais ainda*”, para fins de não aprisionamento, preservando as indefinições: se o sujeito nunca irá encontrar o fixo da interpretação das perguntas que faz ao inconsciente, o que é que ele vai encontrar? Nada que não dê para ser catalogado nos registros do “*gozo*” (LACAN, 2011, p. 26, grifo nosso).

O gozo mora onde? Do que ele precisa? De um corpo, é preciso um corpo para gozar. Corpo presente, ainda que nada glamoroso. Se no princípio freudiano, a tendência corpórea é a redução das tensões por repressão social ou orgânica, na alcunha de “*prazer*”, o gozo é exatamente o oposto, é a produção das tensões, por isto, tudo que leva seu nome e se reconhece nos seus sinônimos é também além e mais.

E haja paciência, dedos e tintas a fim de ter tanto trabalho para se dedicar a uma coisa que é tamanho evidente quanto esta que venho tentando dissertar. Quando falei que o medo de não poder viver move muito mais essa escrita do que um medo de morrer, dada tamanhas nuances que falas como essas podem ter,

quero que saibam que não quero simplesmente atear fogo no meu próprio corpo, ou jogar-me de uma passarela, afinal, ninguém que já tenha dado cabo de sua vida pode retornar para dar seu testemunho, mas de toda maneira isso tudo é um instinto de morte, enquanto não poupar a própria vida for um Compromisso.

É preciso, estão no mundo, saber-se nele, não estou entregue ao túmulo: não estou morta, não. Não menti. Mas aparentemente sabemos que estamos morrendo, não de forma natural, mas experimentando as formas mais sofisticadas para satisfazer a sede de morte no mundo em que vivemos.

A lógica do instinto de morte é espantosa, Freud não mentiu. Mas ela é, abrir mão das ninharias oferecidas pela realidade e pelo prazer, querendo além da miséria, interior e exterior, esse instinto ou pulsão de morte pede ao corpo o relançamento sobre a agressividade, “ quem sabe, o único ato, se houvesse um que fosse um ato consumado”. Assim como deixar o corpo ser varrido pelas chamas do fogo, ao consumir o ato, não é preciso que se queira comover outrem, da mesma maneira como pode um suicídio não apetecer absolutamente ninguém, provando como é difícil viver como ser humano, mas exatamente a consumação em si, do próprio corpo, é um “discurso” no ato fracassado, e essa inclusive é a única condição de “sucesso”. (LACAN 2011, p. 29 – 31).

Existe o corpo, existe então o gozo e existe o outro, e existe também o esforço desnecessário de se lançar à “ mão que alimenta”, sem morder, na direção do prazer, para tentar tocá-lo, possuí-lo, captura-lo, então, o gozo não está ali, foge, se perde. O gozo não é capturado, nem no êxtase momentâneo, cópula e procriação.

Ainda que tentemos reduzir a complexa substância que a psicanálise admite pelo nome gozo, e que de fato a sexualidade esteja sem dúvidas no centro de tudo que se passa ao pensar as pulsões e o inconsciente, a sexualidade em si é a falta a ser pensada, sobretudo quando se fala de uma inexistência de “ relação sexual”, quando se trata de gozo: os estudos lacanianos, vão dizer que essa tese é referente ao ser falante, quando no gozo, além do prazer [instinto de morte], pareado ou não à realidade prática da copulação e procriação, podendo não ser em nenhum desses momentos, ao contrário do que pode se pensar usualmente, esse gozo incapturável não poupa o corpo do prejuízo da vida das pulsões do gozo, esse gozo é a reprodução da vida, aí as possibilidades são tão incomensuráveis, tais como o próprio gozo. Mais ainda, algo insustentável, mesmo diante da [pulsão] morte,

porque é simplesmente impossível de ser demonstrado em algum, qualquer, “discurso”, não cabendo em palavras, mesmo que o “saber” seja da ordem do gozo, e, no simbólico do “poder” em si, que não atura ser representado “sobretudo nenhum discurso que verse sobre a verdade e o saber. Não existe síntese no gozo”, e, “a verdade não é nada que ela pretende” (LACAN, 2011, p.32 – 36).

Retomando, às muitas imagens e imaginários que tentamos resgatar ao sermos interpeladas por expressões como “novinha”, ou “novinha funkeira” mais precisamente, iremos entrar em contato com: um corpo juvenil, feminino, da mulher, de cor, relacionando-se com funk, mais ainda, vulnerável, sexualizado, disponível de maneira ilegal [ou quase]. Sobretudo, como já apontamos, podemos ter acesso a um portfólio tenebroso do “espécime” nas nossas mídias digitais, conteúdos dedutivos da menina/mulher funkeira comparáveis a um flagelo, na categoria mais inferiorizante do ser feminino. Mecanismos que intensificam a necessidade de se operar estudos sobre essa condição de existir, que a meu ver quase sempre estão relacionadas a momentos onde o corpo da menina/mulher dispõe-se a desfrutar dos mesmos espaços que o masculino do homem desfruta, e com algum grau de igualdade: o lugar do lazer, do ócio e da liberdade.

Comparar as gerações funkeiras que precedem esta, onde as mídias estão dominando as comunicações e, experimentamos as maneiras mais sofisticadas de subalternização da cultura de cor negra e das personagens envolvidas com esta, não é algo de ser pensado nesta dissertação, mas acredito não ser exagero externarmos que ainda que os corpos permaneçam carregados pelos mesmo fantasmas, da busca pela liberdade, a atual geração, na urgência de viver, fica ainda, e cada vez mais, barrada na sua auto realização. Se duas gerações atrás não estávamos preocupados coletivamente com o que era cantado nas letras funkeiras, não estávamos preocupados com as danças funkeiras e nem com os sujeitos que desfrutam desta manifestação, hoje nos encontramos ponderando por demasiado sobre o teor das rimas, a velocidade do ritmo, a intensidade com que há a entrega na dança, no entorpecimento do corpo, seria talvez porque o mundo civilizado esteja tentando apaziguar as coisas para si, a partir da retirada ostensiva de um sentido coletivo dinamizado pelo funk em seus bailes: a liberdade. Surgem críticos e críticas demasiado maduros que subalternizam e visam civilizar os caminhos dessa urgência funkeira, de viver diante da estagnação social da vida, instrumentos de repressão que instauram inquéritos e critérios para o enfraquecimento e fim de uma cultura,

que não, a civilidade não é capaz de perceber como cultura, por não conseguir capturar em sua plenitude as rimas, ritmos, sabores pela lambida e corpos, porque nos tornamos incompetentes no ramo do sentir, precisando constantemente atear tochas e holofotes para iluminar, saber o que tem “lá”, e, se estranho é algo que nunca deveria ter vindo à luz, e diante da luz apresenta-se ainda mais tenebroso, enquanto estivermos ponderando sobre as palavras ditas, para a forma de dançar, para o ritmo que acompanha sua geração e as demandas atuais de urgência pela vida, sem mais delongas, estaremos depositando em uma única manifestação todo o nosso mal-estar social, e esse seria o caminho mais fácil para não sentirmos coletivamente as novas demandas diante das tecnologias de inibir e exterminar, ainda que metaforicamente.

Na conta do funk e dos funkeiros pode ser colocada muita coisa, mas aniquilar o funk, pela inércia da inibição, pela repressão da urgência da vida e do viver, é civilizar os caminhos do campo da fala, pelo assassinato da função de linguagem, tendo como critério para recuperação o defeito de ser de cor, negra. Não digo mais nada, temos muitas coisas mais interessantes para pensarmos como sociedade civilizada, por exemplo, o fato de que o genocídio de jovens negros já está gravado no nosso corpo e tomou conta das ruas, o feminicídio já fez morada em nossos corações frívolos, fato, a pornografia de vingança e a importunação sexual pública se tornou, oficialmente, um crime e, se nós mocinhas, novinhas, não soubermos como espertar nosso proceder diante de situações de risco, nós estaremos sozinhas e vulneráveis, tantas formas de dizer que o amor não é mais autêntico.

Enfim, o funk também, ousadamente, ruminando os vespeiros sociais, paga o preço de ter em si depositada as mazelas que vivemos em silêncio, então ouvimos um funk e recriamos suas rimas para livrá-lo de qualquer natureza de machismos, sexismos e violência de gênero, mas em casa, na rua, no trabalho, não colocamos nossas preciosas mentes para repensarmos nossas atitudes colaborativas à continuidade do racismo, patriarcalismo, sexismo e machismo. Até acredito que o funk tem esse trabalho de vomitar toda a nauseante e inquietante espécie de recalque, que nos impossibilita de nos identificarmos uns com os outros e sobretudo com essas práticas rimadas e ritmadas, nós somos isso em que nos revelamos.

“ Eu nem gosto de funk”. Sim, eu te entendo. “ Eu não gosto de funk porque ele tem umas letras de baixo calão, imagens pejorativas das mulheres”; “ eu não

gosto de funk pois transmite uma imagem machista do corpo feminino, e faz apologias ao sexo ilegal”; “ eu gosto de funk, mas não de putaria e nem de apologia ao crime”. O que posso dizer mais além que isso: até mesmo nossas cantigas de roda são neurotizantes, por que o funk não seria? Somos nós contado, à nossa maneira, sobre nossos corpos e nossas relações sociais.

A maioria dos brancos, Fanon (2008, p. 151-152) propõe um padrão, acredita que o negro representa o instinto sexual não educado, encarnado da potência genital acima da moral e das suas interdições, de repressão sociais e orgânicas, ele diz literalmente que o corpo negro é visto pela branca, como a verdadeira indução da parte, impalpável por elas, no “reino dos sabás”, “das bacanais”, das sensações sexuais alucinantes, no plano imaginário das percepções da brancura comparando-a ao corpo negro, “O preto é percebido como um membro assustador”. Mas ser preto é outra coisa, não é? Ser mulher negra é outra coisa, não é mesmo? Ter a sensação de servir como álibi de um processo de higienização dos seus iguais, o sexo biológico pode nos separar, mas tenhamos a certeza do ponto em comum, onde *“ambos representamos o mal, ou o ‘negro mais ainda’, pela razão de ser negro”*, em Fanon (2008, p.154, grifo nosso).

O membro assustador e o riso encantador: o álibi perfeito para a democracia racial, posicionada na encruzilhada, mulher e diferente, criança não inocente. Articulado o “problema negro” sobre a sexualidade feminina, situamo-nos nas travessias de Freud para Fanon: a articulação frutada e fixada pela busca da identificação clitoriana, dentro da anatomia enigmática feminina. Sem levar em consideração o clitóris, acreditava-se que a agressividade na menina é menos bem-sucedida que no menino. Se acreditaram também que o clitóris era uma miniatura do pênis, pode-se acreditar que a qualidade dele se encontra na mesma do pênis, “a de dominar a mãe”, pela pulsão mais agressiva, Fanon, chamou isso de “estripar a mãe”, são as noções da fantasia do estupro.

Ora e o que ele e todos nós queremos saber? Se, ao lado da realização definitiva da feminilidade não há a persistência desta fantasia infantil, na mulher, mesmo mediante a aparente aversão aos jogos brutais dos homens, se não há uma cicatriz, pela não efetivação do “estripar a mãe” ou “ bater em outra criança, igual”, posto que ao contrário do que se pensa as meninas não aceitam facilmente a castração, elas se mascaram.

E vamos mais, se, entre os cinco e nove anos a criança começa a acessar a cultura, os ritos, da forma que conhecemos como adultos, e a pessoa negra, de cor se torna depósito predestinado dos fantasmas da agressividade, ser uma menina negra, seria paralelamente, encarnar o membro assustador [do homem de cor, em Fanon] e o recalque da agressividade [no complexo de Édipo ativo, freudiano]: objeto dos desejos, dentro das noções sobre fantasia de estupro. (FANON, 2008, p.154).

Não vai demorar muito, talvez quatro ou cinco anos, estaremos mergulhados em problemas de segregação, que serão fustigados com o termo racismo. Todos esses problemas prendem-se ao controle do que se passa no nível da reprodução da vida em seres que, em razão de falarem, revelam ter toda a sorte de problemas de consciência. É incrível que até hoje não se tenha percebido que os problemas de consciência são problemas de gozo. (LACAN, 1971, p.36)

Portanto, quando se diz da “fala”, iremos acompanhar o seguinte: trata-se de uma função relativa, apresentada no campo da linguagem, esse que, dispõe o “ *ser do ente*” ao jogo de confrontar-se com a verdade, revelando seus sintomas na fala, e, por último, o retorno à linguagem [função], de tudo que não pode ser dito, mas sentido, como algo exclusivamente de corpo, “*Talvez os mais sensíveis sejam os que compreendem menos*”, nesse jogar, como iniciação[mais além] da vida [reprodução dela] mora uma chave tão real quanto um choque elétrico, vibrando nos ossos... As metáforas voam, a fim de ultrapassar os seus meios.(LACAN, 2011, p.47 - 52): você já se perguntou para que serve uma menina negra? E para que serve uma novinha funkeira?

Mesmo uma verdade toda branca, e sobretudo esta, é que tende a vir por intermédio da linguagem pela fala, a fim de aproximar-nos do real, num poder de indução sobre o saber-se diante da verdade. E além da verdade, nada sabemos sobre essas meninas e novinhas, no fundo nada sabemos das mulheres, a não ser o que já corre e é versado por aí, mas aparentemente, falar sobre si e o que sente, é uma fala proibida, então, por esse mesmo intento, não há outra definição para a substância que vibra no interior da medula, que não seja a relação do ser falante com seu próprio corpo.

O que é dito, é dito, e por ser dito, é um fato que estamos fundando em cogitações empíricas primeiramente, sem medo de envolver as emoções nesta pesquisa de caráter científico, caminhando no tropeço, derrapado de “acoisa”: a

coisa que só se faz existir neste tropeço, fluxo de uma caminhada, de um corpo sem eixo. Quando Lacan fala “acoisa”, essa é algo que se perde, algo que escapa das mãos no tropeço das travessias palavreadas por aí, se descola do sujeito na questão do problema, enfrentando-o frente à frente, essa coisa se chama objeto *a*, agora sim, é um objeto, vemos um objeto e um sujeito, mas ainda derrapando.

“É realmente preciso ser homem para acreditar que copular faz gozar” (LACAN, 1971, p. 68).

Algo que nos violenta, que ao mesmo tempo dita que sentimos uma perseguição que não faz sentido e que nem tem fundamento, espoliando, não, mutilando, não só, mais ainda, estuprando as subjetividades das meninas e mulheres negras e de cor, respigando o sangue da violência sexual e o jato de esperma na construção das nossas emocionalidades. Essa é a dimensão da violência racial na qual queremos arrastar o rosto de quem nos lê, de quem nos vê, ainda que não possamos ser ouvidas, nas particularidades de assumir que não são normais as relações de meninas e mulheres de grupos raciais não brancos, quando se fala de seus comportamentos, estruturados e reforçados pelos impedimentos e interdições ao recusar-se a amorosa submissão da fantasia do embranquecimento.

Quando digo que não podemos ser ouvidas, estou caminhando junta da pergunta “*Pode o subalterno falar?*”, de Gayatri Chakravorty Spivak (2012) e vamos mais ainda:

De todos os verbos e preposições que aqui estão, inclusive tamanhas quantidades de “*servir*” e “*que*”; um “*casal*”, de mãos dadas não poderia ser colocado em comunhão: o casal “*falar por*”, já que, não estamos representando nada, nem ninguém, como a “*arte e a política*” já o fazem bem e descomedidamente, assim sendo, essa escrita é somente a ação que não se limita a representar um grupo, nem dois. “*Será que os que agem e lutam são mudos quando postos ao lado dos que agem e falam?*” (SPIVAK 2012, 39 - 40).

O problema negro do “*falar por*” é que ele em muito se assemelha à tendência que temos de dar a “última palavra”, algo que fomos ensinadas e já foi dito aqui nessa dissertação com o *Nome-do-pai*: quando alguma coisa aparenta ter a ausência de um “*nome próprio coletivo, artificial*” passa a ser não familiar, buscamos de todas as maneiras dar-lhe posição diante de nossas crenças, estratégia que oferece, a partir do “*falar por*”, a assimilação consciente. A *lei do pai*, vem de forma natural, pelo viés paternalista, tornando-se quase orgânica à nossa condição de

nunca conseguirmos “matar o pai”: “ *a tradição histórica produziu nos camponeses franceses a crença de que um milagre ocorreria, de que um homem chamado Napoleão restauraria toda a sua glória. E um indivíduo apareceu*” e eu, sem dúvidas, não sou um indivíduo, não poderia simplesmente convidá-las a acreditar que “*eu sou o cara*”, perdão, que “ *sou a mulher*”, que veio “*falar por*”. Quem de nós ainda acredita que um subalterno pode, no rebento de sua traqueia, *falar por* seus iguais e permanecer incólume diante da gramática cegada pelo poder da brancura? (SPIVAK, 2012 p.49 – 51), resumidamente e, parafraseando Safatle (2008/2010), o objeto nesta pesquisa, é um desprendimento mais gelado que a morte, por precisamente inclinar-se a repensar o nosso fetichismo em colonizar o outro e esse é o nosso *compromisso*, um amor furioso, algo tão real quanto e, mais gelado que a rigidez cadavérica.

O caixão, as paredes de uma sala, servem para guardar o vazio dentro dela, os espelhos, nesta sala de dança, servem para guardar vazios ainda maiores e, ao mesmo tempo, que não conheçamos nada sobre o vazio ainda, e nunca saberemos por completo das coisas deste vazio, cheio de paredes e espelhos. A sala cheia, e os ecos soam melhor vindos do fundo. Tudo bate nas paredes e ressoa nos corpos, tudo bate no espelho e nos ressoa tanto que me suga. A coisa, inversamente pensada e não enunciada é o objeto que se pensa ao cair na inesgotável pergunta diante do espelho: Para que servem as meninas negras, e para que servem as novinhas Funkeiras no mundo de ideal do eu branco, adulto, masculino e colonizador?

Para que serve *isso*?

Há um sofrimento no corpo todo, vibrando, não importa em qual parte, não há possibilidade de mensurar o grau de sofrimento que este corpo é submetido, servindo-o ao jantar das humanidades, porque tudo que tem nesse corpo foi tratado sempre como o lado demasiado obscuro da terra, sempre barrado de realizar-se. Não cresci como uma criança normal, não neste mundo de ideal do eu da brancura. E como é dura a experiência de viver um corpo que nunca se sentiu normal, um corpo do fundo da sala de aula e, como construir sua emocionalidade, relações de afeto para com o mundo, tendo o costume de receber pouco do mundo, esperando pouco da vida, tendo sempre a forte impressão de ser merecedora de tratamentos indignos, incompletos, tal como o próprio corpo, onde sempre algo falta? Não, eu não sou uma criança normal.

Uma profunda triste toma conta de mim porque eu carrego como único *compromisso*, a missão que abracei junto de meu corpo, que escapa de mim como objeto e me segue como sombra; triste porque é um amor sofrido, uma dor intensa de vazia: eu quero, e vou fazer, tudo aquilo, sem limites. Improvável, porque não sei como providenciar esse espertar, contudo, eu irei, nem que isso custe a minha vida, irei reafirmar o compromisso que me tornou funkeira, antes de ser professora, antes de ser bailarina, antes de ser uma menina, como se essa decisão, há muito, já tivesse sido tomada, antes mesmo do meu nascimento.

Sim senhores, pensem vocês o que quiserem, mas as afirmações que faço aqui tem fundamento, são fundamentadas em experiências de vida, em escuta e abraços, de braços, mãos, unhas e dentes que querem cavar a terra, debaixo para cima, arrancando e emergindo junto *com* minhas meninas, um buraco tão fundo, tão grande, que quando se abre, não nos permite que fiquemos obedientes. Diante de *compromisso* como esse, de onde saímos, e onde quer que estejamos, nossos corpos sempre corresponderão ao *fundo*.

4 OUTRAS HISTORIAS

4.1 Verônica: O que os olhos não vêem

Foi no ano 2013, tive a oportunidade de pertencer a um núcleo de pesquisa psicopedagógico, que realizava trabalhos a partir da dança e expressão corporal, interessado nos impactos na qualidade de vida de indivíduos deficientes visuais totais e indivíduos deficientes visuais parciais. Foi em uma conhecida instituição pública, que oferece serviços hospitalares, ambulatoriais, atividades terapêuticas e uma escola de educação básica (educação infantil, ensino fundamental I e ensino fundamental II) na cidade do Rio de Janeiro, este foi o cenário de meu primeiro estágio em dança e saúde, durante a graduação em Bacharelado em Dança pela Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Neste estágio, fui direcionada para atuar com a dança junto de outra colega estagiária da mesma instituição de ensino, sob supervisão da equipe de psicomotricidade do local de estágio. Durante um ano e meio, oferecemos “aulas de expressão corporal” para as crianças e adolescentes estudantes da escola (supracitada).

Foram tempos de primeira experiência com a educação inclusiva: como pensar a arte-educação partindo da dança com crianças e adolescente deficientes visuais totais e deficiente visuais parciais.

Nosso grupo variava entre crianças, adolescentes e jovens, na faixa etária de 10 até 21 anos. As aulas eram abertas e o público alterava muito. Falando em quantitativo, normalmente contávamos com cerca de 10 participantes, quase sempre dois ou três eram deficientes visuais parciais (baixa visão), e o restante era de deficientes visuais totais (cegos), sendo que durante todo o tempo em que estivemos em contato, apenas um, um jovem, havia nascido com a visão sem deficiência e posteriormente, de forma abrupta, perdera completamente a visão.

No fim de tudo, os fins serão justificados pelos meios, por isso tantas voltas. O objetivo da aula naquele dia era “contato *com* o outro”: o contato físico sempre me pareceu a forma mais eficaz de atingir os objetivos na aula, quando se tratava de um público como este, jogando para o tato toda a responsabilidade da falta da visão do olho. Eu observava que existia um esquema de “*parceiragem*” entre os estudantes

que transitavam pela escola, que se aliavam uns aos outros, facilitando sua locomoção nas dependências do Instituto, então trouxemos isso para a aula.

Pedimos para que formassem duplas, com pessoas que eles não conhecessem muito bem. Eles iriam tocar as mãos, perceber a sua dupla, se era “menina ou menino”, sentir as texturas, sem conversar entre si, nada muito diferente daquilo que eles já estavam acostumados.

Um menino, Daniel, 21 anos. Deficiente visual total [perda total da visão entre os 0 e 6 anos]. Aluno do 9º ano. Negro.

Uma menina, Verônica, 12 anos. Deficiente visual total. Aluna do 7º ano. Negra. Formaram uma dupla, e de repente:

Verônica interrompe a aula antes mesmo de se suceder o que descrevi sobre o plano de aula de “contato com o outro”:

- Eu não vou fazer dupla com Daniel não, Tia!

- E por que não?

[Eu me aproximo, toco nela, para ela perceber que estou ali, querendo saber o que está acontecendo, a intensidade com a qual ela rejeitou sua dupla, me deixou um pouco tensa]

Verônica continua:

- Ah Tia, você sabe! Ah Tia, porque ele é PRETO! Não vou fazer dupla com preto, eu gosto dele, mas ele é preto, eu sei que ele é preto.

[Eu quero saber mais]

- Mas e o que é preto? Como você sabe?

Verônica responde:

- Ele fica dizendo que mora em Copacabana, mas eu sei que ele mora lá no “Tabajaras”, ele fica mentindo, eu sei que ele mora lá, porque ele já me disse.

[Confusa, não conseguindo ligar nem uma coisa, nem outra, eu pergunto]

- E você é vizinha dele?

Verônica responde:

- Eu não, eu moro em Belford Roxo, mas quer dizer... Eu moro aqui no Instituto, mas lá também.

[Eu continuo]

- Tá, mas então, o que tem a ver isso, do bairro, com você não querer fazer dupla com Daniel.

Verônica continua:

- *Ele é preto, quem mora na favela é preto*

[Eu provoco]

- *E o que é um preto? E morar na favela?*

Verônica ri, com o som “hãaaaa”, inclinando a cabeça para traz:

- *Tá pensando que eu não sei Tia (a voz vai diminuindo junto com a cabeça se abaixando), eu sei que eu sou preta.*

[Fiquei ouvindo]

- *Minha mãe já me disse que eu sou preta, por isso que eu aliso meu cabelo.*

(Ela faz um movimento de balançar a cabeça na intenção de mover os cabelos.)

Verônica continua:

- *Preto tem assim, cabelo duro, eu queria ter nascido com cabelo assim “molinho”.*

[Continuei perguntando]

- *Mas e é isso? A diferença que você acha que tem nas pessoas pretas?*

Verônica responde:

- *As pessoas falam que preto assim, tem uma coisa de sujo, aí eu aliso meu cabelo, mas eu sei que eu sou preta. Tia, você é preta?*

[Ela toca na minha cabeça, na intenção de encontrar meus cabelos, que eu havia acabado de cortar bem curto]

- *Você mora onde tia?*

[Respondo]

- *Na zona oeste, em Paciência.*

Verônica:

- *Haja Paciência! Ai Tia, seu cabelo é tão fofo, cheio de cachinhos, mas você é preta, eu nem sabia que você é preta, Tia.*

[Eu continuo]

- *E o que tem a ver o bairro com isso ser preto?*

- *Não sei, preto mora em bairro ruim, favela, sei lá Tia.*

[Ela finaliza, como se nunca tivéssemos começado aquela conversa]

[Mudei a estratégia e dei continuidade à atividade, da forma que foi possível com Verônica e Daniel formando dupla].

4.2. Na hora do recreio:

- Tu, quem és tu?

Elas passam uns meses perguntando.

Existia a dúvida: - você é até uma boa menina, uma excelente amiga, e suas notinhas? São uma maravilha, executa bem tudo que a lição indica, queridinha da diretora. Por que se arriscaria em ser realmente nossa amiguinha?

E ela não sabia, mas arriscaria.

- Dizem por aí que você não gosta da comida, dizem até que você, escondida, você vomita, mas só pode ser mentira. Você é tão bonita!

Ela não sabia, e seu pensamento não se convertia, ao invés de saber-se bonita, mentia e agradecia.

- Por mim, você, defeito nenhum tinha, talvez nem com a gente se metia.

- Por que com as outras meninas você não se envolvia?

“Talvez seja porque eu sou pretinha”.

- Ah, pretinha? Conta outra historinha, então só se fossemos todas pretinhas, isso sim justificaria, toda a vontade alheia que nos desprezaria.

- E quanto à comida?

“É que tenho muita vontade de me sentir vazia”

- Mas que danada mania, isso não te dá azia?

“Enquanto todo mundo se divertia, eu ficava sozinha e me escondida”.

Uma vomitava, a outra nem lanchava, a outra nas aulas cochilava, e a outra se mutilava, mas enquanto juntas com o funk esse grupo estava, em nada disso nenhuma delas pensava. Podia ser pela dança que o bonde organizava, ou pelos pequenos protestos que tramavam contra as maquiadas e a playboyzada, ao por "Furiosas" serem chamadas, mas em uma coisa esse grupo de meninas se encontrava: em todas, o funk alguma coisa movimentava. Qualquer coisa necessariamente infantil, de sobreviver mais um dia, entre a hora da saída e a próxima hora do recreio.

4.3 Catorze:

Contei toda a história de Vânia. Falei também das implicâncias da Carmita e, principalmente, do que eu estava sentindo. Por fim, com uma dúvida muito forte em minha cabeça, perguntei:

- Eu também sou pretinha, mãe?

- Hem? – Acho que minha mãe se assustou quando perguntei.

- Mas é claro que não! De onde você tirou essa ideia, menina?

Fiquei olhando para mamãe. Seus cabelos dourados caíram no meu rosto quando se inclinou na minha direção.

- Você é moreninha... moreninha...

Uma resposta que eu conhecia e aceitava. Pelo menos até o aparecimento de Vânia.

Olhei e fiquei assim, não tirei mais os olhos do seu sorriso carinhoso. Ela realmente acreditava no que dizia. Devia ser fácil, com seus cabelos louros e os olhos verdes como os de Tatiana!

Minha mãe...

Naquele momento, quis ter a pele tão clara quanto a dela. Não precisaria ficar enchendo a cabeça com dúvidas daquele tipo nem ficaria repetindo o que ela dizia, como que procurando me convencer de que tinha razão
MO-RE-NI-NHA!

Não adiantou nada.

As dúvidas continuaram ali na minha cabeça; e, entre elas, o rosto de Vânia, pretinho, pretinho, sorrindo pra mim. (BRAZ, 1997, P18 – 19).

Eu sou a Jade, tenho 21 anos, nasci no RJ, especificamente em Nova Iguaçu, onde moro atualmente. Sou muito vaidosa. Na minha adolescência, me achava feia, meu cabelo sempre foi muito cacheado, nunca pude ter franja, por ser assim, sentia inveja das outras meninas. Aos meus 17 anos eu resolvi assumir minha raiz, hoje me aceito ao me olhar no espelho.

O que eu mudaria no meu corpo? Quero emagrecer um pouco. Me considero negra. A mulher com melhor aparência o mundo é a Beyoncé.

Eu nunca sofri o racismo tão escrachado assim, eu sempre fui considerada a moreninha, mas isso nunca me ofendeu. Já vi amigas sofrerem racismo e assim eu pude entender o que realmente ele é. Ainda não entendo muito bem o porquê de as pessoas sentirem isso em relação aos negros, sendo que todos nós temos um pouco deles.

Sim, eu e minha mãe já conversamos sobre racismo.

Eu sou a Érika, tenho 28 anos, nasci e moro em Laranjeiras. Sim, já me achei feia na pré-adolescência. Porque os garotos da escola não me achavam bonita, porque eu não me identificava com o que assistia na TV, ou lia na mídia em geral.

Sim, hoje eu aceito com facilidade a imagem diante no espelho.

Mudaria no meu corpo, o tamanho do meu pé.

Sou negra.

A mulher com melhor aparência do mundo, é difícil escolher. Posso citar algumas: Alicia Keys, Maya Andrade, Cris Vianna.

O que eu penso sobre Racismo é que é uma atitude burra, de gente que não teve uma boa educação ou não procura evoluir como ser humano. Sim, eu e minha mãe já conversamos sobre racismo algumas vezes.

Eu sou a Yanni, tenho 23 anos, nasci e moro em Campo Grande. Sim, já me achei feia. No iniciozinho da adolescência. Na verdade, eu me achava bonita em casa, mas achava que as pessoas não me achavam bonita, então conclui que eu não era bonita (dos meus 10 aos 14 anos). Hoje sim. Amo minha imagem no espelho, me olhar no espelho, tirar fotos. Sim, mudaria algo no meu corpo, tiraria um pouco de peito.

Sou Negra.

A mulher com melhor aparência no mundo é a que se aceita e se ama. Ah, racismo é um grande câncer da sociedade. Sim, eu e minha mãe já conversamos sobre racismo, em alguns níveis nós concordamos, mas não todos.

Eu sou a Isa, tenho 19 anos. Nasci e moro em Realengo. Sou vaidosa nível 6. Já me achei feia, por não me encaixar nos padrões de beleza atuais. Mas nem sempre aceito a imagem que vejo no espelho, ainda hoje em dia.

Sou negra

A mulher com melhor aparência é a Beyoncé.

Racismo é a hierarquia de raças, onde você cria um conceito de superioridade às outras pessoas.

Sim, minha mãe e eu já conversamos sobre racismo. E por ela ser uma branca com filha negra, já sofreu agressões raciais, para comigo desde pequena, não aceitaram sua filha em escola particular, já acreditaram que ela era minha babá, por estar com uma criança de cor diferente.

Eu sou a Ana, tenho 23 anos. Nasci e moro em Belford Roxo.

Eu me acho feia há cerca de um ano, por conta do aumento de peso. Depois que ganhei peso não consigo aceitar a imagem diante do espelho.

Sou negra.

A mulher com melhor aparência é a Beyoncé..

Racismo é uma total ignorância.

Sim, eu e minha mãe já conversamos sobre racismo.

Eu sou a Jully, tenho 22 anos, nasci em Volta Redonda, no interior.

Sou muito vaidosa. Sim, me achei feia toda minha infância, muitas vezes na escola não me sentia bonita, até crescer, me tornar adolescente, ganhar mais corpo e assim suprir um pouco a falta do padrão do meu cabelo, minha pele, minha boca, meu nariz e meus dentes. Através do meu corpo, não me sentia bonita pois não estava dentro do padrão, alisava meu cabelo, era a única negra na escola e até na parte da família de minha mãe, sempre fui a mais morena.

Me aceito diante do espelho, hoje em dia sim, eu aceito bem a minha imagem no espelho, me sinto linda, contudo, eu ainda sou muito presa ao espelho, gosto de ficar olhando toda hora para ver se está “tudo bem”, se o cabelo não está “para o alto” ou qualquer outra coisa. Às vezes em qualquer carro que eu passe, ao lado, vou olhar pelo reflexo. Só gosto de tirar foto caso eu esteja me sentindo linda.

Toda hora me olho no espelho, quando era mais jovem, eu vivia cantando e dançando na frente do espelho, escondida, ainda hoje me pego posando e fazendo caras. Não mudaria nada no meu corpo.

Me considero negra.

A mulher com melhor aparência. Essa pergunta não me chega muito bem, pois amo todas as formas de beleza, as femininas são as que mais me atraem, quero achar todas as mulheres lindas. Mas a melhor aparência para mim é aquela que mais se sente linda, essa a que vai ser a mais linda, com certeza.

Acho o racismo presente, mas muitas vezes invisível. Ele vive por trás sempre de um sim para aquele que teve mais oportunidades e, infelizmente o preto não tem os mesmos caminhos, pois não tem os mesmos estudos

Hoje, eu e minha mãe, já não falamos muito sobre racismo. Quando decidi deixar meu cabelo crescer como “black”, minha mãe não aceitou muito, ou não ligou

muito, não sei, mas a minha avó estranhava sempre e falava para eu ir pentear meu cabelo. A minha mãe também tem cabelo cacheado, na verdade tinha, pois, alisa e faz “progressiva” há muito tempo.

Eu sou a Tainá, tenho 23 anos, nasci no Rio, moro em Bangu.

Já me achei feia na época do fim do ensino fundamental (ginásio) onde o perfil de beleza das minhas amigas era de brancas, isso me deixou meio na dúvida, mas logo no ensino médio isso foi superado.

Hoje aceito com facilidade o espelho, me acho melhor agora.

Mudaria algo no meu corpo, sou muito magra.

Sou negra (e muito negra, não existe nada pior que falarem “ah, mas você não é negra, você é morena”, como se ser negra fosse um defeito.

Mulher, com melhor aparência do mundo? É a Gisele Bündchen.

O racismo existe e está aí para todo mundo ver., lidamos com isso todos os dias, seja em comentários sem graça ou em uma agressão direta.

Eu e minha mãe não conversamos sobre racismo não, mas acredito que não porque ela não saiba que exista, mas por não saber como abordar o assunto.

Eu sou a Janaína, tenho 29 anos. Nasci em Niterói/RJ – Moro em Jacarepaguá.

Sim. Na adolescência. Sempre fui gordinha e nessa fase foi mais difícil tentar me aceitar e viver bem, diante de tanta pressão em melhorar e de aparecer para os colegas de escola e familiares.

Se eu aceito com facilidade a imagem no espelho? Nem tanto. Já aceitei mais.

Sim, mudaria, estou em busca do peso saudável.

Sou Morena.

Pensei na mulher com melhor aparência, mas não achei ninguém para ser a melhor.

O racismo é algo inaceitável que deve ser combatido a todo momento.

Sim, eu e minha mãe conversamos sobre racismo o tempo todo.

Eu sou a Luana, tenho 27 anos. Nasci no interior de SP, São José dos Campos, mas moro no Rio desde 2013, na Ilha do Governador.

Acho que em uma escala de vaidade aplicada, me considero nível 2 a 4. Me acho feia todos os dias. Acho que é mais fácil apontar os dias/vezes que me acho bonita. Fujo sempre dos lugares com espelhos, as aulas de dança de frente para o espelho são sempre uma tortura. Acho feio o volume do corpo, a flacidez dos braços e barriga, nenhuma roupa fica bonita. Parece que é tudo uma coisa só, uma massa.

Não. Não me aceito diante do espelho, não mesmo. Fotos sozinha de forma alguma. Me arrisco um pouco mais em fotos coletivas, já perdi trabalhos porque não tenho fotos sozinha.

Mudaria a Barriga, flancos, braços.

Sou Negra.

Mulher com melhor aparência? Complexa essa pergunta. Não crio muitas referências de beleza, e quando penso em mundo, as primeiras referências são de mulheres com a imagem altamente divulgadas pela mídia: Thaís Araújo, é uma referência de beleza para mim.

Racismo está introjetado nas ações cotidianas, velado ou escancarado é, para mim, o pilar das desigualdades todas, sejam sociais, morais, financeiras, religiosas. O racismo, junto ao patriarcado e ao capitalismo, é o que impede o acesso e o trânsito dos corpos.

Não me lembro de uma conversa específica sobre o assunto, mas ela já me contou algumas histórias sobre a relação do meu avô, pai dela, com o meu pai. Nada foi dito abertamente, mas acredito que meu avô não queria que eles se casassem porque meu pai é negro.

Eu sou a Thaís, tenho 27 anos. Nasci e moro em Bangu.

Me achei feia na época da infância. Me achava esquisita, era dentucinha, do cabelo esvoaçado. Meu desejo era parecer com a minha mãe, ter olhos e pele clara.

Hoje em dia sim. Me acho linda, gosto e tenho orgulho de ser do jeito que sou. Essa aceitação se deu nas experiências da faculdade, nas leituras e debate sobre as questões do feminino e da negritude.

Adoro posar, inclusive estou a fim de fazer ensaio com nu artístico. Não posso ver um espelho.

Mas sim, gostaria de eliminar algumas gordurinhas da barriga, mas de maneira saudável com exercícios e reeducação alimentar... Não tenho coragem de sujeitar meu corpo a cirurgias ou procedimentos estéticos

Sou negra

A mulher com melhor aparência, é aquela mulher que se sente bem consigo mesma, que tem personalidade, respeito e não julga o diferente.

[Racismo]Acho perverso. Acho q a falta de informação, de representatividade nos lugares de prestígios (tv, política, alta escolaridade, pessoas bem-sucedidas) reforçam a desigualdade de oportunidades entre as raças, considerando a história política e social.

Nunca. Minha mãe é uma pessoa bem reservada, acha que esses tipos de assuntos são tratados e esgotados na escola.

Eu sou a Letícia, tenho 21 anos. Sim, nasci e moro em Campo Grande

Já me achei horrível quando criança por causa da família da minha mãe, a parte do meu pai é negra e eu sou a única prima menina, então sempre fui a princesa. Já no lado branco, da minha mãe, eu tinha mais duas primas que eram bem clarinhas de cabelo liso e minha avó colocava na minha cabeça que eu tinha que alisar o cabelo, mas a gente não tinha dinheiro para fazer isso e ela começou a pagar, sem o resto da família saber, para eu fazer escovas e mais processos químicos quando eu tinha uns nove anos aproximadamente.

Hoje em dia me acho uma princesinha, AMO me admirar no espelho.

Com certeza mudaria alguma coisa: acho que só faria academia para deixar tudo mais durinho, mas em questão de tamanho e proporcionalidade, não mudaria nada, mas quando eu estava no início da puberdade, meu sonho era colocar silicone nos seios (hoje não mais).

Sou Negra

A mulher com melhor aparência do mundo PARA MIM é a que se ama do jeito que é, que abusa tanto do natural como das modificações para si e não para agradar os outros, isso gera um amor próprio e um brilho que, aí sim, é o mais bonito. Não enxergo a mulher mais bonita como "é a morena", "é a do cabelo assim", cada uma tem suas particularidades

Racismo, acho que é um dos maiores males do mundo, né? Tenho consciência de que o que eu sofri na minha vida praticamente toda, foi mais pelo meu cabelo ser crespo e cheio do que qualquer coisa. Mas que tem gente que mata e morre por culpa do racismo, que já está tão embutido nas pessoas que elas falam

e de certa maneira que nem percebem o que tem por trás daquela fala, infelizmente algumas coisas acabaram se tornando "habituais"

Quando minha mãe começou a namorar o meu pai, ela foi afrontosa com a minha família, principalmente com a minha vó, que dizia para ela que "esse cara é ótimo, mas não para casar", falava que se ela casasse com ele os filhos iam nascer de cabelo duro e que era melhor ela casar com o Jorge que "era bonito e tinha olho claro". Então, minha mãe sempre conversou sobre isso comigo desde pequena, mas principalmente na adolescência que foi quando ela se ligou no que minha avó estava fazendo com meu cabelo e foi tentando me convencer a parar de alisar, coisa que só consegui aos 16 anos. Ela por muito tempo dizia que eu não precisava daquilo, que não devia ter deixado nem começar, porque meu cabelo era lindo e tal, e a gente até hoje conversa sobre o que tem de racismo principalmente na família.

Eu sou a Júlia, tenho 17. Sim, nasci na Tijuca, moro em cordovil, atualmente.

Sim, me achei feia até uns 12 anos. Pelos meus traços, cabelo, ser muito magra.

Sou parda.

A mulher mais bonita, não me vem um nome só na cabeça.

Racismo é a escória do universo

Sim, nós conversamos.

Eu sou a Carol, tenho 18 anos, nasci no Rio de Janeiro, Moro em Jacarepaguá.

Sim, me achava feia há três anos atrás, não aceitava meu cabelo, meu corpo.

Nem sempre aceito com facilidade a imagem, tem dias que não consigo me olhar no espelho.

Mudaria a minha altura.

Sou Morena

Beyoncé, é a mulher mais bonita.

Racismo é uma coisa de pessoas fúteis, com falta de maturidade para entender que não é por ter um tom de pele diferente, um cabelo diferente, uma crença diferente, que deve se menosprezar, diminuir, e humilhar alguém.

Não, nós não conversamos sobre racismo.

Eu sou a Vitória, tenho 16 anos. Nasci no Rio, moro em Honório Gurgel.

Sim, muitas vezes me achei feia. Desde pequena até uns dois anos atrás me achava horrorosa. Comparada com antes, hoje me aceito mais, mesmo ainda não me agradando com o que vejo em 100%

Já pensei muito em mudar o nariz

Sou Negra, sem mais.

Hoje, a Taís Araújo é a mulher com melhor aparência para mim.

[Sobre racismo] acho que pode hoje até se ter uma consciência sobre isso, só que o fato de as coisas estarem mudando não significa que essa luta acabou, já que as pessoas acabam mascarando o racismo achando que como os tempos mudaram, isso mudou, mas é completamente diferente na realidade de um negro. Racismo é a falta de empatia total com alguém que é só um ser humano.

Eu e minha mãe não conversamos muito sobre racismo, ela é uma das pessoas que acham horrível, mas que acredita que hoje quase nem existe.

4.4 Vamos ao Museu?

Paris, 16 de junho de 2018

Antes, vamos retroceder ao dia 13 de junho de 2018, quando o grupo ArRUAça deu partida do Rio de Janeiro (Brasil) com destino à Paris (França), fomos nós: Mayara Souza de Assis (coreógrafa, bailarina e responsável pelo projeto), Gabriel Lima (Bailarino) e Frederico Hugo Souza de Assis (bailarino). A viagem/visita teve duração de 13 dias (entre 13 de junho e 25 de junho - contando horas em voos e escalas). O objetivo da viagem era principalmente a participação do grupo em atividade artística/cultural na cidade de Paris – França e na comuna Pantin – França.

Nosso grupo esteve na programação de dois eventos do campo da dança: *Danse Élargie* (entre 16 de junho e 17 de junho) e *Camping Centre National de La Danse 2018* (entre 18 de junho e 23 de junho), onde participamos de workshops de formação profissional em dança e debates sobre políticas culturais para o campo da dança, oferecemos oficina e realizamos também quatro apresentações do projeto *ArRUAça-Baile Funk*, sendo a primeira no dia 16 de junho de 2018. *ArRUAça- Baile Funk* é um convite para decolar, como um salto no encontro juvenil sobre dança popular urbana, ao ritmo do funk carioca, e os Bate-Bolas, mantos consagrados pelo carnaval de rua.

O *Danse Élargie* recebeu cerca de 460 inscrições de grupos, artistas independentes, companhias e coletivos artísticos do mundo inteiro e, *ArRUAça – Baile Funk*, foi um dos 18 finalistas selecionados, sendo também classificado pelo júri técnico e júri popular entre os 10 melhores projetos que se apresentaram nos dias 16 e 17 de junho de 2018 no célebre palco do Théâtre de la Ville, um palco clássico de 50 anos, localizado em uma região importante da cidade de Paris.

Nos dias deste evento, como grupo, vivenciamos encontros ímpares com os artistas dos países: França, Noruega, Israel, Marrocos, Bélgica, Itália, Coreia do Sul, Reino Unido e Estados Unidos, igualmente finalistas, tendo como detalhe especial de sermos os únicos representantes do Brasil e ainda o único grupo selecionado na América Latina, também único grupo que não contava com nenhum integrante radicado na França, sendo todos nós moradores da cidade do Rio de Janeiro, da zona oeste (bairro Paciência e Cosmos) e zona norte (bairro Pavuna).

Evidente, impossível não perceber, a aclamação e apelo popular que as apresentações tiveram, com uma grande repercussão. Por diversas vezes os

participantes e o público vinham até o trio, e, em seus idiomas e também em português, diziam, com sorriso aberto e olhos brilhando, as vezes chorando: “*Muito Obrigado!*”. E este é um grande presente que será levado do *Danse Élargie*, o tão esperado reconhecimento da nossa forma de fazer dança.

Em uma outra apresentação, no de 23 de junho de 2018, quando dançamos na rua, as sacadas, as varandas que circundavam a praça ao lado do Centre National de La Danse, se encheram de curiosos; outras vezes, anteriores, no dia 15 de junho, por exemplo, quando realizamos um ensaio fotográfico promocional ao evento, na famosa Place de La Concorde, nossos Bate-bolas se tornaram mais um ponto a figurar na praça repleta de símbolos e significados, lado a lado com a fonte onde os turistas jogam suas moedas fazendo pedidos, recordam a cena do filme "O Diabo Veste Prada" e, tentando, sem sucesso, capturar em fotografia mais um Obelisco com representações de hieróglifos, forma de escrita da cultura na antiguidade egípcia; nesse cenário, nós éramos mais um ponto a ser fotografado.

Recordo-me também do dia 18 de junho, quando fomos o grande atrativo da atenção policial, em uma apresentação ao ar livre na Place de l'Almes e Jardin des ambassadeurs, algo não muito diferente de quando estamos com nossos Bate-bolas nas ruas do Rio de Janeiro, talvez com um pouco menos de rispidez e reatividade, com certeza porque eles [franceses] naturalmente não sabiam das tenebrosas marcas que essas roupas carregam, os policiais sorridentes, nos convidaram para tirar fotos e receber nossos abraços.

Em 16 de junho fizemos a estreia deste projeto, que nesta versão, com a presente formação de bailarinos, até aquela data, ainda não havia sido estreada no Brasil. O palco de estreia abriu-se da mesma forma como descortinar de uma negra, jovem coreógrafa, favelada do “velho oeste carioca” que despontava para o mundo nesta, ainda sem data, trajetória internacionalizada de um trabalho que em si é produto de toda uma vida dedicada a dançar as coisas, as suas coisas, principalmente as coisas das quais não pode-se ter mais palavras para expressar: reflexões sobre as marcas deixadas na psique da negra pelo contato e reconhecimento do racismo, desde tenra idade.

Esta bailarina/coreógrafa que sou, foi forjada no fogo, em Brasada ao som de funk, tendo como terceiro espaço de formação o curso do Bacharelado em Dança – Universidade Federal do Rio de Janeiro; em segundo lugar, os bailes funk de rua da zona oeste da cidade do Rio de Janeiro, sendo também de uma família que tira

destes espaços o sustento a partir do próprio trabalho, desde a figura matriarcal de Dona Maria Mercedes, avó da família, somos uma família de mulheres e homens negros que faz dos bailes funk nossa sobrevivência. E em primeiro lugar, minha formação em dança vem do pátio e quadra da escola, o *baile funk* da "hora do recreio", nos intervalos entre aulas com as amigas, digo, dançando funk, dançando hip-hop também e mais ainda, não, digo, ou pior, dançando Beyoncé.

Beyoncé, referência feminina (do fora de casa): uma mulher, uma cantora, uma mãe de três filhos, uma empresária, uma bailarina, uma atriz, uma coreógrafa, uma virginiana e uma perfeccionista. Esta mulher negra, que é referência para muitas meninas e mulheres ao redor do mundo, é casada com Jay-z e juntamente com seus filhos, formam a família Carter.

The Carters, como são conhecidos enquanto dupla em seus projetos artísticos, sendo o mais recente, um álbum conjunto: "*Everything is love*", anunciado em sua segunda turnê juntos. Com o lançamento do álbum na íntegra, de uma só vez nas plataformas digitais, vem o videoclipe para a segunda faixa desde álbum: APESHIT, este clipe é o objeto de apreciação dessa ida ao museu.

APESHIT ou APESHIT, é inteiramente gravado dentro de um museu, não, digo, não UM museu, mas O museu mais importante de Paris - França, e também [e por que não?], um dos museus mais importantes do mundo: *Musée du Louvre*. Então, dia 16 de junho de 2018, mesmo dia em que essa coreógrafa negra, que aqui desenvolve a escrita, se lança no palco internacional, aquela que foi e é sua referência artística lança uma obra conjunta com seu marido, talvez uma família negra (será que existe?), tendo como plano de fundo o museu francês mais importante do mundo. Senhoras e Senhores, 16 de junho de 2018.

Uma jornada, uma visita ao museu do Louvre, tem os ingressos que são vendidos a 15 euros, valor referente às jornadas dentro dos dias e horários de funcionamento do museu ao público, fiz esta visita na quarta-feira (20 de junho 2018), dia em que o museu fica aberto entre nove da manhã e 22 horas, na primavera parisiense, quando os dias ensolarados se encerravam às 23 horas e amanhecem às três da manhã.

A minha visita não foi tão proveitosa: como a rotina de trabalho na cidade estava exaustiva e preenchia todo o meu dia, somente cheguei ao Louvre às 18 horas, terminando minha visita, sendo convidada a me retirar, sem nem ao menos

ter terminado o passeio pelo pavilhão Denon. No Pavilhão Denon, se localizam a maioria das obras de arte que são apresentadas ao público no clipe APES**T.

A propósito, retornando ao clipe, como dito, eu desembolsei 15 euros para visitar o Louvre como todos os outros turistas. No videoclipe, podemos observar que não existem outros turistas, figurando neste evento, fato é: ele foi gravado fora do horário de funcionamento do museu ao público, na madrugada de 1º de junho de 2018. Para que não fique muito confuso: o Musée du Louvre [no seu site] disponibiliza visitas especiais para aqueles mais seletivos e para gravações no seu interior e exterior. Uma jornada de oito horas de filmagens no interior do museu, com equipe de mais de 50 pessoas, fica pelo valor de 10 mil euros (aproximadamente 45 mil reais), gravações na parte externa oito mil euros (aproximadamente 35 mil reais), APES**T, conta com cenas internas e externas, então se *The Carters* [eu disse "se"] tiveram que desembolsar de seus fundos financeiros para a gravação, desembolsaram um total de 18 mil euros (aproximadamente 80 mil reais) na locação. Eu disse "se", pois [quem sabe?] talvez eles nem tenham realmente precisado pagar para usarem as dependências do museu, digo isso baseada na mera especulação, vejamos: o museu está usufruindo da imagem do casal e sua obra, para insuflar ainda mais a atividade e aclamação juvenil em torno no museu, em seu site oficial, onde podemos obter as informações dos tarifários aqui expostos e também do acervo do Palácio, agora, desde a semana de lançamento do videoclipe, também podemos ter acesso a "jornada APES**T", sim, *The Carters*, Beyoncé e Jay-z, Casal negro, agora juntamente com obras como *Gioconda* (*Monalisa*) de Leonardo DaVinci, tornaram-se itinerário de passeio dentro do Louvre, com um panfleto digital que oferece os nomes das obras e sua localização, de acordo com a ordem de aparecimento no videoclipe.

A família Carter, esteve no museu em maio de 2018, e, por mais 3 vezes desde 2008 e, em 2008 foi minha primeira visita a este lugar, em 2018 minha segunda, acho que não vou tão mal, já que não tenho uma fortuna estimada de um bilhão de dólares em minha conta bancária e entendo que as duas visitas que fiz a Paris foram oportunizadas pelo fruto do meu trabalho artístico como bailarina e coreógrafa, mas não, a arte não tem este papel na vida de todos os jovens que eu conheço e que são parecidos comigo e, tenho a certeza que eu sou a exceção, o certo é que nem todos os jovens negros podem ter acesso a esse museu, Beyoncé pôde fazer isso bem melhor, ela leva o Louvre até você.

O Louvre é um palácio francês, onde estão expostas as principais obras de arte europeia, ameríndias, africanas, asiáticas, do mundo, algumas peças que são inexistentes em seus países de origem. Sim, muitas dessas obras que lá estão, chegaram como troféus, como frutos de saques em vitórias francesas através de conflitos bélicos.

Na primeira cena, um anjo negro, fugindo do "figurino" retratado pela "*Galeria de Apollo*" (pintura no teto, que aparece na sequência da filmagem), os anjos não são negros, pelo menos não de acordo com os muitos retratos e representações de divindades celestes realizados por artistas europeus.

Em frente ao quadro que retrata a coroação da rainha Josefina pelo imperador Napoleão, Beyoncé aparece dançando com oito bailarinas, quatro de um lado e quatro do outro lado, estas bailarinas vestem roupas próximas de seus tons de pele negra. Beyoncé divide o meio, vestida com uma roupa que é próxima de seu tom de pele, mas que é estampada, com quadriculado ao estilo *Burberry*, uma casa de moda britânica de extremo luxo, que queima suas roupas, acessórios, perfumes e demais produtos não vendidos por coleção, no intuito de que não sejam dispostas em liquidações, para que os preços não baixem e sejam acessíveis a um público que poderia adquiri-las a preço de liquidação. A estampa que faz referência à sua origem bretã, que dança com Beyoncé, dança diante de um grande mural, onde Napoleão, como a autoridade que foi, na intenção de tornar-se ainda mais monumental, diante do mundo que viesse no futuro onde ele não mais estaria, o nosso presente, aparece como símbolo extremo de poder, coroando sua rainha, como um imediato de Deus, sabendo que aqueles que eram responsáveis por coroar as realezas eram os imediatos de Deus na terra, ou seja, figuras religiosas.

No mural, a rainha Josefina, aparece, vestida como uma rainha, suntuosa, com uma roupa longa que precisa ser segurada por duas mulheres, que a auxiliam. Ela está ajoelhada diante do altar, em uma almofada de cor azul onde estão estampadas figuras que representam, na cor dourada, abelhas, sendo coroada como a abelha-rainha de Napoleão e da França. Beyoncé tem um apelido de infância, Bee, ou Honey Bee, Queen Bee, bee é a palavra inglesa para abelha;

Um grupo de nove mulheres, dança, parecem despreocupadas em performar uma quinta posição de braços do balé clássico de tradição europeia (os braços fazem uma forma arredondada para cima da cabeça, como segurar uma "bola" no alto da cabeça), dançam descalças com o cruzar de pernas pela frente e com as

linhas de braços arredondadas sobre a cabeça, como que simbolizando todas as mulheres que não estão ali representadas no mural da coroação de uma rainha, nem como criadas, serviçais, nem como nada, nem aparecem neste evento, mas que possivelmente na cena real estavam, posto que a França foi um país que arrancou pessoas negras do continente africano para servirem como escravizados, destituídos de qualquer humanidade, a própria rainha Josefina, ainda era a rainha, popular como era conhecida, quando a França aboliu a escravização de pessoas (1794) e tão logo retornou a escravizar pessoas (1802), voltando atrás na decisão de perceber aqueles corpos negros como indivíduos. A Burberry, na estampa de Beyoncé, é britânica, representando ali um povo branco inimigo declarado da França napoleônica. Essas nove mulheres dançam como que representando todas as mulheres que não são coroadas pelos seus casamentos e, muito pelo contrário, dependendo a ordem deste casamento, este se torna o verdadeiro inferno dessas outras rainhas. (ALENCAR, 2016)

Um retrato que aparece pouco tempo em seguida, crucial escolha feita pela direção de vídeo, me fez ter esta percepção acima descrita: a pintura que retrata o canto cinco da Divina Comédia - Inferno, de Dante Alighieri, onde os espíritos de Francesca e Paolo aparecem sendo observados por Virgílio e Dante. Nele, o casal de mulher e homem, castigados no pós morte pelo seu amor; esta cena tem um corte imediato onde aparece um casal negro, que não parece estar no inferno de Dante, nem no inferno católico no pós morte, eles trocam carícias em um quarto simples, sobre uma cama, a mulher abraça e o homem é recíproco a ela. Alguns podem não entender, mas pessoas negras trocarem carícias é algo arriscado na nossa sociedade, ainda atualmente, talvez somente em seus quartos simples isto seja possível, pois é de comum aceitar-se que pessoas negras não se amam e não deveria se unir, muito menos trocar carícias afetivas ou afetivo-sexuais, e, romper com esta afirmativa, trocando carícias ou vivendo um amor entre duas pessoas negras, é assumir para si que constantemente estará lançando-se no inferno, por livre escolha de queimar e ser observado como exemplo a não ser seguido, assumindo todas as consequências sobre este ato. Everything is love, mas nem tudo é amor.

4.5 Alice, Lara e Ana Beatriz: “ Amigo do castigo”

(Alice, 6 anos): - Não, eu não faço bagunça, quem faz bagunça fica de castigo. Nem tem bagunceiro na minha turma. Só tem duas, a Lara e a Ana Beatriz.

A Lara fica gritando e brincando quando a tia passa trabalhinho. Ela nunca para quieta, nem na hora de dormir. Aí a tia coloca ela de castigo. Sabe, a gente falava [chamava] ela de índia [risos] porque ela dormia no chão puro, ela não queria parar quieta, fica imitando os bichos, assim, pulando e gritando

A gente chama ela assim, porque ela parece índio: fica subindo em árvore e imitando bicho. Mas ela não tem cara de índio, ela tem um cabelo grande preto e tem a pele branca, mas assim, igual a mim.

- E você é amiga da Lara?

(Alice): - Não, não pode, a tia disse que quem for amigo do castigo, vai para castigo também. Só quem é amiga dela é a Ana Beatriz, que fica de castigo com ela.

Só a Ana Beatriz é amiga dela, a Lara também é amiga de todo mundo, mas, ninguém é amigo dela.

Eu queria ser amiga dela, mas ninguém quer ficar perto. A Lara está sendo mais gentil, sabe? Antes de ter a Ana Beatriz, não, mas agora ela está sendo mais gentil, ela empresta as coisas dela para todo mundo e ensina todo mundo a subir na árvore igual a ela, com muito cuidado.

- Então quer dizer que agora você é amiga dela?

(Alice): - Não, por que eu não quero ficar de castigo e elas são bagunceiras.

[Pesquisadora]: - E por que você acha que ela ficou mais gentil? Foi porque ela ficou de castigo, sem ninguém falar com ela, ou porque teve a Ana Beatriz que virou amiga dela no castigo?

(Alice): - Acho que foi por causa da Ana Beatriz

[Pesquisadora]: - E você acha que ficar sozinha, sem ninguém conversar com você é legal ou é ruim?

(Alice): - É ruim, ninguém quer ficar sozinho, mas não pode, né? Não pode ficar todo mundo de castigo, né?

- Ou será que pode? Eu não acho o castigo uma coisa muito legal, Alice. Ainda mais quando ninguém pode falar com você. E você bem me disse que ela ficou mais gentil quando apareceu a Ana Beatriz para ficar de castigo com ela. A Lara não é uma menina maneira? Ela faz coisas interessantes, tipo, subir na árvore, e ela está ensinando a todos a fazer o mesmo? Ela de alguma forma está unindo os bagunceiros e os “não bagunceiros”, você não acha? Imagina só Alice: será que a tia pode colocar todo mundo da sua turma castigo? Ou pode ser mais legal, não ter castigo para ninguém, aí você conversa com a Lara, talvez ela só queira uma amiguinha, mais uma, e fazer bagunça faz parte da forma como ela consegue demonstrar isso, sem dizer.

4.6 Mémoires d'une jeune fille mal gardée :

A professora Renata teve de deixar Vânia e Humberto sozinhos, para nos organizar. Foi exatamente nesse momento que Carmita se aproximou deles, com um grande sorriso nos lábios e um cachorro-queite transbordante de molhos vermelhíssimos e douradas montanhas de mostarda e maionese, ainda maiores, na mão.

Parabéns, Vânia, você está lind... – dizia, quando tropeçou e derrubou o cachorro-queite bem no peito de Vânia.

O vestido, branquinho, branquinho, ficou todo sujo com o vermelho do ketchup e o amarelo da mostarda. O molho de cebola e tomate escorreu até a cintura. O cheiro do cachorro-queite ficou em todo o vestido. O espanto foi ainda maior quando, com os olhos parecendo bolas de fogo, Vânia deu um soco em Carmita. Não restava a menor dúvida de que Carmita tinha feito de propósito. Nem era preciso notar a satisfação nos rostos dela e das outras, mesmo quando pediam desculpas e lamentavam o que tinha acontecido. Estava na cara que fora uma vingancinha de Carmita. Mas aquele soco pegou muita gente – principalmente os que sonhavam transformar a Vânia numa santa – de surpresa. Ficou todo mundo de queixo caído.

E agora? – Perguntou Humberto.

Começou a tocar a música e foi um tal de olha-para-lá-olha-para-cá, gente segurando Carmita (que queria brigar), gente afastando a Vânia (que queria se pendurar no pescoço dela – Nossa, eu nunca tinha visto a Vânia com tanta raiva!), todo mundo procurando a professora Renata, tentando saber se entrávamos ou se simplesmente desistíamos. Coube a Vânia decidir.

Agora a gente vai dançar!

Puxou Humberto pela mão e foi pra frente da quadrilha. [...]. Dançamos. Agitamos os braços, cantando, dançando e cantando sem parar um só minuto. Olhando para a Vânia, vendo-a dançar mais e melhor do que qualquer um de nós. (BRAZ, 1997, p. 46 – 47).

Paris, 21 de junho de 2018

A maneira como entendemos nosso lugar no mundo e a forma como interpretamos as ações e reações externas, dos outros, a presença de nossos corpos têm estreita relação com o nosso nível de comprometimento em lidar com os nossos privilégios e privações.

Uma jovem branca francesa que fazia o *workshop* conosco, chorou durante uma experiência que teve ao dançar “*comigo*”: estávamos no nosso penúltimo dia de aulas, o tema era para que entrássemos em cena com uma improvisação que representasse o que é ser um artista como você [seu corpo] na sua cidade/ país.

Éramos um grupo de 20 pessoas: Brasil, Portugal, Macau, Tailândia, Japão, Estados Unidos da América, Portugal, Cingapura e França. Cada um entraria ou sairia de cena no momento em que considerasse propício e comporia esta cena, que por sua vez nunca estaria vazia, e, sem esquecer de representar através de seus movimentos de improvisação, o que é ser um artista como você no seu país.

Uma francesa imediatamente entra em cena e tira todas as roupas, ficando nua, vou chamá-la de Valentina. Valentina tem cabelos curtos, loira, aparenta ter 22 anos e ao entrar em cena e ficar totalmente sem roupas, deposita suas peças no canto, fora de cena, na intenção de não dialogar com estas no espaço, se posiciona na cena sentada: enterra a cabeça nos joelhos, realiza movimentações mais contidas, passa as mãos pelo corpo, se levanta, e caminha de um ponto a outro da grande sala, ora olhando o espaço, ora se olhando, se tocando.

Um senhor entra em cena, o senhor, que era uma figura muito simpática que decidiu se dedicar à dança em uma idade não muito comum para se lançar na empreitada como bailarino, vou chamá-lo de Louis, ele é francês e tem uns 70 anos. Louis entra em cena e também fica completamente nu, também deposita suas roupas no canto, sem a intenção de interagir com estas. Ao entrar em cena e ficar nu, ele busca contato físico com Valentina, interação entre corpos. Valentina não recusa o contato, mas deixa evidente com pequenas nuances que este contato deve ser pouco. Louis se entrega completamente à dança, de olhos fechados, no contato e os dois dançam e rolam pelo chão com suas partes íntimas voltadas para o público.

Neste momento, eu e meu companheiro de equipe nos entreolhamos e ele sussurra, - *Todo mundo vai ficar pelado? Eu não tenho nada a acrescentar nesse caso, não consigo entender essa dança contemporânea, tanta coisa boa na aula virou só piru e buceta?* Rimos, olho para ele, e digo: - *Não vou ficar pelada não.*

Levanto e entro na cena. Enquanto Valentina e Louis ainda estão em cena, agora já afastados depois de um longo “ninar” entre si e uma despedida. Eu pego as suas roupas, deixadas fora de cena, visto sobre as minhas, compondo assim meu figurino, das roupas da mulher branca e do homem branco, nem que eles quisessem agora poderiam se vestir, eu estava vestida com as suas roupas.

Em cena não me prestei a pensar grandes movimentações, apenas espelhei em meu corpo os gestos que Valentina estava executando. Então, eu copiava os movimentos dela, fiquei assim durante um tempo, me prestando ao papel de tê-la como referencial nos gestos, mas trazendo para minha improvisação, gestos e expressões faciais, como quem dança com o rosto. Uma certa segura, de fundo ainda posso sentir lembrando daquelas faces que não dançam, que mais parecem máscaras. Eu explico, se é que é possível:

Naquele momento, eu estava representando o que ser uma artista como eu no meu país, como pedido. Anteriormente a ser uma artista, se é que eu sou percebida como tal no meu país, eu sou uma mulher, embora as vezes eu acredite que não, e, antes mesmo de ter conhecimento de que sou uma possível mulher, eu sei que sou negra, talvez essa seja a única coisa que o mundo permite que eu saiba de mim mesma. E como negra, eu sei, embora eu não saiba com frequência, mas eu sei, que diariamente meu corpo e corpos parecidos com o meu são despídos de roupas nos imaginários, nos pensamentos e, as vezes tenho a impressão que mesmo de roupas, aparento estar completamente nua, ou que seria só o de praxe, que eu tirasse as minhas roupas, afinal a cena já havia começado assim. Mas como quem estraga do belo jardim do Éden protagonizado pela mulher branca e pelo homem branco, surgiu meu corpo, vestido, extremamente vestido e que dançava como um dos corpos nus. Eu não tive muito tempo, naquele momento para pensar no que fiz, só tive em mente que embora eu estivesse vestida, eu seria, sem dúvida, percebida tão nua quanto minha contracena, Valentina.

A improvisação continuou, eu me destaquei da cópia que fazia de Valentina e comecei a improvisar meus próprios movimentos, lembrando da agonia que é tentar ser uma artista como eu no meu país. Um colega, vou chamá-lo de Pedro, brasileiro radicado na França, nordestino, entra em cena gritando em um volume esganiçado da voz: “- *Vamo láaaaa! Eu quero Cabaréeeee! Bora bichaaaaaa!*”. Ele repete esta frase, caminha veloz pelo espaço, bate palmas, grita na direção de todos que estamos em cena, ele fica alguns minutos gritando: “- *AAAAAAh!!!AAAAAh!!!*”, então eis a “cerejinha” desta cena: a jovem francesa entra, irei chamá-la de Mia, ela tem cabelos longos, loira, olhos verdes e uma invisível estrelinha de “boa menina” permanentemente fixada em sua testa. Bom, isto eu percebia através de sua postura exemplar e atenta dentro das aulas, ela tem um corpo de bailarina muito presente, o peito voltado para cima e para frente, pescoço comprido, alongado sempre, um bom afastamento entre os ombros e as orelhas, os pés ligeiramente virados na rotação externa, mesmo enquanto não estava em cena, sempre estava em cena, magra, branca, cabelos longo e da minha altura (1,64m, aproximadamente). Mia entra em cena, desnorteada com a voz de Pedro, e vai imediatamente calar sua boca usando as mãos, ao perceber a disparada dela [correndo e silenciando o barulho], a maneira como ela entrou e foi diretamente na direção de Pedro: ela não queria mais o barulho, ela não queria que tivesse gritos, para mim, ela queria calar o Pedro, e,

enquanto isso simbolizava o que era ser uma artista como ela no país dela, para mim, significou que ser como ela é ter o direito de calar um outro que fosse diferente dela.

Lógico que, no primeiro momento, não tive tempo de pensar tudo isso, mas aquela ação foi a de me aproximar de Mia, que com as mãos na cabeça de Pedro (uma na boca e outra na nuca) o fazia caminha pelo espaço junto dela (no ritmo dela), minha (re) ação foi a de gritar ao lado dela. Mia deixa Pedro ir e olha para mim, em improviso ela vinha flanando na minha direção, armando seus ombros para trás, estufando o peito, arregalando seus olhos verdes, me olha profundamente e grita, eu grito de volta. E eu grito, e ela grita. Nós gritamos uma com a outra. Ela não para, eu também não. Mostro-me incansável. Mia sobe na meia ponta dos pés para ficar mais alta que eu e grita. Continuo gritando e em um grito mais alto e mais grave. Cresço como um bicho, ela parece que viu em seus olhos verdes, que avermelharem-se, cheios de água. Ela desiste, não grita mais. Então eu também não grito. Saiu do meu caminho, continuo a dançar em outra direção.

Quando retorno meu olhar para o público, percebo as pessoas que assistiam fixadas na parede, como quadros. Estarrecidas, as meninas orientais estavam espantadas com a nossa performance. Eu comecei a gargalhar e dali em diante, minha dança foi só risos, um riso que eu não posso dizer de onde vem.

O instrutor do Workshop, que era sobre ação e reação na improvisação, finaliza a atividade, “- *Stop!*”

Mia, derrete na parede ao fundo e acocorada, se entrega a um choro convulsivo. Ela fica lá para ser amparada pelo instrutor, ele mesmo me pede para falar com ela, eu me aproximo, dou-lhe dois tapinhas nas costas e digo: “- *Don't cry girl...*”, e me retiro. Não cabiam justificativas de minha parte, pela nossa atuação na improvisação. Não fui movida de nenhuma culpa pelo choro dessa menina. Foi uma dança, uma dança que fizemos juntas, ela me ajudou. Eu ri, ela chorou, poderia ter sido ao contrário, continuaria sendo uma dança.

No dia seguinte, nosso último dia juntos estudando políticas culturais no campo da dança em um workshop que era direcionado a pensar ação e reação na improvisação, sentamos em uma roda de conversa que durou quase o tempo total da aula, de quatro horas. No período da roda de conversa, nosso principal assunto fora o ocorrido no dia anterior, o dia que uma menina chorou. Deveríamos expor nossas inquietações, as problemáticas encontradas e se haviam sido detectadas

fissuras de comunicação que pudessem ser supridas através de um diálogo dançado: até onde sua dança vai para discutir política, cultura e a sociedade em que você vive? Lembrando do tema do dia anterior: dançar, em improviso, o que é ser um artista como você no seu país?

Ao longo dos debates, prefiro me atentar à tradução simultânea que recebo de meu amigo Gabriel Lima, companheiro de equipe, profissional que foi junto comigo e é integrante de meu trabalho [ArRUAça - Baile Funk], todos estão falando em inglês neste momento. Até que por um instante, ele silencia sua tradução, e, com olhar perplexo na minha direção, já ansioso para traduzir as palavras que um jovem não branco, colombiano, morador de Nova Iorque direcionava intempestivamente a mim, irei chama-lo de David. Gabriel então me diz:

- Não sei, mas ele está se contradizendo, ele não quer que eu traduza, pela forma como está falando. Mas ele está sendo tão agressivo!

Eu pergunto o que está acontecendo. Gabriel enfim traduz, quando David para de falar: *- Olha ele meio que disse que você foi selvagem e muito violenta, que deveria ser um espaço para conciliações e que não nos cabiam discursos extremistas que visasse ou promovessem competitividade entre nós, que somos todos iguais independente de nossas origens, países e que a arte e a dança, naquele lugar não eram para ser espaços de conflitos sociais, que acabamos sendo egoístas ou egocêntricos ao tratar nossa dança com a mesma violência que somos tratados no mundo, ninguém daqui tem culpa da colonização.*

Eu gelei por uns instantes, mas imediatamente um calor subiu pelo meu corpo, as conversas continuavam, e todos estavam em acordos enquanto eu pensava: *Nossa, todo mundo concorda com isso? O que será que eles estão falando? Certamente eu não sou igual, primeiro porque eu nem consigo me comunicar, verbal ou corporalmente.*

Tomei uns instantes e pedi que Gabriel me traduzisse, falei algo bem simples para que ele pudesse ser preciso e curto nas suas palavras, já que eu não sei falar inglês: *- É muito difícil não poder me comunicar em um workshop de dança sobre ação e reação. É muito ruim não poder me comunicar na vida. A atividade foi para dançar o que é ser alguém como eu no meu país e por mais simples que eu tenha sido, ainda fui percebida com estranheza. Ser alguém como eu, de onde eu venho, é basicamente querer ser como ela [apontei para Valentina], mas não é sobre ela, é sobre o que ela, você, você [apontei para Mia] representam. No meu país, ser uma*

artista, ou ser alguém, não é possível para alguém como eu, se é que vocês me entendem, basta olhar ao redor, não tem ninguém igual a mim aqui". [Coincidência ou não, os únicos negros era o grupo de brasileiros, logo, Gabriel Lima e Frederick Assis, que estavam comigo]. *"- Não estranho que somente eu tenha que explicar ou justificar minha improvisação? Ou pedir desculpas pela forma violenta da minha dança? Um corpo como eu, como o meu, aprendeu sendo violentado, ser como eu no meu país é como aqui e agora. Estou tentando justificar minha dança em um idioma que não é o meu, mas não tem explicação, porque é isso, você sente, cada um sente uma forma, ação e reação (né?), ser como eu é tentar ser como você.*

Sou interrompida. Peço licença, e continuo: *Não existe saciedade? Vocês irão continuar me interrompendo? É lindo pensar que no Brasil a gente é carnaval, sorriso e beijos, simpatia e tudo mais que vocês pensam. Mas não é. A verdade é que estamos morrendo por um ideal que não dá para alcançar, isso é ser alguém como eu e tentar ser artista no meu país.*

Mia, avermelhada, com a garganta saltando, batendo as mãos no peito, falando na minha direção [na tradução do Gabriel]: *- Eu não posso ser referência, eu não sou referência de nada, eu não sou padrão, eu não tenho culpa dos problemas sociais do seu país. Eu queria que passasse a sua dor, mas eu não posso ser um espelho, eu fujo do padrão constantemente* (Em um gesto aparentemente desesperado para ter razão no que diz, como se fosse possível entendê-la melhor, ela levanta os braços, e mostra os pêlos nas axilas). Gabriel continua: *- Ela disse que se sentiu atacada e que você foi selvagem, e essa violência não cabia, mas ela está sendo violenta também, não estou entendendo, vou parar de traduzir, o inglês dela é precário.*

Ela terminou de falar, eu me reservei a fazer mais um pedido para o Gabriel, que já estava exausto: *"- Fala só mais isso, por favor: Foi só uma dança. Se você sentiu alguma coisa, é porque tem alguma coisa errada com você, não comigo, suas lágrimas não me comovem, seus pêlos também não."*

A conversa acaba, um pouco depois, Louis, vem até mim não diz nada, se curva, beija minha mão. Pui go, um jovem de Cingapura, pede que Gabriel lhe traduza: *"- Você é incrível, no meu país não falamos de coisas tão fortes como que vivemos aqui, obrigado"*.

Nenhum dos cumprimentos foi suficiente, uma dramática insatisfação tomou conta de mim nos últimos momentos dessa aula, passamos para uma improvisação

final, cujo comando era a contração e o relaxamento. Não entrei no jogo, meu corpo não queria, não conseguia relaxar. Era o primeiro dia de verão na cidade de Paris e eu chorei no final da aula, sozinha e ninguém me pediu para parar, e ninguém me pediu para ficar, e ninguém veio me consolar. É assim que tudo acaba?

Ser alguém como uma negra é sentir fome sem comer, e com a boca aberta e faminta, em prantos e gritos, com aparência mal alimentada, e como um bicho defender seu lugar e os seus, e ser novamente questionada sobre qual a serventia de se falar tão alto, já que ninguém pode te ouvir.

Um corpo que é despossuído do sentido de ser, mesmo na disposição de tentar, “morte e liberdade estão irrevogavelmente entrelaçadas”, é o *terror ao selvagem* (MBEMBE, 2016)

4.7 Festival de Verão:

Paris, 23 de junho de 2018

Quase um “ Feliz ano novo! ”, garrafas de vinho nas mãos, sorrisos e “ Bon soir” na boca, lá fomos nós caminhando pelas ruas seguindo as festividades da chegada do Verão na França. As estações do metrô hiperlotadas, a cidade com alerta de terrorismo, e as luzes brilhando: Vamos ver a torre?

Preto. Árabes. Asiáticos ... É o velho mundo colonial como um todo, e nós podemos verdadeiramente falar de experiência comum quando se é atriz de uma dessas "comunidades". Além disso, o que experimentamos como mulheres negras nas indústrias do entretenimento, outros homens e mulheres não brancos vivem em todos os setores profissionais. Discriminação na contratação, invisibilidade, teto de vidro, falta de credibilidade quando elas ou eles têm acesso a cargos de responsabilidade, quando não são simplesmente expostos estrategicamente como troféus das empresas que querem parecer virtuosas apresentarem diversidade. (MAIGA, 2018, p.9)

“*Noir ne pas mon métier*” (MAIGA, 2018) – “ Negro não é o meu trabalho”, um livro que foi a mim apresentado naquele dia, fiz um colega na viagem chamado Thiago Menezes, que acabara de conhecer, um brasileiro, também negro e bailarino, morando por lá, estudando por lá. Conversávamos sobre racismo e como ele se sentia após a mudança de país. Era o primeiro dia de verão, mas, termicamente, foi o dia mais frio que passei na cidade. O Thiago também me comunicou sobre alguns episódios de racismo, e daí me apresentou o citado livro, que na sua opinião, é o trabalho mais importante do momento, para se pensar o fenômeno espetacular do racismo bem intencionado no ramo das artes, na cidade de Paris.

Ele me falou que não era à toa que eu sentia algo estranho quando passava com minha tatuagem aparente, no braço: “ *eles devem pensar que você é de gangue*” (riu).

- *Percebe que ninguém aqui tem tatuagem à mostra? É que nós do Rio de Janeiro, adoramos marcar nosso corpo, igual nossa cidade. Eles entendem como se fosse uma violência isso.*

- *Pois é, as pessoas ficam hipnotizadas, nem me olham no rosto, quando peço informação.*

- Mas pode ser porque você é preta também. Viu que o nosso preto é diferente do preto deles aqui né? No começo, quando me mudei, eu já falava francês, mas lógico, com sotaque. Eles demoravam muito para me aceitar, antes de

me passar alguma informação, me perguntavam de onde eu era. Falavam igual fala com criança. Quando eu dizia: “Brasil”, eles se aliviavam, sorriam e ainda “sambava” (“ eu amo Brasil”). Depois com o tempo que eu fui entender, que a forma como eu falava francês, meu sotaque, o tom da pele, sei lá, muitos deles achavam que eu era martinicano.

- E qual é o problema em ser martinicano.

- Aqui? Aparentemente todos! Os martinicanos são latinos como a gente no Brasil, mas também são franceses, igual um francês da França. A Martinica é a “casa de praia dos franceses”. É maneiro né? Ter uma ilha no caribe, mas ninguém quer que eles de lá usem os passaportes franceses deles aqui, para estudar e tal. Aí quando eles identificavam que eu não era martinicano, eu era bem tratado, mas quando descobriam que eu estava aqui estudando, eu tinha que provar que eu sou realmente bom. E é todo dia isso. Normal você se sentir estranha quanto a ter chorado sozinha na aula, normal ‘pra’ caramba, porque eles não se sentem culpados em serem racistas. A galera mais velha, pelo menos te ignora e tal, mas o preocupante é o povo jovem que não se acha racista.

Racismo como algo “nebuloso” (MAIGA, 2018), que não se manifesta como um literal “soco na cara”, mas sim por golpes desferidos contra o corpo negro, estão encarnados neste texto, que mostra uma natureza desdenhosas nas palavras, junto de observações complacentes e condescendentes, dentro de diálogos e silenciamentos, perpetuando sem quaisquer perturbações, tratamentos vexatórios e que inferiorizam as pessoas negras e de cor. Para Maiga, a negra é uma “Mulher e diferente”. Uma encruzilhada do racismo e do sexismo, nebulosamente inserida na posição de quase total invisibilidade. Por vezes, aparentemente, transpondo essa condição nebulosa de viver, pensando saltar da posição de relegada à periferia, tão logo, esse racismo nebuloso não falha em erguer novas “paredes simbólicas”. A presença de uma negra, “do filme ao filme, do jogo ao jogo”, muitas vezes, é uma necessidade anedótica por um exemplar negro. (MAIGA, 2018, p. 7 - 11).

4.8 **A Repetente, a Piranha, a Falada e a Favelada:**

A Piranha, era uma menina negra, a Repetente era uma menina de cabelo alaranjado que usava calça apertada, a Falada era assim chamada porque já transava, a Favelada era por onde ela morava.

Elas estudavam na mesma escola e nunca tinham conversado, tinham entre 12 e 16 anos, por algum motivo elas nunca haviam nem cruzado os olhares. Mas uma delas observava bastante, sabia que elas tinham alguma coisa em comum, mas o medo de se aproximar a impedia de se comunicar, porque afinal cada uma, já separadas, era um caos, imagina se acaso se olhassem, se vissem e conversassem.

A menina que observava, tinha 12 anos, a Piranha da escola. Fama angariada mediante votos, escritos em uma mesa no refeitório e em outra mesa na sala de aula, bem assinalado e em letras maiúsculas que seu nome agora era “Piranha”. Ainda que, em outros momentos, fosse eleita a menina mais feia da escola toda. A menina que todas as meninas odiavam, rejeitavam, desprezavam, e que caiu no costume de ter que odiá-las de volta, ganhando dessas meninas o nome que sempre mereceu “Piranha”. Porque ela odiava, nunca ser a namorada, e sempre ser beijada, sempre ser tocada, nunca namorada, sempre no cantinho, com qualquer um que ela apontava, mas nunca uma namorada, nunca de mãos dadas, nunca às claras. Ela em surtos aturou e Piranha se tornou. Mas um dia se calou, porque sozinha ficou, como ainda não se acostumou?

Noutro belo dia, terrível dia, de passeio escolar, a Piranha não tinha ninguém com quem lanchar. Acho até que ninguém sabia que a Piranha tinha família, e sua mãezinha fazia lanchinhos para compartilhar. Numa bolsa térmica, ela trazia, várias fatias de queijo a bolinar em pães de forma, um pacote de biscoitos e cinco copinhos de guaraná: mamãe achava que Piranha era popular.

O passeio transcorria e todo mundo se divertia, era um lugar desse tipo espetacular: uma feira, cheia de livro, que só acontece de dois em dois anos na sua cidade. Muitas escolas, muitas crianças, muitos livros, Piranha tinha uma paixão secreta pelos livros, tanta paixão que tinha uma coleção, catada no lixão. Porque quis e sem ninguém saber, ela catava livros por aí, talvez até sem os ler, mas por puro prazer de saber que dormia ao lado de um novo saber.

As crianças foram liberadas pelos professores, saíram correndo para se embrenhar afoitas por todo o espaço e passear. Piranha ficou sozinha de novo. Ela só tinha três reais no bolso, aqui até que valia um colosso, mas ela não se interessava pelo alvoroço: todos tinham seus grupos e por que ela tinha que pagar o custo, do gosto do outro?

O passeio ia acabando, Piranha não se interessava muito por comida, por isso mamãe sempre fazia, fazia muita comida, quem sabe [?] enquanto ela dividia

ela também se nutria. Opa! O tempo acabou, Piranha prendeu seu dinheiro até o findar, atijada para se encaminhar pela hora de no ônibus entrar e para a escola voltar, Piranha comprou, com seus três reais, alguma coisa que fosse fazer com que não ficasse mais “lá fora “ das brincadeiras das outras garotas.

Sentada e cabisbaixa, percebe uma sombra que a observava, ela olha e vê: A Repetente a espreitava.

- *O que tem aí de comer?*

(Piranha mostrou para Repetente seu pequeno tesouro, nem sequer havia provado).

- *Chega aqui Falada, pois ela tá carregada!*

(Repetente, Falada e Piranha agora comem)

E entre as mordidas, elas mostram os dentes, sorrindo: - *Eu não acredito que você comprou esse lixo!* (Disse a Falada, sobre a revista famigerada que a Piranha comprara e não se interessara)

- *Nem eu acredito que gastei meus três reais com isso, eu nem gosto disso.*

Todas riram. Foram se conhecendo na caminhada. Ah! Apareceu mais uma, a Favelada, toda calada, ela nem se ouriçava, por nada. Chamaram: - *Vem aqui sua Favelada!*

- *Por que te chamam assim?*

- *Porque eu moro lá, daquele lado, que não neste da escola.*

- *E tu, é verdade o que Falam?*

(Perguntou para Falada)

- *O povinho fala, fala, mas não sabem da verdade, ninguém sabe da minha vida, falam de mim e da buceta que é minha, mas minha mãe já sabia. Falam demais, porque eu tinha “camisinha”.*

[Repetente] - *Eu sou tipo vocês, mas o povinho nem sabe a metade, ficam dizendo as suas verdades e só fazem maldade. Não sabem porque eu tenho 16 e ainda estou na oitava série: Ano retrasado era um churrasco entre Natal e Ano Novo, lá no telhado, estava em família, enquanto brincava e sem querer o vento me atirava pela sacada, caí e quebrei minhas pernas e bacia, quase morri, acordei já era outro ano. Foi a pior época, mas também foi a melhor época, minha mãe ia na doceria direto e me trazia várias “paradas”, fiquei um ano internada. Não dava em nada, eu*

nem andava, só ficava deitada, estudar, não dava. Depois que eu voltei a andar, eu não consegui acompanhar, e não voltei a escola frequentar, mas esse ano eu quero uma coisa diferente para minha vida, vou me dedicar e ninguém acredita.

[Piranha] – *Se eu te contar, você nem acredita que o professor de história dizia que você era uma bandida, que nada com a vida queria e que repetia porque inocência não tinha e funk ouvia?*

[Repetente] - *E tenho culpa se hoje eu tenho bacia, e ela se agita? Dançar funk é minha vida!*

4.9 Jenifer e a internet:

(Luísa, 15 anos, em 2017) – Teve esses casos de “vazar *nudes*” das meninas lá no colégio que eu estudava, mesmo sendo escola particular, de freiras e naquela parte nobre da cidade. À propósito, tinha inclusive um aplicativo de mensagens instantâneas, o *secret*, servia tanto para você contar um segredo ou enviar fotos de partes íntimas ou do máximo do corpo de forma anônima, esse aplicativo foi banido da internet em 2015. As meninas, lá da escola, postavam foto sem o rosto aparecer, mas dava para perceber quem era. Aí um garoto postou alguma coisa, um segredo sobre a coordenadora da escola, uma Freira grandona lá, e “deu merda”, foi polícia na escola, falaram para entregar quem tinha sido e no final não sei o que deu, abafaram a história e nada aconteceu.

Mas quanto a esse lance de dar polêmica por conta desses aplicativos de segredos anônimos e *nudes*, teve a vez da Jenifer parar na internet, por conta de sexo na escola. Mais ou menos isso.

A Jenifer, nesse negócio aí, de foto e tal, um garoto, o Rodrigo, a história foi que: pegaram ela com ele, alguém explanou, mas o pior foi que ela fez na escola. Mas o papo foi que o Rodrigo tinha falado para ela assim: “*eu tenho nudes teu, se tu não pagar boquete ‘pra’ mim eu vou explicar*”, aí ela foi e fez, né? Só que na escola mesmo. Deu uma “merda” ainda maior, eles foram para a coordenação, depois ela até saiu da escola. Ela terminou o ano e saiu da escola, ela estava no primeiro ano do ensino médio, E=eu acho que a Jenifer tinha uns 16 anos, eu tinha 14, mas ela era repetente, então, eu não sei, mas acho que essa era a idade dela, era a mais

velha do grupinho delas, não faltava muito para terminar, mais ou menos. Mas foi aquilo, né, o resto do ano todo: “*boqueteira*”; “*Amou mesmo heim*”. Até o garoto, que obrigou ela a fazer, zoava ela muito. A coordenação da escola abafou o caso, é isso, né? “*Ah o garoto é o garoto, né?*”

A Jenifer morava no Conjunto habitacional que fica nos arredores do bairro da escola, mas na parte mais pobre, mesmo que lá tenha gente pobre ou com algum com dinheirinho, não dá para saber, se ela é mais pobre ou se tem uma condição maneira, mas ela era bolsista, igual a mim, porque tinha parente que trabalhava na escola também. Eu vejo ela como negra, mas eu acho que ela duvida, na verdade parecia uma “*indiazinha*”: Pele escura, cabelos naturalmente lisos e longos até a cintura, olhos pequenos e puxadinhos. Nós ficamos juntos apenas no momento depois das aulas, quando ficávamos na escola depois do horário, por sermos filhas de funcionários, mas durante o período normal, das aulas e no recreio, ela andava com as “*patricinhas*”, as meninas branquinhas, populares, riquinhas, todas as que andavam iguais, lá, “*geral*” era igual: chegavam na escola arrumadinhas, mas depois já estavam usavam o short da educação física todo dobrado e as inspetoras falavam mesmo, “*lá vem fulaninha se amostrar pros garotos*”. E os garotos ficam naquela, né? “*Pata de camelo linda*”, tinha umas meninas que dobravam e amarravam o casaco na cintura e tal, para dar o volume da bunda e, eu querendo esconder a minha. Acho que foi por isso que depois do que aconteceu, ela ficou sozinha e tal, nem as freiras foram a favor dela, mas o Rodrigo continuou, não deu polícia, acredita?

5 E PARA QUE SERVEM AS NOVINHAS? MAIS HISTÓRIAS

5.1 Da passarela 30 ao ponto final:

Talvez se eu fosse uma pessoa melhor, ele não precisaria mentir para mim (ela pensava)

Talvez se eu fosse boa para ele, não precisaria ter mentido.

O que é ser melhor? O que é ser boa o suficiente?

Todos os dias, eu acordo, pela manhã, me levanto às três horas, antes das 10 horas eu já conheci mais uma nova maneira de lembra que sou negra.

Até 16 horas e já conheci mais oito ventos diferentes que sussurravam mais novas formas, diferentes, de me lembrar que sou negra.

Quando eu me deito, às 22 horas e, quando eu enfim consigo parar de me mexer e adormeço, a uma hora, eu lembro mais uma vez que o silêncio afirma ao meu corpo, que ele é negro.

Dou a última olhada pela janela, pisco 3 três vezes e o despertador, toca. Saio da cama, não sei o porquê, como se só houvesse o respeito ao relógio.

São quatro alarmes pela manhã, que servem para me lembrar de não dormir porque sempre é tarde, é tarde, é tarde, é tarde. Como coelha, atrás das horas do relógio, perseguindo um “não sei o quê”, seguida não sei pelo “quê”. Sempre, preciso me manter acordada, sempre, tanto que sonho que estou dormindo profundamente, e, de repente, acordo na realidade.

O corpo não descansa, o corpo está no ontem que interrompe o amanhã, passando corrido pelo hoje. Por causa do amanhã, que eu aguardo acordada, todas as noites, para ter certeza que ele vem, agora já são duas horas da manhã. Meia-hora para o amanhã.

Naquele dia...

...Eu estava indo ao encontro daquele que era meu parceiro, aquele que era apaixonado pelos seus metais, que carregava no bolso, embaixo do banco do carro, no porta-luvas, os metais reluzentes de numeração raspada, e que também se orgulhava dos emblemas que enchiam sua carteira e vestimentas, que tornavam ele um homem de bem, um ser humano, com direitos garantidos diante da Lei.

Não, digo, será que era realmente esse o cara? Ou talvez tenha sido outro, talvez seja aquele jovem, o meu primeiro namorado, lindo de olhos verdes, que era um apaixonado pela “*cultura negra*”, e era “*um branco de alma negra*”, ele mesmo, me contando.

Ou será que era aquele, rastafári de shopping center, de pele branca, de família branca, de família nobre, boas ondas, vibrações positivas. Que sempre me fazia entrar pela porta de trás da sua casa, fugindo do perigo de sermos vistos.

Ou será que era aquele jovem que dizia que gostava de mim porque eu me comportava, havia sido criada como uma garota branca: “*você come como uma menina branca*”, “*sempre quis comer uma negra*”.

Na verdade, eu não me lembro quem era, e, assim como não me lembrava naquele momento se aquela e viagem era realmente necessária. De repente eu já estava em um barco voltando sozinha, sem nada, só com o dinheiro da passagem, vindo de Paraty até aqui. Peguei um barco, peguei uma trilha por duas horas, sozinha, minha primeira trilha pela floresta, peguei mais um ônibus, mais outro ônibus, fiquei parada em uma estrada, sentada, estrada de terra, talvez passasse o ônibus talvez não. Peguei outro ônibus, cheguei na cidade, da cidade, peguei outro ônibus, saí às 10, cheguei às 22. Moleza, você aguenta. Era dia primeiro de março.

E voltou, voltou me querendo, me amando, eu não sabia, mas também voltei.

Cheguei lá, ele acelerou com o carro, porque eu disse que não queria mais ficar, não queria nem voltar. Ou será que foi da vez que me ameaçou com seu metal cromado? Ou será que foi da vez que ele me batia ao som da sua banda favorita.

Batia e bati, com tanta pressão, com tanta vontade, batia de verdade, bati da mesma forma que fodia. Até sangra e, o sangue, manifestava nele sensações maravilhosas, tinha o riso escorrendo pelo canto da boca. Mas eu não sabia, como eu faria, como sairia? Como saberia? Fiquei ali e ouvia a sua banda favorita, esperando a hora que ele se satisfaria e acabaria.

Naquele dia, eu fugi, eu joguei, me joguei na rua, bati na porta do vizinho, pedi seu silêncio, pedi sua ajuda, era que o protão de baixo estava fechado e essa chave eu não havia encontrado. O vizinho ajudou, e segundos depois, não tardou e o informou do acontecido: o meu “marido” veio me perseguindo e eu nem consegui virar a esquina.

Ou será que foi naquele dia, em que eu tive que ir na delegacia?

Não, talvez tenha sido no dia que a sua mamãezinha me oferecia a graninha que calaria a minha boquinha.

Não me lembro em qual dia, mas foram tantos dias, de coisa parecidas, de histórias parecidas.

Mas um dia eu saí, não sei como foi isso, não me peça para explicar, mas de todas essas situações eu consegui escapar.

5.2 Blusa azul, short jeans e cabelos soltos:

Naquele dia ... ela jogou, se jogou e, a única coisa que diziam era um, “*tst tst*”, entre os dentes e lábios. Vieram as suposições: tantas horas no trânsito, que já é o caos habitual, as notícias voaram, aparentemente ela havia jogado o corpo para o mundo afim de interromper a briga que estava tendo com seu namorado. Depois, um vendedor ambulante passa gritando pela janela, “ *ela se jogou porque estava grávida*”. Mas a única importância que davam e, o “x” da questão que todos queriam resolver, era a inquietante vontade de ter passado por ali antes do salto que ela deu: “ *Mas não dava para esperar, eu chegar em casa não?* ” .

Naquele dia, parecia que tanto a vida dela, quanto a minha, valiam tão pouca coisa quanto a mesma coisa. Eu estava indo para um lugar, e, o seu salto me fez ter tempo suficiente para pensar, ali mesmo, de pé no ônibus, sem a pressa de chegar lá, no lugar que eu nem sabia direito se queria estar. A sensação não sai do meu peito, sempre que eu lembro dela, eu pensava, enquanto o ônibus ainda estava no trânsito engarrafado: será que essa viagem é realmente necessária? Isso vai preservar a minha vida? Isso pode me matar? Com isso, eu viverei mais? Será que isso vai salvar a minha vida?

O ônibus passou, eu a vi, deitada no chão, repousando do seu salto e, ainda voando: o asfalto e ela eram um só, tinha a mesma cor, a vermelha. Vestia um short jeans, curto, e uma blusinha azul, estava dormindo já, com os longos cabelos cobrindo o rosto, talvez tivesse uns 14 anos, não mais que isso, 50 quilos. Foi inevitável, não tinha como não ver, mas nem todos viram o que vi. Não dormi por dias, mas logo alguns trabalhadores retornaram suas posturas recostadas nas cadeiras, debruçando cabeça e ombros nas janelas, olhos fechados, sono pesado,

conforto, agora vamos seguir viagem e, eles disseram: “*essas novinhas não tem nada na cabeça, elas só fazem merda, atrapalham a vida do cidadão de bem*”

Naquele dia ... ela jogou, se jogou e, a única coisa que diziam era um, “*tst tst*”, entre os dentes e lábios. Vieram as suposições: tantas horas no trânsito, que já é o caos habitual, as notícias voaram, aparentemente ela havia jogado o corpo para o mundo afim de interromper a briga que estava tendo com seu namorado. Depois, um vendedor ambulante passa gritando pela janela, “*ela se jogou porque estava grávida*”. Mas a única importância que davam e, o “x” da questão que todos queriam resolver, era a inquietante vontade de ter passado por ali antes do salto que ela deu: “*Mas não dava para esperar, eu chegar em casa não?*” .

Naquele dia, parecia que tanto a vida dela, quanto a minha, valiam tão pouca coisa, quanto a mesma coisa. Eu estava indo para um lugar, e, o seu salto me fez ter tempo suficiente para pensar, ali mesmo, de pé no ônibus, sem a pressa de chegar lá, no lugar, que eu nem sabia direito se queria estar. A sensação não sai do meu peito sempre que eu lembro dela, eu pensava, enquanto o ônibus ainda estava no trânsito engarrafado: será que essa viagem é realmente necessária? Isso vai preservar a minha vida? Isso pode me matar? Com isso, eu viverei mais? Será que isso vai salvar a minha vida?

O ônibus passou, eu a vi, deitada no chão, repousando do seu salto e, ainda voando: o asfalto e ela eram um só, tinha a mesma cor, a vermelha. Vestia um short jeans e uma blusinha azul, estava dormindo já, com os longos cabelos cobrindo o rosto, talvez tivesse uns 14 anos, não mais que isso, 50 quilos. Foi inevitável, não tinha como não ver, mas nem todos viram o que vi. Não dormi por dias, mas logo alguns trabalhadores retornaram suas posturas recostadas nas cadeiras, debruçando cabeça e ombros nas janelas, olhos fechados, sono pesado, conforto, agora vamos seguir viagem e, eles disseram: “*essas novinhas não tem nada na cabeça, elas só fazem merda, atrapalham a vida do cidadão de bem*”

5.3 Luísa vai fingir demência:

Luísa é uma adolescente, carioca, moradora de um loteamento na Zona Oeste do Rio de Janeiro, tem 16 anos, é filha de mãe negra e pai branco [assim como a mesma identifica]. Luísa se autodeclara negra, e conta também que durante uma boa parte da sua vida, embora sempre tenha entendido, era difícil falar a

palavra “negra”. [Eu – pesquisadora] tem algumas meninas negras que gostariam de ser brancas, você acha?; e ela diz: “*Quem nunca? Quem disser que nunca...*”. Nossas conversas foram muitas, e informais, regadas de escutas e “conselhos”, algo que revela nossa intimidade, ecoada na primeira pergunta: Descreva você mesma, como você é? – A resposta – “*Comparada a você? Eu sou tranquila* [risos]”. Em um de nossos encontros, nos dispusemos, dada nossa intimidade, e decidimos juntas partir a uma entrevista um pouco mais formal, com o auxílio de um papel agora, sem que eu precisasse depender da minha memória para lembrar cada detalhe. No ritmo que ela ia me contando, diante de mim, eu sem colocar os olhos no papel, observava seus movimentos e anotava suas palavras, que dão o corpo principal para este capítulo.

Luísa, me conta sobre sua vida, sua casa.

Ela então bufa, inclina a cabeça para trás, com o olhar para o teto, revira os olhos, com uma depressão os ombros e da coluna tórax, depois retorna à posição comum, sentada e ri.

Eu reformulo a pergunta:

Então me fala sobre você, o que você quiser.

Ela se apresenta: nome, idade, bairro e começa a falar, procurando um ponto de fuga com o olhar no horizonte.

Minha mãe diz que foi gravidez acidental. Meus pais se conheceram em 2000, e em 2001 eu nasci. Eles trabalhavam em uma casa de festas lá no Recreio. Minha mãe é negra e veio da Bahia com a minha avó, que ficou morando primeiro nas casas de família que ela trabalhava, minha mãe morava dentro da casa de festas, no quatinho dos fundos, meu pai e minha mãe. Quando ela engravidou, aí que eles mudaram com minha avó lá para o Terreirão. Aí a casa de festas fechou ou faliu, aí minha mãe ficou sem trabalhar, meu pai trabalhava em um sacolão. Eles ficaram... passando dificuldades, minha mãe dizia que falava para ele ir embora, porque não precisava estar passando dificuldades, porque tinha a minha tia, família, mas ele ficou. Eu não sei, mas ele mesmo nem deve saber, perto da gente, ele é branco, mas também não é branco, sei lá, só finjo demência para isso, não sei dizer. Mas ele era carinhoso com ela, e também comigo, quando nasci.

Aí minha tia Lúcia, tia do meu pai, deixou eles virem morar aqui no quintal, eu era pequenininha, aí meu pai conseguiu o terreno lá na Pedra de Guaratiba. Eu chorava todo dia [risos] ‘quero voltar para minha casa!’ , porque eu não era

acostumada a ficar sem meus primos, que moravam no mesmo quintal era como se lá na Pedra não fosse minha casa, só tinha meu pai, minha mãe e minha vó. Mas depois de um tempo fui me acostumando.

Então está, tudo bem, fazendo a casa, várias obras, aí minha mãe trabalhava na casa de uns patrões ricos, e meu pai entrou nesse emprego que tem até hoje, quer dizer tinha, né. [Risos]

Então minha mãe começou com umas amizades, acho que foi nisso que tudo começou a dar merda, mas sei lá, tipo, tinha vezes, eu pequena, que ela sumia uma semana por causa das amizades. Às vezes ela até me levava, e cada vez que ela saía estava com um homem diferente. Meu pai ficava em casa, sabia de nada até então.

Uma vez ela me levou para passear com o cara lá de Piabetá, que ela ficava. Eu ficava quieta, certos momentos que é melhor fingir demência. Eu não falava para o meu pai, porque ficava com medo deles brigarem. Eu não sabia o que fazer, eu lembro de chorar, implorar para ela não sair. Meu pai não, ele também fingia demência, parece, ela sumia ele nem ligava, me levava para passear, me dava as coisas, a gente estava em Paquetá toda semana, muito bom, melhor época.

Mas aí teve uma vez também, que minha mãe me levou para a casa de um amante dela, que tinha até uma filha, Marcelle, ela deve ter o quê hoje? Se eu tenho 16, ela deve ter uns 13 eu acho.

Então, eles levaram a gente na praia, eu tinha uns 7 ou 8 anos, eu acho, aí foi, levaram a gente para casa da mãe do cara, minha mãe me deixou num lugar onde eu não conhecia ninguém, me deixou sozinha lá com a Marcelle e com a senhora lá. Ficou enfurnada no quarto, aí a mãe do cara: “- Fulano fica trazendo essas mulheres complicadas para minha casa, com essas crianças”, aí eu disse assim, “ Mas não precisa se preocupar porque eles não vão ficar muito tempo juntos não”[risos], eu me lembro disso [risos]. Nunca mais minha mãe me levou em lugar nenhum que ela ia, comecei a tratar tudo assim. [ela fez um movimento com os ombros para cima e para baixo, com uma sobrancelha acompanhando a subida]

O Márcio, o Wallace, e o William, eles iam até lá em casa. Aí que meu pai começou a desconfiar das saídas, das amizades, aí começou, vários surtos do meu pai, mas nisso já tinha passado maior tempão disso que ela fazia.

É por isso que eu não tenho muita intimidade com a minha mãe, no momento que hoje ela fica querendo fazer as coisas que nunca fez, apenas finjo demência,

[emite um som com a língua entre os dentes] *entrou para a igreja e ficou assim, só agora que ela quer falar da minha roupa, da minha vida, mas quando tinha que ter feito ela escolheu outra coisa.*

Não lembro da minha mãe em nada: reunião na escola, festa junina na escola. Do meu pai eu também não lembro nessas coisas. Teve uma vez, a única vez que ele me levou, porque as outras eu aprendi a ir sozinha, a vez que meu pai me levou na festa da escola, que eu ia dançar. Saiu de casa comigo, e estava bolado que minha mãe tinha sumido, aí entrou comigo no BRT, foi até uma estação lá do Recreio, e não saiu, ele não falou nada, só ficou de estátua lá, e eu sentada do lado, ficou de noite, e eu chorei porque tinha perdido a festa e a dança, aí ele do nada levanta, entramos no BRT e voltamos para casa.

Teve vários surtos, teve uma vez que eles se separaram, aí ele estava lá na minha tia, naquele dia ele tinha que me levar na escola, eu tinha prova, saímos cedo, aí quando chegou no BRT, ele fez a mesma coisa, de seis horas da manhã até 11 horas ele ficou parado, e eu ali, perdi a prova.

Uma vez, com eles juntos ainda, eu percebi que não sabia quem gostava de mim. Minha cama ficava do lado da deles, aí meu pai ficou dando marteladas na cabeceira da minha cama, discutindo com minha mãe, que tinha acabado de chegar de um fim de semana sumida, “você não vai dormir”, para ela, e martelando minha cama “vai acordar a menina”, “eu nem sei se essa garota é minha filha”, aí eu chorei quietinha fingindo que estava dormindo. Conseguiu quebrar, por isso que eu dormia no colchão no chão, naquela época que eu tive muito piolho, muito mesmo, e minha tia que conseguiu cuidar, ela me deu travesseiro e cama nova, porque os piolhos tinham ninho da minha cama.

Quando eu tinha uns 12 anos, eu e meu pai, voltando para casa, aí a gente passa de Kombi, e vê, minha mãe, no horário muito diferente ali já perto de casa, ela estava no moto-táxi, que virou num ponto diferente do nosso, aí meu pai surtou na Kombi, pediu para descer, e foi seguir o moto-táxi comigo junto. Chegou lá na casa que minha mãe tinha ido, tocou a campainha, ela mesma que atendeu, ela gelou. Meu pai começou com os surtos dele lá, falando pra caramba, aí o outro lá brota, o Jota. Aí eles começaram a brigar, meu pai só apanhou, e minha mãe ficou lá, a mãe do cara também apareceu, ficou falando “a menina, a menina, olha a menina”, aí meu pai “vai, me bate, me mata, bate mais, me mata”. O Jota, puxou a arma e falou “se tu não meter o pé agora tu vai morrer na frente da sua filha”. Mayara, eu não sei

de onde eu tirei força, eu sequei, “vou embora”, virei as costas e saí saindo, minha mãe gritou sabe o que para mim? “Não esquece de lembrar a ele de pagar o boleto da escola”, como eu senti raiva da minha mãe, cara, fingi demência total e continuei andando. Desde esse dia que eu não fico mais com ela, prefiro ficar aqui na minha tia, ou na minha vó, melhor ficar com meu pai nos surtos dele, prefiro ficar sozinha e com fome do que ficar lá com ela, tem dias que eu nem como, mesmo sendo no mesmo quintal, as vezes não tem comida na minha avó, mas tem lá na minha mãe, aí eu durmo, lancho, mas não bato lá, não adianta.

Mas ela me desprezava sempre, não queria pentear meu cabelo, aí começou a alisar meu cabelo desde cedo, porque ajudava a facilitar para pentear. Se eu tivesse o cabelo alisado de prancha ela aceitava cuidar de mim para ir para a escola.

Aí está, o Jota começou a morar lá em casa, aí mesmo que eu não ia mais, ele ficava lá o dia todo com a bunda na cama, no ar e eu no calor no puxadinho da minha avó. Mas minha avó também tinha os lances dela, então tinha hora que nem cá nem lá. Aí que eu comecei com papo de rua, lá no conjunto, e tal.

Pros assuntos deles lá eu só finjo demência, porque se eu falar vou está errada, então prefiro ficar errada quietinha. Falando ou não falando vou está errada de qualquer jeito, então prefiro não desperdiçar meu cérebro.

Minha mãe, já com o Jota e tal, do nada me manda uma mensagem, falando para eu ir no salão que ela estava fazendo a unha que tinha uma boa notícia para contar.

Já fui, né, com aquela cara, conheço, lá vem.

Aí está, cheguei ela lá sorrindo, a manicure sorrindo, então ela fala assim “senta aqui que eu tenho uma boa notícia”, “hã”, “estou grávida”, “ah tá, agora conta a parte boa”, as moças lá fecharam logo a cara para mim, da forma que eu entrei, eu saí, segura essa bomba [risos]. Agora que ela está toda certinha, de igreja, ela quer fazer as coisas que nunca fez, ser mãe.

Ela não conta, mas eu que estava do lado dela na hora que ela precisava de mim. O Jota bateu nela duas vezes, teve uma vez que ele ameaçou tacar fogo nela. Ele bateu, bateu, aí quando ele veio para tacar fogo, minha avó se jogou assim para cima dele, e minha mãe bem mordeu ela falando para ela não se meter.

Cara, o Jota, levou uma vez o outro filho dele, o Ray e minha mãe grávida, para uma festa e tal, me mandava foto pelo celular dela “pense numa família feliz”, sem mim né lógico, minha mãe falava: “não liga ele só quer mexer com você”.

Na gravidez do Isaac ela amava tudo. Quando, assim que ele nasceu, ela ligou para mim assim, “vou viajar”, o Isaac não tinha nem certidão de nascimento ainda Mayara, viajou com o Jota para São Paulo para a casa dos parentes dele lá.

Aí passou uns dias, ela manda mensagem dizendo que ia se mudar para lá. Aí eu falei: “mas e as coisas, mas e eu?” Ela respondeu: “a você se vira, você tem seu pai, sua avó, sua tia”.

Ela ficou lá uns meses, aí voltou, toda arrependida desse jeito aí de hoje. Ficou querendo voltar para o meu pai, falando para ele ir conhecer o Isaac. Meu pai, precisa ver, fica todo com o Isaac, tipo comigo quando era criança. Mas não dá muito certo meu pai e minha mãe junto, rapidinho ficou dando merda e ela tocando ele de lá, só que ficou naquela ele fica lá insistindo e ela não sabe como mandar ele embora.

Eu não posso nem ficar doente, ninguém vai cuidar de mim. Quando eu comecei com problema da alergia respiratória, que me dá os ataques do nada, minha mãe não cuidou, só minha tia que foi no médico comigo, minha mãe ficava falando assim: “ não é nada não isso e emocional, porque o pai abandonou ela”.

Sempre foi aquilo, meu pai para mim, “ você é o filho homem que eu não tive”, “ ela é homem”, eles achavam mesmo que eu era homem durante a gravidez, não dava para saber o sexo em nenhum exame. Eu nunca tive muito isso de vaidade, porque não dava só ganhava roupa do meu pai, e quando ganhava era camisa do Flamengo. Aprendi a usar absorvente aqui, na minha tia, ainda bem que aconteceu aqui, porque em casa eu não tinha nem calcinha.

Na escola era assim “ neta da moça da cantina”, então poxa, eu era bolsista em escola de freira, de “filhinho de papai”, não podia ser pega fazendo nada, “é a neta da moça da cantina que fez”. Eu não ligava para nada, eu já era a neta da moça da cantina, só me distraia mais quando me zoavam por causa da cor, eles só sabem fazer isso, é o que eles conhecem. Ficava largada lá na escola, depois do horário com as outras filhas de funcionário.

A Jenifer, que mora lá no João XXVIII, era também filha de funcionário, minha mãe não gostava que eu ficasse com ela porque falavam que ela era uma garota largada, favelada suja, ela até andava com as meninas populares da escola, ela é branca, aceitavam um pouco melhor ela. Ela sempre fez o que quis, achavam que ela era avançada para a idade dela. Mas nada disso, só impressão mesmo, era

bobona. Mas ela praticamente inventou esse lance de subir o short para ficar curto.
[Risos]

Eu só andava com os estranhos mesmo, principalmente quando eu parei com a química no cabelo, só andava como, com os repetentes, as lésbicas, as anoréxicas. Mas mesmo assim não me sentia bem com ninguém, não tinha mais argumento, eu não era dali. Ficava fingindo demência, todo mundo era muito babaca.

Fui várias vezes para recuperação, nossa muitas vezes, principalmente no 6º e no 7º ano, todas as provas eu fiz recuperação.

Aí minha vó perdeu o emprego e eu fui estudar numa escola em Campo Grande, no particular, estava no 9º ano. Foi quando eu resolvi que lá ia ter pessoas diferentes, garotos diferentes, e que eu podia ser bonita, agora já estava todo mundo acostumado com cabelo cacheado, quase ensino médio, aqui tinha mais gente parecida comigo.

Outra realidade mesmo, quando eu cheguei na escola, primeiro dia de aula, sentei na mesa, na sala vazia e chorei “ escola lixo”, “ cadeira torta”, “ tudo pichado”, desabei, nunca tinha visto um lugar tão horrível. E também foi a melhor época. [Risos]. Meu pai me buscava lá direto, ele fez uma tatuagem com meu nome.

Enfim, esse colégio me preparou para várias coisas de hoje no CIEP que eu estou, porque lá os alunos não queriam nada. [Risos]. Cara eu não gostava nem de funk, imagina? Não dá! [Risos].

Aí eu comecei a andar com gente nova, daqui da área, ir no shopping, mas era aquilo, eles me achavam muito inocente, não pega ninguém e as meninas já estavam como, muito papo de sexo. Foi lá que eu aprendi os nomes das coisas, tipo siririca, que eu não sabia mesmo, nenhuma menina queria andar comigo por que elas falavam as coisas e eu não entendia, mas parecia que eu tinha que saber, tem o google, mas e daí, que diferença faz saber ou não. “Ela é muito inocente ela”.

Mesmo eu tendo começado a me ver diferente, eu ainda não pegava ninguém, e só gostava de garoto divo, tipo Justin Bieber.

AH! Tinha uma menina, Júlia, que tinha implicância comigo, eu gostava de um garoto lá que todas as meninas gostavam, o garoto ficou foi com a Júlia, bem o tipinho dele, era igual a ele só que mulher, ela já fazia sexo e tal. Mas ela teimava de ficar arrumando caô comigo, ela já estava com o garoto, oferecia vantagens de sexo e ainda não queria que ninguém me envolvesse em nada, “ A Luísa é muito

inocentezinha". Continuei não pegando ninguém e me afastei mais de todo mundo. Muito eu [risos]. *Aí está, resumo da minha vida.* [Risos].

5.4 **Baile da boca:**

Sem ser, sem ter, sem estar, sem usar. Porque quer, vai, quer ir, e, já fui, quando, porque e, como quiser, ir e faz.

E, olha, como é que ela vai?

Vai Novinha, Vem Novinha!

No baile, nas vendas dos meus doces e utilidades, bem tranquila, elas chegam, eles também, e, vem aos montes, tudo pode significar qualquer coisa e qualquer coisa é muito. Lá, pelas horas, dentro das danças, elas querem consumir e podem, porque querem e, vão.

" Me vê *Isqué!*"

Hã?

" *Isqué isqué, você tem isqué?*".

(Aponta, me mostra).

Só porque não foi uma, nem duas, nem dez, mas todas as vezes e todos os dias, que "*isqué*" pode ser tudo que tem na minha barraquinha.

Com um "S", que se parece "x", arrastado na explicação, colocando ele onde não tem, porque quer e vai fazer. Tenho que aturar, para entender e surtar em risos, depois de perceber que "*isqué*" é tudo e, só se fala lá, naquele momento, naquele lugar, para economia das palavras ou pela embriaguez dos detalhes: só elas dizem.

Elas chegam no meu ouvido: " Ô *Piranha! Não tá ouvindo não? Tá entendendo não?* " (Elas riem, nós rimos). Como se fosse pouco, entre os estampidos no ouvido, eu entender o seu pedido.

(Aponta, me mostra).

Isqué pode ser: *isclé* (Chiclete). Já chiclete, na minha barraca, pode ser: *big big, bling, blong, trident* ou *bolete* (bala de chiclete).

Isqué, outro momento pode ser: *Isqueiro* (" *Me empresta o isqueiro*" ou "*Você tem isqueiro?* ", "*você vende isqueiro?*"), uma frase toda que vira uma só palavra.

Ainda outro dia, *isqué* foi "*Lucky Strike*", o cigarro mentolado: "*Me vê um isqué ao varejo, aquele da bolinha que estoura*".

Uma palavra, que nem é palavra, já é frase, mas dependendo, não significa nada, só faz sentido no baile em seus barulhos, uma palavra nova, que pode ser muita coisa.

Na manhã de segunda-feira, ver quem me chamou, amistosamente, de “Piranha” com um riso de quem me reconhece, uniformizada, agora, ela está: com a camisa das escolas municipais do Rio de Janeiro. Eu não sei seu nome, mas ela lembrou do meu rosto, sorriu de novo, passou por mim, entre os amigos, acenou de leve e seguiu, saindo pela rua, para a escola, era de manhã, e, domingo, à noite nós nos conhecemos, quando te vendi “*isque*”.

Não, nada disso, não é só uma boquinha, é um baile todo na boca.

E o corpo todo é um texto.

Esse baile é o que escolhemos e, também, tudo que escorre da boca e lambuza todo o resto: tenho passado minha vida adoçando a bocas por aí e tomando do doce na minha boca também, contagiando todo o meu corpo. Essa linguagem que escolho e assumo, está profundamente ligada à minha capacidade de acreditar na mudança e é o meu meio de viver. Não, eu não quero nada com a vida, eu só quero dançar funk eu só quero um baile funk. A gente não quer nada com a vida, mas no *baile funk* eu consigo pensar sobre essas linhas.

Linhas e linguagens, e, danças, que afirmam a minha respiração, ainda presente, nesse momento, adornam meu corpo, contam histórias, de outras histórias em outros momentos, movimentos duplos na minha mente.

Esse projeto surgiu, na meia-luz, ao meio-escuro, do *baile funk*, de olhos não bem abertos, sem nada ver, a não ser o brilho das luzes, que cegam esses os olhos, caso se abrissem tentando enxergar dentro da luz. E de olhos quase fechados, em meio a furor ensurdecador de palavras orgíacas e excrementos, pingando com o suor, que não era só o meu, com o tato afetado pelo álcool, sentindo apenas o gelo nos pés sujos de bebidas, que não eram as minhas e nem tenho certeza se eram somente bebidas, a única coisa que ainda me serve era o tato da língua, e, eu lambia, as coisas doces da vida.

As coisas doces na boca entram e, não haviam mais condições de sustentar o corpo, pois tanta doçura já não me cabia mais, o corpo não comportava, então, nós todas vazávamos, juntas, as nossas doçuras orgíacas e excrementos, por entre os dentes, entre sorrisos antes dos ataques: o *baile funk* é feminino.

Feche os olhos e ouçam nossas vozes, você já foi em um *baile funk* antes? O *baile* é nosso, olha, como é que ela vai: como se sentir seguro na noite, entre becos, vielas, quadras, ruas, vazias ou superlotadas? Somos nós lá, nossas vozes, fecho os olhos e só ouço as nossas vozes, mesmo que não estejamos lá, são nossos irmãos, nossos meninos, nossos filhos. Ah, abre os olhos, olha! Dedinhos para o alto, com as unhas alongadas de *acrigel*, unhas decoradas, não tem jeito: *baile funk* é das meninas, das meninas pretinhas. Atura ou surta!

A violência das nossas perguntas, desobedientes e de corpo feminino, um corpo negro, um corpo negro feminino, será que você vai entender? Como que se caminha assim, entre becos, ruas e quadras, superlotadas e vazias? Como deixar o mundo saltar pela boca assim? Olha, como é que ela vai?

Baile funk, na empiria e na prática, custe o que custar, fecho os olhos e as bocas se abrem, as vozes são pretinhas e de meninas. O Dj abaixa o som e elas vão ao delírio, mais infantil, o baile é das pretinhas. Quais são essas meninas? Elas já foram Tchutchucas, Cachorras, Gatinhas, Potrancas, Bandidas, Boladonas e Novinhas: elas são Funkeiras.

JOGO CONCLUSIVO: Joga o corpo *mais, ainda*: uma pista na construção da emocionalidade, onde as afetividades inundam-se em danças.

Baile funk, para lembrar do *Compromisso*, assumido entre o silêncio das pedras e voos das asas. Quero descer até as profundezas e *mais* fundo, pelo compromisso que assumi, em nome do nosso *compromisso com a Mudança*, algo que me faz sentir a vida circular novamente dentro do corpo e, que, no entanto, não salva ninguém. E para isto, dançar não é preciso, é *mais, ainda*.

É preciso, estando no mundo, saber-se nele, todas as teóricas e teóricos utilizados aqui, neste trabalho, confluem em um mesmo sentido, de formas diferentes, apontando para uma pista: a forma de exercitar a *mudança, com autonomia*, é saber-se sobre si mesma no mundo, sem ignorar a forma como está posicionada neste mundo, e nesse intento, perceber, mesmo sem ver nitidamente, que a sua consciência sobre si mesma está condicionada a esta sua posição no mundo e sobretudo à forma como você foi posicionada nele, à revelia.

A essa maneira, construo, *mais ainda*, de modo infantil os meus anseios em elaborar palavras e escritas soltas sobre corpo negro, construção da emocionalidade e o espertar de um *compromisso com a mudança*. Onde a ausência de trabalhos acadêmicos adoçados, *mais* acidamente e *ainda* repletos de amargas emoções e sentimentos duradouros, são os motivos de se estabelecer um compromisso *com* uma escuta e escrita, que ainda não serve e, *mais, atura ou surta*, diante de uma entrega corpórea, *mais ainda* que de uma entrega preocupada com as palavras sóbrias. Querendo mudar, ou pior, trapacear, jogando *mais* arditamente com a obrigatoriedade de concluir essa dissertação, que não se trata apenas de um mero quesito para finalização de curso e obtenção de título acadêmico de Mestra em Educação, Cultura e Comunicação em Periferias Urbanas.

Por algumas vezes, ou *ainda*, e *mais*, quase sempre, durante e antes do curso da graduação, e *mais*, desde a escola primária, em meio a dedicadas leituras, sem conseguir ler, constantes exercícios para adaptação de caligrafia, severas interdições e castigos disciplinares regularmente aplicados diretamente a mim, eu mesma, e eu mesma aqui falando, já sentia como se realmente não fosse necessário estar neste lugar, e digo *mais ainda*, como se nunca, jamais, em hipótese alguma, tivesse sido aprovada em um (dois, três) concurso (s) público (s) de ampla concorrência para enfim poder escrever das coisas que escrevo. Estou concebendo

esta dissertação, sempre com o medo de acordar de mais um sonho noturno, como se nunca, jamais, tivesse colocado meus pés em uma sala de aula em instituição pública de ensino, pela porta da frente com livros nas mãos, palavras na boca e nome na lista de inscritos, aprovados e devidamente matriculados e alocados em uma das turmas como aluna.

Existe uma sensação que se torna sentimento e invade o corpo todo, provocando um medo que os sonhos sejam roubados, fazendo com que se questione constantemente se realmente eu havia obtido a aprovação nesse concurso público. E durante muitos dias, muitas vezes, eu admirei meu nome, e conferia na minha carteira de identidade, para me certificar de que era realmente eu quem estava lá. E era sim, estava lá, mas cresci com o sentimento banhado da pujança destruidora que um único olhar pode ter, e esse olhar me atravessava e me perseguia pelos corredores, como se a qualquer momento, alguém pudesse entrar pela porta e dizer que eu não deveria estar ali e que eu não era eu, e que não havia sido eu quem de fato fora “aprovada” para aquele lugar, na cadeira, na sala de aula de um mestrado acadêmico.

Embora tenha colorido essas páginas com minhas doces palavras, emergidas dos vazios sangrentos de meus desejos soterrados, eu ainda trago perguntas, dentro de mim, que me acoçam na penumbra. Uma delas é: *para que serve uma menina como eu, em um lugar como esse?*; e foi por isso que decidi dissertar, porque não pode ser normal não desfrutar do privilégio da liberdade de entrar nessa sala, ou não pode ser normal não sentir-se confortável e segura por onde quer que vá, não pode ser normal, sentir que algo pode ser tirado de você a qualquer momento.

Eu não pude concluir esta dissertação de forma normal, então, vamos fazendo da forma como podemos, tentarei seguir alguma pista, e, essa pista, “na real”, é uma: a pista do baile funk, bruma por onde, você talvez se quiser, pode fisgar o que quer que ache que seja minha formação de compromisso, que te diz sempre, *atura ou surta*. Não digo mais nada além disso: é algo experimentado necessariamente como de corpo.

Tudo que permanece por muito tempo represado, retido e interdito, seja por demanda de repressão exterior ou interior, oprimindo o desejo mais primário, emerge, então, na formação de compromisso, como um despejar de palavras no livro vazio: “*eu nunca te ensinei a fazer isso*”, mas é quase que óbvio que você já

sabe, que já sei fazer. Mesmo que você não tenha me ensinado a morder, me orientado a responder, eu já os vi fazendo, os vi e senti fazendo comigo. Infelizmente, você só sabe onde os animais selvagens estão, mas não sabe precisar como eles podem agir sob pressão.

O líquido escorre da minha saliva e das minhas lágrimas, um poderoso veneno: “obrigada!”, pela serventia que me foi outorgada, servi sempre aturando nunca ter desfrutado do privilégio de experimentar sentar-me à mesa durante o jantar, mesmo faminta, não me alimentar e ainda vazia, encher de doçuras suas xícaras de chá. Deixe-me escrever sozinha e com as minhas meninas, andar sozinha e com as minhas meninas, foi só isso que pedi. No entanto, parece que quero passear pelo mundo pisoteando o Pai e Mãe, mesmo a Lei e a Ordem nunca podendo ser assassinadas por mim. Não, eu não acredito mais nas suas chantagens, então podem morrer, eu não me importo com a obediência e com a disciplina. No *mais, ainda* continuo sendo uma professora de dança, ou pior, não mais renuncio ao conflito com *isso*, talvez esse meu *compromisso* seja inútil, até mesmo diante do que a pista nos apresenta, que para saber-se no mundo, estando nele, é preciso renunciar à inibição.

Pensemos assim, uma menina que antes fazia de tudo para agradar, mas que se recusa a pegar um copo, depois se recusa a lavar uma louça, por ter sido privada de algum outro pequeno prazer da vida infante, recusa-se a fazer o chá, pois sabe da surra de vara de marmelo no dia seguinte. Uma emocionalidade construída na doçura, recíproca a receptividade com o mundo, aí a pergunta poderia mudar: *como o mundo recepciona as meninas negras e as meninas Funkeiras? Como elas deveriam responder?* Com olhos e bocas entreabertos nos sorrisos preparados para a mordida, recíproca. Essa reciprocidade com o mundo, pode ser também chamada de mecanismo de defesa, ou “*formação de compromisso*”, que vem oriunda de uma distorção do desejo há muito recalcado, que para não ser reconhecido, retorna, agora como algo novo, uma pista, um sinal, “*instintual que permaneceu em estado jacente; é uma consequência do processo de repressão*” (FREUD, 1980, p.112), seja no sintoma de sublimar e “ *fingir demência*”, ou morder a mão da ordem que alimenta com o pão da Lei, aturando, surtando, e sempre um *compromisso, com isso*, sobre aquilo.

Na “*inibição*” (FREUD, 1980, p. 12 – 19), é quando o *eu* obedece outro mecanismo de natureza mais simples, ao ser convocado para uma tarefa difícil,

como o medo. Por exemplo, quando somos invadidos pelo sentimento de medo, e ao invés de atacar ou irromper com fúria o momento em que nos sentimos acuados por esse medo, na forma de pessoas ou por estímulos de referenciais internos, o *eu*, tentando nos proteger, sucumbe e paralisa. Até podemos sentir uma fadiga inexplicável, ou uma dor corporal constante que nos impede de levantar, sair, e agir, um cansaço injustificável em questionar, e durante dias ficamos na cama, ou em um estado de repouso mesmo andando por aí, Freud continua explicando que podemos chamar isso de depressão, como uma sonolência latejante para com a vida, sobretudo se deveríamos manifestar aquela furiosa ira vulcânica que consumisse o corpo para reagir, mas no entanto a inibição está preservando o “*isso*” (id) por intermédio dessa ação do *eu*, refreando o desejo para não desprender uma energia que está sendo armazenada e preparada para a formação de compromisso. Enfim, quando este mesmo desejo retorna, a defesa agiu sobre ele, tornando-o “irreconhecível”, acontece aqui o *retorno do recalçado*, assim como um sintoma neurótico de um mecanismo de defesa que começa na inibição, prepara o desejo (recalcando-o), para que surja algo que satisfaça esse desejo de forma distorcida, sem atear fogo e consumir o corpo. (PONTALIS E LAPLANCHE, 2001, p.13 - 25).

É preciso estando no mundo, saber-se nele, repeti diversas vezes, mas quem disse foi Paulo Freire, na obra “*Educação em Mudança*” (1979), e para que se efetue a desinibição e a conciliação, é preciso que se queixe bastante sobre essa sua posição, e depois, repetir, repetir e repetir, improvisar e repetir a repetição, elaborar uma saída e mostrar a pista da conclusão.

São as mesmas palavras ansiosas, depressivas, melancólicas, que vão fazendo, refazendo, desfazendo, e retomando, repetindo e elaborando a saída, mas sair não é fácil, pois os traumas já estão ali, tudo agora é saber que tentando saber-se no mundo, ao deparar-se com os traumas, importante não é que o sofrimento tenha fim, e que eu ou você possamos concluir ao dizer que “*pronto, é assim que se faz, assim que vai*”. Um sofrimento como esse não pode ser transformado em obra de arte ou em oração, tampouco em monumento para contemplação de nossas vicissitudes.

Para compreender que esse sofrimento não tem um fim ou uma saída, é preciso antes, que se saiba, ou tente saber que o sofrimento é um objeto que o sujeito precisa abandonar sozinho, derrapar e deixar cair, mas pelo esgotamento de

recordar e repetir e perceber que não precisa mais dele para seguir seus sonhos, desejos e recalques que podem retornar pela formação de um compromisso.

Abandonar o sofrimento consiste em reviver as nossas inibições e repressões, não como no passeio ao museu, mas no sentido arqueológico, escavando fósseis e nossa própria ossada, repetir esse sentimento, e atualizar, sem atear fogo nos museus e nos parques arqueológicos, mas elaborar um futuro, a partir do entendimento do passado, assim a mudança dá seus primeiros sorrisos entre dentes preparados para a mordida, no trabalho com a repetição: “ *Para que servem as meninas negras e as novinhas Funkeiras no mundo de ideal do ego branco, adulto, masculino do colonizador?*” “ *Como assim para que servem?* ” Encerrar essa pergunta com “xx” ou “xy”, é abandoná-la no começo, sem repeti-la constantemente, inibindo suas queixas; “ *não quero ver isso, deixe-me ver outra coisa*”; “ *esse sofrimento tem que acabar, para não ver, porque é difícil*”; é difícil identificar esse doloroso sofrimento, então surta, deixa cair a dureza que há muito aos nossos corpos foi alcunhada como virilidade e isolamento, mitos enquanto critérios adaptativos e de recuperação do nosso sintoma neurótico, vamos mergulhar, mais, jogar e iniciar a vida, *mais ainda*, vamos desinibir.

Saber responder aquilo, não nos garante nada, mas oferece a dúvida, capaz de arrastar, feito correnteza, inundando a secura de fundo que as recuperações e seus mecanismos nos impõem. E se estranho e inquietante é algo que não pode ser revelado, como já dito, das profundezas, o fundo, invade a sala, entrando pela porta, pelas janelas, pelas frestas, varrendo as imensidades. Disparando-nos para o algo a mais que não apenas, o que no princípio era o atestado de “ *mau comportamento*”, afugentando as respostas, arrastando-as pelas correntezas, inundando-nos, *mais, ainda*, uma vez mais do “fundão e suas turmas”. (COELHO, 2016, p.204).

A afetividade do colonizado esgota-se em danças [...]. Por isso que um estudo do mundo colonial deve obrigatoriamente aplicar-se a compreensão do fenômeno da dança e da possessão. A relaxação do colonizado consiste precisamente nessa orgia muscular, no curso da qual a agressividade mais aguda, a violência mais imediata, são canalizadas, transformadas, escamoteadas. O círculo da dança é um círculo permissivo. Protege e autoriza. Em horas fixas, em datas fixas, homens e mulheres reúnem-se num determinado local. (FANON, 1968, p.43)

Uma imagem retirada de “ *os condenados da Terra*” (1968), desenhada com palavras por Frantz Fanon: sobre *descolonização*, diz literalmente, da importância

de encontros de danças, envoltos por uma atmosfera de “*possessão-despossessão*”, realizados pelos colonizados, fora da escolta do colonizador. Descrevendo esses lugares onde os corpos dançam como territórios sagrados. Fanon fala do fundo, do escuro, da noite, escolhidos pelos colonizados para esgotarem-se em danças.

O principal elemento que torna esses devidos lugares sagrados de danças e possessões, de encontro de corpos colonizados e violentados pelo mundo colonial e por sua cidade colonizada, faminta e mal iluminada, de humanos mal afamados, é a posição escolhida neste território, mais afastada do olhar da aldeia, e, ainda, sob a vigia da tribo: esses colonizados, adentram, nos horários específicos e dias específicos, em pontos altos, como os morros, para aproximarem-se dos corpos celestes, mais visíveis na noite, ou, da *ribanceira*, “*por onde se deixam escorregar como que para manifestarem a equivalência da dança e da ablução, do banho, da purificação, são lugares sagrados. Tudo é permitido*”. (FANON, 1968, p. 43).

Entregues a um jogo, de corpos, enquanto jogo é iniciação a vida, e, *mais ainda*, é reprodução desta, improvisado e repetição, mostrando-se através da realidade como de aparência desordenada, mas que, para aqueles ali desfrutando de um algo mais em comum, é no real bastante “*sistematizado*”. Parte principalmente de uma observação dos corpos, numa relação de pesos como contágio, que toma conta do espaço: no referencial postural da coluna curvada, expressões negativas da cabeça, recuos apressados, contrações e relaxações do corpo, expondo um “*esforço grandioso de uma coletividade para exorcizar, para libertar, para se exprimir*”. (FANON, 1968, p. 43)

Mais, ainda:

Fanon, dá um nome, em uma expressão: “*possessão de Djim*”. Possuídos pelo “*djim*”, em uma sessão sistematizada, sincronizada, assimétrica, de aparência desordenada, onde tudo é permitido e inunda-se a *secura* com lavas, esvaziando-se os maus humores e também são alvos das matanças de ordem múltipla, paralela à sua cavalgada figurada: são os corpos que tornam esses lugares sagrados. Falamos em “*djim*”, uma entidade, árabe, de importância literária em contos e fabulações populares, da Argélia, uma entidade que se manifesta nos corpos, um demônio? Não, é *mais ainda*, um gênio, bom e mau, ou só um gênio, que realiza nossos desejos, mas das suas realizações não se pode sair intacta; já ouvimos histórias sobre o “*gênio da lâmpada*”[?]; será que podemos acreditar que ele somente realiza nossos desejos de forma desordenada? Djim, é uma figura popular, que Fanon

aproxima também da ideia de “*Legba, o deus ilustre do vodu*”, dito por ele, como o *pulverizador das personalidades*, que naqueles encontros de danças, é o responsável pela dissolução que conecta o colonizado, novamente, com o mais sagrado sentimento de lutar pela sua liberdade, através da mobilidade que proporciona ao corpo, deixando cair, pela ribanceira, a rigidez, a dureza, a virilidade e o isolamento: “ *O colonizado descobre o real e transforma-o no movimento de sua práxis, no exercício da violência em seu projeto de libertação.*”. (FANON, 1968, p. 43 – 44, grifo nosso)

A pista do *baile funk*, me levou a repetir o que antes, no tempo começado com um tal “anteprojeto de mestrado”, eu gostaria de ter falado: sobre o corpo funkeiro. Quando iniciei minhas curiosas investigações, sonhava em escrever sobre educação, cultura e comunicação a partir da dança e do funk, mas ninguém me disse que seria assim, que novamente o “djim” teria me empurrado novamente para o meu sagrado e para me maravilhar mais ainda com o corpo que eu já conhecia antes de aprender o que é o aprendizado e a educação.

O corpo funkeiro, que já me falou da desobediência, inclusive através da dança, me convidou a voltar ao baile e perceber, mesmo sem ver, as danças que saem de lá e entram na escola, mesmo que não estejamos dançando, então o sujeito apareceu, não como no princípio, *mais ainda*: corpo funkeiro na escola. Daí em diante podemos escolher, se acaso sou eu como professora funkeira, me voltando para minhas alunas e alunos; ou se são essas alunas e alunos, os funkeiros; ou se são as experiências das minhas aliadas, entrevistadas para esta dissertação, que se relacionam com o funk; ou se falo de minhas experiências como aluna funkeira. E você até pode achar que ser um aluno, aluna ou professora funkeira, ou tê-los em sua presença não faça a diferença, só digo mais uma coisa, ainda: é algo experimentado necessariamente como de corpo.

A pista do baile funk, levou a pensar nas voltas que dei para contar para vocês tantas besteiras, e, isso é o “ *mais, ainda*” , que extraímos tanto de Lacan (1985), quanto de Fanon (2008): um monte de besteiras que falei, que falaram de mim, e eu me queixei delas a você, mas ainda não te disse para que servi ou sirvo, nem para que serve tanta coisa real, e também, não irei dizer nada além que mais besteiras, vou dizer *mais, ainda*: eu quero falar das maravilhas, como que fosse preciso não deixar de ser infantil para escutar uma criança dizer das maravilhas que conseguiu

acabar de conhecer sobre si e seu corpo, sozinha, mesmo que isso tudo seja uma grande besteira.

Enquanto vocês decidem se “ *não, ela não é mais tão inocente assim*” ou se “ *essas novinhas não têm nada na cabeça*”, fico aqui contando as besteiras, e que maravilha mora nisso tudo de dizer, como mágica, algo mais que uma constatação do óbvio desse compromisso que assumi com as besteiras nossas de novinhas ao notarmos o real das verdades que disseram sobre nós, e, sim, é tudo verdade, e que maravilha. A traição a isso não é admitida, porque, seria uma covardia não dizer tanta besteira, trair seria se para ser bem-aventurada eu quisesse garantir lógica e normalidade moral, assim, não demonstraria nosso furioso amor em ser feliz, e essa é a maior besteira da qual quero falar: a felicidade.

Vou falar de felicidade, não porque acabo de fazer uma descoberta inovadora, na qual nunca, antes de mim a humanidade havia posto seus olhos, mas é justo porque ela escapa, e, não pode ser capturada. Uma felicidade que não precisa de lugar para ser legitimada. Eu escrevo essas besteiras, porque eu não êxito em me molhar ao mergulhar, nem tampouco êxito em me afogar, por pura besteira, quis perguntar uma sequência de coisas, que deixavam a minha cabeça pesada, porque, primeiro, acreditei que ser feliz era não querer mais suportar o peso do corpo na barreira moral.

Colei as palavras do mundo, sobre nós, na minha cabeça, no centro e adiante, não havia de ser em lugar diferente, já que com a cabeça podemos sentir todos os sentidos, a mudança não podia começar em outro lugar. Eu lhe disse, que antes que cortassem minha cabeça eu a entregaria? Aparentemente, nem se eu realmente a entregasse, ela teria alguma serventia. Sabe, minha cabeça anda passeando por aí, me disseram que nada dentro dela existia, então tranquilamente por aí ela viajaria. E *mais, ainda* sobre a minha cabeça, eu entreguei para as minhas meninas e como a felicidade no nosso amor habita, e, por sermos todas pretinhas, cabeça alguma, nenhuma de nós aprisionaria, a liberdade é mais uma dessas nossas besteirinhas: “*nos outros discursos, a besteira e aquilo de que a gente foge. Os discursos visam sempre a menor besteira*”. (LACAN, 1985, p.23)

No mundo colonial e na cidade destinada ao colonizado, o colonizador não distorce essas práticas de encontros onde o “djim” aproveita-se das bocas entreabertas para inundar a segura de fundo dos corpos, o colonizador, faz mais, ele põe o colonizado contra a parede com a faca na glote e o eletrodo nas genitálias,

para que o próprio colonizado desapegue de tais práticas de dança desses lugares sagrados e abduca a ablução de seu corpo. Pode até ser que em alguns momentos o colonizado sintasse estimulado pelas “historinhas” do colonizador, na promessa de fomentar seus sonhos de dançar as coisas com “djim”, mas “ai de nós” que, no ocaso, jogamos nossos corpos para nossa luta na pista da libertação autêntica. Para Fanon, ao desapegar de práticas como a dança e a possessão-despossessão nas sessões desordenadas nesses lugares sagrados, intimidado a não desfrutar de espaços como este de lazer e ócio, o colonizado, abandona a besteira de sonhar com sua própria liberdade.

E eu posso parecer contemplar a vida e a pesquisa sobre ela, como algo que tenha o ser humano e a sua felicidade no centro das coisas, trabalhando a maravilha de viver, falando sobretudo da morte, e, pode soar como besteira, querer finalizar esta dissertação expondo que quis falar sobre a violência e sofrimento do racismo e o compromisso com a mudança, chamado felicidade, posicionando meninas negras e funkeiras no centro e adiante deste debate.

A felicidade pode parecer besteira, e, um trabalho que queira falar sobre ela no meio da morte, é *mais ainda*, no entanto, nunca superficial ou esclarecida, porque cada um sabe do que precisa desinibir para ser feliz. Nossos sintomas neuróticos somente aparecem quando, no meio do medo, não temos medo de correr e derrapar pela nossa própria felicidade. Meu medo de não poder viver, faz essa escrita ainda mais necessária, para mim e para minhas aliadas, e, esse medo move muito mais as minhas palavras, muito mais que um medo de morrer.

Felicidade é algo mais, *mais ainda*, que isso tudo que pode ser dito, é não sucumbir aos mitos, é amor autêntico e, mais gelado que morrer, portanto, completamente invasivo, porque ser feliz é ter a capacidade de nomear o “*mais, ainda*” que fale do nosso real inominável, testemunhado pelo nosso gozo. Onde está o gozo, é também a morada do trauma, e, tudo aquilo que eu não quis renunciar, nossas neuroses, também os excessos e os objetos de sonhos e desejos, falando, discursando, gritando, berrando, tudo aquilo em que fomos possivelmente fracassados, e descemos, deixamos cair, ribanceira abaixo, nada de nossas consistências e sim das nossas derrapagens.

Eu sou apenas uma professora de dança: as pessoas quando me procuram para ter suas aulas, estão sempre em busca de algo mais em comum, algo de que elas têm medo de dizer em voz alta, e, que parece não ser autorizado. Alguns

fogem, de admitir, porque se desinibir é muito difícil e quando vêm dançar comigo, ou me mostram seus passos de dança, maravilhosamente, elas sempre me dizem como magia e sem medo da vigia, que todas, sem exceção, querem tornar-se felizes.

Por último, ela se pôs a imaginar como, muito mais tarde, essa sua irmãzinha seria uma mulher adulta. E como ela conservaria, através dos seus anos maduros, o coração simples e afetuoso da sua infância. E como ela reuniria ao seu redor outras crianças e dessa vez, faria os olhos delas brilharem de alegria com tantas histórias fantásticas. Talvez até mesmo com o seu velho sonho do País das Maravilhas. E como ela se emocionaria com as suas tristezas tão puras e encontraria prazer nas suas alegrias tão simples, lembrando-se da sua própria infância e dos dias felizes de verão. (CARROLL, 1988, p. 124).

E para, enfim, perorar, se é que é possível, vou lhes contar um postimeiro ocorrido: já havia comentado sobre minha primeira turma de dança, em uma escola particular da zona oeste da cidade do Rio de Janeiro e, vou continuar, agora sobre a última oportunidade de estar na sala de aula, diante de uma turma formada para essa mesma atividade extracurricular.

Dessa vez, foi em uma escola pública, como parte de um projeto, que visava promover a consciência corporal a partir do ambiente social de estudantes, no contexto periférico da mesma cidade, o ano era 2014. Ouvei dizer, diretamente a mim, ao ser convidada a sair dessa sala de aula, que: *“nunca mais, se depender de mim, nessa cidade você não trabalha, devido à sua insubordinação”*.

Sou uma contadora de histórias, eu ouço as coisas, processo as informações, e posso garantir que as palavras que brotam de minha memória, ainda não me enganaram. Podem passar os anos e as estações, mas eu me lembro das temperaturas, dos sabores, dos cheiros e dos sentimentos que inundaram meu corpo e, escrevendo sou capaz de ser percorrida pelo mesmo frio na espinha, de uma recordação que ainda me queima, ardendo em meu coração, o mesmo amor furioso, na espera de novamente ter uma oportunidade de me colocar frente à frente das minhas aliadas e aliados do ensino fundamental.

Formávamos uma turma de meninas e meninos, eram cerca de *catorze* com idades entre 12 e 17 anos, dos turnos da manhã, tarde e noite. Todos cursavam as classes do ensino fundamental II e nós nos reuníamos às segundas e quintas, por volta da hora do almoço. Todos eram, moradores dos loteamentos e conjuntos

habitacionais que existem nos arredores da escola, aproveitavam o horário, propício do almoço, para cumprir as aulas de dança, muito mais na intenção de “ passar de ano em matemática”, justo por terem sido inscritos nas aulas de dança, na pretensão de que com a frequência nesta atividade, a direção computasse um melhor desempenho em outras disciplinas escolares.

A principal característica que aproximava o grupo, era de terem se inclinado para as aulas de dança, como critério avaliativo, escolhido pela equipe pedagógica, que “ salvaria” o ano letivo desses alunos, que precisavam da obtenção de pontos extras, para suas notas e horas de aula para suas médias gerais, sem as quais não avançariam para a próxima turma ou segmento escolar. Contudo, nossas aulas iam caminhando de modo satisfatório, tanto para mim, quanto para a turma, começamos a firmar nossos laços e, durante cinco meses, eles se mostraram bastante espirituosos na sua forma de levar as aulas extracurriculares, não ocorreu de se evadirem, pude chama-los pelos nomes, pois seus rostos sempre estavam lá, toda a semana, quando alguém faltava, outro já me trazia a justificativa.

Unanimemente, os meninos eram e se consideravam negros em contrapartida, nem todas as meninas se consideravam negras e, de fato, mostravam alguma dificuldade em dizer qualquer coisa que lembrasse alguma ponta de identificação racial, inclusive, até mesmo as meninas que se consideravam negras, afastavam um pouco a questão de identificar-se como tal. Sem dúvidas, eram todos funkeiras e funkeiros, que me ensinaram a inserir o funk em meus estudos sobre corpo e dança; funkeiros, na mesma proporção em que eram também bastante religiosos e, eventualmente, faziam um ou outro pedido de algum funk específico ou alguma música de caráter religioso. Chegando a extremos de chorar durante as atividades propostas em aula, ou agitarem-se tanto com gritos e gargalhadas, brigas e surtos de saltar das cadeiras ou do ponto mais alto da sala. Também cantavam para mim suas músicas preferidas e de repente, já era um coral de rimas e batidas. Esse sonho durou cinco meses.

A chegada de uma determinada época, quase no fim do período de seis meses de aula, os alunos da escola começaram a se evadir, durante uma semana poucos vieram e me afirmaram que tudo se esvaziaria, pois, o período de greve (docente) deixava a escola e a vida muito incerta. Os professores, estavam enfrentando severo momento de reivindicação de seus direitos.

No entanto, o que de fato era o pivô do grande esvaziamento da turma, foi a falta do almoço escolar. Por não estarem sendo ministradas aulas das disciplinas curriculares, muitas crianças não iam para a escola, as outras crianças, que faziam as atividades extraclasse, por este motivo, acabaram sendo privadas do lanche e almoço escolar. Embora todos os dias de greve em que estive na escola, para ministrar minhas aulas, ainda tivesse cumprimentado as senhoras que providenciavam a merenda, entrava pela escola e sentia o cheiro de comida, me dirigia até o refeitório, como de praxe em minha rotina, pedia um pano úmido, para preparar o chão das aulas de dança, limpando-o, eu mesma.

“- *Mas só estão liberando comida para funcionário, tia*”; “- *Se tiver comida, é provável que mais gente venha*”; “ - *O Michael não pode vir, porque está com o irmão, na casa da avó, a mãe dele trabalha e não tem como deixar almoço*”; “ – *Eu também nem almocei antes de vir, tia*”.

Firmei com eles um compromisso: eles avisariam aos outros para que retornassem, que eu daria um jeito de a comida ser liberada no almoço, antes da aula, como sempre foi. Conversei com a diretora, aparentemente: “ *Lógico, não há problema algum, a comida está sendo feita todos os dias*”; conversei com as “*tias da merenda*”: “ *Sem problema se a diretora deixar*”.

Tudo certo, começamos mais uma semana, eu mesma não comia, eles chegavam, eu os levava até o refeitório e depois restava pouquíssimo tempo para a aula, mas eles estavam ali, conversamos sobre muitas coisas, durante o almoço: falávamos da greve, da vida, da escola, da dança, do funk, do *baile*. Me mostravam muitos passos de dança, eu também lhes mostrei alguns. Duas semanas depois, fui convidada pela supervisora do projeto, a me apresentar diante dela: “ *Porque você não tem material do processo criativo da sua oficina de dança? Está ensinando o quê? Hip hop? Balé, Jazz, dança contemporânea? Qual apresentação eles irão fazer no final?*”.

Respondi: - Nós dançamos funk.

Ela: - “ *Mas funk, com o quê? Funk com merenda? Você sabe que tudo que ocorre nas escolas, a direção nos transmite? Ficamos sabendo que você anda deixando as crianças almoçarem ao invés de fazer as aulas de dança.*”

Respondi: - Elas almoçam e fazem as aulas, algumas me disseram que estão indo apenas pela comida e ficam na aula de dança, por conta da greve.

Ela: - “ *Mentira! Assim não pode! Você não pode passar por cima da autoridade do projeto e da política da escola*”.

Sinceramente, não senti que havia passado por cima de qualquer autoridade ou política, mas enfim, o resto da conversa já lhes disse, da minha “*insubordinação*”: nunca mais trabalhei com as crianças, nunca mais tive uma turma nessa cidade, é *verdade*.

Através do problema negro das questões, em um jogo de insinuações no rumo da estratégia fanoniana em percorrer os caminhos de uma psicanálise do negro, investigamos a medida de: como a imagem de si em relação ao seu outro e seus iguais, é construída pela jovem de cor, sofrendo de uma agressão com a própria aparência. Entendido o processo de identificação para formação do *eu*, nos direcionamos para o problema de ser negra, diante do espelho, enquanto neste espelho, se procura uma assimilação à imagem da mãe e ao mesmo tempo é o momento da fratura e constituição do *eu*, onde, sem dúvidas, a *verdade* do “outro” para a negra continua sendo o homem branco, e em muitos momentos a mulher branca, no mundo colonial.

Refletimos, *mais, ainda*, sobre as estruturas convencionais, discriminatórias e excludentes, estabelecidas pela colonização e edificadora da comunidade nacional modeladora das relações de identidade, formadora dos padrões emocionais e afetividades, e, nos questionando à quê custo Após, investimos na proposta de seio familiar, no torna-se sujeito, percebemos o baseamento normativo do ideal do *eu*, nas ideias de nação e família, sendo uma extensão dos ideias, ordens e leis, uma da outra, tal como as conhecemos na comunidade nacional, do mundo colonial, esculpido conforme padrões brancos. Para o negro, tornar-se sujeito, seria um processo de constante sofrimento, ao ser reposicionado, à revelia, mesmo adulto, diante do espelho que não o autoriza, onde demonstra-se que as realidades históricas e econômicas devem a todo tempo ser levadas em consideração na formação do *eu*, para negras e negros. E ter crescido como uma criança de cor, é ser considerada uma criança anormal, no contexto das normalidades do mundo colonial. E como criança anormal, ser considerada nos espectros do gênio mau, construindo sua afetividade com o mundo tendo de carregar um sentimento que a persegue e mutila sua emocionalidade. providenciaremos uma compreensão geral sobre as práticas, métodos e pedagogias, que vão calcificando o teor das trocas

desenvolvidas entre alunos e educadores, quando esses revisitam as muitas memórias de discriminação e exclusão, tão presentes na vida emocional e social de negras e negros, revendo trajetórias que detonam pensamentos, atitudes e sentimentos, experimentadas ao longo do processo de institucionalização e militarização da vida e dos corpos, preconizados no *bem* do seio da *verdade* da nação, para viver *bem*, no *bem* viver.

Logo, com toda essa *verdade*, a inferioridade, se junta a virilidade e ao isolamento, como critérios, que são inapropriados, para promoção da recuperação e adaptação dessas crianças, em ambiente sociais, como a escola, sugerindo-lhes um sentido limitante para seus conflitos e seu sentimento de que, mesmo neste ambiente democrático de aprendizagem, ainda não estamos livres e nossos educadores, devem exercer sobre nós o poder, tal como mais uma das armas do Estado e poder público. Neusa Santos (SOUZA, 1983), disse acerca das vicissitudes de *tornar-se negro*, que negras e negros pagam o tributo da espoliação racista de seus direitos, e, o racismo é uma prática que bani, das suas vidas psíquicas, o prazer de pensar e todo o pensamento de sentir prazer, paralelo a impossibilidade de sentir-se completo e, ao mesmo tempo, é o responsável pelo surgimento de uma dramática insatisfação ao ser desprezado, motivando-o a ser capaz de desprezar a si e seus próprios desejos de enfrentar os desafios das aprendizagens sobre seus iguais, sobre o mundo e sobre o outro. Ao contrário do que a realidade espera do contato da criança com a escola: um lugar para que se compreenda a diferença e promova-se a equidade entre os sujeitos sociais que desfrutam deste espaço em comum e transitam por demais espaços sociais.

Atura ou surta, não surge para estimular uma escuta ou escrita de algo que nós não já saibamos, coletiva e individualmente, mas é algo que esquecemos ou simplesmente ignoramos a todo tempo: a gente vai, e, não é por nada não, mas mesmo que não deixem, a gente vai. *Isso*, é aquilo que eu sinto, é aquilo que eu penso e também é aquilo que estou dizendo, mas sobretudo, é tudo que eu não sei dizer.

Os processos de identificar-se, e acolhermo-nos enquanto negros, compartilhando de uma mesma dinâmica colonial racializante de adequação, recuperação e interdição, ao contrário do que pode-se pensar, são adquiridas e não inatas, enquanto vivenciamos os conflitos e tensões inevitáveis como sujeitos dentro de uma ordem estabelecida e indivíduos singulares assujeitados a esta ordem, isso

torna o "algo", um "*mais, ainda*", para se perceber diante de um erro terrível da *verdade*, e, real, entre todos nós.

Estando nessa ordem terrível, ao mesmo tempo, como parte dela, nos sentimos mais engajados em nossas vidas como indivíduos, daí a importância de se assumir um compromisso para com a coletividade, que experimenta as mesmas vibrações, como choques elétricos, nas genitálias, advindos diretamente das fontes energéticas do mundo colonial. E a *verdade*, sobretudo, parece-me ser o recurso mais significativo que o outro disponibiliza, embora esse outro não possua nenhuma resposta sobre as nossas questões, a partir do *real, inominável* dessa *verdade*, podemos nos permitir, estando no mundo sabermos-nos nele e sempre provisoriamente viver.

Sabendo que a questão da *verdade* do nosso outro, o branco adulto colonizador, está fechada desde o início com suas próprias respostas e exigências de respondê-las, e, jamais essa *verdade* poderá sempre responder as perguntas relativas aos nossos desejos, sonhos, amores e felicidades autênticos, apetecidos pela nossa autorealização, as nossas perguntas não se fecham por nossas ações ou não ações.

Quando quis dizer da educação, do baile funk e do corpo no ambiente educacional: nas escolas, e ainda mais secretamente, nas salas de aulas, as figuras dos professores podem reproduzir, mesmo inconscientemente, o exercitar de um poder de exclusão e violência, orientados por qualquer seletividade, simbólica, persecutória, tentando banir o mau e enaltecer o bom, cindindo a turma, a sala, a escola, o mundo, a vida, sem levar em consideração as condições individuais e mais universais da formação dos sujeitos sociais ali presentes.

Quando um aluno é rotulado, seja lá por qual for o adjetivo depreciativo, ele está sendo violentado, quando não damos ouvidos a suas conquistas ou suas queixas, ele está sendo violentado, quando gritamos seu nome, ou usamos nosso corpo para interpelar suas ações ou quando não nos entregamos a uma escuta, ainda estamos violentando este aluno. E será que podemos acreditar que crianças que recebem tratamentos como estes de abandono na escola, não evadem dessas, mas sim estão sendo expulsas?

E se o ponto de partida, referencial para a construção de conceitos, metodologias e pedagogias que tocassem o aluno, fosse exatamente o aluno, partindo do educador interessado nos patrimônios (materiais ou imateriais) da

criança, ampliando a compreensão de fatos históricos que envolvem a vida dos alunos para o passado e seus ecos no presente, trabalhando com o aluno *real*, o inominável, com aquilo que nem ele mesmo sabe dizer, mas sente, isso tudo em contraposição às metodologias tradicionais que se dizem preocupadas em educar um aluno partindo de um ideal. Sabemos que aprender é um processo difícil de contato com conhecimentos e outros sujeitos sociais, mas não precisa ser vivido como experiência de dramática insatisfação

Aprender é uma atividade de movimento, de fazer com que as certezas e as *verdades* mudem de lugar, ao acessar informações, democratizando os processos formativos, mobilizando os sentimentos, partido do corpo referência, na escola, o da aluna o do aluno. Nós educadores, preocupados com esse compromisso, de ofertar informações para desinibir nossos alunos com o mundo, mostrando-lhes ferramentas para que se tornem, sem exceção, felizes, devemos estar também preparados para as mudanças que nossas ações comprometidas irão gerar coletivamente e no individualmente.

Eu juro que poderia continuar dizendo mais besteiras, como essas, no entanto irei aguardar uma próxima oportunidade, afirmando só uma última coisa: é preciso ser fiel àqueles com quem se comprometeu, mesmo na morte, não importa o que os outros façam, viver para cumprir essa missão é meu único juramento.

REFERÊNCIAS:

ABRÃO, Jorge Luís Ferreira. Virgínia Leone Bicudo: Pioneira da Psicologia e da Psicanálise no Brasil. **Interação em Psicologia**, Paraná, v. 18, n. 2, 2014.

_____. As origens da psicanálise de crianças no Brasil: entre a educação e a medicina. **Psicologia em Estudo**, Maringá, Paraná, p. 423-432, 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pe/v14n3/v14n3a02>. Acesso em: 01 jan. 2019.

ALENCAR, José de. **Iracema** (Lenda do Ceará) - 1865. Rio de Janeiro: Tecnoprint. 1965. (Ediouro-coquetel)

ALMEIDA, Dalva Martins de. **A menina negra diante do espelho**. Dissertação (de mestrado em Literatura) – Instituto de Letras, Universidade de Brasília, Brasília, 2015. Disponível em: http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/18852/1/2015_Dalva%20Martins%20de%20Almeida.pdf. Acesso em: 01 jan. 2019.

ALMEIDA, Henrique Batista et al. **A leitura lacaniana do conceito freudiano de pulsão**. 2016. Dissertação (mestrado em Psicologia) – Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2016. Disponível em: [A3o%20-%20Henrique%20Batista%20Almeida%20-%202016.pdf](http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/18852/1/2016_Henrique%20Batista%20Almeida%20-%202016.pdf) > Acesso em: 01 jan. 2019.

ASSIS, Mayara Souza de. “Atura ou surta bb! ”: Uma reflexão sobre novinha no universo funkeiro. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO, 11, 2017. **Anais eletrônicos**: Florianópolis, Universidade Federal de Santa Catarina, 2017. Disponível em: http://www.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1498436821_ARQUIVO_AturaouSurtaBBUmareflexaosobrenovinhaouniversofunkeiro.pdf > Acesso em: 01 jan. 2019.

_____. Cada dia uma novinha diferente cai na rede – fatalidade com um corpo sexuado (?) um diálogo escolar necessário. In SEMINÁRIO INTERNACIONAL AS REDES EDUCATIVAS E AS TECNOLOGIAS, 9. 2017, Rio de Janeiro. **Anais eletrônicos**: Rio de Janeiro: Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2017, vol. 9. Disponível em: <http://www.seminarioredes.com.br/ixredes/adm/trabalhos/diagramados/TR195.pdf> >. Acesso em: 01 jan. 2019.

_____. ArRUAça: estudos iniciais sobre o corpo funkeiro. **Revista Desvio** – Escola de Artes UFRJ, Rio de Janeiro, p. 116 – 125, 19 jul. 2017.

ASSIS, Machado de. **O alienista**. Rio de Janeiro: Ática, 1979.

ANZALDÚA, Gloria. Como domar uma língua selvagem. **Caderno de letras da UFF**, Niterói, v. 39, p. 297-309, 2009. Disponível em: <http://www.cadernosdeletras.uff.br/joomla/images/stories/edicoes/39/traducao.pdf>. Acesso em: 07 fev. 2019.

BACH, Richard; WEGEN, Ronald. **Longe é um lugar que não existe**. Rio de Janeiro: Editora Record, 1979.

BENEVENUTO, Aparecida de Fátima Bosco. A árvore das palavras, romance de consciência identitária. **Revista Crioula**, Universidade de São Paulo, São Paulo n. 2, 2007. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/crioula/article/view/53569/57537>>. Acesso em: 01 jan. 2019

BÍBLIA SAGRADA. Versão online. <<https://www.bibliaonline.com.br>> Acesso em: 07 fev. 2019.

BICUDO, Virginia Leone. Contribuição para a história do desenvolvimento da psicanálise em São Paulo. **Arquivos de Neuro-psiquiatria**, São Paulo, n.6, n. 1, p. 69-72, 1948.

BRASIL, Claudia. **Cores, formas e expressão**: emoção de lidar e Arteterapia na clínica junguiana. Rio de Janeiro: WAK Editora, 2013.

BRAZ, Júlio Emílio. **Pretinha, eu?** São Paulo: Scipione, 1997.

CALZAVARA, Maria Gláucia Pires. Anna Freud e Melanie Klein: o sintoma como adaptação ou solução? **Tempo psicanalítico**, Rio de Janeiro, v. 45, n. 2, p. 323-338, 2013.

CARROLL, Lewis. **Alice no país das maravilhas**. São Paulo: Scipione, 1988.

CHAVES, Ernani. "A cabeça de Medusa", de Sigmund FREUD (trad.). **Revista Clínica & Cultura**, v. 2, n. 2, p. 91-93, 2014. Disponível em: file:///C:/Users/PC/Downloads/1938-5162-1-PB.pdf. Acesso em: 07 fev. 2019

CLIFFORD, James. Alegoria Etnográfica. In: CLIFFORD, James. **A experiência etnográfica—antropologia e literatura no século XX**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2008. p. 59- 80

COELHO, Gustavo. **Deixa os Garotos Brincar**. Rio de Janeiro: Multifoco, 2016.

COSTA, Jurandir Freire. Da cor ao corpo: a violência do racismo. **Violência e psicanálise**, v. 2, Rio de Janeiro, 1983. <http://www.sedes.org.br/Departamentos/Psicanalise/pdf/dacoraocorpo_jurandirfreire.pdf> Acesso em: 01 jan. 2019.

DAISHONIN, Nichiren. In: SOKA GAKKAI INTERNACIONAL (org). **Coletânea dos Escritos de Nichiren Daishonin**. v. 1. São Paulo: Brasil Seikyo, 2014.

DEBRET, Jean-Baptiste. **Le Diner** (" O jantar" - 1820 - 1830; aquarela - 16X13 cm). Itaú Cultura. São Paulo. Disponível em: <<http://www.artesedesign.com.br/pt/ver-blog/70/>> Acesso em: 07 fev. 2019.

EPSTEIN, Rebecca; BLAKE, Jamilya; GONZALEZ, Thalia. **Girlhood interrupted**:

The erasure of Black girls' childhood. Georgetown: Washington, USA, 2017. Disponível em: <<https://www.law.georgetown.edu/poverty-inequality-center/wp-content/uploads/sites/14/2017/08/girlhood-interrupted.pdf>> Acesso em: 07 fev. 2019.

FABRINI, Verônica. Prefácio: Os olhos da Medusa e a Janela da alma: campo de visão e alteridade. In: LAZZARATTO, Marcelo. **Campo de Visão: Exercício e linguagem cênica**. São Paulo: Escola Superior de Artes Célia Helena, 2011. p. 17 - 20.

FANON, Frantz. Da violência. In: FANON, Frantz. **Os condenados da terra**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968. p. 48 – 74.

_____. **Pele negra, máscaras brancas**. Bahia: SciELO- EDUFBA, 2008.

FRANCO, Marielle. A emergência da vida para superar o anestesiamento social frente a retirada de direitos: o momento pós-golpe pelo olhar de uma feminista, negra, favelada. In: BUENO, Winnie; BURIGO, Joana; MACHADO, Rosa Pinheiro; SOLANO, Esther. **Tem saída? Ensaio crítico sobre o Brasil**. Porto Alegre: Editora Zouk, 2017. p. 89 – 95

FREIRE, Paulo. **Educação e mudança** (1979). São Paulo: Editora Paz e terra, 2014.

FREUD, Sigmund. Além do Princípio do Prazer. In: FREUD, Sigmund. **Além do Princípio de prazer, Psicologia de Grupo e outros trabalhos** (1920-1922). Rio de Janeiro: Imago (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, XVIII), 2006.

_____. A cabeça da Medusa. Rio de Janeiro: Imago, 1980. **Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol. 18**. 1980.

_____. Introdução ao narcisismo (1914). In: FREUD, Sigmund. **Introdução ao narcisismo, ensaios de Metapsicologia e outros trabalhos (1914-1916)**. Rio de Janeiro: Imago, 2010. p. 13-50

_____. O estranho. In: FREUD, Sigmund. **Uma neurose infantil e outros trabalhos** (1917/1919). Tradução Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 2006. vol. 17, p. 137-162.

_____. **O mal-estar na civilização** (1930). São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

GERSÃO, Teolinda. **A árvore das palavras**. Lisboa: edições Dom Quixote, 1997.

GODARD, Hubert. Olhar Cego: entrevista com Hubert Godard, por Suely ROLNIK. In: ROLNIK, Suely; DISERENS, Corinne; SCOVINO, Felipe (org.). **Lygia Clark: da obra ao acontecimento**. São Paulo: Pinacoteca do Estado, 2006. p. 73-79.

GODARD, Hubert. Prefácio: Gesto e Percepção. In: PEREIRA, Roberto; SOTER, Silvia (Org.). **Lições de Dança 3**. Rio de Janeiro: UniverCidade, 2002. p. 11-35.

HUGO, Victor. **O último dia de um condenado à morte**. Rio de Janeiro. Newton Compton Brasil, 1997.

JUNG, Carl Gustav. Capítulo IX: Tentativa de apresentação da teoria psicanalítica: III - O conceito de libido. In: JUNG, Carl Gustav. **Freud e a Psicanálise**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1989. p. 120 - 136.

_____. Capítulo IX: Tentativa de apresentação da teoria psicanalítica: IV - Neurose e fatores etiológicos na infância. In: JUNG, Carl Gustav. **Freud e a Psicanálise**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1989. p.136 - 144.

_____. Capítulo IX: Tentativa de apresentação da teoria psicanalítica: As fantasias do inconsciente. In: JUNG, Carl Gustav. **Freud e a Psicanálise**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1989. p. 144 - 154.

KLEIN, Melanie. Inveja e gratidão. In: KLEIN, Melanie. **Inveja e gratidão e outros trabalhos** (1946-1963). Rio de Janeiro: Imago, 1991. p. 207-267.

LABAN, Rudolf. **Dança Educativa Moderna**. São Paulo: Ícone, 1990.

LACAN, Jacques. Estou falando com as paredes. In: LACAN, Jacques. **Estou falando com as paredes: conversas na Capela de Sainte-Anne**, (1971). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2011. p. 71 - 99.

_____. Introdução aos Nomes-do-Pai (1963). In: LACAN, Jacques. **Nomes-do Pai**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005. p. 55 - 87.

_____. O aturdido. In: LACAN, Jacques. **Outros escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003. p. 448-497

_____. O estádio do espelho como formador da função do eu. 1998. LACAN, Jacques. **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998. p. 96-103.

_____. **O seminário 5**: As formações do inconsciente. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999.

_____. **O seminário 20**: mais, ainda. 2.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985.

LAPLANCHE, J. PONTALIS, Jean-Baptiste; **Vocabulário da psicanálise**. São Paulo: Martins Fontes. 2001.

LIMA, Mônica Assunção Costa. Anorexia: um sintoma da puberdade. In: Org. BATISTA, Glauco; MOURA, Marisa Decat de; CARVALHO, Simone Borges de. **Psicanálise e Hospital**: A responsabilidade da psicanálise diante da ciência médica. Vol. 5. Rio de Janeiro: WAK, 2011. p. 143-155.

MACA, Nelson. **Gramática da Ira**. Salvador: Editor Nelson Gonçalves, 2015.

MAFFESOLI, Michel. O imaginário é uma realidade. **Revista Famecos**, v. 8, n. 15, p. 74-82, 2001. Disponível em: <file:///C:/Users/PC/Downloads/3123-10496-1-PB.pdf> Acesso em: 07 fev. 2019.

MAÏGA, Aïssa. PROLOGUE: Noire n'est pas mon métier. In: BEAUSSON-DIAGNE, Nadège; GUEYE, Mata Gabin Maïmouna; KHAN, Eye Haïdara Rachel; MAÏGA, Aïssa; PAKORA, Marie-Philomène Nga Sabine; ROLLAND, Firmine Richard Sonia; SOUAGNON, Magaajyia Silberfeld Shirley; TOURÉ, Assa Sylla Karidja. **Noire n'est pas mon métier**. Paris: éditions du seuil - france zobda, 2018. p. 7 – 11. Disponível em:

<<https://static.onleihe.de/content/dilicom/20180502/9782021401219/v9782021401219.pdf>> Acesso em: 07 fev. 2019.

MANSUR, André Luis; MORAIS, Ronaldo. **Violência no Rio Antigo: cárceres, punições e ocorrências diversas (1503 - 1940)**. Vo.I. Editora: Edital Ltda. Rio de Janeiro. 2015

MARINATTO, Luã. Justiça decreta prisão preventiva de PM suspeito de assassinar jovem em Campo Grande. **Jornal Extra** Globo, Rio de Janeiro, 2017. <<https://extra.globo.com/casos-de-policia/justica-decreta-prisao-preventiva-de-pm-suspeito-de-assassinar-jovem-em-campo-grande-22171216.html> > Acesso em 07 de fev. 2019

MARQUES, Isabel A. Revisitando a dança educativa moderna de Rudolf Laban. **Sala Preta**, v. 2, p. 276-281, 2002. Disponível em: file:///C:/Users/PC/Downloads/57104-Texto%20do%20artigo-72377-1-10-20130624.pdf. Acesso em: 01 jan. 2019.

MARTANI, Silvana (org.). **Uma viagem pela puberdade e adolescência**. São Paulo: Aldeia Cultural, 2007.

MASSARA, Izabel Haddad Marques. O destino da anatomia. In: BATISTA, Glauco; MOURA, Marisa Decat de; CARVALHO, Simone Borges de. (Org). **Psicanálise e Hospital: A responsabilidade da psicanálise diante da ciência médica**. Vol. 5. Rio de Janeiro: WAK, 2011 p. 65 – 81

MBEMBE, Achille. A partir do crânio de um morto trajetória de uma vida. In: MBEMBE, Achille. **Sair da grande noite**. Ensaio sobre a África descolonizada. Luanda: Edição pedagógica e Mulemba, 2014. p. 21 – 42.

_____. **Crítica da razão negra**. Lisboa: Antígona, 2014.

_____. Ensaio: Necropolítica. **Arte&Ensaio**: revista PPGAV/EBA – UFRJ, Rio de Janeiro, n. 32, 2016. p 122-151.

MENEZES, Dilson de Alvarenga. **Vida e morte na Central do Brasil**. Rio de Janeiro: COPIARTE, 1999. (Coleção Hexágono: vol. IV.)

MOTTA, Marly. **Rio, Cidade Capital**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

NERI, Regina. **A psicanálise e o feminino**: um horizonte da modernidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

NIETZSCHE, Friedrich. **A visão dionisíaca do mundo**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

NOGUEIRA, Isildinha Baptista. **Significações do corpo negro**. 1998. Tese (Doutorado em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano) - Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998.

_____. Cor e inconsciente, In: KON, Noemia Moritz; SILVA, Maria Lúcia da; ABUD, Cristiane Curi. **O racismo e o negro no Brasil**: Questões a para a psicanálise. Rio de Janeiro: Perspectiva, 2017. p. 121 – 126.

POLÍCIA CIVIL (RJ). **Portal**. <<http://www.policiacivilrj.net.br/>> acesso em 07 de fev. 2019.

PRUDENTE, Wilson. Políticas de reparação. **Cadernos CEAP**, Rio de Janeiro, 2006.

RESENDE, Otto Lara. **Boca do inferno**. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2014. Disponível em: <<https://www.companhiadasletras.com.br/detalhe/trechos/13400.pdf>> Acesso em: 07 fev. 2019.

ROMÃO, Jeruse. Guia de direitos do brasileiro afro-descendente: por uma educação que promova a auto-estima da criança negra. **Cadernos CEAP**. Ministério da Justiça, Secretaria de Estado dos Direitos Humanos, Brasília. Rio de Janeiro. 2001.

SAFATLE, Vladimir. O amor é mais frio que a morte: negatividade, infinitude e indeterminação na teoria hegeliana do desejo. **Kriterion**: Revista de Filosofia, v. 49, n. 117, p. 95-125, 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0100-512X2008000100006&script=sci_arttext> Acesso em: 07 fev. 2019.

_____. Vontade e desejo: o amor é mais frio que a morte. In: SAFATLE, Vladimir. **Grande Hotel Abismo**: por uma reconstrução da teoria do reconhecimento. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2012. p. 21 – 55

SANTOS, Sônia Beatriz dos. Crianças e adolescentes negros frente à educação e à escola: uma perspectiva sobre as desigualdades. In: (org.) GONÇALVES, Maria Alice Rezende; RIBEIRO, Ana Paula Alves. **A Lei 10.639/03 e a formação de educadores**: História e a cultura africana e afro-brasileira na escola. Vol. 1. 2ª edição. Outras letras. Rio de Janeiro: UERJ, 2014. P. 98 - 115.

SARTRE, Jean-Paul. Prefácio à edição de 1961. In: FANON, Frantz. **Os Condenados da Terra**. Civilização brasileira, 2005. p. 23-48.

SEIKYOPOST. **Portal de difusão de conteúdo da Soka Gakkai Internacional**. Disponível em: <http://www.seikyopost.com.br>. Acesso em: 07 fev. 2019.

SHAKESPEARE, William. Otelo, o mouro de Veneza. In: SHAKESPERARE, William. **Tragédias**. São Paulo: Nova Cultural, 2003. p.249 - 397.

SILVA, Maví Consuelo; MENDES, Olenir Maria. As marcas do machismo no cotidiano escolar. **Caderno Espaço Feminino**, vol. 28, n. 1, 2015. Disponível em: <<http://www.seer.ufu.br/index.php/nequem/article/view/31723>> Acesso em: 07 fev. 2019.

SOUSA, Neusa Santos. **Tornar-se negro**: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1983.

SOBOTTA, Johannes. **Atlas de anatomia humana**. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 2006.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?** Belo Horizonte, MG: Editora UFMG, 2010.

THE SUBJECT SUPPORT. FANON, LACAN, and racial identification. **Artigo**: <<http://thesubjectsupposedtoknow.us/fanon-lacan-and-racial-identification/>> Acesso em: 28 fev. 2019.

VIANA, Iara Félix. **Mulheres negras e baile funk**. Mulheres negras e baile funk: sexualidade, violência e lazer. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2013. Disponível em: <<http://www.eeffto.ufmg.br/eeffto/DATA/UserFiles/files/Iara%20F%C3%A9lix%20Viana.pdf>> Acesso em 07 fev. 2019.

WINTER, Célia Aparecida Ferreira Carta. Ensaio sobre a cegueira. In: ENCONTRO NACIONAL DO CONPED, 19. 2010, Fortaleza, CE. **Anais eletrônicos**. Fortaleza: CONPED, 2010. p 3519 – 3526. Disponível em: <<http://www.publicadireito.com.br/conpedi/manaus/arquivos/anais/fortaleza/4000.pdf>> Acesso em: 07 fev. 2019.

WINNICOTT, Donald Woods. **O brincar & a realidade**. Rio de Janeiro: Imago, 1975.